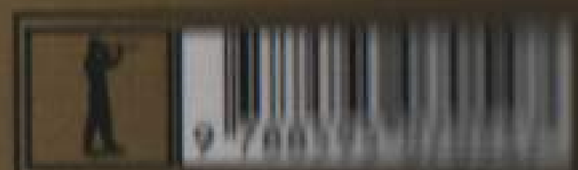
Neste livro, a [illegible] Caroline Camp[illegible] feminismo, [illegible] vações e supostas [illegible] reais conseqüências [illegible] — e, em especial, do Brasil.

Em vez de adotar a [illegible] divide a história do [illegible] pagnolo identifica *[illegible]* [illegible] rolar desse movimento [illegible] etapas remontam ao [illegible] nossos dias, "em que [illegible] que nossos antepassados [illegible] esforço de sangue".

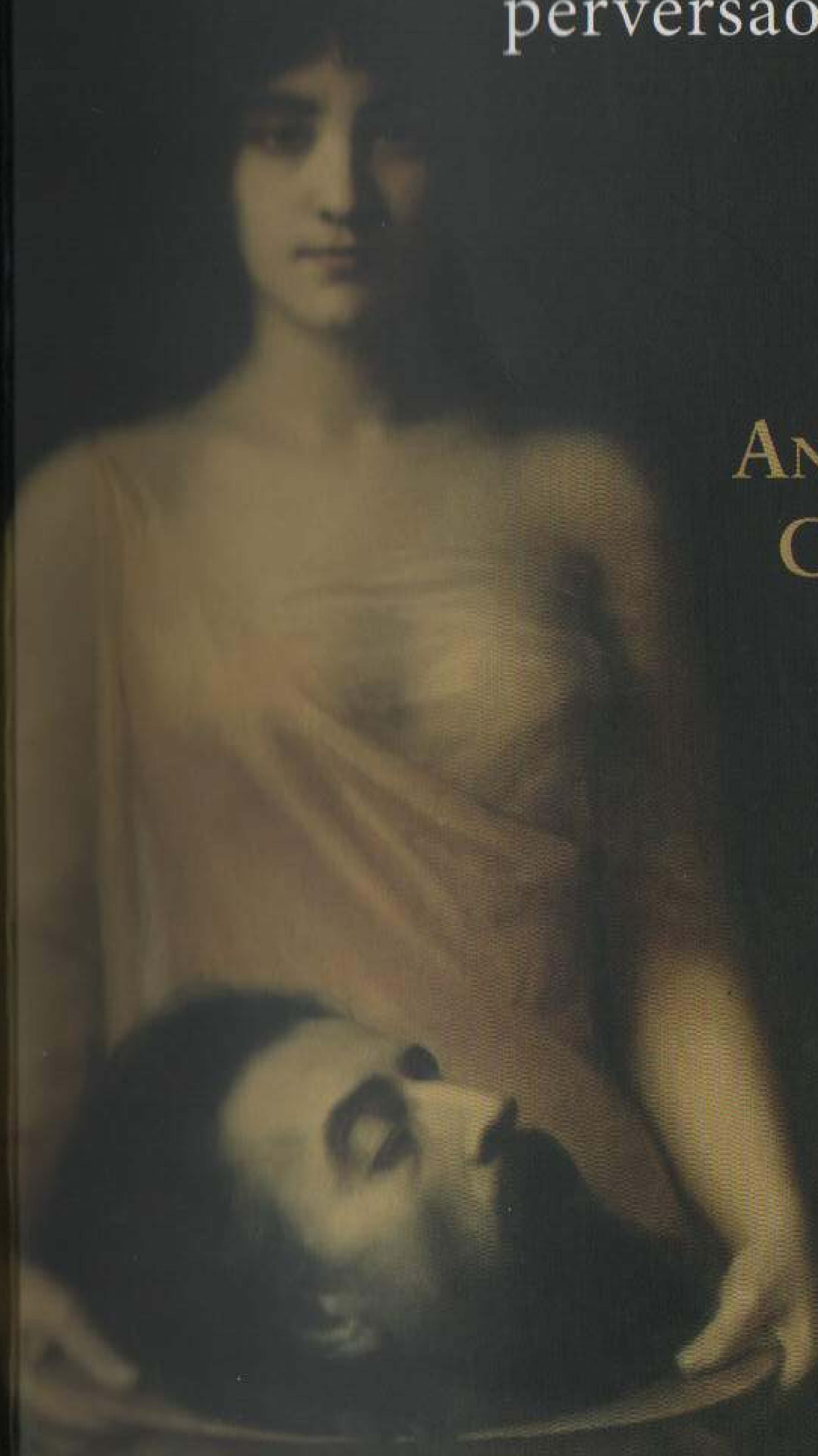

www.videeditorial[illegible]

CAMPAGNOLO

Feminismo

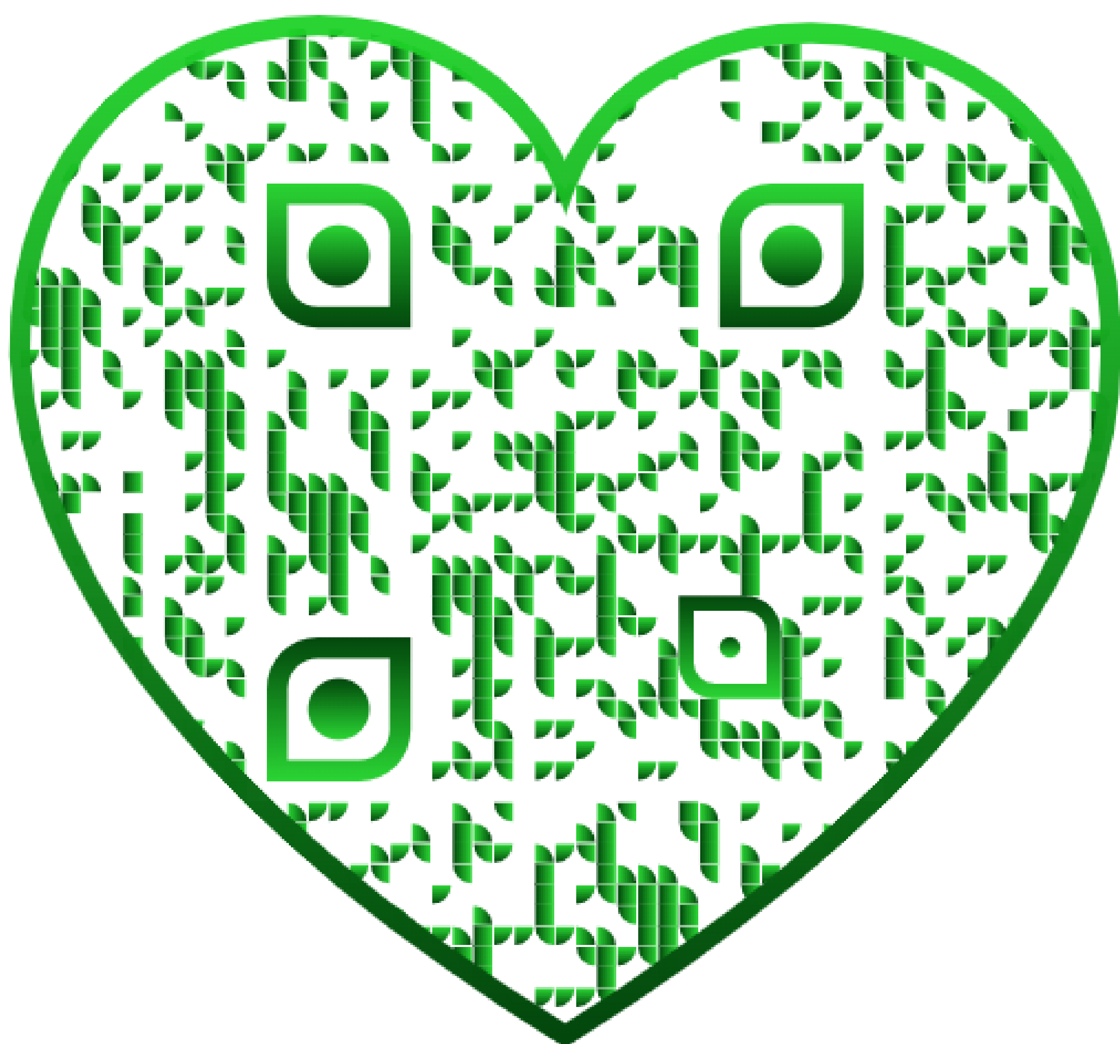


Feminismo:
perversão e subversão



ANA CAROLINE CAMPAGNOLO


VIDE EDITORIAL





ANA CAROLINE CAMPAGNOLO nasceu em Itajaí, Santa Catarina, em 26 de novembro de 1990. Presbiteriana, graduou-se em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó e é professora desde 2009. Em 2018, foi eleita Deputada Estadual de Santa Catarina pelo Partido Social Liberal (PSL), com mais de 34 mil votos.

* * *

Quero convencer o meu leitor de uma verdade apenas: o feminismo é um movimento político que contribui para o desentendimento e a crescente amargura entre os sexos, acelera a desagregação familiar, induz à eterna insatisfação e à libertinagem sexual, valendo-se para isso de discursos sofistas, pesquisas fajutas e manchetes tendenciosas, geralmente às custas do dinheiro de contribuintes alheios ou contrários a tais objetivos.

Feminismo:

perversão e subversão

CAMPAGNOLO

Ana Caroline Campagnolo

Feminismo:

perversão e subversão

Prefácio
Bernardo Pires Küster



Feminismo: perversão e subversão
Ana Caroline Campagnolo
1ª edição — fevereiro de 2019 — CEDET
Imagem da capa: Salomé, Jean Benner, c. 1899.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Armando Strazzacappa, 490
CEP: 13087-605, Campinas SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Editor:
Thomaz Perroni

Editor assistente:
Nelson Dias Corrêa

Preparação do texto:
Gabriel Buonpater

Revisão ortográfica:
Gabriel Warken Charczuk

Capa:
Gabriela Haeitmann

Diagramação:
Gabriela Haeitmann e Mariana Kunii

Conselho editorial:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA
Campagnolo, Ana Caroline.
Feminismo: perversão e subversão / Ana Caroline Campagnolo — Campinas, SP:
VIDE Editorial, 2019.
ISBN: 978-85-9507-054-7
1. Feminismo.
I. Título II. Autor

CDD — 305.42

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO
1. Feminismo — 305.42

VIDE Editorial — www.videeditorial.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Dedico toda tentativa de esmero deste texto a minha mãe Maria Raquel,
rainha do lar e de nossos corações,
e a meu pai Job Campagnolo,
que provou que o amor de um homem lança fora o medo
e a necessidade de vender-se à ideologia.

Sumário

Prefácio, por Bernardo Pires Küster 13

Introdução 23

CAPÍTULO I: Contestação moral-religiosa e educação 35

Protofeminismo 35

Mary Wollstonecraft e o documento fundador do feminismo (1792) 37

Contestação moral-religiosa e educação pública: germes do feminismo 38

O perfil das mulheres do Setecentos: privilegiadas, não oprimidas 42

Combate à libertinagem sexual e elogio à modéstia 47

O papel essencial da mulher é ser mãe 49

A educação pública como instrumento de transformação social 51

A fraude da educação mista igualitária 55

"Os interesses e o comportamento distinto dos sexos são conseqüências da educação": raízes da ideologia de gênero 69

CAPÍTULO II: Inserção da mulher no universo masculino 75

Primeira Onda feminista 75

Dinheiro, propriedade e herança 76

A mulher nos universos masculinos de exploração (mercado de trabalho) e repressão (poder estatal) 80

Inauguração do Women's Movement *nos EUA (1848)* 83
Direito ao voto 88
Stuart Mill e Harriet Taylor: argumento da igualdade 96
Kollontai e o feminismo socialista 99
Trabalhar: privilégio ou necessidade? 109
Desigualdade no mercado de trabalho 114
Reclamando de barriga cheia 117
O bem-estar da família e a complementaridade de papéis 124
Casa privada versus *casa pública* 129
O saldo da Primeira Onda 135

CAPÍTULO III: Reprodução feminina do vício masculino..... 137

Segunda Onda feminista 137
Margaret Sanger e o assassinato de bebês 139
O quase-aborto de Jane Roe 143
IPPF — multinacional da morte 148
Promiscuidade e irresponsabilidade sexual 156
O segundo sexo 162
O primeiro sexo 167
Simone de Beauvoir & Jean-Paul Sartre 170
Olga Kosackiewicz, a primeira vítima 176
A coleção de mulheres de Simone & Sartre 182
A falsa promessa de satisfação 186
Betty Friedan, matrimônio e maternidade 192
A quem importa casar-se? 201
O problema sem nome não é um problema de todos 220
O saldo da Segunda Onda 224

CAPÍTULO IV: Subversão das identidades 229

Terceira Onda feminista 229
Ideologia de gênero e Judith Butler 231
Subversão dos sexos e esmorecimento das identidades 234
O padrão lésbico e Monique Witting 239
Linguagem e ideologia de gênero 244
O padrão gay *e Alfred Kinsey* 248
Pedofilia é método científico? 253
O critério moral seletivo e totalitário das feministas 263
Seu corpo não é uma prisão 269
A profundidade dos sexos 278
Ideologia de gênero e a família Reimer 282

CAPÍTULO V: O ódio ao cristianismo e a reação contra o totalitarismo feminista 297

Femen e o anticatolicismo 300
Qual é a culpa do moralismo cristão? 303
Desmistificando a opressão cristã 307
A proposta feminista para as mulheres 311
Feminismo: biografias de infelicidade e promiscuidade 324
Reação antifeminista 331
O esquecimento do primeiro sexo 338
A demonização dos meninos 343
A guerra contra os homens 348
A cultura da falsa acusação de estupro 355
Controle universitário e aparelhamento institucional 362

Conclusão 367
Apêndice, por David Amato 379
Agradecimentos... 389
Obras feministas 393
Obras de abordagem antifeminista... 395
Bibliografia... 397

Se as mulheres continuarem tão reivindicativas e as crianças tão chatas,
no primeiro naufrágio que houver por aí, alguém vai gritar bem alto:
crianças e mulheres por último.

Millôr Fernandes

A ação das mulheres [por direitos legítimos]
nunca passou de uma agitação simbólica,
só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder,
elas nada tomaram; elas receberam […].
Recusar a cumplicidade com o homem seria para elas
renunciar a todas as vantagens que a aliança pode conferir-lhes.

Simone de Beauvoir, O *segundo sexo* (1949)

Prefácio

Bernardo Pires Küster

Espero sinceramente que, até a conclusão do presente livro, a autora não tenha sofrido um acidente e abandonado sua substância feminina. Ou mesmo, quem sabe, Ana Caroline Campagnolo tenha iniciado o livro sendo mulher e finalizado seu intento sentindo-se profundamente do gênero oposto. O leitor, então, teria em suas mãos uma obra escrita por um auto-declarado homem — ou qualquer outro gênero possível — e, portanto, a idoneidade de seu conteúdo poderia estar irremediavelmente comprometida.

Caso o leitor seja do tipo ultra-sensível e encontre-se agora incontrolavelmente aborrecido por saber que um homem — ó, céus! — ousou prefaciar uma obra sobre o feminismo, podemos resolver facilmente esse impasse. Imagine. Apenas imagine que, a despeito de eu ser um homem com nome masculino, eu sou, na verdade, uma mulher; a mais mulher de todas; uma mítica Eva. Ou melhor, a lúbrica Lilith! Resolvido. Afinal, não é por aí que o feminismo *mainstream* resolveu se meter?

Ainda que tentado a continuar, deixo a ironia de lado — pelo menos por ora.

"Um pequeno erro no princípio acaba por tornar-se grande no fim". Aristóteles, nesta grave constatação, nos confere uma chave para compreender o porquê de o feminismo ter perdido completamente as estribeiras e glorificado de pé Angela Ponce, um homem magrelo que venceu o concurso Miss Espanha 2018. A busca por emancipação descontrolada das mulheres começou com demandas conflitantes quanto ao sufrágio e conquistou,

ironicamente, o prodígio de subverter a própria identidade da mulher, como Ana detalha no quarto capítulo deste livro. No fundo do movimento feminista jaz o enxofre da mentalidade revolucionária: uma sanha que tornou-se o ar que respiramos. É aquela perigosa idéia de que reconstruir o paraíso perdido não é apenas factível, mas necessário. A sociedade igualitária, fraterna e livre está, por conseguinte, ao nosso alcance.

Conforme se vê pela construção cronológica elaborada em cinco capítulos pela autora, o feminismo começou com a pululação de movimentos populares, ora confluentes, ora discordantes, de mulheres que carregavam motivações parcialmente genuínas, que mais ou menos explicam politicamente suas ações iniciais, mas não justificam o caminho mendaz para o qual, hoje, o feminismo tanto deseja nos conduzir. Problemas com direitos de propriedade? É certo que os tínhamos. Desigualdades nos contratos matrimoniais? Também isto havia. O sufrágio tinha de ser resolvido? De alguma maneira. Suas demandas políticas estão na base mesma da sua constituição inicial e, logo, suas demandas públicas acabaram com sua vida privada. Ganharam o mundo como casa, e perderam a casa como lar. Não restam dúvidas disso quando terminamos a leitura dos capítulos segundo e terceiro do livro de Campagnolo.

Freqüentar a escola superior ou uma universidade; ter a possibilidade de votar e de serem eleitas; abrir conta em banco; exercitar formalmente uma profissão; trabalhar em cargos públicos e ocupar posições diretivas; até mesmo seguir vocações artísticas sem serem submetidas ao desprezo social. Resolver, digamos, tais problemas para as mulheres envolvia demandas políticas e uma ampliação da sua atuação social e pública. Queriam romper com a esfera privada e pagaram um preço altíssimo. G.K. Chesterton, numa brilhante crônica intitulada *A mulher*,[1] originalmente publicada em 1908, nos coloca diante de um fato tão verdadeiro quanto perturbador, jamais trazido à tona quando estamos numa altercação sobre o feminismo, como é o caso deste livro. Peço licença ao sensível leitor para citar outro homem:

1 G.K. Chesterton, "A mulher", em *Considerando todas as coisas*, tradução de Mateus Leme. Campinas: Ecclesiae, 2013, pp. 99–104.

> Dentre os dois sexos, a mulher está em uma posição mais poderosa. Pois a mulher comum está à frente de algo que pode conduzir à vontade; o homem comum tem de obedecer a ordens e nada mais; somar um tedioso número a outro, e nada mais. O mundo da mulher talvez seja pequeno, mas ela pode alterá-lo. A mulher pode dizer ao vendedor com o qual negocia algumas coisas realistas sobre ele. O empregado que faz o mesmo com seu gerente em geral é despedido. Sobretudo, a mulher faz um trabalho que é, em uma pequena medida, criativo e individual. Pode colocar flores nos móveis em arranjos imaginados por ela mesma. Temo que um pedreiro não possa assentar tijolos em arranjos imaginados por ele, sem causar um desastre a si mesmo e a outros. [...] Uma mulher que cozinha talvez não o faça sempre artisticamente; mesmo assim, pode fazê-lo. Pode introduzir uma alteração pessoal e imperceptível na composição de uma sopa. O escriturário não é encorajado a introduzir uma alteração pessoal e imperceptível nos lançamentos de um balanço.

Ele ressalta o óbvio e continua: "O problema é que a verdadeira questão que levantei não é discutida. Discute-se como um problema de dinheiro, e não como um problema nas pessoas".[2] As mulheres conquistaram não o direito de trabalhar, mas o dever de sempre trabalhar. A esfera livre e privada do lar, domínio despótico sujeito à justa liberdade feminina, foi perdida para que as mulheres tivessem de obedecer a seus patrões e, quando chefes, dançar a música de clientes indiferentes e mandões. Tanto isso é verdade que Ana Caroline Campagnolo relembra que, durante a Primeira Onda feminista, aquela sufragista, "três grupos de mulheres atuavam na luta contra o voto feminino: senhoras imperialistas, escritoras e reformadoras maternais... Mary Ward, Louise Creighton, Ethel Harrison, Elizabeth Wordsworth e Lucy Soulsby foram as principais líderes do movimento". A questão da liberdade apenas as tornou mais dependentes da regulada vida social e cumpriu o sonho de Rousseau: entregar os filhos aos cuidados do Estado para uma condução (supostamente) autônoma da vida.

A assim chamada *luta das mulheres* foi uma luta coletiva, e não individual. Lutou-se pela emancipação *das mulheres*, e não por

2 *Ibid.*, p. 102.

cada mulher em particular. "Temos razão", finaliza Chesterton, "em falar sobre 'A mulher'; apenas canalhas falam sobre mulheres. No entanto todos os homens falam sobre homens, e essa é toda a diferença".[3] Ao coletivizar a luta, ela automaticamente torna-se política; e, sendo assim, será necessariamente absorvida pela cultura política corrente. As vocações espiritual e familiar da mulher foram sobrepujadas por uma necessidade irrefreável de exercer a profissional, de modo que a mulher, que quando perguntada sobre seu estado dizia ser mãe, tia, avó ou esposa, seguindo-se sempre a declaração de seu credo — cristã, católica, protestante, espírita ou ortodoxa —, hoje declara ser médica, diretora, atriz ou professora, como se sua profissão fosse exercida mesmo enquanto reza ou troca a fralda do seu filho.

Por sua vez, os homens, pela virtude do sacrifício, tinham de abnegar suas vocações espiritual e familiar justamente para manter livres e vivas aquelas de suas respectivas ajudadoras. Há detalhes desse processo nos capítulos dois e três. E pontuo: não há melhor termo para a mulher do que a expressão bíblica *ajudadora*. Ranja os dentes, sensível leitor. Antes, porém, de fechar o livro, permita-me molhar as palavras. Por definição, quem ajuda está em melhores condições do que o ajudado. O bombeiro que salva o náufrago possui uma bóia, enquanto a vítima recolhe água nos pulmões. A mãe tem os seios cheios e a criança o estômago vazio. A freira piedosa reza o rosário para o fiel descrente. O texto mosaico diz que "não é bom que o homem esteja só"[4] e que, *por isso*, uma ajudadora seria feita. Ele precisava dela. Nas palavras de São João Paulo II, aconteceu a "ultrapassagem do confim da solidão"[5] do homem.

Nenhuma teóloga feminista, por exemplo, faz questão de notar o óbvio: o homem foi feito do barro e a mulher do homem. Ela não foi feita da lama, mas da carne. O que isso significa? No mínimo, que ela carrega uma origem mais refinada, organizada e — por que não? — superior. São essas as características da mulher. Fra Angelico, Michael Pacher e Michelangelo jamais

3 *Ibid.*, p. 104.
4 Gn 2, 18.
5 Papa São João Paulo II, *Teologia do Corpo: o amor humano no plano divino*. Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 53.

pintaram o Demônio com feições de mulher. Pelo contrário, sempre se inspiraram na rudez que é própria do homem, do barro. Seres angelicais e superiores, por sua vez, estão repletos de sugestões e gestos femininos como se quisessem captar e descortinar a essência humana mais pura e elevada: a da mulher.

Isso tudo, no entanto, está quase perdido por completo. As mulheres acharam que para ser livres e iguais precisavam fazer as mesmas coisas que os homens. Subiram aos cargos mais elevados e adquiriram os vícios mais baixos dos homens.

É aqui que se encontra, sem chance de retorno, o ponto de inflexão do feminismo. A revolução sexual das mulheres — organizada, ironicamente, por homens — é a mancha da Segunda Onda do movimento, que começou pedindo direitos políticos e melhores condições sociais e terminou, para chegar lá, gritando por pílulas anticoncepcionais e abortivas; por liberação sexual e aceitação pública da degradação de seus corpos e almas. Todos seus direitos políticos e sexuais foram conquistados dentro da catedral dos direitos humanos. Usaram o legado judaico-cristão para buscar, ressentidamente, destruir a mão que as trouxe à liberdade. É o que Gabriele Kuby, ao evocar a *República* de Platão,[6] chamou de "a destruição da liberdade em nome da liberdade".

Brilhante socióloga alemã, Kuby escreveu o portentoso *Die Globale sexuelle Revolution: Zerstörung der Freiheit im Namen der Freiheit*,[7] cuja tradução livre é *A revolução sexual global: a destruição da liberdade em nome da liberdade*. A querela, como explica a autora, é que a decadência virou hoje política de Estado: "Muitas culturas se desintegraram pela degeneração moral; mas que a degeneração moral venha imposta por meios políticos

6 "É natural que a tirania não se estabeleça a partir de nenhuma outra forma de governo que não seja a democracia, e, julgo eu, que do cúmulo da liberdade é que surge a mais completa e mais selvagem das escravaturas" (*A república*, tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2000, p. 262).
7 Possuo a versão italiana, já que meu alemão é rudimentar. *La Rivoluzione Sessuale Globale: distruzione della libertà nel nome della libertà*, tradução de Roberta Romanello. Milão: Sugarco Edizione, 2012. Esta obra, sóbria e sem sombras de histeria, inclui uma sólida e abundante documentação sobre a revolução sexual desde seus teóricos primevos até as articulações políticas mais recentes, assunto que também é abordado por Ana Campagnolo neste livro.

e culturais, isto é uma novidade".[8] Esta não é mera opinião de uma socióloga antifeminista, mas de feministas críticas de seu próprio movimento, como Camille Paglia, que atesta que a decadência de uma civilização é marcada pelo descontrole moral, pela ode pública à corrupção sexual. O historiador inglês Edward Gibbon, em *A história do declínio e queda do Império Romano* (1776–1788), atribuiu o declínio e fim do Império dos Césares, entre outras causas, à obsessão pelo sexo e à excentricidade nas artes, mascarada como originalidade e entusiasmo fingido. Kuby, logo de início, apresenta um estudo urticante do antropólogo inglês Joseph Daniel Unwin,[9] que analisou oitenta sociedades não civilizadas e as grandes civilizações antigas e modernas — babilônios, sumérios, romanos, gregos, anglo-saxões, etc. — com o intuito de compreender a relação entre normas sexuais de cada sociedade e o grau de civilização. O resultado é resumido na seguinte fórmula: "Quanto mais fortes forem as restrições sexuais, tanto mais elevado será o nível de civilização; e quanto menos restrições sexuais, mais baixo o nível de civilização".[10] A esta regra civilizacional, demonstrada por Unwin, não há exceções. O século XX, não esqueçamos, além de ter sido o mais violento e repleto de regimes totalitários, foi também o que mais reduziu suas restrições sexuais. Analisar se tais restrições causam o declínio civilizacional, ou vice-versa, não contempla os objetivos deste prefácio. Para isso, recomendo sem medo a leitura do livro de Gabriele Kuby.

O fato inconteste é que o feminismo, a partir de um pavio aceso por Margaret Sanger no início século XIX,[11] e pela confusa, porém influente, obra de Simone de Beauvoir,[12] incluiu na sua agenda de "direitos humanos" a necessidade de criar uma revolução sexual para alcançar, nas palavras da feminista radical socialista Shulamith Firestone, "a liberação das mulheres da *tirania da sua biologia reprodutiva* por todos os meios

8 *Ibid.*, p. 20.

9 Joseph D. Unwin, *Sex and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1934.

10 *Ibid.*, p. 21.

11 Para conhecer melhor a indigesta biografia de Sanger, cf. Elasah Drogin, *Margaret Sanger: father of modern society*. New Hope: Cul Publications, 1986.

12 Cf. Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, 2 vol., tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

disponíveis e a ampliação da função reprodutiva e educativa a toda sociedade globalmente considerada".[13]

Conforme Campagnolo analisará ao longo deste livro, de todos os caminhos escolhidos para promover a revolução sexual, a ideologia de gênero é indiscutivelmente aquele que caiu nas graças do feminismo — e de bilionários internacionais. Cinco movimentos foram responsáveis por conceber essa quimera:[14] 1) a obra já mencionada de Marx e Engels sobre a família; 2) o *feminismo socialista* do fim da década de 1960, que assume a herança do feminismo radical e depois adota a *ideologia de gênero* como conteúdo ideológico e a *perspectiva de gênero* como estratégia para inocular a ideologia;[15] 3) as técnicas de mudança de comportamento através de instrumentos psico-sociológicos, como aquelas desenvolvidas pelo americano Kingsley Davis;[16] 4) o grande bloco filosófico da nova esquerda, chamada revisionista, com nomes como Karl Korsch, Max Horkheimer, Louis Althusser, Jacques Derrida e Michel Foucault, cuja maior dádiva ao movimento feminista foi ensinar que a revolução deveria ocorrer no campo da linguagem; e 5) a fracassada experiência do doutor John Money, que forneceu às feministas o instrumento para realizar a subversão da identidade: o *gênero*.

13 Shulamith Firestone, *The Dialect of Sex: the case for feminist revolution*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 2003 (1970), pp. 185–6 [grifo meu].

14 Estou ciente de que a teoria de gênero na verdade é um conjunto de *teorias*, ora conflitantes, ora concordantes. Aquela parida por Judith Butler, no entanto, tornou-se *mainstream* e tem como concorrente a de Joan Scott, que foca na compreensão e revisão histórica através da perspectiva de gênero em seu *Gender and the Politics of History*. Revised edition. New York: Columbia University Press, 2000. Ver também Felipe Nery et al., *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade*, 1ª ed., São Paulo: Katechesis, 2015; Jorge Scala, *Ideologia de gênero*, tradução de Lyège Carvalho. São Paulo: Katechesis, 2015; Eugenia Roccella e Lucetta Scaraffia, *Contra o cristianismo: a ONU e a União Européia como nova ideologia*, tradução de Ruby Albino de Assunção. Campinas: Ecclesiae, 2014; Juan Claudio Sanahuja, *Poder Global e Religião Universal II*, 2ª edição aumentada. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: Katechesis, 2017; Juan Claudio Sanahuja, *Cultura da Morte: o grande desafio da Igreja*, tradução de Lyège Carvalho. São Paulo: Katechesis, 2014; Maria Isabel L. Bermejo, *Del Sexo al Género: na nuova revoluciona social*. Navarra: EUNSA, 2010.

15 Jesús Trillo-Figueroa, *Una Rivolución Silenciosa: la política sexual del feminismo socialista*. Madrid: España, 2007, p. 208.

16 Cf. Kingsley Davis, "Política populacional: os programas atuais terão sucesso?" na revista *Science*, 10 de novembro de 1967.

O gênero virou o bisturi lingüístico mágico que faz a separação entre corpo e alma, ou melhor, entre o corpo humano e o que quer que possa atuar de modo super-rogatório sobre o próprio corpo. É algo parecido com o que o autor da Carta aos Hebreus afirmou sobre o poder da Palavra de Deus: capaz de separar a alma do espírito, juntas e medulas, discernir pensamentos e propósitos do coração. É uma tecnologia lingüística patentemente mentirosa, danosa, e não por isso menos eficaz. O fato de algo ser uma mentira deslavada não impede que suas conseqüências possam ser calculadas de antemão justamente para um fim específico, geralmente não declarado. Esta é a característica de uma ideologia. O objetivo público e declarado é libertar as mulheres e construir um mundo melhor sem preconceitos, desigualdade e injustiça. O escopo real, escondido pelo véu de idéias rebuscadas, é simples: quebrar a ordem presente, numa espécie de grande antítese psicológica hegeliana[17] aplicada em massa, a fim de instaurar o império da igualdade, cujo sucesso inigualável vemos florescer na Coréia do Norte, Venezuela e Brasil. Em última análise, o gênero é a submissão dos sentidos ao imaginário do indivíduo ou de terceiros; é a substituição do real pelo imaginário; em termos aristotélicos, é o primado do acidente sobre a substância. É, tristemente, o fim da identidade. Butler chega ao cúmulo da insanidade: "O gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra [...] não há identidade por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* constituída, pelas próprias 'expressões' tidas como seus resultados".[18] O leitor percebe a loucura? É o velho truque de Heráclito! Quem é que escreveu o livro?

Se não há uma identidade por trás das expressões de gênero,[19] como propõe Butler, logo, não há mais homem nem mulher.

17 Não posso deixar de lembrar ao leitor que Butler obteve seu doutorado pela Universidade de Yale, em 1984, com uma dissertação sobre o conceito de desejo em Hegel e, atualmente, é docente de retórica na Universidade de Berkeley, Califórnia.

18 *Ibid.*, p. 56 [grifo meu].

19 Gayle Rubin está de acordo: "Acho que o movimento feminista deve sonhar com algo maior do que a eliminação da opressão das mulheres. Ele deve sonhar em

Nem *gay*, lésbica, transexual, trans-gênero, pan-sexual, bissexual, agênero, *gender fluid* ou qualquer outro gênero possível. É o fim dos rótulos, dos coletivos, das ONGs e o genocídio da comunidade LGBTQQICAPF2K+.[20] É a vitória dos metacapitalistas e dos donos do poder, agora perante uma massa desorganizada de indivíduos atomizados, burros e facilmente manipuláveis por qualquer pressão externa. Se negam os próprios sentidos, por que deverão acreditar no que vêem? E se não precisam mais crer no que vêem, acreditarão em quem diz enxergar por eles. Enfim, ficamos em face do fato inegável: o movimento feminista, ao querer conquistar a independência total, conseguiu apenas abolir a si mesmo e granjear o dever de sempre depender do *establishment*.

Este livro de Ana Caroline Campagnolo, mais necessário do que nunca, conta, de modo sóbrio e analítico, uma história triste, por vezes cômica, mas sempre verdadeira sobre como as mulheres aboliram a mulher, porque, como disse Chesterton, "apenas canalhas falam sobre mulheres".

Roma, julho de 2018.

eliminar as sexualidades compulsórias e os papéis sexuais. O sonho que me parece mais cativante é o de uma *sociedade andrógina e sem gênero* (mas não sem sexo), na qual a anatomia sexual de uma pessoa seja irrelevante". *Ibid.*, p. 55 [grifo meu].

20 O jornal *The Gay UK*, em 23 de janeiro de 2018, publicou essa mais nova forma da sigla. Mal sabem eles que ainda faltam muitas letras, símbolos e espaços vazios.

Introdução

Venho de família e formação cristãs. Aos 18 anos, eu havia firmado noivado com um rapaz da minha igreja que assentia em viver um relacionamento casto. Dez anos se passaram, ainda lembro de uma noite em que minha roda de amigos descobriu o significado de "namoro casto". Todos me acusavam de ingenuidade: "Nenhum homem esperaria anos para ter relações sexuais", "ele é *gay*", "sexo só depois do casamento, em pleno século XXI, só pode ser piada". Não é preciso dizer que esses episódios me impactaram, mas principalmente porque percebi que aquela cosmovisão era hegemônica[1] e aqueles princípios (ou falta deles) eram quase unânimes. Aquele foi o ano do meu primeiro contato com o feminismo.

Na sala de aula, eu me encontrava com colegas de todas as confissões religiosas e, também, com céticos de todo tipo: petistas, tucanos, comunistas, anarquistas e até quem dizia odiar política. Durante o primeiro semestre do curso, eu me escondia num canto toda vez que meus amigos faziam chacota das minhas convicções — que, a bem da verdade, ainda não estavam tão claras. Ao chegar em casa, eu refletia sobre o que tinha ouvido, pesquisava cada assunto, duvidava e voltava a ter certeza. Nunca pensei que escolher o curso de história e a licenciatura seria um salto para o precipício ideológico.

---

1 Peggy Orenstein — feminista — pesquisou e relatou a pressão que as moças têm sofrido quanto a suas vidas sexuais. Infelizmente, eu só tive maturidade para entender esses episódios como "fenômenos sociais" anos mais tarde. Ela escreveu: "Agora, as garotas que se abstêm de sexo e que antes eram vistas como 'boas meninas' também se envergonham, rotuladas de 'virgens' (o que não é boa coisa) ou 'puritanas'".

Hoje sei que esse cenário é comum a muitos jovens cristãos universitários, e não apenas no Brasil. A jornalista feminista Peggy Orenstein fez recentemente uma pesquisa com jovens e adolescentes dos Estados Unidos e uma das moças entrevistadas relatou que, nos últimos anos,

> é muito fácil ser qualquer coisa na minha escola, menos cristã. As pessoas aceitam que você adote o gênero que quiser. Isso é tranqüilo. E você pode ter a sexualidade que quiser, também, exceto ser pura. É estranho. A maioria das pessoas com quem eu falo me acusa de julgar muito. E eu digo: "Você está me julgando!".[2]

A jornalista também entrevistou alguns pais americanos que estavam cientes do problema, porque também passaram pela universidade e se deixaram influenciar pelo cenário — e não sei dizer se a maioria de nossos pais brasileiros têm a mesma clareza:

> Fraquejei [quanto aos meus princípios], porque fui para a faculdade e fiquei por minha conta. E me desviei do caminho. Não me cerquei de pessoas parecidas comigo. Havia angústia e muito sofrimento. Diziam-me o tempo todo que ninguém praticará a abstinência, que não há como praticá-la. Por quê? É tudo uma questão de escolha.[3]

Mas eu só descobri essas pesquisas, depoimentos, livros e teorias muito mais tarde. Eu sabia que alguma coisa estranha estava acontecendo comigo, estudante em uma cidade no interior do sul do Brasil, mas não imaginava que alguma coisa realmente grande estava acontecendo no mundo todo desde 1960.

Durante os quatro anos do curso de história, vi todos os meus colegas serem conformados ao esquema "esquerdista e feminista". Eu não entendia de onde vinham todos aqueles rótulos político-ideológicos que me impunham, sendo que a única coisa que eu fazia era tirar boas notas e ler a Bíblia nos intervalos. Não debatia em sala de aula nem contestava os professores, mas fui jogada à extrema-direita — na solenidade de formatura, a oradora me descreveu como "defensora da ditadura".

2 Peggy Orenstein, *Garotas & sexo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 91.
3 *Ibid.*, p. 95.

Desconcertada, resolvi procurar a origem do fenômeno que me distanciava das minhas colegas. A minha primeira descoberta foi que eu estava perdendo minhas amigas porque elas estavam se tornando feministas convictas. Os artigos que li para entender o que era feminismo dissertavam sobre direitos civis, igualdade salarial e combate à violência doméstica. Ora, nada disso me soava estranho: meu pai sempre se preocupou com minha educação formal e me ajudou a arrumar o primeiro emprego; ele me levava junto em comícios e jantares políticos, orgulhava-se do meu desempenho escolar, dava o mesmo tratamento amoroso a mim e ao meu irmão, jamais foi violento com minha mãe. Minha família era cristã, tradicional e natural, mas não se parecia em nada com a descrição que as feministas faziam de uma família assim. Minha mãe era dona de casa, mas não se considerava entre as vítimas do "problema sem nome" que Betty Friedan dizia ser a grande aflição da esposa dona de casa. Nem eu nem minha mãe sofríamos algum problema de discriminação por sermos mulheres, não nos sentíamos oprimidas por nenhum homem de nossa convivência, não pensávamos mal de nossa condição feminina. Por outro lado, concordávamos que as mulheres deveriam ter seus direitos civis assegurados, ter condições iguais no mercado de trabalho e estar a salvo da violência doméstica. Então, pronto: eu e mamãe também éramos feministas. Estava resolvido.

Não foi tão simples. Apesar de subscrever, desde o primeiro momento, o tripé da propaganda feminista — igualdade salarial, direitos civis e combate à violência —, pessoas como eu e minha mãe jamais seriam aceitas nos coletivos engajados. Para que pudéssemos fazer parte do clubinho, faltava-nos a renúncia moral, aquela mesma que fazia rirem os meus colegas que nada entendiam sobre casamento, castidade e continência.

Foi vasculhando os livros das próprias feministas que me dei conta de qual era o teste de iniciação do movimento: a adesão à revolução sexual. Toda aquela conversa sobre direitos das mulheres não passava de maquiagem. Esses direitos não são tão importantes assim; aliás, são até negociáveis, desde que os objetivos da revolução sexual se mantenham intactos.[4]

4 As feministas anarquistas, por exemplo, afirmavam que lutar pelo sufrágio universal — o direito ao voto para as mulheres — era um tremendo desserviço.

O que toda feminista tem em comum é o compromisso com a revolução sexual, a mesma que alcançou as universidades e fincou suas raízes no coração dos jovens. Todos as outras pautas e direitos podem ser usados ou descartados à medida que catalisem ou não a revolução.

De todo modo, naquela época, minhas investigações eram incipientes. O consenso continuava sendo o discurso acerca dos "direitos das mulheres". Eu procurava por livros que confrontassem o feminismo, mas eram escassos, especialmente no Brasil. Qualquer pessoa que levantasse suspeitas sobre a pureza de intenções do movimento feminista sofria retaliações imediatamente — como aconteceu com Christina Sommers, Camille Paglia e Warren Farrell. Quem pesquisasse e ousasse demonstrar o caráter subversivo do feminismo era acusado de legitimar a violência contra a mulher ou de ser cúmplice de todo o sofrimento feminino ao longo da história inteira da humanidade.

Confirmando minhas suspeitas, finalmente encontrei o livro mais famoso da escritora feminista Kate Millett. Estava tudo lá. As feministas não costumam maquiar a verdadeira natureza do movimento em seus próprios livros. Para a autora da obra *Política sexual*, a definição do feminismo está visceralmente atrelada a uma estratégia de *modificação dos comportamentos sexuais*. Para Millett, o feminismo é "a formulação completa e satisfatória dos fins da revolução sexual".[5]

Quando publicou essa confissão, em 1969, a almejada revolução ainda era incerta. Não fazia uma década que o anticoncepcional circulava entre as mulheres e os movimentos de contracultura eram muito recentes. Modificar os padrões morais e revolucionar a sexualidade ainda era um projeto. Hoje, contudo, o estágio revolucionário está avançado e floresce em todos os países do Ocidente.

Algumas feministas socialistas de renome, como Alexandra Kollontai (1872–1952), chegaram a afirmar que ser inserida no mercado de trabalho era quase uma condição escrava, melhor era ficar em casa. Outras celebridades feministas as contrariavam: nenhuma mulher deveria ser esposa e dona de casa, sob nenhuma hipótese. Elas divergem sobre estas pautas supostamente centrais no movimento — liberdade feminina, direito ao voto e mercado de trabalho — justamente porque não são centrais.

5 Kate Millett, 1974, p. 26.

Um dos livros[6] mais recentes sobre o assunto, publicado em 2017, comemora o sucesso do projeto feminista:

> A chamada Revolução Sexual começou no plano teórico com as idéias de pensadores como Freud[7] e Reich,[8] continuando com Herbert Marcuse[9] e Norman O. Brown.[10] Mas ela só ganhou verdadeiro significado para a civilização ocidental quando atingiu grandes segmentos da população, modificando as mentalidades e, principalmente, o comportamento das pessoas. Os movimentos de contracultura — movimento *hippie*, movimento feminista, movimento *gay* — constituem o início de um modelo ocidental radicalmente diferente do passado.

Existem diversas formas de chegar à mesma conclusão, seja analisando a biografia das feministas ou consultando seus argumentos. É através da exposição desse projeto de revolução sexual como essencial — o que alguns tentaram em vão contestar — que pretendo demonstrar a *verdadeira identidade do movimento feminista*, a qual tem mais a ver com engenharia social e subversão cultural do que com o reconhecimento dos direitos civis femininos.

* * *

É de conhecimento geral a periodização temporal que as feministas fazem do próprio movimento, a que chamam de "ondas",[11] passando a impressão de que o movimento tenha tido suas idas e vindas. Considerando que, apesar das etapas

6 Trata-se do *best-seller* do *New York Times* em 2017, da jornalista Peggy Orenstein, prefaciado pela psicanalista brasileira Regina Navarro Lins, *Garotas & Sexo*, 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2017, p. 8.

7 Sigmund Freud (1856–1939) foi médico neurologista, conhecido como pai da psicanálise. Ao estudar emoções reprimidas, histeria e neurose, revolucionou a psiquiatria criando uma ponte direta com a sexualidade.

8 Wilhelm Reich foi um médico, psicanalista e cientista natural. Ex-colaborador de Sigmund Freud, é autor do famosíssimo livro *A Revolução Sexual*, publicado em 1936.

9 Importante filósofo e sociólogo da Escola de Frankfurt, o alemão Marcuse (1898–1979) é referenciado aqui pela sua obra *Eros e civilização*.

10 Norman Brown (1913–2002), escritor e filósofo americano, é autor do livro *Corpo do amor*, publicado em 1966.

11 A divisão em "ondas" mais recorrente é a que postula o seguinte: Primeira Onda, até os anos 1960; Segunda Onda, de 1960 a 1990; e Terceira Onda, após a década de 1990.

reacionárias, o movimento não recuou nem fez concessões enquanto lapidava seu absolutismo misândrico, escolhi tratar da trajetória dessa ideologia através de cinco fases sucessivas, demarcadas arbitrariamente: *contestação*, *inserção*, *reprodução*, *subversão* e *aniquilação*. Dedico um capítulo para cada fase, levando em conta o período histórico de cada teórico e sua relação direta com a revolução sexual. Essas etapas estratégicas remontam ao século XV e se estendem até nossos dias, em que se vê ameaçada a civilização que nossos antepassados levantaram a peso de ouro e esforço de sangue.

A *contestação* a que me refiro no primeiro capítulo estava diretamente voltada para as questões educacionais que são, evidentemente, nucleadas pela concepção moral e religiosa de cada época. Algumas publicações nesse sentido já haviam surgido no século XV — como a obra *Cidade das mulheres* de Christine de Pisa —, mas as querelas femininas mais significativas dão sinais no século XVIII com a publicação de petições especialmente na França e Inglaterra. Saltando do século XV para o XVIII, apresento a principal protofeminista inglesa e de que forma ela representa o espírito contestador dos iluministas. O *protofeminismo* do século XVIII, o Século das Luzes, traz a contestação dos direitos de propriedade e desigualdades contratuais do casamento e os primeiros sinais de luta pelo voto feminino — que será solicitado com ênfase no final do século XIX. Antecedidas pelo preciosismo[12] e contextualizadas entre a Era Vitoriana, os iluministas, a Revolução Americana e a Francesa, Olympe de Gouges (1748–1793) e Mary Wollstonecraft (1759–1797) são as personagens centrais do primeiro capítulo. Wollstonecraft planta algumas sementes feministas ao levantar a bandeira de educação igualitária — a maior urgência em qualquer plano de modificação de comportamento ou engenharia social.

Nesse primeiro capítulo, denunciei essa esperança utópica do movimento feminista com a educação pública, mista, uniforme e compulsória. Sem perder o foco da revolução sexual, demonstro a agência da escola como um braço do movimento revolucionário, tirando da Igreja e da família a autoridade moral que sempre tiveram. Abordo brevemente a atuação dos

12 Movimento social e literário de mulheres na França do século XVII.

globalistas e das fundações internacionais no controle e manipulação comportamental através das escolas. Há ainda um pequeno espaço no capítulo que se destina a abordar como a escritora protofeminista contestava acertadamente o duplo padrão sexual, assim estabelecido pela "moral burguesa" — que, como irei demonstrar, não é a mesma coisa que "moral cristã" —, que fazia tanto as mulheres quanto os homens sofrerem. Apresento o equívoco da esperança do século no progresso e no culto à Razão como solução para a guerra dos sexos.

No segundo capítulo, indico como a mulher for inserida nos ambientes masculinos de exploração e repressão. Por exploração, entendo a severidade da jornada de trabalho nas primeiras indústrias e a conseqüente indispensabilidade da mulher pobre no mercado de trabalho; e, por repressão, entendo a extensão do poder e a coação do Estado — fatores que juntos compõem a verdadeira opressão a que a mulher foi submetida a partir da *Primeira Onda feminista*.

Esse período é comumente sinalizado entre o início das reivindicações pelo sufrágio feminino no final do século XIX e o lançamento da pílula anticoncepcional em 1960, marcado pela inserção no mercado de trabalho, "emancipação econômica" e os primeiros passos do controle de natalidade. Suas figuras centrais foram as *suffragettes* no Reino Unido e nos Estados Unidos, Lucretia Mott, Susan B. Anthony e Elizabeth C. Stanton que inauguraram associações femininas e organizaram, em 1848, a primeira convenção de mulheres. Enquanto o movimento seguia com ares mais liberais, o deputado e economista inglês John Stuart Mill e sua esposa Harriet Taylor escreviam os textos que seriam fundamentais nesta primeira onda e na articulação dos movimentos sufragistas. Também se destacam nesse período as marxistas Alexandra Kollontai (1872–1952), russa e defensora da experiência de seu povo com a revolução socialista, e Clara Zetkin, que criou o movimento das trabalhadoras na Alemanha e organizou a I Conferência Internacional de Mulheres Socialistas em 1907. Arbitrariamente, separei para esse segundo capítulo apenas as querelas relacionadas à *inserção* da mulher no mercado de trabalho e na política, deixando a segunda fase da primeira onda — que corresponde

à libertação sexual — para o terceiro capítulo, pois entendo que é parte do mote específico da segunda onda.

Conquistados os direitos ao voto e à propriedade, tem início uma nova fase. A partir da década de 1920, ainda na primeira onda, as discussões acerca da *contracepção* e do *aborto* começam a pipocar na América do Norte e na Europa. Essas duas pautas apontam para o que será a *segunda onda do movimento feminista*, datada de 1960 em diante, e marcam o início da *reprodução* feminina dos vícios masculinos: promiscuidade, imoralidade sexual e irresponsabilidade paterna.

O final da primeira onda e início da segunda se destaca pela atuação da eugenista Margaret Higgins Sanger (1879–1966), responsável pela criação de uma instituição abortista pioneira nos Estados Unidos: Planned Parenthood. A questão do papel da mulher como mãe e esposa assume a centralidade; as feministas propõem uma mulher livre do controle marital e religioso, bem como a liberdade sexual. Modelo clássico dessa proposta é a francesa, amante de Jean-Paul Sartre, socialista e autora do livro seminal da segunda onda: Simone de Beauvoir (1908–1986). Na mesma década trágica do lançamento do anticoncepcional, Betty Friedan é lembrada como bandeira da irresponsabilidade materna. É este o conteúdo do capítulo terceiro onde apresento a consagração da revolução sexual como inconteste objetivo do movimento feminista.

Denominado "*subversão* das identidades", o capítulo quarto traz dois nomes distintos no projeto subversivo para os sexos: Alfred Charles Kinsey (1894–1956) e John William Money (1921–2006). Depois deles e colhendo seus resultados, Judith Butler (1956) aparece como a famigerada ama de leite da ideologia de gênero, com um feminismo que enfatiza a micropolítica e a teoria *queer*. Monique Wittig também aparece relacionada à teoria, ela propõe às mulheres um padrão lésbico de comportamento que complementa a escala *gay* de Alfred Kinsey. A *terceira onda* — a partir de 1990 — extrapola os interesses da mulher ocidental e passa a questionar a própria consistência do "feminino". Desafia as noções milenares da feminilidade, traz uma interpretação pós-estruturalista da sexualidade e do gênero, termo que não aparecia antes de 1950. Aqui ainda

demonstro as ligações do movimento feminista com práticas escusas e experimentos científicos fracassados envolvendo incesto, pedofilia, adultério e prostituição. A fim de demonstrar que o corpo não é uma prisão, como fazem crer as feministas, evoco escritores e filósofos como Roger Scruton, Fabrice Hadjadj e Olivier Bonnewijin.

O ódio contra o cristianismo fica evidente em cada onda do movimento feminista e nas obras célebres de cada escritora fundante do pensamento revolucionário. O quinto e último capítulo demonstra que o feminismo detesta e combate a cultura ocidental, a moral judaico-cristã e os nossos pilares filosóficos. No lugar do cristianismo, as feministas propõem um estilo de vida irresponsável e nocivamente promíscuo sob a falsa propaganda de liberdade. Apresento brevemente a vida infeliz que algumas feministas levaram a fim de demonstrar a necessidade de uma reação ou fuga para longe desse movimento. Algumas mulheres e até mesmo ex-feministas já têm percebido o problema profundo dessa ideologia; nesse sentido, apresento o livro *O homem domado*, de Esther Vilar, que traz uma nova abordagem para a guerra dos sexos: o verdadeiro sexo oprimido é o masculino. Em 1990, Camille Anna Paglia publica *Sexual Personae* e alerta acerca dos perigos de um feminismo "que foi longe demais". Nessa denúncia, encontra Christina Hoff Sommers, que se torna sua aliada nessa empreitada contra o radicalismo nocivo do movimento. Paglia também aparece para demonstrar o perigo civilizacional que muitas agendas do movimento — como a ideologia de gênero — representam para o Ocidente. Todas elas, ainda que feministas, representam um pouco de lucidez diante do radicalismo das esquerdistas e apresentam o tema da demonização dos garotos e do ódio contra os homens.

No mesmo capítulo, demonstro a hegemonia da ideologia feminista nos programas de pesquisa do Ensino Superior e de que forma o movimento utiliza a máquina estatal de educação para formar militantes.

* * *

Não pretendo convencer o leitor acerca da minha religião ou da virtude da pureza sexual. Eu mesma considero um trabalho hercúleo, realizável apenas voluntariamente e com a graça divina, viver em conformidade com ambas. Contei minha história no início apenas para apresentar de que forma meus olhos se abriram para a verdadeira intenção do movimento feminista.

É verdade que muitas mulheres aderiram ao movimento feminista cientes de tudo isso; portanto, são culpadas e partícipes de cada avanço revolucionário. Não escrevo para elas. Escrevo para toda moça enganada e desiludida com o pensamento revolucionário, para as feministas que o são por conveniência ou, quem sabe, inocência. Escrevo para quem tem dúvida; duvidar é dar uma chance à própria inteligência. Escrevo para quem já desconfia, mas não sabe exatamente o que está errado ou como começar a descobrir. Enquanto trabalho neste texto, penso também em quem já tomou posição contra toda manifestação do pensamento revolucionário ou, pelo menos, contra uma poderosa parte dele: a subversão da mulher. Cada linha foi parida com a absoluta sinceridade de quem também já teve muitas dúvidas, percebeu que não sabia quase nada e se sentiu desamparada por não encontrar um ponto de partida confiável.

Depois deste livro, estou ciente de que minha vida acadêmica restará arruinada — como já anunciava estar quando me declarei não-feminista — e em nada lamento essa condição. Fico igualmente pessimista acerca da minha vida profissional como professora. Entrego estas páginas sabendo que minha vida pessoal será vasculhada, sem sombra de dúvida, caluniada, difamada e muito raramente avaliada com justiça ou misericórdia. Imagino todos os meus erros sendo descobertos, distorcidos e alarmados. Assim como aconteceu com a escritora e antifeminista Suzanne Venker, prevejo que serei acertadamente questionada pelo meu divórcio e precipitadamente condenada por causa dele. Serei classificada como hipócrita, porque continuo considerando a separação de um casal um dos maiores fracassos humanos. Alguns me acusarão de não ser a autora de meu próprio livro, assim como as feministas acusaram Esther Katzen quando ousou entregar os macetes femininos.

Sabendo de tudo isso, não deixei que o risco interferisse no conteúdo produzido, nem coloquei meus interesses ou qualquer necessidade de aceitação social acima do meu dever de escrever com o máximo de verdade. Não afrouxei meu discurso acerca do divórcio por causa de minha própria condição. Não emprestei nenhuma pauta investigada apenas porque toca em erros que eu mesma cometi. Ambiciono que este livro seja maior do que eu mesma e faça mais bem do que jamais fiz.

Apesar de ser talvez a primeira publicação brasileira com pretensões tão diretamente contrárias ao feminismo, as muitas formas de combatê-lo não se encerram nas abordagens deste livro. Desejo que meu texto seja superado, que multiplique e dê frutos. Não pretendo determinar quem é verdadeiramente mulher conservadora ou cristã nem quem pode ser antifeminista, mas espero cumprir meu objetivo de descrever as diversas facetas da mulher revolucionária. Estou convicta, e quero convencer o meu leitor de uma verdade apenas: o feminismo é um movimento político que contribui para o desentendimento e a crescente amargura entre os sexos, acelera a desagregação familiar, induz à eterna insatisfação e à libertinagem sexual, valendo-se para isso de discursos sofistas, pesquisas fajutas e manchetes tendenciosas, geralmente às custas do dinheiro de contribuintes alheios ou contrários a tais objetivos.

I

Contestação moral-religiosa e educação

Para o correto entendimento da trajetória[1] da ideologia feminista, é necessário voltar aos originários textos de reivindicações escritos pelos "defensores das mulheres". Proponho e apresento uma revisão histórica e bibliográfica das obras e textos que construíram o movimento ao longo dos últimos séculos. Há quem considere o século XV como a fonte desde a qual jorrou a primeira gota das idéias feministas, e há quem indique que o movimento só se tornou significativo durante a Revolução Francesa. Seja como for, os teóricos consentem em denominar esse estágio anterior ao séc. XVIII de *protofeminismo*.

Protofeminismo

O vocábulo grego πρῶτος (*prôtos*) indica aquilo que é "anterior" ou "primeiro", referindo-se, portanto, às manifestações anteriores ao que oficialmente foi chamado de "feminismo". O protofeminismo do século XVIII, o "Século das Luzes", tinha como centralidade a contestação dos direitos civis, em especial os relativos à repartição da propriedade e às disparidades

1 Para reforçar o entendimento do conteúdo deste capítulo, recomendo veementemente a leitura de: *Reivindicação dos direitos da mulher* (Wollstonecraft), *Breve história do feminismo* (Carla Cristina Garcia), *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (Nísia Floresta), *O mundo que eu vi: minhas memórias* (Stefan Zweig), *Quem controla a escola governa o mundo* (Gary DeMar), *Contra a escola* (Fausto Zamboni) e *Maquiavel pedagogo* (Pascal Bernardin).

contratuais do casamento, às primeiras insinuações a respeito do sufrágio universal e da participação política feminina. No cerne de todas essas pautas, tremulava a bandeira da educação igualitária.

Algumas publicações também já haviam apontado para os brotos do germe feminista no século XV com a obra *Cidade das mulheres* de Christine de Pisan.[2] Ela é considerada a primeira mulher a viver de fato da arte literária, a primeira escritora profissional. Seu livro era uma resposta ao célebre *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. Christine publicou seu texto em 1405, no qual dialogavam entre si três figuras alegóricas — a Razão, a Justiça e a Retidão — como forma de apresentar uma alternativa a um mundo dominado pelo masculino. Depois dela, Laura Cereta[3] escreveu sobre educação e matrimônio. Marie de Gournay (1565–1645) com sua pena tratou da educação e instrução como forma de libertar as mulheres da dependência masculina. Todas essas obras deixam bastante evidente que o protofeminismo é uma fase marcada principalmente pela contestação à educação. Esse é também o tema central de Poullain de La Barre,[4] que foi, por sua vez, mais direto. É de sua autoria a célebre frase: "A mente não tem sexo". Em seu livro *A igualdade dos sexos*, publicado em 1673, reivindicou ações afirmativas em favor das mulheres. Outra reivindicação importante do período diz respeito ao direito à propriedade. Sob esse aspecto, a britânica Lady Anne Clifford (1590–1676) foi uma expoente do pensamento igualitário, atuando principalmente em causa própria, abrindo caminhos para o direito à herança de bens.[5]

2 A obra é citada por Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*.

3 Cereta (1469–1499) escrevia valendo-se de cartas trocadas entre intelectuais.

4 Poullain de la Barre (1647–1723), formado em teologia pela Universidade de Sorbonne, escreveu sobre a igualdade dos sexos. Alguns teóricos consideram que a primeira onda do movimento feminista já começava com essa publicação que versava sobre a mulher como sujeito epistemológico.

5 Conforme McCulley (2017), essa característica jurídica durou até o século XIX, quando podia ser descrita como "o conceito legal que subordinava os direitos de propriedade de uma mulher no casamento. Naquele tempo, antes do matrimônio, a mulher poderia livremente executar um testamento, assinar contrato, processar ou ser processada em nome próprio, e vender ou doar suas posses e propriedades pessoais conforme desejasse. Com o matrimônio, porém, sua existência e identidade legal como indivíduo eram suspensas" (p. 49).

Enfrentou o próprio tio por quase quarenta anos na luta por uma propriedade que fora de seu pai.

De todo modo, apesar desses levantamentos pontuais entre os séculos XV e XVI, com o florescimento de muitas escritoras, as querelas femininas que repercutiriam mais significativamente só dariam sinais no fim do século XVIII, com a publicação de petições, especialmente na França e Inglaterra.

Mary Wollstonecraft e o documento fundador do feminismo (1792)

Antecedidas pelo preciosismo, movimento social francês do século XVII, pela *querelle des femmes* que se deu entre os iluministas durante as revoluções americana e francesa, Olympe de Gouges (1748–1793) e Mary Wollstonecraft (1759–1797) são as personagens centrais desse primeiro momento.[6]

Para vasta parte das teóricas feministas,[7] o movimento bebeu da fonte das revoluções burguesas do século XVIII: Iluminismo, Revolução Francesa, Revolução Gloriosa e Independência Americana. Em suma, se se olha para a França setecentista, verifica-se que as mulheres alcançaram alguns avanços na esfera civil e jurídica após a Revolução Francesa e voltaram a perdê-los com a ascensão de Napoleão Bonaparte. Desse modo, é importante atentar brevemente a esse período histórico. Edmund Burke, considerado o pai do conservadorismo inglês, publicou, em 1790, uma de suas mais famosas obras: *Reflexões sobre a Revolução na França*. Burke delatava o aspecto sombrio da Revolução Francesa[8] que começara havia cerca de um ano.

A relação de Burke com o fortalecimento do protofeminismo do século XVIII deve-se ao fato de que a fama de seus escritos provocou a desaprovação de uma conterrânea sua e inimiga declarada do regime monarquista. Mary Wollstonecraft, que visitou a França durante o período revolucionário, leu as principais obras de Burke e tentou refutá-las. Com contornos anarquistas e individualistas, Mary publicou, em 1792, a dita obra

6 No Brasil, destaca-se Nísia Floresta, que traduzia, divulgava e comentava a obra da inglesa Wollstonecraft em 1832.

7 Mary Wollstonecraft, Kate Millet, Simone de Beauvoir, entre outras.

8 O marco inicial da Revolução foi a Queda da Bastilha, datada de 14 de julho de 1789.

inaugural do movimento feminista: *Vindication of the Rights of Woman* (*Reivindicação dos direitos da mulher*).[9] Teóricos do assunto tendem a colocá-la como divisora[10] de águas entre as feministas e as protofeministas e, por isso, foi escolhida como marco inicial dessa primeira etapa histórica indispensável para compreender a trajetória desse movimento.

São quatro as frentes de atuação que merecem destaque ao se tratar da publicação desse documento fundador do movimento feminista: as discussões sobre direitos humanos, os ideais republicanos, as disputas sobre a condição jurídica da mulher enquanto esposa e a educação dada a ela.

Contestação moral-religiosa e educação pública: germes do feminismo

Conforme se percebe na exposição das idéias centrais de seu texto, a preocupação principal de Mary dizia respeito à restrição da educação formal feminina. Influenciada pelos ideais iluministas, mas sem abdicar totalmente do discurso cristão — dado o contexto moral do período —, inicialmente, a autora busca convencer os leitores, notem bem, de que a libertação feminina poderia ser benéfica para formação de uma cristã e de uma esposa mais virtuosa. Ela escreveu:

> Na luta pelos direitos da mulher, meu principal argumento baseia-se neste simples princípio: se a mulher não for preparada pela educação para se tornar a companheira do homem, ela interromperá o progresso do conhecimento e da virtude; pois a verdade deve ser comum a todos ou será ineficaz no que diz respeito a sua influência na conduta geral. Como se pode esperar de uma mulher que ela colabore, se nem ao menos sabe por que deve ser virtuosa? A não ser que a liberdade fortaleça sua razão, até que ela compreenda seu dever e veja de que maneira [ele] está associado ao seu bem real.

9 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, tradução de Ivania Pocinho Motta, 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

10 Outros teóricos defendem que o protofeminismo estende-se até o século XIX e o surgimento das sufragistas.

> Se as crianças têm de ser educadas para entender o verdadeiro princípio do patriotismo, suas mães devem ser patriotas.[11]

Na abertura do livro que leva este trecho, encontramos o que Mary chama de sua "primeira dedicatória" dirigida a um "homem de espírito" capaz de entender as suas queixas. Quem é ele? Um revolucionário jacobino anticlerical? Não. Trata-se do bispo de Autun, de quem Mary Wollstonecraft declara ter "lido com grande prazer" as considerações sobre direito e política. Nessa mesma carta-dedicatória — não bastando o fato de explicitar o apoio encontrado entre os religiosos —, Wollstonecraft escandaliza ainda mais as feministas atuais ao criticar[12] o comportamento masculinizado que algumas mulheres de seu tempo vinham adotando e afirmar que as mulheres jamais serão totalmente independentes dos homens.

É importante lembrar que as primeiras mulheres que conseguiram vez e voz para manifestarem-se publicamente sobre as queixas femininas, o fizeram sob a tutela e proteção dos religiosos cristãos, tanto na França do século XVIII quanto na América do século XIX. Apesar de as opções de sua vida privada demonstrarem pouco respeito pelos preceitos cristãos,[13] Mary obrigava-se a trabalhar próxima aos clérigos e religiosos. O movimento abolicionista[14] do qual Mary participava havia partido da ação de 22 religiosos ingleses em 1787. Essa solidariedade quase obrigatória entre esses dois movimentos era conseqüência da pouca abertura dos demais setores a essas discussões femininas.

Iluminista e deísta, mais anarquista do que republicana, mais republicana do que monarquista, Wollstonecraft causava mais escândalo entre a nobreza e a alta burguesia do que entre os religiosos — sempre sensíveis ao drama humano, diferentemente do que o Estado é capaz de ser. Aliás, o espírito revolucionário e esquerdista não teve nem uma pequena parcela da empatia

11 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 18.

12 *Ibid*., p. 26.

13 Veremos adiante quais são essas escolhas privadas e mais detalhes sobre a biografia da escritora.

14 A abolição do comércio de escravos no Império Britânico em 1807 foi influenciada pela pressão desse movimento. Abordo mais detalhadamente a importância do movimento antiescravagista na segunda etapa do movimento feminista.

que os religiosos[15] tinham pela verdadeira dignidade feminina. Não é segredo que Robespierre mandou executar aquela que hoje é considerada uma das primeiras feministas da história: Marie Gouze. Mais conhecida como Olympe de Gouges, escreveu a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã* em 1791. Sua publicação pretendia demonstrar que a Revolução Francesa não era tão revolucionária quanto deveria ser, uma vez que ignorava a condição das mulheres. Os jacobinos consideraram uma afronta e a autora foi guilhotinada.

De volta à carta dirigida a Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord, bispo de Autun. Nela, Mary Wollstonecraft evoca o fim do princípio de dupla moralidade entre os sexos. É importante fazermos um esclarecimento nesse tópico. Se durante o século XXI a queixa a respeito do padrão duplo de moral deveu-se ao fato de se exigir das mulheres uma pureza sexual maior do que a cobrada dos homens — dizem elas —, aqui, no século XVIII, a autora queixa-se do contrário. Para Mary, os homens tratavam a mulher como se fora uma criança incapaz de aspirar a grandes virtudes e, por isso, lhe faziam cobranças leves e pouco desafiadoras. Ela escreve:

> De fato, me parece que os homens agem de maneira muito pouco filosófica quando tentam assegurar a conduta das mulheres, tratando de mantê-las sempre em um estado infantil [...]. Porque, se admitirmos que as mulheres foram destinadas pela Providência a obter virtudes humanas e, pelo exercício do entendimento, podem chegar àquela estabilidade de caráter que é base sólida para nossas esperanças futuras, a elas deve ser permitido voltarem-se para a fonte de luz. (p. 40).

Segundo a autora, essa inferioridade intelectual em relação aos homens fazia com que o corpo feminino e a sua beleza fossem os únicos atrativos da mulher. A centralidade desses atrativos, por sua vez, prejudica toda a humanidade, na medida em que dificulta a vivência da castidade. Ela afirma que

15 Também é dos grupos religiosos que surgirão as primeiras *sufragettes* americanas. No início da primeira onda, que começa no século XIX, veremos as lideranças femininas se formarem em meio a grupos religiosos como os *quackers*. O movimento *quacker* permitia uma liberdade de expressão feminina muito mais abrangente do que qualquer outro grupo religioso ou social da época.

"essa castidade nunca será respeitada no mundo masculino até que a pessoa da mulher deixe, por assim dizer, de ser idolatrada, quando um pouco de bom senso e de virtude a embelezarem"[16] e, adiante, aponta que "os homens se queixam, com razão, da insensatez e dos caprichos de nosso sexo, quando não satirizam de forma mordaz nossas paixões impetuosas e nossos vícios abjetos".[17]

Nesse sentido, há um distanciamento gigante entre o discurso da "primeira feminista" e o que se vê sair da boca das militantes mais recentes. Diferentemente destas, aquela não desprezava — ao menos teoricamente — as virtudes cristãs da castidade, da modéstia e da temperança. Portanto, não há razão para esperar que essa primeira reivindicação fosse objetada por toda a comunidade cristã. A preocupação dos cristãos, que nessa altura já se dividiam entre católicos e protestantes, quanto à alma dos fiéis, sempre manteve o desenvolvimento das virtudes no cerne e os desfrutes da carne na periferia. Também é antiga a postura cristã de que tanto homens quanto mulheres devem evitar o pecado e buscar a santidade. Não há quem possa argumentar que os cristãos incentivassem mais a busca pela beleza do que a busca pela virtude,[18] que era a acusação recorrente de Mary contra os homens de seu tempo. O que nos leva a conclusão óbvia de que, se os homens estavam sendo carnais demais ou viscerais demais, era exatamente por estarem sendo cristãos de menos.

Mary, conhecedora desse ponto pacífico e de vários outros a respeito da dignidade da mulher *no cristianismo*, fará evocá-los em certas ocasiões e debatê-los em outras. Se em um momento nega a cosmogonia da criação de Adão e Eva — e o papel de submissão da mulher —, em outro, afirma: "[estou] convencida firmemente de que não existe mal no mundo fora dos desígnios divinos, baseio minha crença na perfeição de Deus".[19]

16 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 19.
17 *Ibid.*, p. 39.
18 1Pd 3, 3: *Que o enfeite das mulheres não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito.*
19 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 34.

Existem, portanto, grandiosas distinções entre os rumos do feminismo hodiernamente e os seus primeiros passos nos tempos da Revolução Francesa — o que não significa dizer que ele já foi cristão ou socialmente desejável.

O perfil das mulheres do Setecentos: privilegiadas, não oprimidas

Historicamente, as mulheres viveram em condições geralmente mais confortáveis do que os homens. O historiador holandês e teórico militar israelense Martin van Creveld (1946–) realizou uma vasta pesquisa que resultou em um verdadeiro catálogo da condição feminina desde milênios atrás. Ele dedica um capítulo inteiro de sua obra — publicada no Brasil em 2004 — para demonstrar que a presença das mulheres em um país, região ou estado, esteve sempre diretamente ligada ao grau de segurança e conforto oferecido.

> [...] Quanto mais adversas e primitivas as condições de um dado lugar e época, menos mulheres há nele; inversamente, o número relativo de mulheres em um dado lugar e época reflete o progresso da civilização e seus confortos. Ao longo da história, a ausência de mulheres foi praticamente total em áreas de mineração e extração florestal, canteiro de obras, aterros sanitários etc. Hoje em dia isso também se aplica a plataformas petrolíferas, estações meteorológicas árticas e similares.[20]

Para corroborar sua afirmação, Martin traz vários contextos históricos onde esse fenômeno pode ser observado. Durante a segunda metade do século XIX, vários chineses imigraram para os Estados Unidos fugindo da fome. As condições de trabalho que tinham que aceitar na América eram terríveis: salários miseráveis, moradia em barracas em locais incertos e muita humilhação. Havia cem vezes (cem vezes é muita coisa!) mais homens que mulheres, mesmo que nenhuma lei ou obstáculo social impedisse que as mulheres se aventurassem em terras americanas. Coisa semelhante se passou no início da colonização da Virgínia, EUA, "inicialmente a proporção era de uma mulher para cada

20 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 346–378.

sete homens".[21] Ele ainda cita casos da Dixieland, dos condados de Cheshire e Grafton, os estados do meio-oeste americano — Ohio, Illinois, Iowa e Kansas — ou mesmo Nevada e Colorado, mais a oeste. Todos os períodos históricos narrados demonstram a tese do autor de que, quando existe um equilíbrio demográfico ou uma proporção normal, a numérica existência feminina é "resultado de os homens proporcionarem às mulheres as amenidades da vida civilizada". Até porque, em condições mais bárbaras, as mulheres acabam morrendo primeiro. Se elas vivem mais hoje é porque muita facilidade foi erguida sobre os ombros de escavadores, mineradores e construtores homens.

A queixa de Mary Wollstonecraft, por incrível que pareça, era exatamente esta: a de que as mulheres sempre tiveram uma vida *muito fácil* em relação à que levavam os homens, e que delas nunca fora exigido mais que superficialidade e aparência. Ela escreveu: "É verdade que as mulheres são providas com comida e roupa, sem que se esforcem nem fiem".[22] Evidentemente, é preciso notar que essas mulheres sobre quem discursava a autora eram principalmente as nobres e burguesas, posto que as mais pobres sempre trabalharam[23] arduamente, sobretudo no campo. A própria Wollstonecraft faz um pequeno comparativo: se, por um lado, critica as madames que passam seu tempo com futilidades da moda e bordados, por outro, elogia a nobreza das mães que se sacrificavam na confecção das poucas peças que cobrem o corpo de seus filhos.[24] É a divisão sexual esbarrando em uma outra realidade muito sólida: a econômica.

21 *Ibid.*, p. 347.

22 *Ibid.*, p. 81.

23 Quando uma mulher se queixava do ócio e do tédio, no século XVIII, é difícil supor que fosse uma pobre camponesa atarefada com os filhos, a casa e o trabalho da lavoura. E quando uma mulher burguesa se queixava da falta de uma atividade produtiva, é fácil supor que não falava do seu desejo de trabalhar no campo sob o sol — atividade essencialmente produtiva, diga-se de passagem — como faziam as mulheres menos bem-nascidas.

24 "Os homens mandam fazer suas roupas e acabam com o assunto; as mulheres fazem suas próprias roupas, necessárias ou ornamentais, e estão continuamente falando sobre elas; e os pensamentos seguem as mãos. De fato, não é a confecção que enfraquece a mente, mas o estilo empolado de se vestir, quando uma mulher de baixa escala social faz as roupas de seu marido e de seus filhos, cumpre com a sua obrigação, isso é parte de suas tarefas familiares; mas quando as mulheres trabalham apenas para se vestir melhor do que poderiam se permitir, é pior do que a simples perda de tempo" (p. 104).

Comparando sua vida à de um homem pobre e camponês, uma mulher burguesa não tinha do que reclamar. Mary reconhece que "a maioria dos homens às vezes tem de suportar riscos físicos e ocasionalmente agüentar a inclemência do meio social".[25] A massa de homens ingleses do século XVIII vivia, certamente, com menos da metade do conforto de que desfrutava a própria Wollstonecraft nos últimos anos de sua vida.

Até hoje, esse é um forte elemento desagregador da causa feminista. Muitas mulheres proletárias, que trabalham dura e incansavelmente, desejariam ter a vida da mulher burguesa, sustentada pelo marido e cercada de confortos e poucas responsabilidades. Já as mulheres burguesas tiram de algum lugar a sensação de que deveriam fazer de suas vidas algo mais produtivo, ingressando no mercado de trabalho — obviamente, não no mesmo trabalho das mulheres proletárias. E ambas têm em mente a remuneração e a condição de aposentaria que, algum dia, lhes permita parar de trabalhar e ficar em casa para "aproveitar mais a vida", exatamente como já faziam as burguesas do Setecentos, sustentadas pelos pais ou pelo marido, antes de inventarem o "feminismo".

Simone de Beauvoir, célebre feminista da segunda onda, teve o disparate de comparar as mulheres casadas aos escravos negros do tráfico iniciado no século XVI. Mas Mary escreveu, em 1792, que as mulheres de sua época eram tão *mimadas* quanto os nobres e ricos. Como ela não conseguia ver grandes virtudes na maioria das mulheres — elas demonstravam ser um poço sem fundo de narcisismo, de egoísmo e de apatia ao conhecimento —, escreveu: "Desde o nascimento, homens ricos e mulheres são colocados sob o sol do prazer. Como poderiam reforçar suas mentes?".

Baseados em algumas premissas, como a da inconteste fragilidade física feminina, da "superioridade natural do homem"[26] e da proteção da prole, os homens mantinham suas esposas em casa, desobrigadas de qualquer serviço braçal ou responsabilidade financeira. Basicamente, as mulheres levavam a vida de um nobre. A autora conclui: "Encontrei um perfil geral das

25 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 67.
26 *Ibid.*, p. 62.

pessoas de posição e fortuna que, em minha opinião, poderia com maior propriedade ser aplicado ao sexo feminino".[27] Fica difícil negar que os homens concediam inúmeros privilégios às mulheres do Setecentos — privilégios esses que muitas mulheres independentes de hoje em dia levam uma vida inteira para alcançar, e muitas vezes não conseguem.

O casamento, tantas vezes difamado pelo movimento feminista, acusado de ser a maior estratégia opressora do Ocidente, era, muitas vezes, o meio pelo qual as mulheres conseguiam mais conforto e proteção em meio a épocas de fome, violência ou barbárie. Mary Wollstonecraft até se opõe ao casamento, como veremos adiante, mas queixa-se principalmente do fato de que a situação exigia das mulheres poucas virtudes além da beleza e certo refinamento, o que as tornava medíocres e desinteressantes para qualquer temática mais profunda. Observando as mulheres de seu tempo, ela traça um perfil:

> [...] para elas, em geral, o aprendizado é algo secundário; não se dedicam a nenhuma disciplina com ardor e perseverança necessários para dar vigor às faculdades e clareza ao julgamento.[28]
>
> A conversa das mulheres francesas [...] é freqüentemente superficial, mas afirmo que não é nem metade tão insípida quanto a das mulheres inglesas, cujo tempo é gasto fazendo gorros, chapéus e todo tipo de complementos, para não mencionar as compras, liquidações etc.; e as mulheres decentes e prudentes é que se tornam mais degradadas por tais práticas, pois seu motivo é apenas a vaidade. [...] Os pensamentos das mulheres sempre giram em torno de sua pessoa [...] De fato, a observação sobre a classe média, na qual os talentos se desenvolvem melhor, não se estende às mulheres, porque as de classe superior, ao obter pelo menos uma noção superficial de literatura e conversar mais com os homens sobre temas gerais, adquirem mais conhecimentos do que as mulheres que copiam sua moda e seus defeitos sem compartilhar seus benefícios.[29]

27 *Ibid.*, p. 84.
28 *Ibid.*, p. 43.
29 *Ibid.*, pp. 104-105.

Em linhas gerais, a autora defende que a dificuldade e a necessidade, se encorajadoras, motivam o desenvolvimento de inovações. Por causa de uma situação difícil, a humanidade cria tecnologias para serem usadas pelo mundo e/ou desenvolvem virtudes que são cultivadas no interior do indivíduo. Para que as mulheres pudessem demonstrar o melhor de si mesmas, Mary acreditava que era preciso que delas fosse exigido o mesmo que se exige dos homens. Essa primeira premissa pontua uma clara distinção da *reivindicação:* as mulheres estariam sob uma *casca social protetora*, e não opressora.

> As mulheres [...] às vezes se vangloriam de sua fraqueza, ganhando poder de modo astuto ao jogar com a fraqueza dos homens; e elas podem louvar sua influência ilícita, porque, como paxás turcos, têm mais poder do que seus senhores, mas a virtude é sacrificada às satisfações temporárias, e a respeitabilidade da vida, ao triunfo de uma hora. As mulheres, como déspotas, talvez tenham agora mais poder do que teriam se o mundo, dividido e subdividido em reinos e famílias, fosse governado por leis deduzidas do exercício da razão.[30]

Eram tantas as mordomias — e tão poucas as responsabilidades — da mulher casada no final do séc. XVIII, que Mary as considerava um impedimento à maturidade e ao desenvolvimento do caráter em nível mais profundo, o que resultava em "déspotas", na melhor das hipóteses, e "tiranas mimadas", na pior delas. Esse "impedimento" é para os ricos da mesma forma que para a mulher: "Felicidade é quando as pessoas têm de lutar contra as preocupações da vida, pois estas evitam que se convertam em presas dos vícios, simplesmente pela ociosidade".[31] A autora insiste nessa comparação entre a vida da mulher casada e as mordomias dos nobres.

Embora as leis do período, em toda Europa, ainda restringissem às mulheres uma série de direitos à propriedade privada e à herança — conforme dissertava Adam Smith em seu livro *A sujeição das mulheres* — não há parágrafos queixando-se da violência ou do abuso sexual, não há trechos pedindo por salários

30 *Ibid.*, p. 63.
31 *Ibid.*, p. 80.

iguais, não há reclamações sobre a falta de oportunidades no mercado de trabalho. Para a autora, a questão central é: os homens estão mimando tanto essas mulheres que elas não têm interesse nenhum pelos filósofos iluministas ou pelo exercício da razão, tornaram-se fúteis e até amantes andam por arrumar. Basicamente, o grito da suposta primeira feminista foi: "É muita moleza pra essas dondocas!".

Combate à libertinagem sexual e elogio à modéstia

Outra importante constatação de Mary acerca da proteção exacerbada sobre as mulheres diz respeito ao casamento monogâmico. Ela escreveu sobre o "alto respeito que presto ao matrimônio como o fundamento de quase todas as virtudes sociais", defendendo que somente o casamento monogâmico pode assegurar proteção a mulher e seus filhos, sendo a variação poligâmica uma "degradação física [...] que destrói toda a virtude doméstica". Estava tão consciente do caráter protetor do matrimônio que afirmou: "Quando um homem seduz uma mulher, deveria ser obrigado por lei a manter a mulher e seus filhos, a menos que o adultério, um divórcio natural, revogasse a lei".[32] Fica transparente aqui a tradição judaico-cristã do casamento monogâmico.[33]

Wollstonecraft afirma ainda que:

> A mulher que permanece fiel ao pai de seus filhos exige respeito e não deve ser tratada como uma prostituta; embora eu concorde prontamente que, se é necessário que o homem e a mulher vivam juntos para criar seus filhos, a natureza nunca pretendeu que um homem tivesse mais do que uma esposa.[34]

O que Mary Wollstonecraft compreendeu e teve a decência de admitir — o que falta a quase todas as feministas atuais — é que o modelo cristão monogâmico de casamento (o único possível) é o ideal mais vantajoso para a situação da mulher como

32 *Ibid.*, p. 99.
33 Cf. Mt 5, 32.
34 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 99.

mãe e companheira de um homem.[35] Embora afamada por suas idéias anarquistas, Mary contraiu matrimônio com William Godwin, que, aliás, também é considerado um dos precursores do pensamento anarquista. Criticados e questionados por suas reputações libertinas não condizerem com a oficialização do casamento, os noivos se justificaram: o casamento foi o meio legal encontrado para proteger financeiramente tanto Mary quanto o bebê que nasceria em breve. Ou seja, embora tenha atacado o casamento em um tratado filosófico que publicou,[36] Godwin fez perfeito uso dele para o fim em razão do qual foi essencialmente criado: proteger a mulher. Essa é apenas uma das peças que a vida pregou aos expoentes do feminismo; muitos outros foram expostos a confissões práticas de engano teórico, como veremos adiante.

Esse ponto marginal é exemplar para entendermos o valor universal de certas virtudes em relação ao enfrentamento da vida prática. O casamento, valorizado e defendido pela cristandade, recomendado para a proteção econômica da mulher e da prole, cumpre seu papel legal assegurando à esposa a mesma condição financeira do marido[37] enquanto ele viver e, provavelmente, uma condição ainda melhor quando ele morrer. Por outro lado, o divórcio, defendido e propagado pelo movimento feminista, elogiado como porta de libertação e acesso à felicidade, muito raramente traz contentamento aos envolvidos; do contrário, a insatisfação feminina tem aumentado a cada década tanto quanto à realização pessoal quanto aos relacionamentos.

Outra reivindicação de Wollstonecraft que lembra a essência do cristianismo é de que as mulheres e homens valorizem mais a castidade, combatam a promiscuidade e libertinagem e busquem a modéstia. Diretamente contrária ao discurso das

35 Não apenas isso: é preciso compreender que se algumas mulheres sofrem violências múltiplas e domésticas, é culpa específica de seus maridos e não responsabilidade universal do modelo cristão de matrimônio. Conforme esclarece o Papa João Paulo II em *Teologia do corpo*, o matrimônio cristão é uma escolha de amor na qual os cônjuges submetem-se um ao outro para assegurar não apenas a felicidade dos dois, mas a dignidade mútua.

36 *Enquiry Concerning Political Justice*, 1793.

37 Muitas vezes, assegurando mais à viúva do que o próprio marido tinha em vida. A novela de Balzac, *O Coronel Chabert*, apresenta um exemplo [ainda que ficcional] magistral dessa proteção.

feministas atuais, que incentivam a vida sexual desregrada e relacionam os conceitos de liberdade e independência com a promiscuidade e a satisfação dos instintos, para a autora, a "libertinagem precoce"[38] — incentivada nos ambientes escolares, por exemplo — impede o pleno amadurecimento dos jovens e abre a porta para outros vícios morais, pois "o homem sexual é o mais perigoso dos tiranos".[39] As mulheres, da mesma forma, "destinadas pela Providência a obter virtudes humanas",[40] devem auxiliar a humanidade no combate aos vícios, buscando ser mais modestas na medida em que os homens busquem ser mais castos. Que ela mesma não tenha cumprido com aquilo que defendia, é outra história que veremos adiante.

O papel essencial da mulher é ser mãe

Anexa à questão do casamento está a centralidade da maternidade na vida da mulher casada. Ao contrário do que defendem as feministas — que a mulher pode ser o que quiser e não existe nenhuma predisposição sexista aceitável ou papel social ideal —, Wollstonecraft jamais negou o dever feminino para com a prole (nem o dever masculino, com a ressalva de que diferiam em forma e função). Se trouxermos à memória os textos das célebres feministas, perceberemos que não somente negavam o valor do trabalho doméstico, mas desejavam afastar, compulsoriamente, as mulheres do seu papel social no lar.

> Um parasita a sugar a vida de outro organismo [...] a dona de casa não caminha para a criação de algo durável [...]. O trabalho que a mulher faz dentro de casa não é diretamente útil para a sociedade; não produz nada. A dona de casa é subordinada, secundária, parasítica. É para o seu bem que a situação tem de ser alterada de modo a proibir o casamento como uma "carreira" para as mulheres.[41]

38 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 43.

39 *Ibid.*, p. 45.

40 *Ibid.*, p. 40.

41 Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*.

> Enquanto a família, o mito da família, o mito da maternidade e o instinto maternal não forem destruídos, as mulheres continuarão a viver sob opressão [...]. Nenhuma mulher deveria ter autorização para ficar em casa e cuidar de crianças. A sociedade deveria ser totalmente diferente. As mulheres não deveriam ter essa opção precisamente porque se tal escolha existir, demasiadas mulheres a seguirão. Isso é uma forma de forçar as mulheres numa certa direção.[42]

> Escolher servir e ser protegida, e planejar ser uma geradora de família, é uma escolha que não deveria existir. O cerne do feminismo radical é alterar isso.[43]

Mary Wollstonecraft, por sua vez, não percebe os afazeres domésticos como sinal de inferioridade nem considera a esposa e mãe inferior à mulher intelectual; pelo contrário, condena as mulheres que cumprem seus deveres naturais com desleixo. Relacionando diretamente o serviço do lar com o desenvolvimento das virtudes, ela escreveu que "a reserva pessoal e o respeito sagrado pelo asseio e pela delicadeza na vida doméstica [...] são os pilares graciosos da modéstia".[44] E mais: apesar da vida relativamente promíscua que levava, a autora afirma a importância de manter o sexo na esfera procriativa e não libertina:

> Ligadas ao homem enquanto filhas, esposas e mães, seu caráter moral pode ser estimado pela maneira como desempenham esses simples deveres [...]. Elas podem tentar tornar seu caminho prazenteiro, mas nunca devem esquecer, assim como os homens, que a vida não concede a felicidade capaz de satisfazer uma alma imortal. Não pretendo insinuar que ambos os sexos deveriam se perder em reflexões abstratas ou visões longínquas, a ponto de esquecer os afetos [...] que são, na verdade, os meios designados para produzir o fruto da vida.[45]

42 Simone de Beauvoir, "Sex, Society, and the Female Dilemma", em *Saturday Review*, 14 de junho de 1975.

43 Vivian Gornick, *The Daily Illini*, jornal da University of Illinois, 25 de abril de 1981.

44 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 18.

45 *Ibid.*, p. 48.

Qualquer mulher que tenha crescido em um lar sadio, cercada pelo respeito mútuo do casal de seus pais, certamente não chegará à conclusão diversa. O que, quase na totalidade dos casos, conduziu as feministas mais afamadas a perderem todas as esperanças acerca da família, foi a experiência pontual de suas casas esvaziadas de amor e entupidas de violência — (como é o caso bem conhecido de Virginia Woolf, Betty Friedan e Gloria Steinem.[46])

A educação pública como instrumento de transformação social

O primeiro tópico a respeito do qual é possível encontrar alguma concordância, ainda que muito sutil, entre o feminismo de hoje e o texto de Wollstonecraft, é a defesa da "escolarização universal" e a escola como meio de reengenharia social. O segundo tópico é a premissa de que a predisposição de cada sexo não passa de conseqüência da educação diferenciada oferecida a meninos e meninas.

A autora defende que a maneira ideal de igualar a opinião de todos conforme ditam os costumes da "sociedade em que vivem" é colocar a educação das crianças sob o cuidado do serviço público. Ela rebate a boa fama que a educação privada ou familiar já tinha naquela época, afirmando: "Não acredito que faça as maravilhas que alguns escritores otimistas têm lhe atribuído".[47] Embora não chegue a defender abertamente a separação total entre a mãe e suas crianças, como fazem as feministas atualmente, Mary acreditava que as mães eram incapazes de dar boa educação aos seus filhos por causa da limitação intelectual das mulheres de sua época. Como iluminista confessa que era, acreditava que a salvação da humanidade aconteceria através da educação.

O argumento central de Wollstonecraft em defesa da educação pública é, de fato, a sua crença na incapacidade dos pais de conduzirem sozinhos os seus filhos à razão. Tendo sempre

46 A questão do matrimônio e maternidade é tratada com mais detalhes no capítulo terceiro — juntamente com a obra *A mística feminina* de Betty Friedan.

47 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 41.

em mente o momento em que escrevera tais linhas, em pleno desenrolar da Revolução Francesa, ela afirma:

> Os maridos, assim como suas companheiras, geralmente não passam de crianças crescidas — melhor dizendo, graças à libertinagem precoce, mal são homens no aspecto exterior —, e, se um cego conduz outro cego, não é necessário que alguém venha do céu para contar-nos as conseqüências.[48]

Ora, Mary afirmou que os homens e mulheres de sua época eram incapazes de criar os próprios filhos, mas parecia esquecer-se de que o Estado era composto por esses mesmos homens. Em que se baseava para afirmar que os pais que trabalhavam para o Estado eram mais aptos que os pais que trabalhavam pelos próprios filhos na educação dos mesmos? A idolatria da razão, característica desse período, ajuda a entender esse pensamento: imaginavam eles que tanto o conhecimento quanto a virtude eram aprimorados pelo emprego do racionalismo, o que colocava a devoção religiosa das famílias em descrédito diante do que poderiam oferecer os pensadores iluministas. Ou seja, de uma forma ou de outra, Mary plantava o distanciamento entre filhos e pais através da educação pública.

Aqui, no entanto, há uma importante distinção a se fazer: apesar de Wollstonecraft defender o ensino público, tinha clareza da limitação efetiva do que estavam passando as crianças que iam para a escola. Ela descreve:

> Na escola, os meninos tornam-se glutões e desleixados e, em vez de cultivar os afetos domésticos, logo se atiram à libertinagem que destrói a constituição antes que esteja formada, endurecendo o coração enquanto enfraquece o entendimento. [...] O único caminho [...] seria criar algum modo de combinar a educação pública com a educação privada.[49]

Nota-se a grande separação entre os interesses das feministas atuais — que são o de livrar as mães da responsabilidade por seus filhos e maquinar a revolução sexual através do

48 *Ibid.*, p. 43.
49 *Ibid.*, p. 206.

Estado na cabeça das crianças — e o interesse declarado da "primeira autora feminista", Wollstonecraft, que era o de fortalecer as virtudes morais das crianças, ainda que erroneamente baseadas na idolatria do racionalismo. Essa abismal distância entre as expectativas acerca do efeito da escola sobre a vida das crianças fica ainda mais clara quando lemos a descrição que Wollstonecraft faz do ambiente escolar de sua época e a decepção que essa condição lhe trazia:

> O pouco respeito prestado à castidade no mundo masculino é, tenho certeza, a grande fonte de muitos dos males físicos e morais que atormentam a humanidade, assim como dos vícios e das loucuras que degradam e destroem as mulheres; contudo, na escola, os meninos infalivelmente perdem a timidez decente que, em casa, poderia ter se transformado em modéstia. E que brincadeiras desagradáveis e indecentes eles também aprendem uns com os outros, quando muitos deles vivem como porcos no mesmo dormitório, sem falar dos vícios, que enfraquecem o corpo enquanto efetivamente impedem a obtenção de qualquer sutileza da mente.[50]

O problema, no entanto, estende-se para além da finalidade que se buscava atribuir à escola pública. Independentemente do objetivo que pretendiam alcançar com a educação pública, o grande erro dos iluministas como Wollstonecraft e de seus contemporâneos, nos séculos XVIII e XIX, é que cultivavam uma espécie de esperança desmedida no progresso e na universalização da instrução. Acreditavam que a ciência, a liberdade política e a democratização do ensino poderiam resolver os problemas sociais e encaminhar a humanidade para uma era harmônica e mais feliz. Nesse aspecto, Mary Wollstonecraft partilha a utopia de qualquer revolucionário. O filósofo Isaiah Berlin recorda-nos dos líderes revolucionários que assumiram essa mesma premissa:

> Se alguém acredita que tal solução seja possível, então nenhum custo será demasiado elevado para obtê-la: tornar a sociedade justa, feliz, criativa, harmoniosa para sempre — o que poderia ser um preço alto demais para esse benefício? Para fazer essa omelete, não há seguramente nenhum limite ao número de

50 *Ibid.*, p. 203.

ovos que devem ser quebrados — essa era a crença de Lênin, Trotsky, Mao e, que eu saiba, Pol Pot.[51]

Tanto nesse quanto em outros aspectos que iremos apontar adiante, a instrução pública e mista das crianças revela-se uma estratégia primeiramente revolucionária e especificamente feminista. Para o historiador medievalista Johan Huizinga, já deveríamos ter percebido quão ingênuas[52] são essas crenças no poder transformador do avanço da ciência e do ensino obrigatório. Não é mais aceitável, diante de tantas provas em contrário, continuar acreditando que acabar com o analfabetismo seja sinônimo de diminuir a barbárie. Ele escreveu: "Determinar o nível de cultura pelo grau de analfabetismo é iludirmo-nos com uma crença já gasta".[53] Outros filósofos, como o brasileiro Mário Ferreira dos Santos e o espanhol Ortega y Gasset,[54] já afirmaram o mesmo sobre o assunto. O professor Fausto Zamboni, em sua obra *Contra a escola*, indispensável na análise dessa temática, resume os termos e dá a punhalada final na propaganda da indispensabilidade da escola pública:

> O trabalhador da sociedade industrial [...] não vive necessariamente melhor do que seu ancestral analfabeto no campo: perdeu capacidades cognitivas que nem sempre foram compensadas pelo estudo, como o uso da memória, o conhecimento da arte tradicional [...]. A universalização do ensino, instrumento imprescindível para reformar a humanidade, não trouxe os benefícios esperados. Trotsky acreditava que ela transformaria cada operário num novo Goethe ou num novo Michelangelo, mas o que se vê, paradoxalmente, é um fenômeno inverso: o surgimento cada vez menor de novos gênios da ciência, da filosofia e da arte.[55]

Da mesma forma, as esperanças impressas na primeira grande obra feminista não passaram de ilusão: as mulheres virtuosas,

51 Isaiah Berlin, *Estudos sobre a humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 53.

52 Johan Huizinga, *Nas sombras do amanhã*. Coimbra: Arménio Amado, 1944, p. 48.

53 *Ibid.*, p. 194.

54 Respectivamente, nas obras *A invasão vertical dos bárbaros* e *A rebelião das massas*.

55 Fausto Zamboni, *Contra a escola*, pp. 38–39.

modestas e moralmente inteligentes que Wollstonecraft esperava que surgissem com a educação pública, igual para meninos e para as meninas, nunca deram as caras. Pelo contrário, quanto mais se expandiu o acesso à instrução formal, mais as mulheres (e homens) se tornaram libertinas, imorais, pouco virtuosas e abortistas. Esse conjunto de imoralidades que a mulher de hoje coleciona é exatamente o oposto do que Wollstonecraft defendia e esperava como conseqüência da universalização do ensino.

Conclui-se, portanto, que, já no século XVIII, os primórdios do plano de utilizar a educação pública como arma estatal contra a família estava sendo montado. Depois da revolução sexual, a educação pública é a mais importante frente de batalha feminista nos dias de hoje. Aliás, a própria revolução precisa da educação pública para alcançar seus objetivos. Não há uma única candidata feminista que se apresente nos pleitos eleitorais de hoje em dia sem enfatizar a necessidade do aumento de creches ou do tempo de permanência das crianças na escola. E, evidentemente, revolução sexual e educação pública estão estritamente ligadas, sendo causa e conseqüência uma da outra.

A fraude da educação mista igualitária

Não bastando esse cenário moralmente obscuro, a educação pública e mista como a conhecemos jamais cumpriu suas promessas de progresso e igualdade. *Estudar mais* ou *estudar com os meninos* não mudou a essência feminina quanto às preferências de trabalho e pesquisa, como imaginava Mary Wollstonecraft. Tampouco, como demonstrei anteriormente, modificou a área de concentração das futilidades femininas: aparência, moda, roupas, sapatos, cabelos e maquiagens. O principal resultado da inserção das meninas nas escolas de meninos foi a mudança brusca das próprias escolas e não das alunas.

Basta recordar do que se sabe da Antigüidade acerca dos cenários horrendos dos treinamentos masculinos para começar a investigação no plano educacional. O famosíssimo filme de 2006 que conta a história dos 300 heróis espartanos começa com uma cena da *criptéia*, o rito de passagem dos meninos gregos. Dentro do regime educativo do *agogê*, as crianças

espartanas passavam por situações de violência e exclusão.[56] O treinamento foi descrito minuciosamente por Plutarco. No geral, a educação masculina era permeada por privações de sono e alimento, castigos, exercícios físicos e mentais exaustivos, além de constante pressão e supervisão. Em nenhuma cultura se exigiu tanto das moças quanto dos rapazes.

> Na Grécia e em Roma, os líderes dos jovens, que eram ou escravos ou libertos, faziam amplo uso da vara para enfiar o conhecimento na cabeça dos tutelados. Na arte antiga, o açoite se tornou a marca registrada do mestre. [...] Na Inglaterra medieval, os escolares, chamados de "potros indomados", eram regularmente surrados. Depois de experimentar na pele esse tipo de disciplina, Erasmo escreveu um livro sobre a necessidade de aboli-la. Entre os judeus, as surras também eram freqüentes no *cheder*, ou "quarto", o local em que o rabino realmente aplicava o provérbio "açoite poupado, filho estragado"; "filho" e não "criança", como se costuma traduzir, pois as meninas sequer freqüentavam o *cheder*. Em todos os tipos de escola, os meninos eram com freqüência privados de comida, degradados e espancados. Também eram maltratados pelos mais velhos, que agiam com a permissão das autoridades.[57]

As meninas não recebiam o mesmo tratamento. Geralmente, elas tinham professores ou tutores que as ensinavam no conforto de suas casas — se fossem de família abastada — ou simplesmente não tinham obrigações escolares — se fossem de famílias pobres. Não há registros de uma cultura que aplicasse uma educação mais violenta às meninas do que aos meninos.

A mesma confusão entre "direito" e "necessidade", que as feministas costumam fazer com relação ao mercado de trabalho, aplicam nos discursos acerca da educação, ou melhor, *instrução*. Em dias atuais, a educação é apresentada a todos como o

56 "[...] é o treinamento, amplamente predominante entre nós, de resistência à dor e à fome, por meio de pilhagem sob o risco de uma surra, a marcha no inverno descalço, dormindo em solo duro sem ajuda de serviçais. Continuava-se, assim, a andança por entre noite e dia, resistindo a violência do calor. A 'criptéia', como é chamada, oferece uma formação severa [633C] para a valentia, já que a pessoa fica a sós, consigo mesma, vagando pelos campos" (Platão, *Leis*, I. 633b–c).

57 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 95.

mais lindo direito e o mais belo método de crescimento pessoal. Nem sempre foi assim. "Educação" já foi sinônimo de obrigação instrutória para o correto cumprimento de um dever ou necessidade: trabalhar. Ou pior: sacrificar a vida pela comunidade. A instrução pública obrigatória era realidade em Esparta, por exemplo, e lá a finalidade era militar e o método, violento. Freqüentar uma escola pode ser muito atrativo às meninas de hoje, mas não o era quando os mestres podiam punir fisicamente os alunos, humilhá-los com naturalidade ou incluir "fome e frio" no currículo. Nesses tempos de sombria educação, as meninas eram, na pior das hipóteses, *privilegiadas* e, na melhor delas, totalmente *poupadas*.

Durante a Idade Média, os meninos com menos condições se obrigavam a trabalhar como aprendizes. Ou seja, aprender para trabalhar. As meninas, por sua vez, tinham o privilégio de optar por não ir e, se desejassem muito ir, geralmente faziam-no em oficinas mais próximas de casa e mais confortáveis. Na modernidade, os privilégios femininos continuaram.

> Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, algumas escolas exclusivamente femininas testaram novos e avançados métodos pedagógicos. Na Inglaterra, a necessidade de lidar com métodos de ensino menos rígidos foi especificamente mencionada como uma das razões da criação das primeiras faculdades para mulheres. [...] Mesmo muito mais tarde, quando as moças já estudavam "assuntos de rapaz" elas conseguiram manter os mesmos privilégios. Por exemplo, na França, no final dos anos 1970, os exames de admissão à universidade eram separados por sexo, ou seja, homens e mulheres eram examinados separadamente. Havia um *numerus clausus* para cada sexo, que seria preenchido por aqueles que tirassem as melhores notas. Como sempre havia muito mais rapazes interessados em estudar ciências e engenharia do que moças, era muito mais fácil para elas entrar nessas faculdades; essa foi provavelmente a única ocasião na história em que a procura era menor que a oferta.[58]

O movimento feminista se queixa da baixa adesão feminina nas profissões extradomiciliares e centros educacionais como

58 *Ibid.*, p. 99.

se esses ambientes tivessem sido sempre amenos e seguríssimos, o que não é verdade. Na realidade, a comodidade de ambos é proporcional à presença feminina. Com a inserção feminina nos centros educacionais foi que os ambientes se tornaram mais amenos. Justamente por causa das moças é que as coisas tendem a se tornar mais tranqüilas: para não causar muitos traumas. Essa é uma condição de indiscutível privilégio.

Existem pesquisas diversas sobre a disparidade de facilidades nos cenários educacionais, mas como é de praxe, as feministas se esforçam em esconder todas as investigações que demonstram que as mulheres receberam algum privilégio ao longo da história. Por outro lado, fazem uma verdadeira algazarra a qualquer sinal de "desigualdade de gênero". A verdade sobre a "desigualdade na educação" é que, assim que as escolas se tornaram ambientes mais agradáveis, as meninas passaram a freqüentá-las em maior número. Cito o exemplo de St. Louis: por volta de 1900,[59] a cidade tinha mais moças do que moços estudando. Em 1892, especificamente, os meninos eram menos de 30% dos estudantes de ensino médio. Índices semelhantes marcavam a situação educacional em todo o país. O mesmo não acontecia nas fábricas — exatamente porque não eram tão confortáveis quanto as escolas —, nelas, os rapazes eram maioria.

> Assim, quando as meninas freqüentavam escolas separadas, sua admissão era facilitada. Elas também desfrutavam circunstâncias mais confortáveis, tinham um currículo menos puxado, estavam sujeitas a uma disciplina menos rígida e conseguiam se formar com pouco ou nenhum esforço. Insatisfeitas com essas vantagens, elas, ou suas instrutoras, exigiram [das instituições] que matérias como culinária e arrumação da casa contassem tanto na concessão de créditos quanto latim ou álgebra. Quando passaram a ser educadas junto com os meninos, se tivessem oportunidade, continuavam gravitando em torno de currículos que exigiam menos, ou que pareciam exigir menos. Por exemplo, escolhiam humanidades em vez de ciências exatas.[60]

59 Karen Graves, *Girl's schooling during the progressive era: from female scholar to domesticated citizen*. Nova York: Garland, 1998, p. 166.

60 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 102.

Outros exemplos deixam o cenário mais claro: durante muito tempo, a passagem das moças pelos cursos de ciências e matemática foi facilitada na América do Norte. Quando, finalmente, no início do século XX, os centros de ensino resolveram igualar o grau de dificuldade independente do sexo — igualdade é isso, não é? — as moças começaram a abandonar esses cursos. Uma tabela comparativa apresentada pelos pesquisadores Tyack e Hansot[61] em uma investigação sobre a educação nas escolas públicas americanas demonstraram que, em 1916, os homens voltaram a ser maioria na área em questão: eles eram 93% dos formados em cursos científicos (p.ex.: exatas). Em 1928, menos de 1% das mulheres escolhia esse mesmo curso.

> Quando as mulheres passaram a ser admitidas nas universidades, o mesmo padrão se estabeleceu. Por exemplo, o Oberlin College,[62] fundado em 1833 com o objetivo de ensinar sacerdotes, foi a primeira instituição do mundo a oferecer educação superior às mulheres. Desde o início, as alunas eram dispensadas de cálculo e das matérias mais difíceis. Os pregadores podiam achar que o cálculo não lhes era particularmente importante [...]. Essas medidas não tinham a intenção de discriminar as mulheres, mas de atraí-las, o que pode ser provado pelo fato de que as quatro mulheres que pediram para fazer o curso completo, em 1837, foram atendidas. No entanto, a grande maioria continuou a se matricular no curso para senhoras, mais fácil.[63]

A maioria das outras universidades seguia o mesmo esquema: facilitava para as moças. Elas, por sua vez, não costumavam reclamar. Smith College, uma faculdade privada de artes liberais para mulheres, em Northampton, Massachusetts, era uma exceção. Por causa disso, a universidade quase ficou sem alunas. Para resolver esse tipo de problema, começaram a oferecer cursos

61 *Learning Together: a history of coeducation in American Public School*, 1992, pp. 183–184.

62 Oberlin também é a instituição mista mais antiga nos Estados Unidos, admitiu quatro mulheres em 1837. Essas quatro mulheres, que foram as primeiras a ingressar com currículo completo (convencional), eram Mary Kellogg (Fairchild), Mary Caroline Rudd, Mary Hosford e Elizabeth Prall. Todas se formaram, com exceção de Kellogg. Em 1862, Mary Jane Patterson foi a primeira mulher negra com um diploma de bacharelado.

63 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 103.

preparatórios para o ingresso. Essa realidade persiste até hoje, os homens continuam a ser maioria em cursos como engenharia, e as mulheres, em humanidades.

> As mulheres escolhem humanidades e ciências sociais porque essas áreas são, em princípio, consideradas fáceis. Conforme a dificuldade aumenta, com freqüência elas desistem, se não durante o curso, mais tarde ao tentar prosseguir na vida acadêmica. As restantes tendem a entrar em guetos femininos, como faculdades comunitárias, estudos de gênero e outros departamentos em que as mulheres são maioria entre os funcionários e os alunos [...]. A incapacidade ou a falta de disposição das mulheres de competir com os homens pode explicar por que, mesmo nas cinco faculdades norte-americanas totalmente femininas, a maioria dos professores é do sexo masculino.[64]

Não pretendo demonstrar que *todas* as mulheres são incapazes de chegar ao mesmo patamar intelectual dos homens, mas tenho minhas dúvidas quanto a se a grande maioria delas está mesmo disposta a grandes sacrifícios por uma vida intelectual — e profissional — de destaque. Obviamente, é uma generalização que tem suas exceções. Mas ainda é, em nossos dias, uma generalização bastante razoável. O psicólogo canadense Jordan B. Peterson (1962–) fez uma afirmação nesse mesmo sentido em uma polêmica entrevista-debate transmitida em 2018. A entrevistadora o questionou sobre por que os homens ocupavam a maior parte dos altos cargos conquistados por mérito ou produção. Ele apontou que os seres humanos do sexo masculino são geralmente mais competitivos e agressivos e isso pode ter relação com disparidades hormonais entre os sexos — como as cargas de testosterona.

Argumentos semelhantes são apresentados na pesquisa de Steven Goldberg (1941–), presidente do Departamento de Sociologia do City College de Nova York, sobre teorias acerca da dominação masculina.[65] A própria Simone de Beauvoir, ícone feminista, menciona um fato da vida dos meninos que pode torná-los mais interessados em situações desafiadoras e

64 *Ibid.*, p. 104.

65 *Why men rule: a theory of male dominance.* Chicago: Open Court, 1993.

mais receptivos às dificuldades: o brusco rompimento com a mãe durante a tenra infância.

Mary Wollstonecraft, principal teórica analisada neste capítulo, repetia o mesmo argumento com freqüência. Como foi demonstrado, ela acreditava que a inércia feminina e desinteresse pelas virtudes vinham da ínfima carga de exigência que as mulheres recebiam desde pequenas. Mary classificou as mulheres de seu tempo como "insensatas", "mimadas", "idolatradas",[66] "déspotas", "privilegiadas", "negligentes" e "desinteressadas". Explicou com clareza a razão de tanta disparidade nos assuntos educacionais: "Para elas, em geral, o aprendizado é algo secundário, não se dedicam a nenhuma disciplina com o ardor e a perseverança necessários".[67]

A escritora esperava que esse cenário fosse brutalmente modificado com a universalização do ensino, o que nitidamente não aconteceu.[68] A educação mista não passou de mais uma promessa política que jamais se realizou nos termos prometidos.

Não pretendo com isso insinuar que as mulheres não devam desejar ou receber a melhor educação possível, tanto formal quanto moral e espiritual. Afinal, este livro que o leitor tem em mãos só é possível porque alguém ma providenciou e eu abracei as oportunidades que me fizeram chegar até aqui. Fazendo jus à tradição protestante na qual fui criada, incentivo o amor pela sabedoria com igual intensidade a todo ser humano.

Quando penso na Igreja Católica, também sou levada a considerar que as moças têm a mesma capacidade que os rapazes para buscar conhecimento nas diversas áreas, como fez Hildegarda de Bingen (1098–1179) no séc. XI: a monja beneditina foi mística, teóloga, compositora, pregadora, naturalista, médica informal, poetisa, dramaturga, escritora e mestra, considerada santa e Doutora da Igreja. Santa Catarina de Siena (1347–1380) foi exímia escritora, filósofa e teóloga. Da mesma forma, cito a princesa redentora Isabel de Bourbon e Bragança

66 "Os homens se queixam com razão da insensatez e dos caprichos de nosso sexo" (p. 39), ou "[...] nunca será respeitada até que a pessoa da mulher deixe de ser idolatrada" (p. 19).

67 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 43.

68 O que demonstro no próximo subcapítulo sobre "interesses e comportamentos distintos dos sexos".

(1846–1921), ícone brasileiro da abolição, ou Isabel de Castela (1451–1504), Joana de Valois (1464–1505), etc. Ainda na tradição católica, recordo Edith Stein e Simone Weil, esta última convertida e batizada no leito de hospital enquanto aguardava a morte. Contemporânea de Simone de Beauvoir, fazia questão de dizer "não sou feminista", razão pela qual, provavelmente, produziu muito mais para "despertar a consciência feminina, do que fizeram muitas escritoras da lamentação ou da reivindicação".[69]

Mas é preciso reconhecer os fatos que sinalizam as diferenças de tendência e preferência entre homens e mulheres também no campo educacional. É igualmente indispensável admitir que as meninas jamais foram submetidas à mesma rigidez educacional dos rapazes especificamente porque eram protegidas e privilegiadas e não "oprimidas". Conforme as meninas foram entrando para a escola, menos a escola aplicava castigos ou reprovações e mais diminuíam as exigências. É importante reparar como a própria Wollstonecraft, embora defendesse a urgência de uma educação igualitária de qualidade, também notava o mal que causava o relaxamento disciplinar em relação as meninas. Mary escreveu que as mulheres "começavam a se estragar" na época escolar, não porque a escola cobrava demais, mas porque pegava muito leve. Este foi o cenário da escola em quase todos os períodos da história:

> A coragem dos meninos era testada, não raro com métodos cruéis. No caso das meninas, ao contrário, quanto mais difícil fosse o assunto, maior a probabilidade de que seu aprendizado fosse opcional ou menos intensivo. Fazer os rapazes repetir de ano era um procedimento padrão, mas até o surgimento das escolas mistas quase não existia repetência entre as meninas.[70]

É evidente que, sempre que se deseja tirar o melhor e o máximo de alguma ciência ou produção, os competidores, aspirantes ou objetos de estudo são separados por qualidade, série, tamanho ou sexo. É assim no mundo dos esportes, por exemplo. Além da separação por sexo, eventualmente se classifica por

69 Danese di Nicola, *Abismos e ápices: percursos espirituais e místicos em Simone Weil*. São Paulo: Edições Loyola, 2003, p. 36.

70 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 98.

peso, idade ou altura. As escolas mantêm a separação de turmas por idade, que é notadamente um dado biológico, e não há nenhum preconceito nisso. Abrir ou manter uma escola somente para meninos ou somente para meninas não deveria causar comoção e polêmica.

As feministas — e esquerdistas em geral — foram as grandes responsáveis pelas campanhas pelo fim das escolas *single-sex* (único sexo) e universalização do ensino misto ou co-educação. No Brasil, esse tipo de escola começou a desaparecer na década de 1950. A militância permanece ainda em nossos dias. Quando a Escola do Bosque (Curitiba, PR) começou a divulgar seu sistema de classes sexualmente separadas, a livre docente da Universidade de São Paulo (USP) Marília Pinto de Carvalho, pesquisadora de gênero, se manifestou contra o sistema. Afirmou que meninos e meninas não têm características inatas diferentes quanto ao aprendizado e comportamento, apenas foram criados por seus pais para se comportarem como se diferentes fossem, e por isso o sistema *single-sex* não era recomendável: "Desde muito cedo meninas e meninos são estimulados de formas diferentes e é possível que isso gere formas diferentes de como se apropriam do mundo e do saber. Resta saber se queremos perpetuar essas diferenças".[71]

A mesma pesquisadora também concedeu uma entrevista à revista Carta Capital, um periódico brasileiro de viés explicitamente esquerdista, e afirmou:

> Vivemos na era da diversidade e da defesa de que o respeito à diferença deve ser aprendido desde cedo. *Se há alguma diferença* — seja de origem biológica, seja sociocultural — entre meninos e meninas, ela deve ser *enfrentada* ensinando a cada um a conhecer e a respeitar o outro.[72]

Para a pesquisadora ainda restam dúvidas acerca da existência de diferenças entre meninos e meninas. É absolutamente impressionante que ela não tenha notado nenhuma ao afirmar: "se há alguma diferença". Igualmente impressionante é que ela

71 Matéria "Escola aposta em ensino separado entre os sexos" da *Gazeta do Povo*, publicada em 9 de novembro de 2015 no sítio eletrônico do jornal.

72 "Meninos para cá, meninas para lá", *Carta Capital*. Matéria de 18/10/2011 [grifos meus].

tenha sugerido que as diferenças devam ser "enfrentadas" como método de convivência "respeitosa". O que sempre entendemos por respeito — que as diferenças devem ser reconhecidas, aceitas e consideradas — parece não ser mais válido. O novo sentido de respeito do dicionário feminista é "enfrentar a diferença". Outra entrevistada, Cláudia Pereira Vianna, professora da Faculdade de Educação da USP, foi ouvida pela mesma revista e afirmou: "Eu acho que é um equívoco, principalmente em nome do desempenho escolar".[73]

O argumento da feminista Pinto de Carvalho é completamente contrário às pesquisas de âmbito psicológico e biológico que vêm sendo realizadas há décadas. Pesquisas estas, aliás, freqüentemente boicotadas pelos movimentos ligados ao feminismo. Já o argumento da professora Vianna é que a escola não deve fazer esse tipo de escolha pedagógica "em nome do desempenho escolar". Se as escolhas pedagógicas não devem ser tomadas em vista do desempenho escolar, devem ser tomadas em vista do quê?[74] Talvez, dos interesses do pequeno grupo de pesquisadores doutores especialistas em estudos de gênero, que representam aproximadamente 0,01% dos brasileiros.

Reconhece-se aqui que a professora da USP se enquadra no mesmo perfil que Mary Wollstonecraft elencou para as mulheres de sua época: conhecimento científico e objetivo não é assim tão importante. Para Cláudia Pereira Vianna, o *desempenho escolar* não é assim tão importante para — vejam só! — a *escola*. As feministas que sempre alegaram lutar pelo direito educacional das mulheres, agora que elas estão inseridas na escola, parecem supor que o desempenho escolar não é tão relevante assim.

Sempre temendo as reações virulentas desses movimentos, defensores de uma educação mais tradicional — e evidentemente mais efetiva — precisam florear discursos mesmo quando respaldados por inúmeras pesquisas:

73 *Ibid.*

74 Esse modo de operar conceitos é típico das novas vertentes pedagógicas. Conforme bem demonstrado pelo pesquisador Pascal Bernardin, agentes de um sistema revolucionário na educação pretendem tirar da escola todo o seu aspecto "escolar" e transformá-la, basicamente, em um depósito de crianças que possam ser socialmente modificadas por uma inovadora proposta de engenharia comportamental.

> Defensores do método garantem que ele não é retrógrado ou conservador [...]. Estudiosa de práticas pedagógicas, a argentina Gabriela Galindez reconhece que o modelo *single-sex* objetiva "reforçar a masculinidade e a feminilidade" dos alunos. Mas ressalva que isso não significa "atacar nenhum sexo". Para María Elisabeth Vierheller, a separação não reforça estereótipo. Na sala *single*, argumenta, é mais provável que uma menina se sinta à vontade para estudar matemática ou que um menino goste de poesias de amor. É uma forma de incentivar a multiplicidade de masculinidades e feminilidades, defende.[75]

Outros especialistas, como Tommy Little, ex-diretor da faculdade Eton College, que estava presente no Fórum Global de Educação e Habilidades (GESF, Global Education and Skills Forum), defendem que nessas escolas *single-sex* "principalmente nas idades de 13, 14 e 15 anos, há a oportunidade, tanto para meninos quanto para meninas, de que eles sejam eles mesmos por mais tempo". O psicólogo graduado na Universidade da Pensilvânia, Leonard Sax,[76] que defende que as escolas apresentem educação diferenciada para homens e mulheres, escreveu em um de seus livros, *Why gender matters* (*Por que o gênero importa*), que a disciplina, a agressividade, a aprendizagem e a tendência em assumir riscos é uma questão biológica, não somente restrita a como os sexos são educados durante a infância. "Apesar de este ser um modelo menos interessante sob o aspecto meramente financeiro, por ser mais custoso, a sociedade estava carente desse sistema educacional que agora ofertamos", analisa Leandro Pogere, diretor da Escola do Bosque de 2015 a 2018. "Encontramos nesse modelo aquilo que muitas famílias estavam buscando: maior foco no estudo, relacionamentos mais saudáveis e respeitosos, professores que compreendem o universo dos alunos com mais facilidade, os respeitam e motivam e que auxiliam os pais", afirma.[77]

75 "Escola aposta em ensino separado entre os sexos", em *Gazeta do Povo*.

76 "Escola defende ensino diferente para meninos e meninas", matéria divulgada em 6 de junho de 2014 no *site Terra*.

77 Matéria "Só para meninos (ou meninas): escolas com sexo único voltam a ganhar espaço" da *Gazeta do Povo*, publicada em 6 de julho de 2017 no sítio eletrônico do jornal.

Robert Kirschenbaum, psicólogo da escola norte-americana Clover Park School District, afirma que esse método é mais eficaz porque torna "mais fácil para os professores adaptarem o seu estilo de ensino às características comportamentais dos alunos" e completa: "meninas parecem preferir ambientes mais quietos em que possam trabalhar em grupo e chegar a um consenso. Meninos costumam preferir um ambiente mais competitivo, com mais atividades físicas e mais barulho".[78]

Se, por um lado, as escolas *single-sex* deixam as feministas notadamente desconcertadas e insatisfeitas, por outro, muitos pais parecem ter encontrado um oásis em meio ao deserto educacional do país. Uma das mães que contratou a escola paranaense e tem três filhos matriculados, Ozana Nadalim, se diz satisfeita em ter que pagar mais de mil e trezentos reais para cada filho. Ela confirma que o investimento vale a pena: "Eu sempre esperei uma escola assim. A Escola do Bosque me atraiu justamente por entender que a menina tem interesses diferentes do menino".

Como é de se esperar, os alunos e alunas — na maioria de elite e com muitas possibilidades de escolha — que freqüentam a escola também aprovam o sistema:

> Na descrição da diretora, as alunas estão satisfeitas com o ambiente exclusivamente feminino. "Às vezes, quando os meninos se aproximam muito durante as aulas de campo, elas perguntam: 'O que eles estão fazendo aqui?'". Segundo ela, por se desenvolverem em tempos diferentes, meninos e meninas acabam competindo e se atrapalhando. "O clima aqui não é repressor, pelo contrário, é muito alegre", garante.

É realmente lamentável que tais recursos pedagógicos estejam acessíveis apenas a quem possa pagar tão altos valores. O mesmo sistema poderia estar acessível às famílias carentes pelo sistema público se não houvesse tão violenta campanha de ideologia de gênero nas secretarias e gerências educacionais de todo o país.

> O objetivo básico "é atender às diferenças, respeitando as igualdades entre meninos e meninas, mas atendendo à

78 *Ibid.*

> peculiaridade que têm na forma de aprender e se relacionar", explica a educadora María Elisabeth Vierheller. Vice-presidente da Associación Latinoamericana de Centros de Educación Diferenciada (Alced Argentina), ela esteve em Curitiba em outubro, no 5º Congresso Latino Americano de Educação Single-Sex.

A Escola do Bosque em Curitiba é apenas uma das inúmeras escolas não-mistas que têm provado sua eficiência pela adesão voluntária — e dispendiosa — das famílias. Em outros países, a reaparição das escolas[79] não-mistas parece ser uma tendência. Em 2014, mais de 90% das escolas que apresentaram o melhor desempenho entre as 25 primeiras posições, na Inglaterra, eram *single-sex*. Nos Estados Unidos,[80] o fenômeno de ressurgimento desses colégios é mais antigo e, portanto, algumas pesquisas podem dispor de dados empíricos.

> Na escola primária Charles Drew, localizada no estado da Flórida, cerca de um quarto das turmas são separadas por sexo. A idéia é que o alto desempenho observado em escolas *single-sex* seja reproduzido, compensando o baixo desempenho característico de uma escola periférica. Os resultados começaram a ser observados em 2012, quando a avaliação estadual da escola subiu de nota D para C. Resultados similares foram encontrados em outras escolas

79 "Só na Espanha — país de origem do criador da Educação Personalizada, Victor García Hoz —, segundo a Associação Européia de Educação Single Sex (EASSE, na sigla em inglês), há ao menos 219 centros de estudo que oferecem educação diferenciada em algumas de suas etapas, todos privados, mas alguns com subsídio público. Na América Latina, o modelo criado por García Hoz começou a ganhar popularidade a partir dos anos 2000. Secretário geral da Associação Latino-americana de Centros de Educação Diferenciada (Alced), Ricardo Carranco afirma que a tendência é que esse tipo de escola se espalhe pelo continente. A América Latina está, cada vez mais, crescendo nessa área e apostando no tema da educação diferenciada por sexos. Entre outras nações, Argentina, Peru, México, Honduras, Costa Rica, Equador têm colégios de reconhecido prestígio acadêmico e social, emoldurados pelos princípios pedagógicos da educação diferenciada por sexos — afirma Carranco" (matéria "Especialistas criticam método de ensino que divide alunos por gênero" do site *O Globo*, publicada em 28 de julho de 2017).

80 "Em 1966, havia 2.500 escolas *single sex* no Reino Unido. Os dados mais recentes disponíveis apontam que o número caiu muito e, em 2006, restavam apenas 400 instituições do tipo. Nos Estados Unidos, 116 escolas públicas são exclusivamente *single sex* — um número pequeno em relação ao total de 98.328 escolas públicas do país" ("Escola oferece educação dividida por gênero", matéria disponível no site revistacrescer.globo.com).

públicas que adotaram turmas *single-sex* no país, em centros urbanos como Nova York, Chicago e Filadélfia.

A escola *single-sex* mais antiga do Brasil, ainda em funcionamento, também tem conseguido comprovar a eficiência dessa escolha pedagógica. O Colégio São Bento foi fundado em 1858 e hoje tem mais de mil alunos: só aceita meninos. Para poder ingressar na escola é preciso ser aprovado no teste de desempenho. Em 2012, a escola foi a quarta colocada no *ranking* do Enem.[81]

Wollstonecraft reivindicava, com razão, que houvesse mais rigidez com meninas e mulheres. As feministas de hoje tentam passar a impressão de que os homens são tão machistas que não aceitam nem desejam que as mulheres recebam uma educação criteriosa, o que é geralmente falso. Todas as vezes em que as mulheres não foram rigidamente cobradas pelos tutores, foi para tentar poupá-las, não para impedir que avançassem. Mesmo no final do século passado, era possível comprovar que os homens não desprezavam as moças que se dedicassem aos estudos.

> Aos 30 anos, mulheres com formação universitária e que nunca se casaram antes têm de 58 a 66% de probabilidade de se casarem. Aos 35, as chances eram de até 41% [...]. Uma solteira com formação universitária, aos 30 anos, tinha mais chance de se casar do que uma mulher de meia idade, apenas com diploma de primeiro grau. [...] Embora o número de casamentos estivesse baixando para a população em geral, havia subido para as mulheres com quatro ou mais anos de universidade que se casam entre 25 e 45 anos de idade.[82]

Outros educadores da época concordavam com Mary sobre a necessidade de uma educação mais criteriosa: "Na opinião deles, se as mulheres quisessem competir com os homens, primeiro teriam de suportar a mesma disciplina exigida deles".[83] Opinião que não parece ser compartilhada pelas feministas de hoje. O movimento feminista está mais interessado em ações afirmativas como cotas para mulheres do que em igualar os níveis de exigência. Geralmente, usam a desculpa de "dívida

81 http://noticias.terra.com.br/educacao/enem/ranking/.
82 Faludi, 2011, p. 33.
83 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 99.

histórica" como se a facilidade na vida educacional das meninas não tivesse sido procurada e desejada pelas mulheres da época.

> Colocando a questão de outra forma, se as meninas fossem educadas separadamente dos homens, diziam que elas eram discriminadas. Se estudassem junto com eles, que suas necessidades especiais não eram levadas em conta.[84]

E essa continua sendo a forma de abordagem e a cara do discurso das feministas. Em condições de livre concorrência, sempre que as mulheres ficam em desvantagem por falta de habilidade ou persistência, as feministas buscam ações afirmativas para dar um empurrãozinho nas moças. Quando o inverso acontece e as mulheres saem na frente, o discurso é que as mulheres realmente são mais eficientes naquela área ou campo de estudos. Se os homens são maioria na engenharia, é porque as mulheres estão sofrendo preconceito. Se as mulheres são maioria no curso de letras, é porque elas realmente são mais comunicativas, sensíveis e apaixonadas por literatura. Há uma incompreensível dificuldade em falar dos sexos como eles realmente são: diferentes. Essa diferença não admitida é basilar na estratégia feminista.

"Os interesses e o comportamento distinto dos sexos são conseqüências da educação": raízes da ideologia de gênero

O segundo tópico a respeito do qual é possível encontrar alguma concordância entre o feminismo que conhecemos e os argumentos de Wollstonecraft é a convicção de que a diferença entre homens e mulheres se sustenta na cultura e na educação que recebem. Essa é uma sementinha da ideologia de gênero sendo plantada na opinião pública.[85] Ela afirma:

84 *Ibid.*, p. 102.
85 Ao analisar a obra inteira, sabemos com clareza que Mary admite uma distinção necessária e saudável entre os papéis sociais de cada sexo, homem e mulher, o que as feministas jamais admitiriam. Contudo, em alguns trechos, ela transparece uma melancólica esperança de que as condutas se modificassem caso a educação para as mulheres fosse aprimorada.

> Fortaleça a mente feminina, expandindo-a, e haverá um fim à obediência cega; mas, como o poder busca a obediência cega, os tiranos e os homens sensuais estão certos quando se esforçam por conservar a mulher no escuro, pois os primeiros querem somente escravas, e os últimos, um brinquedo (p. 45).

Mary não podia prever, mas a emancipação da mulher e a educação fundamentada no racionalismo não apresentaram soluções[86] quanto à escravidão do homem e da mulher em suas fraquezas morais. Ambos se perceberam, assustados, no colo de tiranos piores do que aqueles monarcas que Mary tanto atacava, de homens como Stálin e Hitler. Cria na errônea idéia de que os problemas da humanidade podem ser solucionados por vias racionais, através da busca e da disseminação do conhecimento. Como afirmam ainda hoje as feministas, afirmava também Mary: se as mulheres se interessam por moda, roupas, adornos e demais futilidades é porque foram renegadas a esse universo de futilidades.

> Flui a opinião de que as jovens devem dedicar grande parte de seu tempo aos trabalhos de costura; no entanto, essa tarefa contrai suas faculdades mais do que qualquer outra escolhida para elas, confinando seus pensamentos em si mesmas. Os homens mandam fazer suas roupas e acabam com o assunto; as mulheres fazem suas próprias roupas, necessárias e ornamentais, e estão continuamente falando sobre elas [...]. De fato, não é a confecção que enfraquece a mente, mas o estilo empolado de se vestir, quando uma mulher de baixa escala social faz as roupas de seu marido e de seus filhos, cumpre com sua obrigação; isso é parte de suas tarefas familiares; mas, quando as mulheres trabalham apenas para se vestir melhor do que poderiam se permitir, é pior do que simples perda de tempo.[87]

86 Se for dessa forma, como descreve a autora, conclui-se que toda a humanidade tem recebido a educação abjeta e perniciosa que ela alega que as mulheres recebiam. Wollstonecraft afirmava que a fraqueza moral e a frivolidade eram conseqüências da educação recebida desde a tenra idade. Se, como defende Ortega y Gasset, a proliferação de um homem-massa — intelectualmente preguiçoso e pouco interessado pela investigação filosófica — é a marca da nossa era, então a educação medíocre da mulher do séc. XVIII se estendeu a todos do séc. XX e XXI.

87 Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 104.

Mary não suportava a futilidade feminina. Ela acreditava que se houvesse drástica mudança no que se exige das mulheres no plano educacional, então, poderíamos saber com clareza quais são as tendências naturais da mulher e quais lhes são impostas.

Essa hipótese foi desbancada. Com o advento do séc. XXI, o que podemos notar é que, depois de tantas revoluções sociais, depois de tantos direitos conquistados e de tanto pareamento educacional e legal, as mulheres continuam investindo no que Mary chamava de "perda de tempo". A revista *Superinteressante*[88] divulgou uma pesquisa que calculava a média de gastos de uma mulher com a própria beleza. O resultado foi:

> R$359.196,00 é o quanto as mulheres gastam em sua aparência durante a vida, de acordo com um estudo feito na Inglaterra. A soma inclui cosméticos, cortes de cabelo, manicure, academia e tratamentos de beleza, e é quase o dobro do que gastam os homens.

Uma investigação semelhante foi divulgada pelo site IG,[89] conforme informações da consultoria Kantar Worldpanel que analisa os gastos e preferências do consumidor. A pesquisa verificou que os "produtos que lideram os gastos das mulheres nos supermercados e lojas físicas são cremes, loções e tinturas para cabelos". Outra pesquisa, mais recente, divulgada em junho de 2016,[90] com 810 mulheres de todas as classes sociais do Brasil, verificou que "as compras pessoais que envolvem os maiores gastos do público feminino são as roupas e calçados (60,9% [das mulheres pesquisadas]), seguidos pelos produtos para o cabelo (45,9%)".

A historiadora social e escritora Joan Brumberg, autora de *The Body Project* [O projeto corpo], realizou um estudo que demonstrou a futilidade das resoluções de ano novo das me-

88 Texto de Salvador Nogueira e Bruno Garattoni, disponível na página *online* da revista: http://super.abril.com.br/comportamento/mulheres-gastam-mais-de-r-300-mil-para-ficar-bonita.

89 Matéria "Mulheres gastam mais com cremes, enquanto homens preferem cervejas" de 31/08/2012, disponível no *site* Economia IG.

90 Pesquisa realizada pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e divulgada sob a manchete "Principais gastos das mulheres são com roupas, calçados e produtos para o cabelo".

ninas durante o séc. XX. Ela encontrou vários trechos como este: "Vou tentar melhorar em todos os aspectos possíveis [...]. Vou perder peso, trocar as lentes, já cortei o cabelo, comprei maquiagem boa, roupas e acessórios novos". Para a moça que registrou essas palavras em seu diário, "melhorar em todos os aspectos" envolvia apenas um aspecto: aparência. Antes que se argumente que pensamentos como esse povoam a mente de uma minoria de meninas, cito uma pesquisa[91] mais recente do Centro Infantil de Mídia Digital em Los Angeles. Ao serem questionadas sobre como deveria ser o perfil ideal de uma moça nas redes sociais, jovens e adolescentes responderam:

> Uma garota que, por meio de atualizações de *status*, fotos glamorosas e *selfies* com o corpo à mostra, apresenta a si própria como "divertida" e "livre", que tem muitos amigos atraentes, vai a muitas festas e se interessa principalmente por romance, cultura pop e roupas.

Apesar de todas as barreiras educacionais terem sido removidas e a internet ter facilitado o acesso ao conhecimento, aos livros e até a vídeo-aulas gratuitas, o advento das redes sociais, como se vê, só aumentou a preocupação das mulheres com a própria aparência. Em 11 de março de 2014, a Academia Americana de Plástica Facial e Cirurgia Reconstrutiva informou o aumento no número de cirurgias plásticas em mulheres com menos de trinta anos. Os dados recolhidos pela Academia demonstraram que um terço dos pacientes buscavam a cirurgia plástica para terem *selfies* mais bonitas. "Em 2011, houve um aumento de 71% no número de garotas do ensino médio que fizeram implante de queixo especificamente porque queriam parecer mais bonitas em *selfies*".

> Entre 2012 e 2013, o número de "Brazilian butt lifts", cirurgia em que a gordura é transferida de outra parte do corpo para o traseiro, teve um aumento de 16% dos Estados Unidos. Mulheres sem os 10 mil dólares necessários para o procedimento podiam comprar, por 22 dólares, as calças

91 Jane Bailey et. al., "Negotiating with Gender Stereotypes on Social Networkings Sites: From 'Bicycle Face' to Facebook", em *Journal of Communication Inquiry* 37, nº 2, 2013, pp. 91–112. Citado em Orenstein, p. 30.

> Booty Pop — imagine um sutiã com enchimento para o bumbum —, que tivera um aumento de quase 50% nas vendas em dezembro de 2014 em relação ao mesmo período do ano anterior.[92]
>
> Embora continue bem atrás das plásticas no nariz e nos seios, segundo a Sociedade Americana de Cirurgiões Plásticos (Asaps), o procedimento [de labioplastia, plástica nos lábios vaginais] teve um aumento de 44% entre 2012 e 2013, e um salto de 64% no ano anterior. A labioplastia quase nunca está relacionada à função ou prazer sexual — ela pode, na verdade, impedir ambos.[93]

Poderia citar inúmeras outras pesquisas, mas certamente o leitor está ciente da situação que aqui descrevo. Se o contexto social de Mary levava a crer que as preocupações femininas com a beleza e a vestimenta eram conseqüências diretas da educação diferenciada entre meninos e meninas, o contexto do séc. XXI deixa claro que a tendência feminina para a moda e suas análogas "perdas de tempo" não tende a mudar. Do contrário, não apenas o tempo, mas também o dinheiro passou a ser investido cada vez mais em roupas e ornamentos.

Concluindo: dois argumentos de Wollstonecraft revelam-se equivocados, mas ainda assim são as sementes do feminismo moderno: (a) a escola pública, que deve usurpar o lugar da família, é fundamental para a estratégia feminista como ferramenta de engenharia social, e (b) a idéia de que todas as diferenças e preferências entre homens e mulheres são resultado da educação ou da cultura é um dos pilares teóricos da ideologia de gênero.[94] Apesar de a história não ter confirmado essa segunda hipótese e de a biologia apresentar incontáveis provas em contrário — reforçando as diferenças essenciais entre homens e mulheres[95] — os ideólogos de gênero insistem na questão.

Resta demonstrado que não é por defender os direitos civis para as mulheres que a inglesa Mary Wollstonecraft pode ser

92 Orenstein, p. 36.

93 *Ibid.*, p. 76.

94 O capítulo quarto dedica-se exclusivamente a tratar da questão da ideologia de gênero.

95 Ver capítulo quatro.

classificada como "feminista", mas sim porque ela levanta duas bandeiras intimamente ligadas ao que viria a ser a proposta revolucionária para os sexos: educação pública mista compulsória e a feminilidade ou masculinidade como conseqüência social, cultural e educacional. Ambos os argumentos são perigosos, porque conseguem conquistar o coração das mulheres mesmo sem apresentar provas razoáveis para suas hipóteses. Essas duas pautas foram centrais nesta primeira fase a que chamamos de "protofeminismo". Foram essas idéias e essa escritora em especial que abriram as portas para a primeira onda do feminismo que seria inaugurada no século seguinte, especificamente em meados do século XIX, nos Estados Unidos da América.

II
Inserção da mulher no universo masculino

Primeira Onda feminista

As bandeiras levantadas por Mary Wollstonecraft no final do século XVIII voltaram com mais força nos séculos XIX e XX, principalmente porque alguns direitos concedidos às mulheres na Revolução Francesa foram rapidamente revogados com o início do Império Napoleônico. Começava a Primeira Onda feminista,[1] marcada pelo ano de 1848. O parlamentar liberal e escritor Stuart Mill assim resumiu grande parte das querelas das mulheres de sua época:

> A reivindicação das mulheres em serem uniformemente educadas como os homens, nos mesmos ramos de conhecimentos, está crescendo intensamente e com grande perspectiva de sucesso, enquanto a exigência por sua aceitação em profissões e ocupações até aqui negadas a elas fica mais urgente a cada ano [...] embora não existam neste país [Inglaterra], como existem nos Estados Unidos, convenções periódicas e um partido organizado para promover os direitos das mulheres, existem várias sociedades ativas organizadas e gerenciadas por mulheres, a fim de obter o direito ao voto. [...] O mesmo está acontecendo na França, Itália, Suíça e Rússia.[2]

1 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 194.
2 *Ibid.*

A educação igualitária continuava sendo uma preocupação. Somada a ela, estavam a reivindicação pelo sufrágio universal e as queixas em favor da inserção feminina em áreas profissionais hegemonicamente masculinas. Durante a primeira onda, as mulheres tiveram o direito ao voto reconhecido e começaram a atuar gradualmente em empregos fora do lar. No mesmo período, a questão do direito à propriedade que surgira na Europa durante o século XVIII volta a aparecer.

Dinheiro, propriedade e herança

De fato, legalmente, os homens que tivessem filhas e filhos deveriam deixar os bens para os filhos homens, cujo dever não era senão prover a subsistência da mãe. O direito à propriedade ou à posse foi, portanto, prerrogativa masculina. É preciso reconhecer, contudo, que mesmo sem acesso direto à herança, as mulheres eram assistidas por algum homem da família que dispusesse desses bens. Com esses bens, sustentavam eles mulheres e filhos; então, de alguma forma, pode-se dizer que havia sempre mulheres vivendo às custas dos homens.

Na Inglaterra, por exemplo, mesmo após as reformas[3] dos anos 1861, 1881, 1920 e 1964, os homens continuavam obrigados[4] a sustentar as mulheres. A lei permitia às mulheres ter e gastar dinheiro todos os dias, dinheiro que, geralmente, era tudo o que o casal dispunha. Nesse cenário, as mulheres se tornaram as consumidoras por excelência. Em relação ao pecúlio alheio que será simplesmente gasto, não importa saber a quem ele pertence, mas a quem beneficiará, ou seja, o que será comprado graças a ele; e é esse, precisamente, o caso das mulheres. As responsabilidades dos maridos eram tantas que, até em casos de divórcio, eles é que tinham que pagar os advogados. E mesmo em um casamento normal, a questão dos bens podia ser flexibilizada.

> Havia meios legais de garantir que os bens de uma mulher não passassem para o controle do marido enquanto ela vivesse ou depois de sua morte. Nas palavras de uma historiadora: "O conceito de separação de bens estava fortemente arraigado

3 *Ibid.*, p. 194.
4 *Ibid.*, p. 195.

> na tradição legal anglo-americana, muito mais do que o de comunhão de bens". Auxiliadas por uma literatura especial conhecida como manuais de transferência de bens imóveis, as pessoas redigiam acordos pré-nupciais ou criavam um fundo.[5]

Há um caso inglês[6] que demonstra como a questão dos bens não corresponde à impressão geral de ser uma máquina social contra a mulher. Benjamin Disraeli (1804–1881), primeiro ministro britânico, foi o principal responsável pelas políticas em prol das classes trabalhadoras realizadas pelo Partido Conservador britânico. Em 1839, casou-se com Mary Anne Lewis, que era a rica viúva de Wyndham Lewis, também político britânico. Ela tinha uma renda substancial de 5 mil libras por ano, o que sinaliza que as viúvas não ficavam jogadas na sarjeta, como se costuma imaginar. Em 1872, Mary Anne morreu de câncer no estômago, deixando Disraeli viúvo. Sua morte causou problemas financeiros ao marido, já que a casa e a fortuna passaram para o nome de alguns primos — mesmo que ela notoriamente amasse Disraeli e quisesse que ele herdasse o seu patrimônio. Benjamin foi despejado da casa que era propriedade da falecida esposa e teve que se mudar para um hotel apelidado de "caverna do desespero". O caso de Benjamin e Mary Anne demonstra que haviam inúmeras estratégias legais de proteger o dinheiro das mulheres.

> Os fundos protegiam os bens das mulheres com tanta eficiência que era comum os homens criarem fundos em nome da mulher ou das filhas para se proteger contra os credores em caso de falência. Depois de 1880 isso ficou ainda mais fácil, pois vários países aprovaram leis que eximiam as mulheres da responsabilidade pelas dívidas do marido. Enquanto isso, os maridos continuaram universal e absolutamente responsáveis pelas dívidas da mulher. Como a lei incluía as dívidas contraídas antes do matrimônio, algumas mulheres se casavam especificamente para transferir esse encargo para o marido. A obrigação vigorava enquanto houvesse casamento, mesmo que os cônjuges vivessem separados; mesmo que ele não tivesse a mais remota idéia de onde ela estava, mesmo

5 *Ibid.*, p. 194.
6 Robert Blake, *Disraeli*. Nova York, St. Martin's, 1967, pp. 159–161, 421–424 e 525–526.

que ela dormisse com todo mundo menos com ele. Enquanto uma devedora mulher podia ser libertada por indulgência, o marido [devedor] continuava com uma grande chance de ser enviado à prisão.

Além disso, sempre se supôs que as mulheres — casadas ou não — não pudessem ganhar seu sustento ou se pretendia evitar que ficassem a mercê de trabalhos pesados ou perigosos — que eram os únicos oferecidos na época. Por isso, a autonomia financeira feminina não era uma preocupação para a maioria. Se os maridos controlavam os bens, isso só acontecia porque eram eles os responsáveis pelo sustento das esposas e filhos. Hoje, é comum ouvirmos que muitas mulheres se tornaram "chefes de família". Na prática, isso significa que elas saem para trabalhar todos os dias e com o salário do seu trabalho sustentam uma, duas ou mais pessoas. Também significa que são as proprietárias da casa, do carro e dos demais bens da família. Exatamente o que acontecia com os homens do século XIX que eram estrita e exclusivamente responsáveis pela família.

> Hoje, quando falamos sobre poder, nos referimos a dinheiro e prestígio. Faz sentido, já que esse tipo de poder reflete os valores modernos. No passado, quando casamento e família faziam parte do primeiro plano, as mulheres eram exaltadas dentro do círculo familiar. Os maridos acatavam as esposas em praticamente todos os assuntos domésticos, incluindo a criação dos filhos. As mulheres eram respeitadas por suas sensibilidades especiais.[7]

Imaginando a condição de um casal pobre, que era a situação da esmagadora maioria da população, considero verdadeiro supor que nenhum dos dois começava o casamento com grandes quantidades de dinheiro ou dispondo de grandes propriedades. Nesses casos, por serem muito mais fortes que as mulheres, os homens continuavam trabalhando e o faziam até a morte; enquanto suas esposas tendiam a fazer cada vez menos esforço produtivo (trabalho fora de casa) por causa de sucessivas gestações e de filhos para criar. Por isso, a feminista Mary

7 Phyllis Schlafly, 2015, p. 115.

Wollstonecraft escreveu que as mulheres eram vestidas e alimentadas sem que precisassem fiar ou se esforçar.

De modo geral, em um casamento duradouro, as mulheres ganhavam mais do que conseguiam dar ou produzir. Na época protofeminista em que o documento fundador do feminismo foi redigido, no final do séc. XVIII,

> segundo estudo realizado com 1.350 famílias operárias, em nenhuma década [no período entre 1780 e 1860] a participação dos maridos na renda familiar foi inferior a 55%. Às vezes, [a participação do marido] chegava a 83%; assim, quando estavam empregados, os maridos sempre ganhavam mais que todos os outros membros da família juntos. Às vezes eles ganhavam cinco vezes mais. Os 55% foram alcançados durante os anos 1840, a "década da fome", mas antes e depois o número era consideravelmente mais alto [...] as mulheres raramente contribuíam com mais de 25%. Por volta de 1850, quando o ideal doméstico se estabeleceu, a participação das mulheres na renda familiar diminuiu. Em 1890, na Europa e nos Estados Unidos, o trabalho feminino respondia por algo entre 1,9% e 3% da renda familiar. Na Tchecoslováquia, quarenta anos depois da instituição do comunismo, as mulheres respondiam por apenas 12 a 22% da renda familiar.[8]

Dois séculos depois, um levantamento publicado em 1986[9] mostrou que todas esposas empregadas entrevistadas ainda acreditavam que "os homens devem se responsabilizar pelo sustento da família" e 80% dos entrevistados acreditava que o homem que não proporcionasse digna condição à família devia ser condenado ao ostracismo. Sustentar e se responsabilizar pela mulher e pela família não era exatamente uma moleza ou uma grande aventura, era uma obrigação social e legal que recaía somente sobre os homens. Francis Bacon[10] chegou a

8 Martin Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 192.

9 Artigo de Graham L. Staines, "Men and Women in Role Relationships", em Ashmore e Del Boca eds., "The Social Psychology of Female-Male Relations". Consultado em 25/01/2018: sciencedirect.com/science/book/9780120652808.

10 "Aquele que tem esposa e filhos aceita as responsabilidades que são impedimentos às grandes empresas, tanto da virtude quanto do dano. Certamente, as melhores obras e as de maior mérito para o público procedem de homens solteiros ou sem filhos". Bacon, *Of Marriage and Single Life*.

escrever recomendando aos homens que permanecessem solteiros, porque o casamento era uma responsabilidade grande demais e trazia muitos impedimentos a uma vida de sucesso.

A mulher nos universos masculinos de exploração (mercado de trabalho) e repressão (poder estatal)

Apesar de tudo que se possa apresentar sobre a relativa condição privilegiada das mulheres quanto ao trabalho, é fato que as coisas começaram a mudar no interior das famílias e no mundo dos negócios. As mulheres foram sendo inseridas também na vida pública. O fim do séc. XIX e o início do séc. XX foram períodos de brutal modificação na vida das famílias e das mulheres européias e americanas. No entanto, diferentemente do que fazem crer as feministas, as mulheres foram inseridas no mercado de trabalho por uma transformação social sem premeditação, e não por uma luta organizada de um movimento de mulheres.

Muitas mudanças que as feministas atribuem à sua luta nada mais são do que o curso natural da história. Escritores feministas que fizeram um levantamento[11] das últimas cinco décadas do movimento chegaram a colocar até o aumento populacional e as medalhas olímpicas na conta conjunta das feministas:

> A expansão dos ideais feministas [...] possibilitou às mulheres brasileiras diversas vitórias, em diferentes níveis: obtiveram o direito de voto em 1932, passaram a ser maioria da população a partir da década de 1940; atingiram a maioria do eleitorado em 1998, reduziram as taxas de mortalidade, elevaram a esperança de vida e já vivem, em média, sete anos acima da média masculina; ultrapassaram os homens em todos os níveis educacionais; aumentaram as taxas de participação no mercado de trabalho, diminuíram os diferenciais salariais e são maioria da população economicamente ativa (PEA) com mais de onze anos de estudo; conquistaram duas das três medalhas de ouro do Brasil nas duas últimas Olimpíadas e mais uma em 2016, no Rio de Janeiro, são maioria dos beneficiários da previdência e dos programas de assistência social, conquistaram a igualdade legal de direitos na Constituição de 1988 e obtiveram diversas vitórias específicas na legislação nacional;

11 Blay, 2017, p. 16.

> por último e não menos importante, chegaram à presidência do Supremo Tribunal Federal e à presidência da República.

No entanto, o autor conservador e presidente da King's College em Nova York, Dinesh D'Souza, chamou "a idéia de que o feminismo é responsável pela liberdade que as mulheres têm hoje é um lindo conto de fadas". No que diz respeito à entrada das mulheres no mundo do trabalho, a verdade é que as mulheres se introduziram voluntária e paulatinamente, uma a uma, por conveniência. Naqueles que eram empregos pesados e perigosos, as mulheres foram introduzidas pela fome, pela necessidade ou pela guerra. O movimento feminista não as colocou no mundo do trabalho, somente fez em cima disso uma propaganda mentirosa.

Primeiramente, a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra trouxe uma alternativa de sustento às famílias desalojadas e desempregadas. Homens, mulheres e até crianças podiam ser inseridas no desagradável ambiente de trabalho das fábricas recém-montadas. O venerado socialista Friedrich Engels escreveu[12] que o trabalho nessas fábricas[13] era alienante e as cidades eram imundas demais, nada parecido com a agradável e tradicional vida no campo de antanho. Por esse ponto de vista, não se pode dizer que trabalhar como os homens trabalhavam tenha sido uma conquista na qualidade de vida e uma melhora na perspectiva econômica feminina.

Ou seja, nem mesmo para os esquerdistas da época, a tão aclamada inserção no mercado de trabalho representava um salto de libertação. Seja como for, as mulheres foram inseridas no mundo do trabalho fabril por condições sociais e econômicas, não por uma reivindicação política. Decorridos alguns séculos, a Primeira Grande Guerra colocou novamente uma massa de mulheres para dentro do "mercado de trabalho".

> As feministas conseguiram fazer a maioria dos americanos acreditar que milhões de mulheres da década de 1950

12 *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, 1845.

13 Literatos do período também denunciavam a situação comovente. William Blake escreveu que o rosto dos trabalhadores transmitia sinais de dor e fraqueza. Charles Dickens duvidava que as cidades industriais tivessem um único atrativo.

perceberam na mesma hora que tinham o "direito" a uma vida fora do lar e, daí, expressaram esse desejo somente para encontrarem a discriminação em todos os cantos. O que realmente aconteceu foi que os avanços tecnológicos estavam produzindo tantas máquinas poupadoras de trabalho, como máquinas de lavar louça e secadoras, que as mulheres não tinham muito tempo para gastar com afazeres domésticos. Estavam, portanto, possibilitadas a dar atenção a outras coisas. Quando as mulheres perceberam que tinham mais tempo livre, tudo começou a mudar naturalmente. As mulheres começaram a ingressar na força de trabalho, e fizeram isso sem o feminismo [...] além disso, é um mito feminista a idéia de que a típica dona de casa dos anos 1950 era deprimida e/ou subserviente ao marido.[14]

Deste modo, trabalhar por trabalhar nunca se tratou de um direito ou conquista. A necessidade foi que inseriu as esposas e mulheres solteiras nos buracos profissionais[15] deixados pelos homens. No Brasil, também foi assim quando o processo de industrialização e urbanização[16] começou no século XX. O mesmo aconteceu no período entre guerras e no início da Segunda Guerra Mundial. As mulheres começaram a preencher as vagas que sobravam, porque os homens estavam nos campos de batalha. Em suma, "nenhum desses fatores — inventores americanos, a Grande Depressão, a Segunda Guerra Mundial e o Equal Pay Act — tem a ver com feminismo".[17] Portanto,

14 Phyllis Schlafly, 2015, p. 57.

15 Aquilo a que chamamos de "direito de trabalhar" é, na verdade, o direito de receber salário pelo trabalho e desfrutar das vantagens ou condições que possam estar relacionadas a um bom trabalho. As condições daqueles trabalhos, no entanto, não eram agradáveis e, aí sim, movimentos de trabalhadores começaram a buscar melhoria para essas condições — essas melhorias podem ser relacionadas a organizações políticas, diferentemente da necessidade de trabalhar, que é quase sempre uma obrigação econômica do pobre.

16 "A transição urbana elevou o percentual da população das cidades e reduziu em termos relativo e absoluto o tamanho da população rural. A transição demográfica aconteceu de forma sincrônica com o desenvolvimento, possibilitando a passagem de altas para baixas taxas de mortalidade e natalidade. A transição nutricional reduziu os índices de fome. A transição epidemiológica modificou as causas de óbito, reduzindo aquelas que mais afetavam as mulheres [...] viabilizou o surgimento de um bônus demográfico feminino que abriu novas fronteiras para as mulheres" (Blay, 2017, p. 16).

17 Phyllis Schlafly, 2015, p. 78.

dizer que as mulheres entraram para o mundo do trabalho graças ao feminismo é ser desonesto, elas começaram a trabalhar por causa de guerras, crises ou calamidades sociais.

Inauguração do Women's Movement *nos EUA (1848)*

Paralelamente à inserção das mulheres no mercado de trabalho estava a questão do sufrágio e as lutas por igualdade civil. A partir da década de 1830, levantaram-se vários movimentos reformistas e antiescravagistas que acenderam o interesse e a participação política de muitas mulheres na Europa e nas Américas. Na segunda metade do séc. XIX, encontram-se vastas referências da relação entre o movimento de mulheres e o movimento antiescravista. Em sua obra publicada em 1959, Eleanor Flexner[18] afirmava claramente que "foi com o movimento abolicionista que as mulheres aprenderam a organizar reuniões públicas e a criar campanhas de contestação. [...] Durante um quarto de século os movimentos abolicionistas e de emancipação da mulher nutriram-se e fortificaram-se mutuamente". Kate Millett, dez anos mais tarde, endossava que "foi a luta contra a escravatura que deu força inicial ao movimento para emancipação das mulheres".

No entanto, olhando com mais atenção para o referido período, vê-se que o interesse das mulheres pela causa abolicionista não era recíproco.[19] Duas famosas líderes feministas, Stanton e Mott, haviam sido impedidas de se manifestar em uma convenção de um evento abolicionista em 1840.[20] Outros casos demonstram essa relação unilateral entre abolicionistas e sufragistas. Lucy Stone (1818–1893), que geralmente discursava acerca dos direitos dos negros, era orientada pelas

18 Na obra *Century of Struggle*, sobre o problema da mulher nos Estados Unidos.

19 Em outros termos, os abolicionistas não tinham tanta simpatia pela causa feminista como aparentemente tinham as feministas pelo fim da escravidão. Aqui fica difícil dizermos se as mulheres se mobilizaram por entender as injustiças cometidas contra os escravos, ou se consideraram a causa abolicionista suficientemente convincente para ser manejada em prol do aumento da participação feminina na política. A causa parecia tão justa que ninguém teria coragem de barrar um defensor da mesma, o que não se concretizou na prática: muitas mulheres foram impedidas de se manifestar contra o regime escravista.

20 Abbie Graham, *Ladies in Revolt*. The Woman's Press, Nova York, 1934.

lideranças[21] abolicionistas a não se dedicar a defender os direitos das mulheres em grandes eventos ou diante de multidões. Diziam eles que a defesa dos direitos da mulher podia prejudicar a aceitabilidade do discurso abolicionista.

O evento de mulheres que marca o início do recorte temporal desta etapa — e que aconteceu em 19 e 20 de julho de 1848, em Seneca Falls, Nova York, nos Estados Unidos — é testemunha dessa falta de empatia. As organizadoras do evento, as abolicionistas Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott, tiveram que escolher uma igreja como local de seu primeiro encontro pelos direitos da mulher, posto que outros locais parecessem pouco receptivos. Até mesmo a feminista Kate Millett carimba a importância daquela igreja: "No sentido político do termo, foi lá [na Capela] que se fez a primeira reunião insurrecional da revolução". Nesse famoso encontro[22] de mulheres em 1848, foram recolhidas cerca de cem assinaturas.

> O "movimento feminista" de meados do século XIX, lançado na convenção dos direitos da mulher de Seneca Falls em 1848 e notoriamente articulado por Elizabeth Candy Stanton e Susan B. Anthony, exigia o direito de voto[23] e um leque de liberdades — educação, trabalho, direitos conjugais e patrimoniais, "maternidade voluntária", reformas na saúde e na vestimenta.[24]

Um convite à comunidade foi publicado em 14 de julho, no jornal da cidade, e informava a *Capela Wesleyan* como local do encontro.[25] Esse episódio lembra a importância do cristianismo

21 Kate Millett, 1974, p. 36.

22 Mais detalhes disponíveis no site History: history.com/this-day-in-history/seneca-falls-convention-begins.

23 Na realidade, as mulheres presentes na convenção decidiram não requerer o direito ao voto, a maioria dos presentes foi contrária a essa reivindicação e não a considerava relevante.

24 Faludi, 2001, p. 67.

25 "A Convention to discuss the social, civil, and religious condition and rights of women will be held in the Wesleyan Chapel, at Seneca Falls, N.Y., on Wednesday and Thursday, the 19th and 20th of July current; commencing at 10 o'clock A.M. During the first day the meeting will be exclusively for women, who are earnestly invited to attend. The public generally are invited to be present on the second day, when Lucretia Mott, of Philadelphia, and other ladies and gentlemen, will address the Convention" (Seneca County Courier, 14 de julho).

no que realmente pode ser considerado o reconhecimento de direitos. No princípio de seu discurso, as organizadoras leram o preâmbulo que apelava à criação divina, assim como a Declaração da Independência, que concedera igual dignidade a ambos os sexos:

> Consideramos estas verdades como evidentes: que todos os homens e mulheres são criados iguais; que são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis, que entre esses estão a vida, a liberdade e a busca pela felicidade (*The Declaration of Sentiments and Grievances*).

Como se vê, nos primeiros passos do movimento, desde o levante de Mary Wollstonecraft no final do séc. XVIII, as mulheres puderam contar com o apoio das comunidades religiosas, conscientes de que, apresentando sua causa como digna diante de Deus, a exibiriam digna também diante dos homens. Aquelas mulheres realmente pareciam membros comuns de uma igreja tradicional, pareciam buscar algo justo diante de Deus, elas mesmas evocavam essa autoridade. E se, hoje, os movimentos feministas se ouriçam em achincalhar o cristianismo, certamente não o faziam quando viam nele o único terreno possível para as suas queixas. Em 1890, o movimento de mulheres chegou a integrar oficialmente a Associação de Temperança das Mulheres Cristãs (WCTU).

No entanto, apesar de aparentemente inofensivo, esse movimento de mulheres — que começou em uma capela sob os olhos de um bispo cristão — logo descarrilharia mostrando a que veio. A ex-feminista Carolyn McCulley aponta que:

> Misturado àquelas reformas sociais necessárias estava um desafio para o cristianismo — o governo da Igreja, o ensinamento bíblico e o culto público [...] o desafio à Igreja que foi levantado nesse documento levou, por fim, à destruição de conceitos biblicamente definidos de Deus, pecado, diferenças de gênero, matrimônio e outros.[26]

Mesmo nos primeiros passos da primeira onda, as líderes do movimento começam a revelar seu caráter anticristão, aquele

26 McCulley, 2017, p. 54.

que é marca indelével do feminismo ao lado da própria revolução sexual — que não poderia ter chegado aonde chegou sem a Convenção de Seneca Falls. Aparentemente, o protestantismo americano caiu em uma cilada.[27] Naquele documento primeiro das mulheres feministas e supostamente cristãs, lê-se os questionamentos ao que a igreja tradicionalmente estabelecia:

> O homem permite à mulher, na igreja assim como na sociedade, apenas uma posição subordinada, afirmando autoridade apostólica para sua exclusão do ministério, e, com algumas exceções, de qualquer participação pública nas questões da igreja [...] a mulher permaneceu satisfeita nos limites circunscritos que costumes corrompidos e uma aplicação pervertida das Escrituras estabeleceram para ela, e que é hora para que ela se mova em direção à esfera abrangente.[28]

As co-autoras desse documento foram Elizabeth Cady Stanton e Susan Anthony, que foram também ativas na luta pelo voto feminino — apesar de ele ter sido renegado pelas próprias mulheres na primeira convenção. A trajetória de Elizabeth é particularmente interessante, pois ajuda a compreender como o engajamento naquela pauta política transformou-a em uma inimiga da família. Embora tivesse um marido e sete filhos, ela tinha uma opinião tão negativa sobre o casamento quanto viria a ter a feminista Betty Friedan durante a Segunda Onda. Stanton escreveu que era "vão buscar a elevação da mulher enquanto ela é rebaixada no matrimônio".[29]

É por declarações como essas que não se pode dizer que a primeira onda foi um movimento cristão, embora tenha surgido por conivência e descuido de muitos bispos e igrejas protestantes que recebiam mulheres como Stanton. Ademais, também é preciso reparar que as primeiras insinuações e apologias ao

27 A escritora Carolyn compreendeu perfeitamente o que falta a muitas conservadoras que insistem em dividir o movimento feminista em boas e más propostas. O que define o movimento feminista é seu alvo, seu objetivo declarado, e não os métodos que aparentemente tocam em justas reivindicações. Seu alvo sempre foi anticristão.

28 Material de apoio no website da PBS para o documentário de Ken Burns sobre Elizabeth Stanton e Susan Anthony: *Not for Ourselves Alone* citado em Mcculley, 2017, p. 51.

29 Yalom, *A History of the Wife*. Nova York: Perennial Publishing, 2002, p. 190, citado em McCulley, 2017, p. 53.

sacerdócio feminino dentro das igrejas começaram justamente com essa mulher que, sem sombra de dúvidas, era antipática aos dogmas cristãos. Essa insistência feminista em renegar o cristianismo e o casamento culpando-os pelas frustrações pessoais de cada militante é marca do movimento desde sua origem. Sob esse ponto de vista, pode-se dizer que a própria vida de Elizabeth é uma analogia da trajetória feminista:

> Começou com a reforma do casamento e do sufrágio e então migrou para a religião. Stanton desenvolveu suas crenças ateístas enquanto ainda jovem [...] ela escreveu: Assim, depois de muitos meses de peregrinação no esgotante labirinto intelectual de "A Queda do Homem", "Pecado Original", "Depravação Total", "Ira de Deus", "Triunfo de Satanás", "A Crucificação", "A Expiação" e "Salvação pela Fé", eu encontrei a saída da escuridão para a luz da verdade. Minhas superstições religiosas deram lugar a idéias racionais baseadas em fatos científicos, e, proporcionalmente, à medida que olhava para todas as coisas de um novo ponto de vista, tornei-me mais e mais feliz, dia após dia [...] vejo como um dos piores crimes obscurecer a mente dos jovens com essas superstições tenebrosas; e, com temores do desconhecido e daquilo que não pode ser conhecido.[30]

Stanton chegou a escrever uma espécie de Bíblia Feminista publicada em 1898 sob o título de *The Women's Bible*. Nela, classificava o casamento como condição análoga à escravidão e a maternidade como "sofrimento e angústia". Por tudo isso, Carolyn McCulley[31] esclarece que, apesar das reformas e do sufrágio, "os escritos de Stanton revelam que o contínuo alvo [do movimento feminista] era a autoridade da Escritura. Isso ainda é verdade hoje". Após a publicação, até mesmo a associação sufragista NAWSA se distancia das idéias de Stanton por serem radicais demais ao ponto de comprometer a campanha de sufrágio.

Enquanto tudo isso se passava na América, a Inglaterra estava despertando para as mesmas questões com relativo atraso. A célebre obra do inglês Stuart Mill (1806–1873), *A sujeição das mulheres*, só foi publicada quando os Estados Unidos já

30 Stanton, *Eighty Years and More*. Humanity Books, 2002, p. 43.

31 McCulley, 2017, p. 58.

tinham concedido o direito feminino ao voto em um de seus estados, Wyoming. O alemão Friedrich Engels (1820–1895) só apresentou ao mundo o seu livro *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* em 1884. À parte essas dissonâncias temporais, tanto o movimento americano quanto o inglês atuavam em duas alas: uma constitucional, outra militante. É a respeito da parte militante do movimento de mulheres que sempre ouvimos falar sobre piquetes, manifestações e greves.

Direito ao voto

Quando se fala acerca da Primeira Onda feminista é impossível não lembrar das sufragistas. A memória das militantes ganhou, em 2015, uma versão cinematográfica romanceada e dirigida por Sarah Gavron com o filme *As sufragistas*. De fato, a maioria das pesquisadoras do assunto apontam para os acontecimentos de meados do séc. XIX como fundadores do feminismo, começando pela Convenção de Mulheres de 1848.

> Os historiadores geralmente apontam essa convenção do século XIX como a semente para o movimento feminista. Ela é considerada o ponto de partida da primeira onda do feminismo, também conhecida como movimento sufragista ou campanha para obter o direito ao voto das mulheres.[32]

Dois são os principais tópicos que as feministas procuram ocultar acerca do período: primeiro, que existia um enorme movimento de mulheres contra o sufrágio e, segundo, que o direito ao voto foi mais uma concessão que uma conquista — e uma concessão que só pôde acontecer porque o voto feminino se tornara um assunto irrelevante para a política.

Não apenas o engajamento feminino na causa do voto era menor do que se diz, como também havia organizações de mulheres contra a aprovação do sufrágio universal em diversos países. Dizer que "as mulheres" estavam preocupadas e angustiadas na luta pela aprovação do voto feminino é um exagero. Na National Portrait Gallery, da instituição The Smithsonian, lê-se uma breve apresentação da Convenção de Seneca Falls que

32 *Ibid.*, p. 48.

não deixa dúvidas sobre o pequeno engajamento das mulheres pelo sufrágio:

> Nenhuma mulher se sentiu capaz de presidir [a Convenção de Mulheres]; a tarefa foi aceita pelo esposo de Lucretia, James Mott. Todas as resoluções foram aprovadas unanimemente, *exceto o sufrágio feminino, uma idéia estranha* e dificilmente um conceito que atraísse a audiência composta predominantemente por *quakers* [...] cem mulheres e homens assinaram a Declaração de Seneca Falls — embora a crítica posterior tenha levado alguns a remover seus nomes [grifo meu].

Esse cenário de escassa participação feminina dentro do próprio movimento de mulheres só viria a mudar discretamente na América do Norte no início dos anos 1980. Para ter uma idéia dessa estagnação política vale atentar para o seguinte: o primeiro estado a conceder o sufrágio às mulheres o fez em 1869, e o segundo realizou a mesma concessão apenas em 1893. Na segunda metade da década de 1890 as mulheres já puderam desfrutar de algum avanço: quatro estados americanos com aprovação para o voto feminino.

Em 2007, Julia Bush publicou um livro sobre o anti-sufragismo na Inglaterra, com uma pesquisa que, finalmente, não ridicularizava as expoentes do movimento. De sua pesquisa, subentende-se que três grupos de mulheres atuavam na luta contra o voto feminino: senhoras imperialistas, escritoras e reformadoras maternais. Elas defendiam principalmente que as mulheres trabalhassem[33] e ajudassem com filantropia e voluntarismo, mas que não assumissem cargos de poder público e liderança. Mary Ward, Louise Creighton, Ethel Harrison, Elizabeth Wordsworth e Lucy Soulsby foram as principais líderes do movimento. As mulheres anti-sufragistas compunham uma liga com mais de 42 mil membros e eram tão numerosas quanto as mulheres favoráveis ao voto, chegando a ser maioria em algumas localidades.

33 "[...] A maioria das principais mulheres extraiu seu entusiasmo de convicções profundamente arraigadas sobre a feminilidade, a nação e o império". Matéria "Women against the Vote: Female Anti-Suffragism in Britain", publicada em 24 de janeiro de 2008.

governante sem ter a obrigação de apoiar seu governo dando a vida pela pátria ou entrando em guerras que ele viesse a começar. O escritor católico G.K. Chesterton escreveu um subcapítulo intitulado *A sufragista amilitar*, em referência a essa discrepância de direitos. Para ele, as mulheres queriam um direito pelo qual não estavam dispostas a lutar e morrer e, depois de conquistá-lo, continuariam indispostas a dar a vida pela pátria ou pelo primeiro ministro que elegessem. Como inglês que era, Chesterton sabia, por exemplo, que os homens americanos conquistaram o direito ao voto em uma guerra sanguinária de quase uma década de duração. Tanto pior foi na Inglaterra desde os tempos de Oliver Cromwell.

> Devo dizer que a objeção às sufragistas não se deve a serem sufragistas militantes. Ao contrário, deve-se a não serem militantes o suficiente. Uma revolução é algo militar: ela tem todas as virtudes militares, dentre as quais a virtude de chegar ao fim. Dois grupos combatem com armas mortais, mas, sob certas regras de honradez arbitrárias, o grupo que vence se apossa do governo e começa a governar. O objetivo da guerra civil, assim como o objetivo de todas as guerras, é a paz. Ora, as sufragistas não podem empreender uma guerra civil nesse sentido militaresco e decisivo. Em primeiro lugar, porque são mulheres; em segundo, porque são pouquíssimas [...] é precisamente essa qualidade não militar das sufragistas o que gera seu problema superficial [...] não podem se dar ao luxo de um exame. A guerra é algo pavoroso, mas comprova com agudeza e de maneira irrefutável duas coisas: os números e um valor não natural. Nela descobrem-se duas questões urgentes: quantos rebeldes estão vivos e quantos estão dispostos a morrer.[39]

É possível que muitas mulheres tenham se dado conta disso, ou por algum outro fator tenham se colocado contra o sufrágio universal. Existiam até mesmo feministas contrárias à aprovação do sufrágio universal. É o caso de Emma Goldman (1869–1940), uma anarquista famosa que considerava que os sistemas políticos estabelecidos eram tão opressivos que as mulheres deveriam concentrar suas energias em encontrar a verdadeira libertação da opressão do governo. Mesmo nos países

39 G.K. Chesterton, *O que há de errado com o mundo*, 2013, pp. 99–100.

mais atrasados na questão do sufrágio, as mulheres pareciam desinteressadas. Esther Vilar, escritora feminista, chamou atenção para isto:

> Na Suíça, um dos países mais desenvolvidos do mundo, as mulheres ainda não possuem um direito de voto geral. Há pouco tempo e em determinado cantão suíço pediram às mulheres para votar sobre a introdução do direito de voto feminino — a maioria decidiu-se contra. Os homens suíços ficaram atônitos, pois julgavam que essa situação indigna era o resultado da sua tutela centenária.[40]

Outro importante fato histórico que as feministas não fazem questão de ressaltar se refere à participação afirmativa do Partido Republicano na apresentação de suas queixas. Por exemplo: o senador republicano pelo estado da Califórnia, Aaron Augustus Sargent, foi quem sugeriu a alteração acerca do voto feminino em 1878[41] e novamente em 1920.

No Brasil, também foram os republicanos, politicamente à direita, que propuseram e instauraram o voto feminino. O cristão e conservador César Zama foi quem encabeçou o movimento. Ele era médico e intelectual, branco, burguês, heterossexual e componente destacado da elite baiana. Em setembro de 1890, enquanto a primeira Constituição Republicana era elaborada, ele defendeu que as mulheres pudessem participar efetivamente da vida política do país através do direito ao voto. Duas décadas antes, surgira o Manifesto Republicano, apoiado por conservadores e liberais que seriam aliados dos militares e da Igreja Católica até a Proclamação da República. Em uma de suas declarações públicas, o Partido Republicano afirmou ser formado pelo que havia de mais acentuadamente *conservador* na opinião pública.

A Constituição Brasileira do final do séc. XIX não vetava expressamente o voto feminino, apenas não o mencionava. Quando, no entanto, a primeira mulher decidiu votar por iniciativa própria, foi impedida. Chegou a montar um partido paralelo ao

40 Esther Vilar, *O homem domado*, p. 16.

41 Previsivelmente, o requerimento de Aaron Sargent não foi acatado pelos congressistas daquele estado, o que não lhe toma o mérito da tentativa.

Nos Estados Unidos, mesmo antes da aprovação do voto feminino, o movimento de mulheres já se havia dividido entre NSWA[34] e ASWA.[35] As protagonistas dos movimentos se queixavam com freqüência da baixa adesão das mulheres ao projeto emancipatório, o que ressalta ainda mais a importância do engajamento de homens como o Senador Sargent, que propôs o voto feminino. Susan B. Anthony e Ida H. Harper descreviam esse período: "Na indiferença, na inércia e na apatia das mulheres encontra-se o maior obstáculo para a sua emancipação".

Surge, nos Estados Unidos, como já existia na Inglaterra, o Partido Anti-Sufragista, atuante desde 1871. Algumas mulheres que tinham medos aparentemente toscos em relação à implantação do sufrágio universal, começaram a espalhar caricaturas e estereótipos sobre as conhecidas "solteironas sufragistas". Algumas brincadeiras[36] tinham o tom de que só estava preocupada com o direito ao voto aquela que não tinha conseguido um encontro ou um parceiro para o baile.

> Em seu livro *A Dangerous Class*, Betty Stevens conta a história de vendedores de cerveja que temiam que as mulheres votassem pela proibição do álcool. Eles foram e avisaram os maridos das sufragistas para que tirassem suas esposas da campanha antes que os maridos perdessem seus empregos.[37]

Mas a maioria das mulheres não chegava a esse ponto, eram mulheres que realmente não se interessavam por política e achavam

34 National Woman Suffrage Association: um grupo pretensamente estadual, mas que chegava a ter influência e participação no âmbito nacional. Stanton e Susan B. Anthony eram nomes de destaque.

35 American Woman Suffrage Association: um grupo de alcance apenas regional, embora com mais membros e recursos mais abundantes.

36 Outra mulher de Massachusetts, escrevendo em 1916, expressou preocupação em relação aos efeitos do movimento sufragista no caráter das mulheres: "Certamente que não está a torná-las mais amáveis e nem agradáveis nas suas vidas. Elas ficam amargas, agressivas, e até antagônicas, gostando da excitação das campanhas e considerando os seus deveres naturais 'chatos, imóveis e inúteis'". Cf.: http://mentalfloss.com/article/26234/war-suffrage.

37 Outras anti-sufragistas, que eram pró-temperança, publicaram materiais tentando provar que os estados com mulheres eleitoras vendiam mais canecas de cerveja. "Os dois únicos estados da União que adotaram o sufrágio feminino no ano passado são conhecidos como os Estados mais beberrões do país, Montana e Nevada", afirmou um panfleto de 1915 da Women's Anti-Suffrage Association.

nocivo às senhoras que perdessem tempo com isso. Em 1911, é fundada a Associação Nacional de Opositores ao Voto da Mulher (NAOWS) liderada por Mr. Arthur Dodge. Mesmo assim, as sufragistas obtiveram a vitória (por uma pequena margem) no estado da Califórnia. Em 1912, Grace Duffield Goodwin (1869-?) publicou *Anti-sufrágio: dez boas razões*, onde aponta que as mulheres estão isentas de responsabilidades políticas e legais, como servir no exército ou sentar-se em júris. Muitas responsabilidades pesadas, como "prover para a família", pagar dívidas e ir para a cadeia por crimes menores, são poupadas do sexo feminino. Se uma esposa "se envolve em negócios ilegais, a lei responsabiliza [o marido], e não ela". Por que as mulheres querem desistir desse tipo de proteção legal para ter direitos iguais de voto?

Diante de tantos privilégios, a insistência com o voto parecia um fetiche. É importante ressaltar que, realmente, em todo o Ocidente, o direito à cidadania plena através do voto estava interligado ao dever de servir ao Estado estando à disposição do exército. Os homens sempre estiveram facilmente adaptados à idéia de servir ao país durante as guerras, mas não se pode dizer o mesmo das mulheres. O portal da Suprema Corte nos Estados Unidos registra com clareza:

> O serviço militar obrigatório não é abjeto a um governo livre nem está em conflito com as garantias constitucionais da liberdade individual. Na verdade, não se pode duvidar de que a própria concepção de um governo justo e seu dever para com o cidadão *inclui o dever do cidadão de prestar serviço militar em caso de necessidade*, e o direito do governo de obrigá-lo. O poder do Congresso de obrigar o serviço militar como no Projeto de Lei Seletiva, claramente sustentado pela Constituição original [...] ampliou o escopo nacional do governo fazendo com que a cidadania americana se tornasse dominante e soberana, em vez de subordinada e derivada.[38]

Ao receberem o direito ao voto sem a obrigação de alistamento, as mulheres não conquistaram direitos iguais, mas sim "direitos desiguais", o que também podemos chamar de "privilégio". Elas passaram a ter a oportunidade de escolher um

38 Portal da Suprema Corte dos Estado Unidos. Disponível em: https://supreme.justia.com/cases/federal/us/245/366/case.html.

Republicano, mas não conseguiu a consecução do seu objetivo. Verdadeiramente, o primeiro título de eleitora do Brasil e da América Latina foi o de Celina Guimarães (1898–1972).[42] Ela ficou famosa, começou a receber homenagens e ser ovacionada pela coragem e iniciativa. Obteve o primeiro título de eleitor feminino, na cidade de Mossoró, com base numa legislação estadual criada pelo então governador do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine. Depois de muita propaganda e inúmeras tentativas de relacionar a conquista de Celina com as passeatas das sufragistas feministas, ela resolveu ser sincera e explicar como conseguira o grande feito de 25 de novembro de 1927:

> Eu não fiz nada! Tudo foi obra de meu marido, que empolgou-se na campanha de participação da mulher na política brasileira e, para ser coerente, começou com a dele, levando meu nome de roldão. Jamais pude pensar que, assinando aquela inscrição eleitoral, o meu nome entraria para a história. E aí estão os livros e os jornais exaltando a minha atitude. O livro de João Batista Cascudo Rodrigues — *A mulher brasileira: direitos políticos e civis* — colocou-me nas alturas. Até o cartório de Mossoró, onde me alistei, botou uma placa rememorando o acontecimento. Sou grata a tudo isso que devo exclusivamente ao meu saudoso marido.[43]

Mesmo depois da declaração de Celina, feministas continuam escrevendo que ela fez tudo isso por ser professora esclarecida e tratam o marido como "suposta influência". Com resistência, alguns textos feministas timidamente reconhecem que Celina jamais participou de nenhum movimento sufragista, não há registros de sua atuação em grupos que lutavam por direitos civis para as mulheres. Provavelmente, seu depoimento é sincero: "Tudo foi obra do meu marido [...] tudo isso que devo exclusivamente ao meu saudoso marido".

42 "O documento original despachado pelo juiz Israel Ferreira Nunes, escrito em bico de pena em papel almaço, com o nome de Celina, encontra-se no Museu Histórico Lauro da Escóssia, em avançado estado de desgaste. Esse é o documento que comprova o pioneirismo de Mossoró em relação ao voto das mulheres. No Museu, encontram-se, ainda, uma exposição de fotos". Semira Adler Vainsencher e Celina Guimarães Viana, *Pesquisa Escolar Online*, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/.

43 *Ibid.*

> O despacho de Celina recebeu rápida aprovação, por parte do juiz, contribuindo para isso o fato de ela ser casada e respeitada, isto é, de ser esposa de um advogado e professor. Só por essa razão, ela se tornou a primeira eleitora, não apenas do Rio Grande do Norte e do Brasil, mas de toda a América Latina.[44]

A líder feminista brasileira na luta pelo sufrágio era a bióloga Bertha Lutz (1894–1976) que só conheceu Celina depois que o título de eleitor lhe foi conferido. Uma esposa guiada pelo marido conseguiu com facilidade o que um movimento de agitação feminista tentava há anos obter. Desde 1891, quando Lopes Trovão, signatário do Manifesto Republicano, defendeu a oficialidade do voto feminino, até o título de eleitor de Celina Guimarães, as investidas mais bem-sucedidas da causa estiveram ligadas aos movimentos direitistas. Como escreveu Simone de Beauvoir,[45] as manifestações feministas nunca passaram de agitação simbólica, "só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder, elas nada tomaram; elas receberam". Chesterton já desconfiava da firmeza de propósito das sufragistas; em 1910, quando publicou *O que há de errado com o mundo*, ele escreveu:

> Limitemo-nos a dizer que essas mulheres particulares querem um voto e perguntemos-lhes o que é um voto. Se perguntarmos a essas senhoras o que é um voto, obteremos uma resposta bastante vaga. A rigor, essa é a única pergunta para a qual elas não estão preparadas. Pois a verdade é que agem essencialmente por precedentes, guiadas pelo mero fato de que os homens já têm o voto. Esse movimento está longe de ser rebelde.[46]

Depois das conquistas pelo voto estarem consolidadas, historiadores e teóricos feministas concordaram que o movimento de mulheres arrefeceu ainda mais. Para a escritora de *Política sexual*, Kate Millett, o movimento despojou tanto esforço nas

44 *Ibid.*

45 "A ação das mulheres [por direitos legítimos] nunca passou de uma agitação simbólica, só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder, elas nada tomaram; elas receberam [...] recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança pode conferir-lhes", em *O segundo sexo*.

46 G.K. Chesterton, *O que há de errado com o mundo*, 2013, p. 129.

décadas de luta pelo sufrágio, que acabou minguando e fracassou naquilo que deveria ter sido seu objetivo central: abalar o patriarcado. Isso desfaz uma falsa impressão que se tem alimentado na mídia, a impressão de que o objetivo das militantes era a igualdade de direitos civis. A escritora e feminista faz questão de ressaltar que a chamada Primeira Onda falhou justamente por ter buscado *apenas* direitos civis, pois eles não são nem de longe tão importantes quanto a luta pelo fim do patriarcado e instalação da revolução sexual.

Stuart Mill e Harriet Taylor: argumento da igualdade

John Stuart Mill (1806–1873) foi filósofo, escritor e parlamentar britânico. Como liberal, apresentou a primeira petição em favor do voto feminino no Parlamento Inglês em 1867,[47] sem sucesso. Ele e a esposa[48] fundaram as bases da teoria política do movimento sufragista, embora seu livro mais famoso tenha sido publicado duas décadas depois da primeira convenção de mulheres americanas em Seneca Falls. Marido e mulher tinham uma parceria intelectual afinadíssima e discordavam apenas quanto a inserção da mulher no mercado de trabalho. Para Mill, a subordinação oficial de um sexo ao outro era um impedimento ao progresso e ao desenvolvimento humano.[49] Aliás, todas as tiranias e servidões eram más a seus olhos e deixa claro que não apenas as mulheres estavam na condição de subserviência, mas, pior do que isso, "todos os indivíduos vivem sob os olhos e quase nas mãos de algum senhor".[50]

O interessante, no entanto, é que, quando escreveu essas palavras, Mill não era súdito de nenhum senhor. Ele e todos os ingleses eram súditos de Alexandrina Vitória, *mulher* nascida em Londres, coroada no Reino Unido e Imperatriz da Índia.

47 Em 1865 é eleito membro do Parlamento da Inglaterra pelo distrito de Westminster e, no mesmo, é nomeado reitor da Universidade de Saint Andrew.

48 Casam-se em 1851. Ela, Harriet Taylor, é viúva de John Taylor. Em 1858, com o falecimento da esposa, Mill se retira da East India Company, onde trabalhou desde 1823, tendo se tornado sucessor de seu pai.

49 John Stuart Mill, 2006, p. 15.

50 *Ibid.*, p. 27.

Uma mulher submetia todos os homens da Inglaterra e "para os homens ingleses isso não parece ser de modo algum incomum porque eles estão acostumados com este fato".[51] Mill ainda escreve sobre como as mulheres geralmente foram grandes governantes, excelentes líderes e rainhas sábias. E, na verdade, nenhum homem inglês podia requerer os mesmos direitos de que desfrutava a Rainha Vitória. Ele escrevia sobre como as mulheres sofriam um estado de escravidão, enquanto, na realidade, todos os ingleses serviam a uma mesma mulher.

Stuart considerava que a igualdade de liberdade entre os cônjuges dentro do casamento era "a combinação mais proveitosa para a felicidade e bem-estar de ambos",[52] mas não tinha as mesmas expectativas positivas sobre a igualdade dos esposos em relação ao mercado de trabalho. Embora defendesse que as mulheres eram capazes de desenvolver a maioria dos trabalhos intelectuais que os homens, ele considerava que a contribuição econômica da mulher para a renda da família não era desejável. Segundo ele, isso podia desajustar o mercado. E ele estava certo sobre isso, apesar de sua mulher nunca ter se dobrado a esse argumento.

O editor Michael Noer publicou um artigo sobre como o trabalho feminino fora de casa não é a melhor organização para um clima familiar bem ajustado. A verdade é que há trabalho a ser feito dentro e fora de casa. Se os dois cônjuges estão fora de casa, isso não anula a demanda de trabalho que precisa ser atendida dentro. Essa demanda aumenta ainda mais quando o casal tem filhos. É comum dizermos que algumas mulheres trabalham e outras são donas-de-casa, mas ser dona-de-casa também é trabalhar. Ser dona-de-casa é cumprir todo o serviço do universo privado, deixando todo o serviço do universo público ou de fora do lar para a outra parte: "Tradicionalmente, os homens tendem a fazer mercado ou trabalho remunerado fora de casa, e as mulheres tendem a fazer não-mercado ou trabalho doméstico, incluindo a criação de filhos".[53]

51 *Ibid.*, 2006, p. 29.

52 *Ibid.*, 2006. p. 19.

53 Michael Noer, "Don't marry career women", em *Forbes*, 22 de agosto de 2006.

Quando os dois cônjuges são carreiristas — muito ocupados com seu sucesso profissional —, começam a preocupar-se cada vez mais com sua vida fora de casa e tendem a deixar de ver a relação entre si como prioridade. Se nenhum dos dois está empenhado em fazer do casamento uma prioridade, é de se esperar que logo se cansem da dupla jornada e comecem a ver o casamento como apenas um gerador de problemas e responsabilidades. Quando a vida dos dois cônjuges parece estar sendo dificultada ou limitada pelo enlace matrimonial, o divórcio se torna uma idéia atraente.

> Em 2004, John H. Johnson examinou os dados da Pesquisa de Renda e Participação no Programa e concluiu que o gênero tem uma influência significativa na relação entre as horas de trabalho e o aumento na probabilidade de divórcio. As horas de trabalho das mulheres aumentam consistentemente o divórcio, enquanto os aumentos nas horas de trabalho dos homens geralmente não têm efeito estatístico. "Eu também acho que a incidência no divórcio é muito maior em casais onde ambos os cônjuges estão trabalhando do que em casais onde apenas um cônjuge está empregado", diz Johnson.[54]

Mill não teve acesso a essas pesquisas, até porque, em sua época, quase nenhuma mulher tinha uma carreira. Mas ele previu um desequilíbrio no mercado e as pesquisas de hoje em dia confirmam um desequilíbrio dentro do casamento também. Não se pode dizer que Mill acertou ao imaginar que os casais mais livres seriam mais felizes; o que se vê é que se divorciam mais e o divórcio, definitivamente, não é sinônimo de felicidade. É fato que, no geral, o discurso de Mill parece afinado com o discurso feminista atual, mas ao atentar para os detalhes, percebem-se diferenças irreconciliáveis. Mill era um verdadeiro liberal, jamais aceitaria as ações afirmativas que o movimento feminista insiste em aprovar nos parlamentos e não incentivaria o sistema de cotas sob a mentirosa justificativa de igualdade. Ele defendia a liberdade, jamais os privilégios que as feministas pretendem consagrar.

54 *Ibid.*

> Se os indivíduos, com a ajuda de opiniões daqueles que os conhecem, não julgarem suas capacidades e vocações melhor do que a lei e o governo, o mundo pode abandonar este princípio e voltar ao velho sistema de regulamento. Se o princípio [de que os incompetentes desistem por si mesmos] for verdadeiro, devemos agir como se acreditássemos nele, não para estabelecer que o fato de nascer menina ao invés de menino, ou negro ao invés de branco, ou cidadão comum ao invés de nobre, vá decidir a posição da pessoa por toda a vida ou impedir as pessoas de ocupar todas as posições sociais mais elevadas.[55]

Kollontai e o feminismo socialista

> *Se o que há de lixo moral e mental em todos os cérebros pudesse ser varrido e reunido, e com ele se formar uma figura gigantesca, tal seria a figura do comunismo, inimigo supremo da liberdade e da humanidade, como o é tudo quanto dorme nos baixos instintos que se escondem em cada um de nós.*
>
> — Fernando Pessoa[56]

Se, por um lado, Mill aparecia com um discurso mais liberal, por outro, as abordagens em tons marxistas e socialistas começavam a ganhar força. Personalidades como Friedrich Engels que publicou *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* em 1884 e Flora Tristán que, quarenta anos antes, publicara *União operária* no Brasil, sinalizavam uma nova cara para o movimento. Maria Lacerda de Moura também seria destaque, em nosso país, com mais de uma dezena de livros publicados no início do séc. XX. A professora marxista Clara Zetkin organizou a I Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, na Alemanha, de onde logo viria a comemoração do primeiro Dia Internacional da Mulher. Em comum, uma guinada brusca à esquerda por trás de todo discurso voltado aos direitos das mulheres. Mas, afinal, em que consistia o feminismo socialista?

55 Mill, 2006, p. 36.

56 *Textos filosóficos, vol. I* (estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho). Lisboa: Ática, 1968 (imp. 1993), p. 141. Disponível em http://arquivopessoa.net/textos/1706.

Marx havia concluído que a propriedade privada era o grande mal que impedia a implantação de uma sociedade igualitária e esperava o desaparecimento sumário de todas as superestruturas. Engels escreveu que a conclusão correta era de que a causa da desigualdade social era a família. Ele também elaborou, usando manuscritos de Marx, uma teoria sobre o aparecimento da família:

> Resumidamente, afirma que os homens primitivos viviam em hordas nas quais havia total liberdade sexual e, portanto, predominava um modelo tendencialmente matriarcal, já que se ignoraria a própria procedência paterna. Num determinado momento, os machos, pela força física, exigiram fidelidade das fêmeas, tornando-as sua propriedade privada, juntamente com os filhos. A partir de então, construiu-se o conceito de patrimônio (ligado ao *pater*), do qual decorreu o de matrimônio (no qual *mater* é a propriedade do marido). [...] Para Marx e Engels, a família é uma instituição endemicamente perversa, que precisa ser pulverizada, para que haja a revolução. Notem que Marx percebeu que seu ideal de igualdade era naturalmente inviável, e a família era a demonstração disso.[57]

Em 1885, Engels se pronunciou dando os sinais da consumação do casamento entre a ideologia marxista e o movimento feminista. Acerca da importância do crescimento do Estado para a meta feminista de equiparação entre homens e mulheres, ele disse:

> Estou convencido de que a verdadeira igualdade de direitos entre as mulheres e os homens só poderá tornar-se realidade quando [...] os afazeres domésticos, que hoje são realizados individualmente, convertam-se em um ramo da produção social.

Trinta e cinco anos depois, uma bolchevique escreveu às mulheres da grande Rússia com a mesma promessa. Alexandra Kollontai (1872–1952) participou diretamente da Revolução Russa em 1917 e era próxima do líder da revolução, Lênin.

57 José Eduardo de Oliveira e Silva, *Perspectiva histórica das questões de gênero*. em Martins Neto, 2017. p. 27.

Em seu livro *A família e o comunismo*, ela demonstrou estar convencida de que as mulheres só estariam realmente livres dos maridos quando passassem a depender inteiramente do Estado. Na verdade, ela propunha que as russas trocassem uma dependência por outra, pois o Estado era muito mais justo e interessado na felicidade das mulheres do que seus maridos e companheiros. Literalmente, ela afirmava que as mulheres "devem acostumar-se a buscar e encontrar sustento em outro lugar, não na pessoa do homem, mas sim na pessoa do Estado".[58]

Tornava-se pública a união ideológica mais nociva do séc. XX: feminismo e marxismo. Em 2008, Kathleen Parker publicou seu premiado livro, *Save the Males*, onde apontava que o movimento feminista havia encontrado uma causa em comum com os comunistas: "Acabar com a família não foi incidental, e sim fundamental para essa ideologia".[59] Como toda ideologia, no entanto, apresentou-se como falsa solução para um problema verdadeiro.

Imediatamente após o início do ingresso feminino no mercado de trabalho, as mulheres foram colocadas sob uma dupla opressão: por um lado, oprimidas como operárias, e por outro, como donas de casa. Acumulando funções, suas vidas se tornavam ainda piores do que antes da mudança. Kollontai denunciava que "trinta milhões de mulheres suportam a dupla jornada".[60]

> Ano a ano, dia a dia, foi crescendo o número de mulheres pertencentes à classe trabalhadora que abandonavam suas casas para engrossar as fileiras das fábricas, trabalhando como operárias, ajudantes gerais, oficinistas, lavadeiras ou empregadas. Segundo cálculos de antes da Grande Guerra, nos países da Europa e América, chegava a sessenta milhões o número de mulheres que ganhavam a vida com seu trabalho. A imensa maioria dessas mulheres estavam casadas, fácil é imaginarmos a vida familiar que podiam desfrutar. Que vida

58 Kollontai, 2013. p. 18.

59 Kathleen Parker, *Save de Males: why men matter why women should care*. Nova York: Random House, 2008, p. 196.

60 Kollontai, 2013, p. 23.

familiar pode existir onde a esposa e mãe está fora de casa durante oito horas diárias, dez, melhor dizendo?[61]

Essa questão é fundamental, pois é exatamente isso o que acontece com a maioria das mulheres trabalhadoras em tempo integral ainda nos dias de hoje. Duas são as principais causas: primeiramente, mulheres divorciadas e mães solteiras não têm com quem dividir tarefas e tornam-se imediatamente responsáveis pelo cuidado e sustento da casa e, em segundo lugar, nenhuma tarefa essencialmente feminina pode ser delegada a outrem. Apenas as mulheres podem engravidar, gestar, parir e amamentar. Ademais, centenas de outros cuidados com os filhos que decorrem daí são — na maioria esmagadora das vezes — eleitos como prioridades pelas mães. O que nos habituamos a chamar de "instinto maternal" continua clamando dentro da mulher moderna.

O principal argumento de historiadores como Martin van Creveld é exatamente este: que as mulheres, tendo ocupações especificamente suas e indiscutivelmente mais leves em casa, foram "poupadas" do trabalho fora de casa e não "privadas" dele. Considerava-se como um *privilégio* não ter necessariamente que trabalhar longe da família quando esse trabalho era ainda sinônimo de sofrimento e sacrifício. As feministas atuais costumam fazer troça desse argumento, mas Alexandra Kollontai não podia negar que a vida da mulher operária era muito mais sem sentido do que a vida das antigas mães e esposas donas de casa. Além disso, a feminista e socialista Kollontai deixa claro que a inserção feminina no mundo do trabalho foi muito mais uma "obrigação"[62] e "necessidade" do que uma livre escolha ou desfrute de um direito. Ela escreveu:

> No tipo de família que estamos acostumados, o marido é quem ganha o sustento, que mantém a mulher e os filhos. A mulher, por sua parte, se ocupa dos afazeres domésticos e de criar os filhos. Porém, desde há um século, esta forma corrente de família experimentou uma destruição progressiva em todos os países do mundo, nos que o capitalismo domina [...]. O que mais contribuiu para que se modificassem os costumes

61 *Ibid.*, pp. 23-24.
62 *Ibid.*, p. 23.

> familiares de uma maneira radical foi, indiscutivelmente, a enorme expansão que o trabalho assalariado da mulher adquiriu. Anteriormente, o homem era a única possibilidade de sustento da família. Porém, desde os últimos cinqüenta ou sessenta anos, temos visto na Rússia (e antes dela, em outros países) que o regime capitalista *obriga* as mulheres a buscar o trabalho remunerado fora da família, fora de casa [grifo meu].

As conservadoras Venker e Schlafly publicaram, recentemente, um livro no qual apontam alguns dramas das mulheres modernas que já foram enganadas pelo discurso feminista e acreditam que uma mulher deve indiscutivelmente ter uma carreira:

> Você aprende com a mídia que muitas mães de nosso tempo "trabalham" e não têm escolha. Pior ainda, nos disseram que as mães devem ter jornada dupla [...] que essas mulheres estão sobrecarregadas é óbvio. Quando as mães trabalham o dia todo fora de casa, elas não têm tempo para desempenhar incontáveis tarefas usuais feitas pelas donas de casa, como: cuidar de bebês e crianças pequenas, planejar, comprar e preparar três refeições saudáveis por dia, lavar roupa, lidar com a organização da casa, resolver problemas, participar de festividades escolares, levar os filhos para fazer diversas atividades, levar as crianças às consultas médicas, cuidar de pais idosos e organizar a vida social do casal. Todas essas coisas são abandonadas quando ambos os pais trabalham em tempo integral. Somente aqueles com condições de contratar ajuda estão em grande parte livres de tais preocupações.[63]

Como era de se esperar, Kollontai descarrega a culpa sobre os burgueses, industriais e capitalistas. De todo modo, por diversas vezes, ao ler os parágrafos retóricos de Kollontai, tive a impressão de que ela se preocupava sinceramente com a vida difícil de algumas mulheres de seu tempo. Não se pode dizer que não era sincera e verdadeira a descrição que fazia da rotina da operária:

> Hoje em dia, desde as primeiras horas da manhã, até soar a sirene da fábrica, a mulher trabalhadora corre apressada para chegar a seu trabalho; à noite, de novo, ao soar a sirene, volta correndo à casa para preparar a sopa e cuidar dos afazeres

63 Schlafly, 2015, p. 130.

> domésticos indispensáveis. Na manhã seguinte, depois de breves horas de sono, começa novamente para a mulher a sua pesada carga. Não pode, portanto, nos surpreender o fato de que, devido a essas condições de vida, se desfaçam os laços familiares e a família se dissolva a cada dia mais. Pouco a pouco vai desaparecendo tudo aquilo que convertia a família em um todo sólido, tudo aquilo que constituía suas bases de apoio, a família é cada vez menos necessária a seus próprios membros [...].[64]

Nunca me senti tão inclinada a concordar totalmente com uma revolucionária marxista. Por um momento, tive a impressão de que minhas angústias diárias estavam representadas em cada linha de um livro comunista. No entanto, uma investigação mais profunda me convenceu de que maior do que qualquer interesse pelo bem-estar feminino que a autora pudesse aparentar, estava o seu engajamento político-partidário com o plano de poder marxista. Segundo a autora, mais grave do que a família estar desfalecendo era o fato de ela servir cada vez menos aos "interesses do Estado".

Estando a família em vias de destruição, Kollontai não propôs restaurá-la em seus antigos moldes, mas, pelo contrário, destruí-la de uma vez. Em seu lugar, as mulheres deveriam colocar a grande e internacional "família operária"; todas as mulheres e homens socialistas juntos formariam uma única família ligada em igualdade ao Estado. Para que isso fosse possível era preciso eliminar a necessidade do trabalho doméstico e cuidados de mãe.

> Os trabalhos domésticos em forma individual começaram a desaparecer e dia a dia vão sendo substituídos pelo trabalho coletivo e chegará um dia, mais cedo ou mais tarde, que a mulher trabalhadora não terá que ocupar-se de seu próprio lar.[65]

Nesse discurso profético da aurora do trabalho coletivo ela inclui a receita, entrega a fórmula de como o Estado pretendia agigantar-se ao ponto de usurpar todos os papéis sociais desempenhados dentro da família. Primeiramente, surgiriam cozinhas coletivas e restaurantes públicos que desobrigariam todas as

64 Kollontai, 2013, pp. 25–26.
65 *Ibid.*, p. 31.

mulheres de se preocuparem com a alimentação do marido e dos filhos. Depois, lavanderias centrais se responsabilizariam pelas roupas sujas. Kollontai ainda alimentava a mesma ilusão de Mary Wollstonecraft, de que as mulheres teriam muito mais tempo livre e dele se valeriam para estudar e aperfeiçoar a vida intelectual. Acreditava que a "organização de locais especiais para passar e remendar a roupa oferecerão à mulher trabalhadora a oportunidade de dedicar as noites a leituras instrutivas, a distrações saudáveis".[66]

O maior e mais grave de todos os problemas[67] também seria solucionado: as crianças, ou melhor, os filhos. É evidente que quanto mais comunista, "tanto mais interesse terá a sociedade no problema de aliviar a família do cuidado dos filhos".[68] É realmente impressionante a quantidade de vezes em que "filhos" e "problemas" aparecem na mesma frase. E a solução apresentada é conhecida de todos nós, pois, afinal, já passamos por ela: a escola.

Foi demonstrado no primeiro capítulo que a escola é uma ferramenta poderosa nas mãos do movimento feminista. Qualquer mulher que escape da proposta preferindo criar e educar seus filhos por sua conta, desafia brutalmente o projeto das revolucionárias. A ativista conservadora Phyllis Schlafly explica:

> As feministas não desejam que as mulheres queiram ficar com os filhos, pois isso estraga o plano de mudar a sociedade. Em 1976, Simone de Beauvoir, o símbolo feminista francês, foi tão ousada ao ponto de dizer que "nenhuma mulher deveria ser autorizada a ficar em casa para criar os filhos. As mulheres não deveriam ter essa escolha [...]". Não pense que essa mentalidade não exista mais. Apenas alguns anos atrás, Linda Hirshman, professora aposentada de Filosofia e de Estudos das Mulheres da Universidade de Brandeis, disse: "Acho um erro essas mulheres altamente qualificadas e talentosas

66 *Ibid.*, p. 33.
67 "Ainda teremos que lidar com o problema dos filhos. Porém, no que se refere a essa questão, o Estado dos trabalhadores se lançará em auxílio da família, substituindo-a, gradualmente: a sociedade tomará conta de todas aquelas obrigações que antes recaíam sobre os pais", p. 34.
68 *Ibid.*, p. 37.

fazerem essa escolha [de ficar em casa]. O lugar de um adulto instruído e competente é no escritório".[69]

Segundo Kollontai, as escolas, as creches, as colônias de férias, jardins de infância, enfermarias, hospedagens infantis e todo tipo de abrigo para recolhimento de crianças são válidos.

> Já não existirá a mãe oprimida com um bebê nos braços. O Estado dos trabalhadores se encarregará da obrigação de assegurar a subsistência a todas as mães, estejam ou não legitimamente casadas [...] instalará por toda parte casas de maternidade, organizará em todas as cidades e em todos os povoados creches e instituições semelhantes para que a mulher possa ser útil trabalhando para o Estado.

Aliás, Alexandra Kollontai era útil para o Estado. Destacou-se entre os bolcheviques porque "foi a única mulher a integrar o comitê central do partido no ano da tomada do poder [...] e a primeira mulher a assumir um cargo no primeiro escalão do governo revolucionário".[70] Provavelmente, os altos cargos transmitiam uma sensação de confiança que ela pretendia repassar às leitoras e às operárias. A proposta marxista para suas leitoras era de que confiassem no Estado para ser substituto do patriarcado em um futuro muito próximo. Mas é absurdamente tolo confiar no Estado. A própria experiência dos líderes da revolução de 1917 prova isso.

Além de seus cargos importantes, também impressiona o fato de que ela sobreviveu quando Stálin resolveu executar toda a liderança da época de 1917. Sobreviveu precisamente porque se calou quando o governo retrocedeu nas inúmeras medidas que haviam sido tomadas em vista da "libertação feminina". Ela se adaptou rapidamente ao processo de degeneração da burocracia stalinista assim que o extermínio dos leninistas e trotskistas começou. Após ter escrito livros como *Sociedade e maternidade* em 1916, *A nova moral e a classe operária* em 1918 e *O comunismo e a família* em 1920, Kollontai fez uma declaração pública de apoio ao governo machista de Stálin,

69 Schlafly, 2015, p. 69.
70 Kollontai, 2013, p. 47.

> o mesmo que fez retroceder todos os avanços que a Revolução Russa tinha implantado em favor da mulher trabalhadora e que restaurou a família patriarcal, opressora e com sua falsa e dupla moral que Kollontai outrora tanto combatia.[71]

Ainda hoje, muitas mulheres continuam a se enganar confiando em movimentos revolucionários esquerdistas, exatamente como fizeram as mulheres russas na década de 1910. O que aconteceu na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas depois da Revolução de 1917 deveria servir de lição:

> Depois da revolução, foram votadas todas as leis possíveis para libertar o indivíduo das amarras familiares: liberalização do casamento e do divórcio, contracepção e aborto autorizado. Sobretudo, mulheres e crianças escaparam do controle econômico do marido. Sob o sistema coletivo, a família começou a se desintegrar a partir das linhas em que foi construída. O sistema patriarcal começou, por assim dizer, a fazer marcha-atrás, enquanto a sociedade voltava à comunidade de trabalho democrática que as autoridades socialistas descreveram sob o nome de matriarcado.[72]

A princípio, esse parece o sonho de qualquer feminista. Certamente, todas essas pautas — divórcio, contracepção, aborto e independência financeira — estão no centro das propostas da esquerda para as mulheres. De fato, a Revolução Russa estabeleceu "as medidas mais avançadas, socialmente mais modernas e progressistas que jamais tinham sido implantadas por qualquer Estado capitalista"[73] quanto a igualar homens e mulheres juridicamente. Em 1920, em um discurso dirigido às mulheres, Vladimir Lênin, líder máximo da revolução, declarou:

> O poder dos sovietes é o único que aboliu pela primeira vez todos os privilégios que se mantinham ligados à propriedade em proveito do homem no direito familiar, mesmo nas repúblicas burguesas mais democráticas. Ali, onde há proprietários de

71 *Ibid.*, p. 53.
72 Kate Millett, 1974, p. 161.
73 Gilson Dantas, no prefácio da obra *A família e o comunismo*.

terras, capitalistas e comerciantes, não pode haver igualdade entre o homem e a mulher, nem mesmo perante a lei.[74]

O problema, no entanto, é que essa experiência feminista na legislação fracassou até mesmo no governo socialista, ou melhor, no primeiro governo assumidamente comunista que o mundo conheceu. Mesmo a autora feminista Kate Millett é obrigada a admitir: "As crianças vagueavam freqüentemente pela rua, a delinqüência juvenil tornou-se um perigo considerável".[75] Essa era a situação de um país que havia se curvado às sugestões feministas.

Percebe-se a ironia: depois da revolução socialista os homens revolucionários passaram a abandonar suas mulheres com facilidade e ainda usavam como justificativa a acusação de "reacionárias" a elas. O mesmo dispositivo de acusação surgiu para tratar os homossexuais na Rússia comunista. Durante o regime socialista na Rússia, o Comissário de Saúde Pública proferiu um breve discurso aos jovens que estavam ingressando na Educação Superior: "O Estado é ainda muito pobre para assegurar a vossa manutenção e a educação das crianças. Por conseqüência, aqui fica o nosso conselho: abstinência!".[76]

As mulheres feministas haviam apoiado a revolução crendo que lhes seriam asseguradas pautas como a contracepção e o aborto. Ao contrário do esperado, pensando na economia estatal, o referido comissário preferiu sugerir abstinência, a mais *conservadora* das medidas contra gravidez indesejada. O feminismo sofreu da mesma picaretada que Trotsky: serviu ao socialismo e foi apunhalado por ele. Quando a família tradicional parecia estar em seus últimos dias, ressurgiu com máxima força e, inesperadamente, sob incentivo do maior ditador da Europa. Maria Werneck (1909–1993), ativista e feminista, descreveu esse fenômeno que percebia já nos partidos comunistas brasileiros: "Não se pode omitir o quanto a prática comunista nas suas

74 O referido discurso foi transcrito e compõe o livro *Pão e rosas: identidade de gênero e antagonismo de classe no capitalismo*. Iskra, 2007.

75 Kate Millett, 1974, p. 165.

76 *Ibid.*, p. 169.

células era ainda patriarcal e falocêntrica, relegando as mulheres a papéis subalternos e de pouca importância".[77]

Nota-se como a pauta da revolução sexual é utilizada e logo descartada pelo autoritário regime socialista ou qualquer alternativa internacionalista que se apresente. Assim que a elite revolucionária chega ao poder, a desordem sexual-familiar torna-se um tosco empecilho aos planos estatais. A pauta feminista sofre de um paradoxo da impossibilidade: precisa do Estado para subverter a ordem familiar, mas logo que o Estado cresce, o feminismo é dispensado.

Trabalhar: privilégio ou necessidade?

Kollontai também sinaliza o óbvio: as mulheres sempre trabalharam, a questão é que, antes das fábricas, elas trabalhavam em casa para a família. As mulheres não eram parasitas inúteis, especialmente não no caso das mulheres mais pobres: a função de todos era necessária para o bem-estar da família.

> Nos tempos de nossas avós eram absolutamente necessários e úteis os trabalhos domésticos da mulher, do que dependia o bem-estar da família. Quanto mais se dedicava a dona de casa a essas tarefas, melhor era a vida no lar, mais ordem e abundância se refletiam na casa. É certo que nos tempos de nossas avós e bisavós, o trabalho [delas] não era avaliado em dinheiro. Porém não havia um homem, fosse camponês ou operário, que não buscasse como companheira uma mulher com "mãos de ouro", frase que ainda existe como ditado popular.[78]

Alexandra Kollontai percebeu que a maioria das mulheres trabalhava fora de casa por causa de uma espécie de "obrigação econômica". Eu, de minha parte, também nunca trabalhei por insistência em desfrutar de um "direito", mas sim por necessidade. No entanto, não é incomum ouvirmos as feministas clamarem pela inserção da mulher no *mercado de trabalho* como um "direito". Primeiramente, convém lembrar que antes do "mercado", houve o "trabalho" somente. Se, por um lado, o

77 Lúcia Helena Vianna, *As mulheres da sala 4, primeira prisão política feminina*, 2002, in: Blay, 2017, p. 69.

78 Kollontai, 2013, pp. 27–28.

termo "mercado" é deslumbrante e causa um certo fascínio nos amantes do dinheiro, por outro, o termo "trabalho" não tem tantos entusiastas.

Aliás, durante a maior parte da história, trabalhar sempre foi custoso, sinônimo de punição ou sacrifício, geralmente perigoso ou, na melhor das hipóteses, difícil. Na Bíblia, a conseqüência da desobediência do homem é seu primeiro castigo: trabalhar penosamente para comer. No capítulo terceiro do livro de Gênesis lemos a sentença divina à Adão: *a terra produzirá espinhos e ervas daninhas, e tu terás de comer das plantas do campo. Com o suor do teu rosto comerás o teu pão* (Gn 3, 19).

A origem latina da palavra não é menos trágica: *tripalium*, que numa tradução literal significa "três madeiras", em referência ao instrumento de tortura constituído de três estacas afiadas, comum na antiga Europa. Trabalhar lembra tortura. Em francês, *travailler* significava "sentir dor" e agora é sinônimo de "aplicar força com determinado fim". Hannah Arendt[79] observava que "todas as palavras européias para labor — o latim e o inglês *labor*, o grego *ponos*, o francês *travail*, o alemão *Arbeit* — significam dor e esforço e são usadas também para as dores de parto". Aliás, em português, costumamos dizer "trabalho de parto".

As impressões a esse respeito mudaram um pouco quando os reformadores transformaram o trabalho em um análogo da penitência: ruim para o corpo e bom para a alma.

> Entre 1600 e 1800, a idéia de que o trabalho fazia bem à alma disseminou-se por toda a sociedade, fato bem conhecido por causa das casas de correção que surgiram em Amsterdam, Londres e outras cidades. O próximo passo foi estender o sistema para as prisões. Em lugar de punir com exílios, multas, chibatadas, mutilação e morte, a partir de 1780 começaram a construir prisões pelo interior da Europa. Logo depois do estabelecimento das prisões, o trabalho passou a ser utilizado para recuperar os criminosos [...] como os campos de concentração nazistas alegavam fazer, à sua maneira torta, com o *slogan Arbeit macht frei*[80] [...] resumindo, ao longo da maior parte da história, o trabalho foi considerado algo

79 Eugênia Sales Wagner, *Hannah Arendt e Karl Marx: o mundo do trabalho*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 63 e Hanna Arendt, *A condição humana*, p. 58.

80 Frase em alemão que significa "o trabalho liberta".

> desagradável, difícil e humilhante. Conseqüentemente, era imposto como castigo, fosse na forma de escravidão, fosse na forma de corvéias [...] certamente, a postura dos protestantes era diferente. Mesmo a essa altura, não se tratava tanto de glorificar o trabalho, mas de denunciar a ociosidade; de fato, não seria demais dizer que o protestantismo glorificava o trabalho precisamente *porque* ele era desagradável.[81]

Partindo da premissa de que o trabalho nunca foi considerado um direito ou privilégio, convém investigar como homens e mulheres estavam inseridos no mundo do trabalho, ou seja, no mundo do sofrimento. No início da civilização humana, a fraqueza feminina era ainda mais desesperadora do que é hoje. Praticamente sem nenhuma tecnologia, munidos apenas de pedaços de pau e pedras afiadas, os seres humanos precisavam comer, aquecer-se e sobreviver aos ataques de feras selvagens. Os homens dominavam as mulheres porque sempre foram fisicamente mais fortes e ágeis. Valendo-se de sua condição superior, os homens poderiam atirar crianças e mulheres para as garras dos carnívoros famintos. Ou, se quisessem preservar a espécie humana, atirar somente as mulheres que já amamentaram algumas crias e podiam ser dispensadas. Pelo contrário, os homens enfrentavam as feras e mantinham as fêmeas seguras em alguma caverna com fogo e alimento.

> Nenhum mamífero recém-nascido é tão indefeso quanto os bebês humanos, e nenhum demora tanto para crescer, o que é verdade tanto em termos absolutos quanto em relação ao tempo total de vida. Essa deve ter sido a razão por que nossos ancestrais caçadores-coletores desenvolveram o hábito — inexistente em todas as outras espécies — de prover *assistência econômica de longo prazo para os descendentes e a mãe deles*. Um arranjo que começou com a criatura chamada Lucy e já deve ter três milhões de anos.[82]

Quando a agricultura foi estabelecida, outra vez os homens abraçaram para si as tarefas mais perigosas e pesadas, como domar os animais e abrir sulcos na terra. Continuavam caçando esporadicamente e com a caça alimentavam as mulheres e

81 Van Creveld, 2004, p. 127 [grifo meu].

82 *Ibid.*, p. 85 [grifo meu].

crianças. A vida de todos era difícil, a das mulheres inclusive, mas nem de longe tão arriscada quanto a dos homens. As mulheres morriam mais cedo, é verdade, mas não por culpa dos homens e sim por sua natural debilidade física relativa. Do contrário, se viviam um pouco além da expectativa é porque eram ativamente protegidas e porque os homens trabalhavam mais e em lugar delas.

No Antigo Egito, os escravos foram recrutados e açoitados para que as pirâmides pudessem ser construídas. Cerca de cem mil homens, não mulheres, prisioneiros de guerra ou alistados obrigatoriamente. Também na China, os homens morriam aos milhares na construção da Muralha. O escritor e filósofo Apuleio, conhecido pelo clássico da literatura latina *O asno de ouro*, descreveu que os homens trabalhadores que encontrou estavam azuis de tantos hematomas, apenas os órgãos genitais cobertos por trapos, as costas rasgadas, a testa marcada com fogo e os pés presos por correntes.

É verdade que existiam escravas e que também sofriam muito, mas nem de longe sofriam tanto quanto os homens, por diversos fatores. Ou porque aparentavam maior fragilidade ou porque precisavam ser bem alimentadas para servirem aos propósitos devassos de seus donos. No geral, eram menos castigadas e menos exploradas justamente *por serem mulheres*.

Saltando para a Idade Média, vê-se ainda as mulheres protegidas dentro das casas e castelos. Enquanto isso, apesar da insistente superioridade física e estratégica em relação às esposas e filhas, os homens constituíram exércitos particulares nos quais entregavam suas vidas em defesa da comunidade. Fisicamente superiores, eles poderiam escraviza-las e obriga-las a fazer todo o serviço indigno ou perigoso. Quando voltavam vivos das batalhas, tinham tempo para declamar poemas que as virtudes femininas inspiravam. Os mais pobres eram basicamente camponeses e, como sempre acontece no campo, o pior trabalho era responsabilidade masculina. Em todos esses períodos históricos, a família era essencialmente necessária a todos os seus membros. A família facilitava a vida de mulheres e homens, bem como a sobrevivência das crianças.

Um dos artigos mais bem-humorados e irônicos do professor Olavo de Carvalho traz uma inversão de papéis que nos faz repensar quem foi de fato sacrificado no altar do progresso:

> Quando alguém teve a extravagante idéia de cristianizar o mundo, tornando-se necessário para tanto enviar missionários a toda parte, onde arriscavam ser empalados pelos infiéis, esfaqueados pelos salteadores de estradas ou trucidados pelo auditório entediado com os seus sermões, foi novamente sobre as mulheres que recaiu o pesado encargo, enquanto os machos ficavam maquiavelicamente fazendo novenas ante os altares domésticos. Idêntica exploração sofreram as infelizes por ocasião das cruzadas, onde, armadas de pesadíssimas armaduras, atravessaram os desertos para ser passadas a fio d'espada pelos mouros (ou antes, pelas mouras, já que o machismo dos sequazes de Maomé não era menor que o nosso). E as grandes navegações, então! Em demanda de ouro e diamantes para adornar os ociosos machos, bravas navegantes atravessavam os sete mares e davam combate a ferozes indígenas que, quando as comiam — porca miséria! —, era no sentido estritamente gastronômico da palavra. Finalmente, quando o Estado moderno instituiu o recrutamento militar obrigatório, foi de mulheres que se formaram os exércitos estatais, com pena de guilhotina para as fujonas e recalcitrantes, tudo para que os homens pudessem ficar em casa lendo *A Princesa de Clèves*. Há milênios, em suma, as mulheres morrem nos campos de batalha, carregam pedras, erguem edifícios, lutam com as feras, atravessam desertos, mares e florestas, sacrificando tudo por nós, os ociosos machos, aos quais não sobra nenhum desafio mais perigoso que o de sujar nossas mãozinhas nas fraldas dos nossos bebês.[83]

Resta demonstrado que trabalhar não é exatamente o maior prazer do ser humano; pelo contrário, na maior parte da história humana, foi sinônimo de sofrimento e sacrifício. A verdade é que a questão mais importante acerca do mundo do trabalho não é exatamente ele em si, mas sim o dinheiro, o salário, o pagamento. No caso do dinheiro, melhor do que ganhá-lo é gastá-lo. Se as mulheres já eram privilegiadas com os trabalhos mais leves, também foram favorecidas no tocante a gastar mais.

83 Artigo "Breve história do machismo", *Jornal da Tarde*, 16 de agosto de 2001. Disponível em: olavodecarvalho.org/breve-historia-do-machismo/.

Esse fenômeno — do controle feminino sobre os rendimentos masculinos — aconteceu tanto no campo quanto nas cidades. Nas famílias que viviam de agricultura, geralmente cabia às mulheres o comércio nas feiras, o que lhes dava acesso direto ao dinheiro que entrava para o orçamento. Com algumas exceções como a Grécia Antiga, nas cidades, quem gastava os rendimentos familiares também costumava ser a mulher. A literatura cita e elogia, desde o tempo dos romanos, mulheres que usavam de parcimônia para controlar o dinheiro da família. O que significa que elas mandavam nos recursos.

A maior parte dos rendimentos dos operários acabava nas mãos das mulheres, que cuidavam de quase todos os gastos, inclusive alimentação, vestuário, aluguel e seguro. Muitos maridos entregavam o envelope de pagamento ainda fechado e recebiam de volta apenas o necessário para a porção diária de vinho e tabaco. Pesquisas demonstram que 80% das compras continuam a ser feitas pelas mulheres. Dos Estados Unidos ao Japão, passando pela Europa e pela China, são elas que fazem a maioria das compras do dia-a-dia [...] possivelmente porque a jornada de trabalho dos homens é muito maior.[84]

Desigualdade no mercado de trabalho

Há muito trabalho a ser feito, muita louça para ser lavada, muita lenha para ser cortada, buracos em estradas que precisam ser consertados e esgotos precisando de desobstrução. Aliás, cuidar dos próprios filhos, da casa e do marido também dá muito trabalho. No entanto, todas as vezes que as feministas falam em desigualdade no trabalho, elas estão objetivamente se referindo ao *salário* ou ao *mercado* e não especificamente ao *trabalho*. Para ser honesta, usarei a lista de queixa que a feminista Susan Faludi publicou há alguns anos:

> Por que mais de 80% das mulheres que trabalham em tempo integral ganham menos de 20 mil dólares por ano? Por que o salário médio de uma mulher continua tão inferior ao salário médio dos homens quanto há vinte anos? Por que qualquer mulher com formação universitária continua ganhando

84 Van Creveld, 2004, p. 194.

> menos que um homem que tenha apenas o curso secundário? Por que as mulheres só representam 8% dos juízes federais e estaduais, menos de 6% de todos os associados em firmas de advocacia e menos de 0,5% do total de diretores executivos das grandes empresas?[85]

Os homens também são maioria na construção civil mais arriscada, no tratamento de esgoto, no serviço de coleta do lixo, nos exércitos, nos campos militares, nos empregos de risco como segurança privada ou nos trabalhos mais sujos como a compostagem. Não vemos muitas feministas fazendo perguntas sobre isso, especificamente porque trabalhar não é o foco, mas sim receber. As mulheres chegaram ao mundo *do trabalho fora de casa* há pouco mais de cem anos e desde então só aumenta o número de queixas.

> Nos anos 80 o desconforto das mulheres com a desigualdade aumentou. Em pesquisa de âmbito nacional [nos Estados Unidos], as fileiras de mulheres que se queixavam da discriminação nos negócios, na vida pública e particular, engrossaram a olhos vistos. O índice de mulheres insatisfeitas com a disparidade de oportunidades de emprego deu um salto de mais de dez pontos em relação aos anos 70, e o número de mulheres que se queixavam de obstáculos para promoções cresceu ainda mais. No fim da década, 80 a 95% das mulheres dizia sofrer discriminação no trabalho e tratamento salarial diferenciado. [...] Na pesquisa da Roper, a proporção de mulheres que consideravam os homens "basicamente atenciosos, gentis e prestimosos" caiu de quase 70% em 1970 para 50% em 1990.[86]

Denunciar e reclamar sem parar é parte da mentalidade feminina formada após anos e anos de propaganda feminista. Além de criar uma sensação de culpa generalizada e hiperbolizar a situação das mulheres no mercado de trabalho, esse comportamento é como um empurrão para frente em qualquer proposta de lei apresentada em "defesa" das mulheres. A advogada e escritora Phyllis Schlafly (1924–2016) percebeu essa estratégia há anos e sinaliza que alimentar esse processo é o

85 Faludi, 2001, pp. 12–13.

86 *Ibid.*, p. 15.

trabalho insidioso de mulheres que ela chama de "feministas de elite". Essas profissionais — advogadas, jornalistas, escritoras, professoras ou atrizes — são furtivas, inescrupulosas e capazes de qualquer tipo de desonestidade ou distorção que possam favorecer a adesão das mulheres ao movimento feminista.

> Ligue a televisão, folheie uma revista ou sintonize uma rádio americana e você será imerso em casos de mulheres que querem saber como satisfazer suas necessidades da melhor maneira ou como equilibrar suas vidas ou como podem lidar com uma miríade de problemas e perigos que enfrentam. As queixas femininas predominam. Mas queixas são como ervas daninhas: quanto mais calor elas recebem, mais elas se espalham. E é exatamente o que aconteceu com a mulher moderna. As organizações femininas até estimulam o crescimento das queixas com sessões de grupos de reflexão, em que as feministas partilham histórias de como um homem qualquer as maltratou e qual deve ser o papel do governo como forma de compensação. Enquanto isso, escondida por detrás das aparências, jaz a verdade: as mulheres americanas são os seres humanos mais afortunados que já existiram. Ninguém vive melhor. Ninguém.[87]

As feministas criaram nas mulheres uma sensação de que eram incontestavelmente especiais e jamais deveriam sofrer nenhum revés ou decepção em seus relacionamentos. Alimentaram gerações de mulheres com expetativas altíssimas, inclusive sobre sexo, e noções equivocadas de que tinham direitos que jamais existiram. Tudo isso aliado a uma cultura de denuncismo.

> As mulheres têm expectativas demais, e ridículas, com relação ao sexo. Elas foram expostas a uma sucessão de imagens sexuais a vida inteira e imaginam que o sexo seja algo diferente do que é [...] na verdade, o foco incessante da América sobre problemas femininos, que sugere que as mulheres sejam tão ilustres que necessitam de atenção especial, tem criado uma geração de egos inflados.[88]

87 Schlafly, 2015, p. 32.
88 *Ibid.*, p. 119.

Em 2007, Myrna Blyth, ex-editora de uma revista feminina americana de 1981 a 2002, publicou um livro[89] contando as tramóias das mulheres feministas que trabalham na grande mídia e no setor editorial. Ela denuncia que os quase 7 bilhões de dólares anuais que circulam no setor de revistas femininas são baseados em "contar para as mulheres que suas vidas são muito duras e que elas deveriam sentir pena de si mesmas".

Sabendo disso é fácil entender por que, conforme as pesquisas mencionadas, as mulheres insistem que as coisas melhoraram um pouco, "mas não muito". E a vida dos homens? Melhorou um pouco ou muito, e, se melhorou, em virtude de quê? Em virtude de benesses femininas ou do próprio suor e sangue derramado? E dos avanços conquistados pelos homens, quantos se deram na base da queixa ou de alguns folhetos sobre direitos como foram as conquistas femininas? Quantas conquistas violentamente adquiridas pelos homens foram licenciosamente estendidas às mulheres?

Reclamando de barriga cheia

Ao mesmo tempo em que a maioria das mulheres continuava reclamando, as feministas estavam alardeando uma estupenda melhora na auto-estima e no conforto feminino graças ao "movimento de libertação da mulher". O que leva à conclusão de que a vida não estava tão difícil para 90% das mulheres, mas sim que 90% das mulheres "referia insatisfação", reclamava e se queixava da situação sem levar em conta a realidade. Uma pesquisa de 1980 realizada pelo Centro de Manhattan "descobriu que o número de problemas de saúde mental feminina tinha caído de 50 a 60% desde o começo dos anos 50",[90] e o diretor do projeto, Leo Strole, afirmou que a melhora era conseqüência do mercado de trabalho.[91]

89 Blyth, *Spin Sisters: How the Women of the Media Sell Unhappiness — and Liberalism — to the Women of America*. St. Martin's Press, 2004, p. 4.
90 Faludi, 2001, p. 57.
91 Alguns argumentos antifeministas acerca da inserção da mulher no trabalho têm se mostrado muito frágeis. Reacionários planejavam demover das mulheres a idéia de se tornarem carreiristas argumentando, por exemplo, que as mulheres empobreceram, ficaram mais deprimidas e foram atacadas por uma onda de infertilidade a medida

Não se pode dizer o mesmo da condição masculina. Nessa época, os homens deixaram definitivamente de ser o provedor ou chefe de família: uma pesquisa indicou que apenas 8% ainda sustentava a casa sozinho. Na grande maioria dos casos, ambos os cônjuges tinham emprego fora de casa.

> A década de 1980 foi ruim para a indústria, que botou na rua milhões de trabalhadores, e só 60% encontraram novos empregos — destes, quase metade com salário menor. Foi um tempo que, entre os homens que perdiam poder aquisitivo, quem mais perdeu foram os filhos mais jovens do *baby-boom*. O homem médio com menos de 30 anos estava ganhando 25 a 30% menos do que o homem do começo dos anos 70. E em pior situação estava o jovem médio com apenas o primeiro grau: não conseguia mais do que 18 mil dólares por ano, a metade do que se ganhava uma década antes [...]. Este segmento, já representando um significativa quinta parte da amostra nacional da pesquisa, era dominado por homens com idade de 33 anos, solteiros, com poder aquisitivo cada vez mais baixo. [...] O Relatório Yankelovich deu a estes jovens revoltados o eufemístico nome de "competidores".[92]

As mulheres alcançaram em pouquíssimas décadas as facilidades trabalhistas que os homens levaram séculos ou milênios para conquistar no Ocidente. Quando as mulheres chegaram ao tão sonhado "mercado de trabalho", ele já era um mercado de trabalho e não mais de escravos. Os primeiros empregos que as mulheres dos anos 1920 conseguiram eram infinitamente mais dignos e seguros do que as atividades a que a maioria dos homens estiveram sujeitos por milênios. Enquanto os homens trabalhavam como cavalos por mínimas condições de sobrevivência deles e de suas famílias, nenhum coletivo de mulheres desejava tomar-lhes o lugar. Os homens melhoraram as condições de trabalho de tal maneira que as mulheres começaram a querer fazer parte dele. A própria Simone de Beauvoir, ícone do feminismo moderno, admitiu:

em que ingressaram no mercado de trabalho na era contemporânea. Isso não é absolutamente verdadeiro, principalmente porque a maioria das mulheres ainda tem trabalhos bem mais leves e empregos relativamente mais fáceis. As mulheres, na verdade, desfrutaram rapidamente dos benefícios e privilégios trabalhistas adquiridos com o sofrimento de séculos de trabalho masculino.

92 Faludi, 2001, p. 83.

> a ação das mulheres [por direitos legítimos] nunca passou de uma agitação simbólica, *só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder, elas nada tomaram; elas receberam* [...]. Recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança pode conferir-lhes.

Apesar do esforço reduzido,[93] a inserção das mulheres causou a expulsão de alguns homens, como previu Stuart Mill; também aumentou o número de mulheres beneficiadas pelo Estado. A taxa[94] de homens economicamente ativos caiu 13% nos últimos 60 anos. Em 1950, 80% dos homens fazia parte da população economicamente ativa. Esse número caiu para 67% na última década. Além disso, com menos esforço e um histórico menos aguerrido, as mulheres alcançaram rapidamente todas as vantagens trabalhistas pelas quais os homens lutaram. No caso do Brasil,

> entre os pensionistas, as mulheres são ampla maioria [...] entre as pessoas que acumulam aposentadoria e pensão, o sexo feminino também predomina e as mulheres já somavam 1,9 milhões de pessoas nesta situação, em 2013. Pode-se considerar que a política previdenciária brasileira tem um desenho pró-mulher, já que o sexo feminino, em média, contribui por menos período e passa mais tempo na situação de beneficiário, seja como aposentadas ou pensionistas. Ou seja, de certa forma, a maior cobertura feminina e os maiores benefícios (por exemplo, a acumulação de benefícios de aposentadoria e pensão) compensam, pelo menos em parte, as diferenças salariais no mercado de trabalho.[95]

Precisamente por isso, porque a condição de trabalho ainda não é a mesma entre homens e mulheres, estas últimas continuam

93 Com tudo isso — a inegável ascensão econômica das mulheres alcançada com relativo menor esforço [que os homens], a indústria midiática de queixas, a onda de denuncismos fajutos, etc. —, muitas mulheres ainda acreditam que a aparente condição de desigualdade é culpa de um sistema opressivo e discriminatório. É fato que em algum lugar no Ocidente — não vamos considerar o Oriente Médio — existem patrões que alimentam preconceitos contra mulheres, e há excepcionais casos de preconceito contra todo tipo de gente, sim; mas, terminantemente, não existe um sistema discriminatório deliberadamente arquitetado.

94 Blay, 2017, p. 33.

95 *Ibid.*, p. 39.

em posições privilegiadas. Se há quem possa ficar deprimido com a condição de trabalho, esses ainda são os homens. Em raríssimas épocas e locais, as mulheres tiveram que trabalhar tanto quanto os homens e, quando isso aconteceu, o resultado não foi o esperado.

Foi sempre assim: se as mulheres estão cuidando das casas, é porque os homens estão nas indústrias, o que é muito pior. Se as mulheres estão nos empregos medíocres, é porque os homens estão nos perigosos [como as minas], o que é muito pior. Se as mulheres estão nas indústrias [bélicas, por exemplo] é porque os homens estão na guerra, o que é muito pior.

> Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, das 52 milhões de mulheres [americanas], apenas 19,5 milhões tinham um emprego. Dentre as mulheres casadas, apenas um quarto. Embora a imagem de Rosie dominasse a propaganda, sua ligação com a realidade era tênue. Nas metalúrgicas, havia 3,5 homens para cada mulher. Pesquisas foram realizadas com as mulheres empregadas. As mulheres não gostavam dos ramos industriais comumente dominados pelos homens [mesmo que os salários fossem muito mais altos que os demais cargos], a maioria desejava abandonar esses postos tão logo fosse possível.
>
> Quando a paz foi restaurada, revelou-se que as idéias a respeito do papel econômico de cada sexo haviam mudado pouco, se é que haviam mudado. A maioria das mulheres retornou alegremente ao lar; quanto mais pesada a indústria, mais isso aconteceu. Mesmos nos Estados Unidos e mesmo entre as graduadas pela universidade mais orientadas para o mercado de trabalho, cerca de 90% das mulheres preferiu casar a construir carreira [...] mesmo nas classes mais baixas, orgulhavam-se aqueles cuja esposa não tinha caído nas garras do capitalismo.[96]

Ou seja, as suspeitas de Stuart Mill — de que igualdade no mercado de trabalho não traria mais satisfação ou felicidade aos casais, mas desequilibrariam o mercado, puderam ser comprovadas com o passar do tempo. Foi justamente a infelicidade

96 Conforme: Creveld, 2004, pp. 144–146.

das mulheres que catalisou a ruína das comunidades utopistas igualitárias dos Estados Unidos ou dos *kibutzim* israelenses.

Os *kibutzim* eram pequenas comunidades israelenses economicamente agrícolas ou agroindustriais e auto-suficientes. Essas comunidades ficaram conhecidas porque pretendiam ter uma organização igualitária e democrática. A propriedade dos meios de produção era coletiva e a administração era conduzida por todos os membros. Nessas comunidades, a lavação de roupas e o cozimento de alimentos eram públicos, assim como cuidar das crianças. Até mesmo o dormitório dos filhos ficava longe dos pais. As mulheres simplesmente não agüentaram esse sistema:

> Nos anos 1970, na mesma época em que as feministas clamavam por creches 24 horas por dia a fim de ter a mesma liberdade dos homens para trabalhar, as mulheres dos *kibutzim* se rebelaram. Elas exigiram que os dormitórios comunitários fossem extintos e que cada família tivesse o direito — e as instalações — de alojar os próprios filhos durante a noite. Assim que esse passo foi dado veio o resto, inclusive salários diferenciados e a restauração da propriedade privada.[97]

Os *kibutzim* acabaram entrando em declínio e deixaram de ser o paraíso de igualdade que alardeavam simplesmente porque os membros perceberam que aquilo não era tão agradável como na teoria. Esse é um dos *principais fatores* na diferenciação no mercado de trabalho: as mulheres costumam ter interesses e prioridades diferentes dos homens. *Outro fator* determinante na verdadeira desigualdade entre os sexos em relação ao trabalho é o fato de que as mulheres costumam desistir ou abandonar suas carreiras com mais freqüência conforme se aproximam da velhice ou se tornam mães. Lisa Belkin, em seu artigo "A revolução do abandono", citou e analisou diversos casos de mulheres que deixaram para trás suas expectativas carreiristas em busca de uma vida mais pacata e menos desafiadora:

> É por isso que uma pesquisa recente da firma de pesquisa Catalyst descobriu que 26% das mulheres na cúspide dos níveis mais altos da administração não querem a promoção. E é por isso que a

97 *Ibid.*, p. 83 [sobre isso, ver Eliezer Ben Rafael, *Crisis and transformation: the kibutz at century's end*. Nova York: State University of New York Press, 1997, pp. 61–67].

> revista *Fortune* descobriu que das 108 mulheres que apareceram em sua lista das 50 mulheres mais poderosas ao longo dos anos, pelo menos 20 optaram por deixar seus empregos poderosos voluntariamente, por vidas menos intensas e mais gratificantes. É por isso que a assessora do Presidente Bush, Karen Hughes, deixou a Casa Branca, dizendo que sua família estava com saudades de casa e queria voltar para Austin. É por isso que Brenda C. Barnes, que era presidente e diretora-executiva da Pepsi-Cola North America, deixou o emprego para voltar para Illinois com sua família. E é por isso que Wendy Chamberlin, que era embaixadora no Paquistão, se demitiu, porque preocupações de segurança significavam que ela nunca via suas duas filhas pequenas.[98]

Ou seja, existe uma explicação para a disparidade na presença de homens e mulheres entre os altos cargos. Estatisticamente, a maioria das mulheres não leva a vida exigida para se chegar aos cargos mais bem remunerados ou de maior influência. Além disso, as mulheres costumam dedicar menos tempo[99] que os homens para atividades produtivas e remuneradas, e muitas vezes o fazem por opção:

> À medida que essas mulheres olham para o topo, estão cada vez mais decidindo que não querem fazer o que é preciso para chegar lá. As mulheres de hoje têm o mesmo direito de fazer a mesma barganha que os homens fizeram durante séculos — tirar um tempo de sua família em busca do sucesso. Em vez disso, as mulheres estão redefinindo o sucesso. E ao fazê-lo, elas estão redefinindo o trabalho. Não há nada de errado com dinheiro ou poder. Mas eles vêm com um preço alto. E ultimamente, quando as mulheres falam sobre o sucesso, usam palavras como satisfação, equilíbrio e sanidade.[100]

Jordan Peterson costuma ser procurado em entrevistas por toda a América para falar de seu trabalho que ajuda a formar profissionais completos e de sucesso e, geralmente, ele menciona essa diferença de disponibilidade entre homens e mulheres. Por uma série de fatores, inclusive biológicos, os homens se

98 Tradução livre do artigo de Lisa Belkin, "The Opt-Out Revolution", em *New York Times*, 26 de outubro de 2003.

99 Blay, 2017, p. 40.

100 Tradução livre do artigo de Lisa Belkin, "The Opt-Out Revolution", em *New York Times*, 26 de outubro de 2003.

apresentam mais dispostos à competitividade e agressividade profissional. Sobre o mesmo fenômeno, escreveu Schlafly:

> Nenhum homem ou mulher sobe para o nível de alta renda trabalhando quarenta horas por semana. Pergunte a qualquer médico, advogado ou executivo. Eles passaram anos trabalhando noites e fins de semana, trazendo para casa maletas estufadas de trabalho e atendendo clientes em um fluxo constante fora do horário de expediente. Essas pessoas pagaram um alto preço por suas carreiras e sucesso financeiro [...]. É claro que a maioria das mulheres não escolhe deixar seus maridos e filhos para trás, mudar para outra cidade, viver com outras mulheres e dedicar suas vidas ao trabalho. [...] A maioria das mulheres não tem vontade de desempenhar o trabalho exigido para ganhar eleições: dirigir milhares de quilômetros, apertar as mãos de centenas de estranhos, comer frango de última categoria no jantar e participar de reuniões políticas todas as noites e fins de semana. E a maioria das mulheres certamente não quer se sujeitar a ataques políticos que contestam sua integridade e a investigações de suas vidas pessoais e financeira. Para desgosto das feministas, a maioria das mulheres [americanas] com filhos trabalham por meio período — se é que trabalham.[101]

Há ainda um *terceiro fator* determinante na desigualdade entre os sexos no mercado de trabalho: as mulheres continuam, mesmo com total liberdade, optando por cursos e empregos que pagam menos. Em um estudo feminista publicado em 2013, essa diferença foi evidenciada:

> as mulheres têm avançado em todas as áreas do conhecimento, embora ainda estejam atrás nos cursos de engenharia e computação e naqueles considerados "ciência dura". Estudos têm mostrado que há segmentação por gênero em carreiras das áreas de exatas e da saúde: homens predominam nas ciências exatas, inclusive na categoria de técnicos, e as mulheres são maciçamente absorvidas nas ciências da vida, como cientistas e técnicos.[102]

101 Schlafly, 2015, p. 72.

102 Brasil, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: *Homens têm mais interesse por cursos superiores da área de exatas e as mulheres naqueles de serviços e educação*. Brasília, ano 4, n.132, 17 de março de 2006. Michelle

O professor de psicologia que trabalha na Universidade da Califórnia, Dr. Richard Lippa, realizou uma pesquisa sobre preferências profissionais em 53 países — da América, Europa, Ásia e África — com mais de 200 mil pessoas e chegou à mesma conclusão:

> Homens se mostraram mais interessados em trabalhar com coisas; mulheres, com pessoas. Certamente existe uma expectativa sociocultural que influencia tais escolhas. Se isso, porém, fosse preponderante, deveria haver registros de diferentes escolhas em culturas diferentes. As escolhas profissionais, contudo, são uniformes nos 53 países pesquisados. Fatores biológicos inatos, portanto, prevalecem sobre influências socioculturais.[103]

Apesar dessas inúmeras pesquisas, as feministas não aceitam a premissa de que existe uma tendência natural por trás da cultura que separa os universos e classificam homens e mulheres conforme seus papéis sociais. Essas tendências e traços naturais têm feito da família um sistema de cooperação e complementaridade. Qualquer mulher que já tentou seguir duas tendências ao mesmo tempo sabe que isso costuma resultar em uma encruzilhada irresoluta. A isso, chamamos comumente de "jornada dupla": uma disputa de dois mundos.

O bem-estar da família e a complementaridade de papéis

Depois de tratar do caso de homens e mulheres isoladamente, convém dar atenção ao leitor que está menos interessado na guerra dos sexos e mais preocupado com o bem-estar de sua família. Àqueles casais que pretendem construir um projeto de vida juntos e visam abençoar os filhos e não competir entre si, algumas considerações importantes devem ser feitas sobre o ingresso da mulher no mercado de trabalho e as alternativas que as feministas não querem que as esposas tradicionais adotem. As escritoras e ativistas Schlafly e Venker foram certeiras:

Pinto Lima, "As Mulheres na Ciência da Computação", em *Estudos Feministas*, vol. 21, n. 3, 2013, pp. 793–819.

103 Martins Neto, 2017, p. 71.

> Uma das melhores maneiras de reagir ao feminismo não é sucumbindo ao mundo que as feministas criaram, mas sim negando-o especificamente. A única maneira de vencer o feminismo é a rejeição total das mulheres ao movimento, e os homens se casando com as mulheres que rejeitam o movimento. As conservadoras entendem a natureza e gostam dos homens do jeito que são. Elas não acreditam que as mulheres americanas são oprimidas e aceitam o casamento e a maternidade e tudo que isso implica.[104]

É comum ouvirmos que a pobreza justifica a permanência dos dois cônjuges no mercado de trabalho, e realmente é o que temos visto em muitos casos. Casais pobres com filhos pequenos para sustentar não pensam muito sobre qualidade de vida, têm outras preocupações mais urgentes. Essas preocupações os obrigam a trabalhar, e trabalhar muito. Mas existem muitas famílias de classe média e alta que podem meditar mais sobre bem-estar do que sobre boletos vencidos.

No caso de famílias economicamente estáveis, em um casamento harmônico e feliz, deixar o lar para ingressar no mundo profissional pode não ser a escolha mais inteligente para a mulher cristã ou conservadora. Se não temos mais ouvido tanto sobre isso, é porque as feministas de elite cobram um preço alto de quem ousa defender uma família organizada tradicionalmente. Foi o caso do diretor-executivo da revista *Forbes*, Michael Noer, que ousou escrever um artigo[105] sobre os riscos de entrar em um casamento com uma mulher carreirista. Noer admitia que mães e esposas que trabalham podem ser muito felizes no casamento, mas ressaltava que, segundo pesquisas, elas têm menos chance de que isso aconteça do que mulheres que não trabalham fora de casa.[106] Isso, conseqüentemente, significa que a chance de divórcio aumenta se você for um homem casado com alguma dessas mulheres. Ele escreveu:

> Uma palavra de conselho. Casem-se com mulheres bonitas ou feias. Baixas ou altas. Loiras ou morenas. Apenas, faça o que fizer, não se case com uma mulher carreirista [...]

104 Schlafly, 2015, p. 103.

105 Michael Noer, "Don't marry career women", em *Forbes*, 22 de agosto de 2006.

106 Schlafly, 2015, p. 116.

embora todos saibam que o casamento pode ser estressante, estudos recentes descobriram que mulheres profissionais são mais propensas a se divorciar, mais propensas a trair, menos propensas a ter filhos e, se têm filhos, são mais propensas a ficarem infelizes com isso. Um estudo recente no *Social Forces*, uma revista de pesquisa, descobriu que as mulheres — mesmo aquelas com uma perspectiva "feminista" — são mais felizes quando o marido é o principal provedor da família.[107]

É necessário esclarecer que Noer não fala daquelas mulheres que precisam trabalhar pelo bem da família, mulheres para quem a família e os filhos são tão importantes ao ponto de aceitarem trabalhos difíceis e mal remunerados. O trabalho não é exatamente o problema. A questão que importa é a prioridade da mulher trabalhadora. O artigo e as pesquisas citadas tinham em mente mulheres ditas "carreiristas", aquelas que trabalham mais de 35 horas semanais, têm nível superior completo e ganham mais de 30 mil dólares anuais.

Existem inúmeros fatores que podem catalisar a infelicidade ou o fim trágico do casamento. Crenças religiosas, raça, *status* econômico e até o estado civil dos pais interferem nas chances do casal. Entre os dados e pesquisas que utilizou para compor seu texto, Noer citou estatísticas preocupantes: as casas dos casais onde ambos são carreiristas são mais sujas (Instituto de Pesquisa Social), as mulheres carreiristas tendem a ficar infelizes se precisarem deixar tudo para cuidar dos filhos (*Journal of Marriage and Family*, 2003) ou mesmo se ganharem salários maiores que o do cônjuge (*Social Force*, 2006). Os maridos dessas mulheres, por sua vez, também ficam mais infelizes com a inferioridade de seus salários (*Journal of Marriage and Family*, 2001) e ficam mais propensos a adoecer (*American Journal of Sociology*).

Além das chances de divórcio aumentarem quando os dois cônjuges têm uma carreira que lhes toma muito tempo, as pesquisas têm demonstrado que os homens casados com donas-de-casa obtêm mais sucesso no mundo dos negócios e, conseqüentemente, trazem mais dinheiro para casa e melhoram a condição econômica da família. Sabendo disso, as esposas devem escolher entre seu

107 Tradução livre do artigo de Michael Noer: https://www.forbes.com/2006/08/21/carers-marriage-dating_cx_mn_0821women.html#ce3e218d983.

desejo de aventura profissional, sua carreira, ou o projeto mútuo de comprometimento com o bem-estar do casamento e da família.

> Uma pesquisa de 1980 mostra que maridos de mulheres que trabalham registram índices de depressão mais altos do que maridos de donas-de-casa. Num estudo de 2.440 adultos feito em 1982 pelo Centro de Pesquisas da Universidade de Michigan descobriu-se que depressão e falta de confiança entre homens casados estavam estreitamente ligadas ao emprego das mulheres.[108]

Mesmo escritoras feministas têm percebido que as famílias tradicionais levam vantagem em qualidade de vida e fator econômico. A feminista Susan Faludi reuniu pesquisas que indicam que a felicidade dos homens pode ser catalisada a depender da mulher que tenham a seu lado, citando uma pesquisa de Ronald C. Kessler, ela menciona que a saúde mental dos homens melhora com o casamento. Como confirmou a socióloga Jessie Bernard:

> Poucos são os dados mais sólidos, mais convincentes e menos duvidosos do que a espetacular e sempre impressionante superioridade em quase todos os campos — demográfico, psicológico ou social — do homem casado sobre o homem solteiro. Apesar de todas as brincadeiras dos homens acerca do casamento, apesar de todas as queixas a respeito dele, é um dos alicerces do sexo masculino.[109]

Esse fator cria uma vantagem de sucesso para o pai de família em relação aos demais competidores do mundo de negócios. A mulher que entende isso forma uma parceria com o marido e ajuda a colocá-lo um passo à frente de toda a concorrência, inclusive da mulher feminista que concorre contra ele no escritório. Esse é mais um dos motivos pelos quais interessa às feministas que nenhuma mulher aceite a missão integral de mãe e esposa.

Nenhuma mulher deve ser coagida a proceder dessa forma e escolher a vida doméstica, do mesmo modo que não é justo que as esposas sejam induzidas pelo movimento feminista a pensar que essa não é uma opção válida. Uma pesquisa de

108 Faludi, 2001. p. 59.

109 *Ibid.*, p. 38.

2011, divulgada pela Universidade de Princeton, demonstrou que o número de mulheres ocupando cargos de liderança no setor público estava diminuindo. Nenhuma medida política ou social de cunho machista foi tomada para esse fim. Simplesmente, muitas mulheres qualificadas começaram a evitar esses cargos porque exigiam demais de uma mulher. Elas tinham que ser "inteligentes, determinadas, envolvidas em várias atividades diferentes (como os homens), e, além disso, espera-se que elas sejam bonitas, *sexy*, magras, legais e amigáveis".[110]

Dois anos depois, um estudo do Boston College apontou que "as estudantes se graduaram com a auto-estima mais baixa do que quando entraram na universidade". Em 2003, Lisa Belkin, uma colunista do *New York Times*, publicou um artigo intitulado "A revolução do abandono". Ela dissertou e apresentou pesquisas que mostram a insatisfação de mulheres carreiristas que deixaram tudo para criar os filhos em casa.

> Indiscutivelmente, as barreiras de 40 anos atrás estão em baixa. Cinqüenta por cento da turma de graduação de 2003 da Yale era do sexo feminino; a turma de formatura deste ano na Berkeley Law School foi de 63% de mulheres; Harvard foi de 46%; Columbia foi de 51%. Quase 47% dos estudantes de medicina são mulheres, assim como 50% dos cursos de graduação em administração de empresas (embora, curiosamente, cerca de 30% dos candidatos a MBA). Elas são recrutadas pelas principais empresas em todos os campos [...] e então, de repente, elas param. Apesar de todas as mulheres que se formarem na faculdade de direito, elas representam apenas 16% dos parceiros em escritórios de advocacia. Embora homens e mulheres participem de programas de treinamento corporativo em números iguais, apenas 16% dos executivos são mulheres, e apenas oito empresas na lista Fortune 500 têm CEOs do sexo feminino. Dos 435 membros da Câmara dos Deputados, 62 são mulheres; há 14 mulheres no Senado com 100 membros.[111]

Segundo Lisa, se compararmos a presença das mulheres no mercado de trabalho hoje à de cinqüenta anos atrás, é óbvio que

110 Orestein, 2017, p. 24.

111 Tradução livre do artigo de Lisa Belkin, "The Opt-Out Revolution", em *New York Times*, 26 de outubro de 2003.

diremos que muita coisa mudou. No entanto, se tomarmos como ponto de partida as liberdades que as mulheres têm e o que se esperava delas depois de tanta algazarra por direitos iguais, é óbvio que a revolução está sofrendo uma certa paralisia:

> por exemplo, na turma de Stanford em 1981, cinqüenta e sete por cento das mães passaram pelo menos um ano em casa cuidando de seus filhos na primeira década após a formatura. Um em cada quatro ficou em casa três ou mais anos. Olhe para a Harvard Business School. Uma pesquisa com mulheres das turmas de 1981, 1985 e 1991 revelou que apenas 38% trabalhavam em período integral. Olhe para as mulheres profissionais em pesquisas em toda a linha. Entre um quarto e um terço estão fora da força de trabalho, dependendo do estudo e da profissão. Veja o Censo dos Estados Unidos, que mostra que o número de crianças atendidas por mães que ficam em casa aumentou quase 13% em menos de uma década. Ao mesmo tempo, a porcentagem de novas mães que voltam ao trabalho caiu de 59% em 1998 para 55% em 2000.[112]

Pelo visto, o mundo fora do lar, o trabalho e os espaços públicos, que sempre pertenceram aos homens, não eram assim tão paradisíacos quanto pareciam ser quando não se tinha acesso a eles.

Casa privada versus *casa pública*

Katharine Hepburn (1907–2003), atriz norte-americana indicada doze vezes ao Oscar e vencedora em quatro ocasiões, explicou, em uma entrevista, porque optou por nunca ter uma família e um lar:

> Olha, não sou idiota o bastante para acreditar que conseguiria lidar com tal situação. Se sua cabeça estiver concentrada em outra coisa, você é inútil. Se alguém precisa de você, precisa de você! E é por isso que acho que uma mulher precisa escolher. Lembro-me de tomar a decisão: "Nunca vou casar e ter filhos.

112 *Ibid.*

Quero ser uma estrela, e não quero meu marido e filhos como minhas vítimas".[113]

O conflito que ela mencionou é a disputa de dois universos pela atenção do indivíduo. Chesterton escreveu que a família depende da ajustada complementaridade desses universos que ele chamou de "casa privada" e "casa pública". Hepburn teve a sabedoria de prever que a "jornada dupla" é mais uma angústia do que uma opção; tem mais a ver com renúncia do que com emancipação.

Em seu livro publicado em 1910, *O que há de errado com o mundo*, Chesterton ressalta os principais traços masculinos e os principais traços femininos e, a partir dessa distinção, define por que as mulheres se identificam mais com a casa privada e os homens, com a casa pública. As mulheres são universais, os homens são específicos. As mulheres fazem múltiplas tarefas com um fim pleno, imaginam e trabalham com o universo de um ser. Os homens realizam um trabalho específico com uma finalidade objetiva, imaginam e trabalham com partes ou fragmentos de ciência.

As mulheres, escreveu ele, facilmente se tornam cozinheiras, cuidadoras, educadoras e contadoras das histórias preferidas de seus universos, os lares. Os homens, em seu campo de disputa pelo sucesso e reconhecimento no mercado de trabalho, freqüentemente se fatigam até o limite, tentando ser o melhor mecânico, o melhor matemático, o melhor engenheiro, o melhor corretor de imóveis, etc. Nessa busca, eles abdicam de seus *hobbies* ou de algum plano B como aprender um instrumento, jogar futebol, correr maratonas, velejar, esquiar, colecionar medalhas de xadrez. O trabalho especialista exige muito e geralmente sua compensação se resume a algum dinheiro. O trabalho pleno da mãe e esposa fatiga, mas jamais é sem sentido, jamais se resume a interesses pecuniários. Um dos melhores e mais marcantes exemplos disso é aquele que compara a profissão da professora de matemática à vocação da mãe:

113 Ralph G. Martin, "Kate Hepburn: my life & loves", em *Ladies' Home Journal*, Agosto de 1975, pp. 102–103.

> Quando as pessoas começam a falar dessa função doméstica não mais como algo somente difícil, mas atribuem-lhe os rótulos "trivial" e "monótona", então eu simplesmente desisto de discutir. Pois por mais que empenhe toda energia da imaginação, não consigo entender [...] como é que ensinar a regra de três para as crianças dos outros pode ser uma grande e ampla profissão e ensinar suas próprias crianças a respeito do universo [sobre tudo que existe], uma profissão restrita? Como é que ser a mesma coisa [professora] para todos pode ser grandioso, e ser tudo [mãe, professora, cozinheira, enfermeira, etc.] para alguém, algo limitado? Não pode ser. A função de uma mulher é trabalhosa, mas porque tem uma amplitude colossal e não porque tenha um alcance diminuto.[114]

Em 1926, Chesterton escreveu um artigo, "As mulheres no ambiente de trabalho" — *e em casa*, onde discorre sobre a diferença de valor do trabalho industrial e do trabalho em casa. Como exemplo, ele usa uma fábrica de alfinetes. Nela, cada mulher operária cumpre uma etapa de um trabalho objetivamente esvaziado de sentido, sendo mandada por um(a) supervisor(a). Em casa, a mulher cumpre todas as etapas de um trabalho pleno e ainda recebe o título de "dona". É difícil entender como uma mulher poderia preferir qualquer trabalho assalariado, seriado e mal pago. Se, duvido muito, esta ocupação [produzir alfinetes, por exemplo] fosse realmente a vocação dessa mulher, aí sim, ela poderia se dizer mais livre do que antes:

> Pode-se considerar *emancipação* o permitir que uma mulher fabrique parte de um alfinete, se isso for o que ela deseja realmente. Pode-se considerá-lo *igualdade* também se ela estiver realmente enfurecida de ciúmes do marido, a quem foi dado o privilégio de fabricar parte de um alfinete [ou parte de um carro, ou parte de um sapato, ou vender qualquer coisa em uma loja, etc]. O que questionamos, porém, é se o fato de fabricar um alfinete representa, realmente, uma conquista mais humana do que o de fabricar um avental inteiro. Ousamos ir mais longe, inclusive, questionando se a atividade de fabricar um avental inteiro é mais humana que a de tomar conta de uma criança inteira.[115]

114 G.K. Chesterton, *O que há de errado com o mundo*. Campinas: Ecclesiae, 2013.

115 G.K. Chesterton, *A superstição do divórcio*. Campinas: Ecclesiae, 2018, p. 98.

O que o escritor católico resume muito bem é a condição das mulheres pobres, ou seja, da maioria das mulheres. Quando se ouve algo a respeito de emancipação e igualdade, geralmente a propaganda usa exemplo de gerentes de sucesso, empresárias bem-sucedidas ou presidentes eleitas. Mas não é assim que a mulher comum entra para a vida pública e o mundo dos negócios. Chesterton exemplifica: se você tirar 100 donas-de-casa/rainhas do lar e jogá-las no mercado de trabalho, elas não serão 100 donas de fábricas nem 100 rainhas da Inglaterra. A maioria das mulheres trabalhará algumas décadas aguardando ansiosamente uma aposentadoria insuficiente para poder, finalmente, voltar para a casa de onde foi convencida a sair.

Enquanto eu trabalhava neste texto, um amigo me perguntou se fazer um filho não seria algo mais importante do que escrever um livro defendendo a importância de se fazer um filho. Seria sim. Compreender isso é compreender este texto. Se eu tivesse feito um filho e o estivesse criando agora, certamente, estaria a fazer muito mais — em dignidade e importância — do que faço aqui, digitando frase após frase. E mesmo com um filho, ou dois, ou três, ainda poderia estar escrevendo um livro. E esta é uma questão deveras importante: muitas pessoas desejam fazer muitas coisas antes de fazer um filho, e outras ainda pensam que se tivessem um filho deixariam de fazer muitas coisas. É bastante intrigante que tenham encontrado tantas coisas mais bonitas e importantes para querer fazer do que formar e criar um outro ser humano. Chesterton escreveu sobre isso:

> A questão da maternidade como "emprego de meio período" é que, no mínimo, a maternidade é um daqueles empregos que podem ser considerados como uma totalidade, e quase como um fim em si mesmo. Um ser humano, em certo sentido, é um fim em si mesmo. O que quer que o torne feliz ou magnânimo é, para Deus, algo direcionado a um fim último; e não, pura e simplesmente, um conjunto de máquinas e um meio para se chegar a um fim, como é o caso de praticamente todos os negócios e ofícios. Trata-se, portanto, de algo que, pela própria constituição da natureza humana, pode-se conseguir

> com autêntico entusiasmo — um entusiasmo que não tem preço [ou salário], por assim dizer.[116]

Até algumas décadas atrás, as mulheres entendiam isso. E os homens também. Julgando a superioridade física masculina atestada em milênios, é de admirar que os homens não tenham feito na vida real o que as lendárias amazonas só puderam fazer na mitologia. Eles poderiam ter escravizado as mulheres nos trabalhos mais indignos e vazios de sentido, poderiam ter enchido o mundo de fábricas análogas às de alfinete. Do contrário, historicamente, observando a fraqueza e as dificuldades femininas, os homens buscaram abrandar a angústia das mulheres. Percebendo que as mulheres tinham um domínio (principalmente físico) limitado sobre a vastidão do mundo, os homens lhes criaram um mundo menor onde tudo está ao seu alcance e a sua disposição: o lar. Não se exige grande força física nem longas corridas para trabalhar em casa. Os filhos exigem muito, mas geralmente não são mais perigosos do que uma mina de carvão ou uma fábrica de pneus. O lar sempre foi o lugar onde as mulheres imperam, mandam e controlam com facilidade e mais destreza do que os homens. Até o início dos anos 1900, as mulheres tinham consciência disso. Infelizmente, chegamos ao ponto em que as mulheres desistiram da guerra dos sexos e, em vez de continuarem sustentando que seu universo doméstico é infinitamente superior às bebedeiras e parolas micropolíticas inúteis que os homens faziam em *pubs* e praças, elas quiseram ingressar nesse mundo.

> Em todas as épocas, em todos os lugares, em todas as tribos e vilarejos travou-se a grande guerra sexual entre a casa privada e a casa pública [...] de repente, um dos dois sexos rendeu-se ao outro. No início do séc. XX, nestes últimos anos, a mulher assinou sua rendição pública ao homem. Admitiu séria e oficialmente que o homem sempre tivera razão; que a casa pública [o parlamento, o *pub*, a vida pelas ruas] era de fato mais importante do que a casa privada; que a política não era (como as mulheres sempre sustentaram) uma desculpa para beber cerveja, mas uma solenidade sagrada perante a qual as novas adoradoras deveriam ajoelhar-se; que os patriotas tagarelas das tabernas não eram

116 *Ibid.*, p. 99.

só admiráveis; mas também invejáveis [...] Todos nós homens crescemos acostumados a ouvir nossas esposas e mães, avós e tias avós, entoando em coro o desprezo por nossos passatempos esportivos, bebidas e partidos políticos. E agora surge a senhorita Pankhurst [uma das primeiras sufragistas inglesas], com lágrimas nos olhos, confessando que todas as mulheres estiveram todo esse tempo equivocadas e todos os homens, certos.[117]

Hoje em dia, as feministas conseguiram emplacar a idéia de que estar em casa é tedioso e de que o lar é um lugar de escravidão. Talvez, realmente, o lar tenha se transformado em um lugar de discussão ou solidão depois de tanta insistência nessa tecla. Mas nem sempre foi assim; quem conseguiu se casar com a pessoa amada provavelmente entenderá. A maior parte das pessoas — em outras palavras: os pobres — está sempre a cumprir regras fora de casa: educação e gentileza, uniforme exigido no trabalho, leis de trânsito, convenções sociais, código penal, código civil, os olhares e julgamentos dos vizinhos. Os ricos podem comprar mais liberdade e viajar para uma praia deserta, é verdade. Mas o pobre só pode ser livre em casa. Em casa, ele anda descalço ou pelado, ele pode comer com as mãos, deixar a camisa desabotoada, esquecer os pronomes de tratamento, "a instituição do lar é a única instituição anárquica, o que equivale a dizer que ela é mais antiga que a lei e mantém-se fora do Estado".[118] "Casa" é o lugar para onde a maioria das pessoas deseja ansiosamente voltar no fim do expediente e, em casa, quem sempre mandou foi a mulher.

> De todas as concepções modernas geradas pela simples riqueza, a pior é esta: a concepção da domesticidade como algo estúpido e submisso. Dentro do lar, dizem, fazem decoro insípido e submisso; fora dele, aventura e variedade — eis a opinião do homem rico [...] a verdade é que para os moderadamente pobres a casa é o único lugar para a liberdade [...] para o homem comum e trabalhador, o lar não é um lugar tranqüilo em um mundo de aventura, mas um lugar selvagem num mundo de regras e tarefas estabelecidas.[119]

117 *Ibid.*, p. 127.
118 *Ibid.*, p. 57.
119 *Ibid.*, p. 62.

O saldo da Primeira Onda

Em suma, a Primeira Onda feminista é marcada pela atuação intelectual e militante de mulheres como Elizabeth Stanton, Lucretia Mott, Susan Anthony, Harriet Taylor e Alexandra Kollontai. Escritores como Stuart Mill e Friedrich Engels também participaram da construção de argumentos em prol da inserção da mulher na vida pública através do trabalho e da política, polarizando o feminismo em "liberal" e "socialista". No período, muito se alegou sobre a injustiça da restrição ao voto e à herança, também ecoavam queixas quanto à desigualdade no mercado de trabalho.

Nessa primeira onda, desde meados do séc. XIX, o movimento sufragista revela líderes que se rebelavam contra a ordem eclesiástica e os ensinamentos bíblicos. Também aparecem as primeiras clínicas abortistas e sua máxima propagadora, Margaret Sanger, demonstra inquestionavelmente a massa homogênea formada pelo movimento feminista e os revolucionários sexuais que, na prática, são as mesmas pessoas. Alexandra Kollontai dá provas suficientes de que ser feminista exige ser também esquerdista na pior de suas facetas: o marxismo.

Diferentemente do que se supõe, demonstrei que as mulheres sempre trabalharam menos do que os homens e mesmo assim conseguiram sobreviver e prosperar. Demonstrei que as mulheres, ao longo da história, receberam dos homens casa, comida, alimentação e inúmeros favores. Amiúde, mecanismos sociais foram criados para fazer com que os homens sustentassem e protegessem as mulheres e o fizessem com senso de dever. Apresentei dados que revelam que até mesmo as conquistas políticas foram concessões masculinas, especialmente no tocante ao sufrágio universal.

Quanto à inserção no mercado de trabalho, é sabido que se trata mais de uma conseqüência econômica e social decorrente de crises e guerras do que de qualquer partido ou organização política; ao mesmo tempo em que é evidente que trabalhar não foi tão agradável naquele século quanto parece ser hoje. Esmiucei de que forma as mulheres sempre foram relativamente [aos homens] privilegiadas econômica e socialmente. Nesse

período, também aparecem os primeiros sinais de depreciação da vida doméstica, da maternidade e do trabalho da dona-de--casa. Estava sendo preparado o caminho por onde passariam as revolucionárias da segunda fase feminista.

As mulheres já tinham direito ao voto, já acessavam livremente o mercado de trabalho e já desfrutavam de igualdade jurídica e social quando a Segunda Onda feminista começou. O reconhecimento de direitos civis deixa de ser evocado e uma nova abordagem assume o carro-chefe da propaganda feminista: o intratável desejo de algumas mulheres de trocarem suas melhores virtudes pelos piores defeitos masculinos. Começa oficialmente o bombardeio da Revolução Sexual.

III
Reprodução feminina do vício masculino

Un peuple vaut ce que valent ses femmes.
[Um povo vale o quanto valem suas mulheres.].

— Vinet, escritor francês

Segunda Onda feminista

Começando na década de 1960, a segunda fase[1] do feminismo é contemporânea dos anos rebeldes e da construção do muro de Berlim. Na mesma década, o primeiro russo viaja ao espaço, o primeiro disco dos Beatles vem a público e Janis Joplin é o símbolo musical da contracultura. Para grande parte das escritoras conservadoras, a transmutação do movimento feminista acontece nesse período. A ativista conservadora Phyllis Schlafly divide:

> As sufragistas lutaram (e venceram em 1920) pelo direito de voto das mulheres em todos os cinqüenta estados, mas elas

1 Para reforçar o entendimento do conteúdo deste capítulo, recomendo veementemente a leitura de: Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*; Friedan, *A mística feminina*; Glória Steinem, *Memórias da transgressão* e *Minha vida na estrada*; Peggy Orenstein, *Garotas & sexo*; Wilhelm Reich, *A Revolução Sexual*; Jessica Valenti, *Objeto sexual: memórias de uma feminista*; Elisabeth Badinter, *Um amor conquistado: o mito do amor materno*; G.K. Chesterton, *A superstição do divórcio*; Carolyn McCulley, *Feminilidade radical*; Alice von Hildebrand, *O privilégio de ser mulher*; Editora Contexto, *História das mulheres no Brasil*; Pitirim Sorokin, *A Revolução Sexual americana*; Rocella & Scaraffia, *Contra o cristianismo: a ONU e a União Européia como nova ideologia*.

eram mulheres que se baseavam na família e não tinham vontade de erradicar a natureza feminina. Definitivamente, elas também eram contra o aborto. As feministas dos anos 1960 (e posteriores), por outro lado, não são a favor da família. Além de enxergar o aborto como uma questão de "direitos" das mulheres, elas vêem o lar como uma prisão.

Prefiro, no entanto, uma nova interpretação. Embora a divisão entre "boa onda" e "má onda" feminista tenha sido assumida por quase todos os críticos, parece-me evidente que nenhuma mulher de boa índole teve destaque na liderança do movimento desde que ele surgiu. Do protofeminismo, Olympe era facilmente confundida com uma dançarina noturna e Mary queria ter um relacionamento poliamoroso com Henry Fuseli. Elizabeth Stanton, famosa na primeira onda, tinha uma visão obscura do casamento e abandonou cedo a formação e fé cristã que teve. Mais do que isso, inúmeras pesquisas apontaram que uma mudança acentuada no comportamento sexual já vinha ocorrendo desde o início do século XX, décadas antes do advento da segunda onda. Ou seja, o feminismo já nasceu com as más pretensões que só foram explicitadas tardiamente. A maior das eugenistas e abortistas, Margaret Sanger (1879–1966), por exemplo, já estava em plena atuação quarenta anos antes da rebelde década de 60. O protofeminismo de Wollstonecraft já dava os primeiros passos em direção à ideologia de gênero e tinha em sua musa um exemplo de desregramento sexual ainda no século XVIII.

Na fatídica década de 1960, o Brasil recebeu, do Fundo Universal de Cultura, a tradução do livro de Pitirim Sorokin (1889–1968), *A Revolução Sexual americana*, sobre as primeiras conseqüências da revolução sexual na América. Como russo, ele tinha pleno conhecimento do que acontecia entre os comunistas e tentava advertir aos americanos sobre o caminho que trilhavam, um caminho tão perigoso e irreversível quanto a implantação do socialismo:

> O atual aumento das relações extraconjugais ameaça substituir o próprio casamento monogâmico por alguma espécie de pseudocasamento poligâmico, poliândrico, anárquico ou comunal. Tal dissolução do casamento e da família durante um longo período de tempo é improvável, mas temporariamente pode acontecer aqui [na América], como tem acontecido em muitos países e ainda recentemente ocorreu na Rússia soviética, sendo, entretanto, superada. Não há necessidade de chamar a atenção para as graves conseqüências desta crescente promiscuidade para os indivíduos, para grupos sociais e para a nação. Chamem-lhe liberdade sexual ou anarquia sexual, é provável que suas conseqüências tenham mais largo alcance do que quase todas as outras revoluções, salvo talvez as revoluções totais, como a Revolução Russa.[2]

Inúmeras evidências confirmam que a revolução feminista é uma e a mesma coisa que a revolução sexual e que esse caráter não é inerente apenas à segunda onda. Diferentemente do que se pensa, desde as suas primeiras manifestações, o movimento é marcado por líderes que defendiam e viviam em moldes libertinos e sexualmente subversivos. Apresento, a partir de agora, os principais nomes que confirmam o caráter sexualmente revolucionário das pautas feministas: a abortista e eugenista Margaret Sanger, a controversa Simone de Beauvoir, a incansável depreciadora das donas de casa, Betty Friedan, e Kate Millett, grande defensora de uma política sexual revolucionária.

Margaret Sanger e o assassinato de bebês

Margaret é o arquétipo feminista disseminado pela Segunda Onda. Embora tenha realizado todos os seus inescrupulosos trabalhos e escrito todos os seus livros durante o final da primeira onda, ela era a antevisão das feministas da década de 1960 em diante. Enquanto a maioria das feministas falava em direitos civis — como o sufrágio feminino —, Sanger discursava sobre divórcio, contracepção e aborto. Ela é contemporânea de Wilhelm Reich (1897–1957) que publicou, em 1936, o seu livro mais famoso: *A Revolução Sexual*. Já não era mais segredo para ninguém que as feministas só pensavam em sexo.

---

2 Pitirim Sorokin, *A Revolução Sexual americana*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura 1961, p. 20.

Margaret Louise Higgins (1879–1966) era filha de um pai cético e de uma mãe católica que morreu precocemente. Mudou de sobrenome ao se casar com William Sanger, com quem teve três filhos após concluir o curso de enfermagem. A partir de 1910, Sanger começou a freqüentar o mesmo ambiente que Emma Goldman e John Reed, por meio dos quais conheceu os textos de Havelock Ellis (1859–1939) de quem viria a se tornar amante. Flertando cada vez mais de perto com o anarquismo, o iluminismo e o humanismo, Sanger começava a simpatizar com o marxismo e a chamada "liberdade sexual". Logo, em 1914, lançou o boletim[3] intitulado *A mulher rebelde*. Nele, defendia a adoção de condutas contraceptivas que intitulou como "controle de nascimentos" — ela inventou esse termo. A publicação de Sanger foi enquadrada em uma lei denominada The Comstock Act, que vigorava no estado de Nova York e proibia a comercialização e circulação de "materiais obscenos e imorais". Tendo que fugir para a Inglaterra por causa de seu boletim, adotou o nome falso "Bertha Watson". A essa altura, o marido de Sanger tentava salvar o casamento e a família com três filhos e, para isso, planejou uma viagem a Paris. Indiferente aos esforços do esposo, Margaret o abandonou. Nesse período, conheceu pessoalmente o escritor Ellis e tornou-se sua amante. Ao voltar para os Estados Unidos, Margaret se separa do marido e incorpora-se à Sociedade Eugenista[4] Americana. Poucos anos mais tarde, ela descreveria a aliança entre eugenia, contracepção e aborto da seguinte maneira:

> A eugenia é sugerida pelas mais diversas mentes como o caminho mais adequado e definitivo para a solução de problemas raciais, políticos e sociais. O problema mais urgente hoje é como limitar e *desencorajar o excesso de fertilidade daquele que é mental e fisicamente deficiente*.[5]

3 Na capa da publicação havia uma chamada: "nem Deus, nem amos".

4 Eugenia: um termo criado em 1883 por Francis Galton, significando "bem nascido". Galton definiu eugenia como "o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações, seja física ou mentalmente". Inspiração primária para o surgimento da eugenia nazista, que veio a ser parte fundamental da ideologia de "pureza racial" que terminou no Holocausto.

5 Margaret Sanger, "O valor eugênico da propaganda do controle da natalidade", na revista *Controle da Natalidade*, em outubro de 1921, p. 5 [grifo meu].

Sua vida — que já não era exemplo senão de imoralidade e criminalidade — descarrilha ainda mais. Tendo entrado em contato com a Liga Neomalthusiana holandesa, passa a defender o uso dos novos diafragmas. Para ela, o controle de nascimento era o meio principal de "conduzir, finalmente, para uma raça mais limpa".[6] Dois anos após a publicação do seu mensal feminista, Margaret abre a primeira clínica de controle de natalidade em um bairro americano, o Brooklyn. O estabelecimento funcionou por menos de dez dias e Margaret foi presa. Na clínica, ela e sua equipe distribuíam folhetins de educação sexual: "Aquilo que toda mulher deveria saber". Depois de sua prisão, ganha fama e "a notoriedade alcançada com este episódio lhe permite reunir em torno dela os primeiros defensores de um movimento para a reforma do controle dos nascimentos".[7] Margaret perde o medo de revelar o caráter eugênico e racista de suas idéias, funda uma revista que funcionará de 1917 até 1940 e convida escritores como Ellis, Eugene Debs e Marie Stopes.

Publica *A mulher e a nova raça* em 1920, mesmo ano em que troca de amante, passando a se envolver com Herbert George Wells (1866–1946). Wells[8] era membro da Sociedade Fabiana, uma associação que pretendia preparar a classe proletária para assumir o controle dos meios de produção através de mudanças sutis e reformistas. Marcando a aliança entre socialistas e feministas, Wells, que era entusiasta das idéias de Sanger, chegou a declarar que ela seria uma heroína de sua geração.

Em 1921, Sanger funda a Liga Americana para o Controle dos Nascimentos, da qual viria a fazer parte a Primeira Dama Eleanor Roosevelt (1884–1962); e, no ano seguinte, publica *O eixo da civilização*, prefaciado pelo amante fabiano, onde se lêem trechos como:

> [...] Tais pais engrossam as fileiras patéticas dos desempregados. A mentalidade débil perpetua-se nas fileiras daqueles que são

6 Margaret Sanger em carta ao Dr. Clarence Gamble, 255 Adams Street, Milton, Massachusetts, 19 de dezembro de 1939.

7 Eugenia Roccella & Lucetta Scaraffia, *Contra o cristianismo — A ONU e a União Européia como nova ideologia*. Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 217.

8 Escritor dos famosos romances: *A máquina do tempo*, *O homem invisível* e *A guerra dos mundos*.

levemente indiferentes às suas responsabilidades raciais. E é em grande parte esse tipo de humanidade que agora estamos usando para povoar nosso mundo por gerações. Nesta orgia de multiplicar e reabastecer a terra, esse tipo é *pari passu*, multiplicando e perpetuando aqueles males mais terríveis, aos quais devemos, se a civilização quiser sobreviver, extirpar pelas próprias raízes.[9]

Para dar andamento aos seus projetos, Margaret busca recursos e os encontra em seu segundo marido, também na Fundação Rockefeller.

> Casa-se com o magnata do petróleo James Noah H. Slee, presidente da Companhia Petrolífera Three-in-one, que se converte no maior financiador do movimento para controle dos nascimentos. Entre os dois é estipulado um pacto pré-nupcial preciso, no qual se estabelece que Margaret pode continuar sua vida sem interferências da parte de seu marido; vivem em apartamentos separados no mesmo prédio e o marido pode telefonar-lhe para reservar um jantar juntos.[10]

Em 1923, Margaret consegue reabrir com legalidade sua clínica fechada em 1916. Um de seus estabelecimentos passa a se chamar Margaret Sanger Research Bureau a partir de 1940 e torna-se o maior centro de controle de natalidade do mundo, "eram receitados diafragmas e gel espermicida, até meios intrauterinos, e, desde o ano de 1961, a pílula anticoncepcional".[11] No mesmo período, estreita os contatos com personalidades como o psiquiatra eugenista Augusto Forel. Caindo de cabeça em todo tipo de absurdo ideológico, eugenia e racismo, Sanger passa a se associar ao Comitê Humanitário Científico, a primeira organização voltada para a causa gayzista, e reforça sua relação com a Sociedade Médica para a Sexologia e Eugenia. Seu comprometimento com a causa a leva a confessar em um de seus livros:

> Devemos contratar três ou quatro ministros de cor, de preferência com histórico de serviço social, e com personalidades cativantes.

9 Margaret Sanger, *The Pivot of Civilization*, 1922.

10 Eugenia Roccella & Lucetta Scaraffia, *Contra o cristianismo — A ONU e a União Européia como nova ideologia*, p. 219.

11 *Ibid.*

> A abordagem educacional mais bem-sucedida para o negro é através de um apelo religioso. Nós não queremos que vaze o discurso que intentamos exterminar a população negra. E um ministro é o homem que pode corrigir essa idéia caso ela ocorra a qualquer um de seus membros mais rebeldes.[12]

De fato, em 1939, Sanger organiza o Negro Project[13] para realizar serviços contrários aos nascimentos nos estados do sul. Ela continuou militando até sua última aparição pública em 1960. Seu preconceito e ânsia de "purificação racial" chegavam ao ponto de afirmações como:

> A falta de equilíbrio entre o nascimento dos fracos e dos fortes é a maior ameaça atual para a civilização. O exemplo das classes inferiores, a fertilidade dos débeis mentais, dos deficientes, dos afligidos pela pobreza, não deveria ser tomado como exemplo pelos mais fortes/aptos mental e fisicamente [...]. O problema mais urgente hoje é como limitar e desencorajar a hiper-fertilidade das [pessoas] mental e fisicamente inferiores. É possível que métodos drásticos e espartanos sejam inevitáveis [...] se se continua animando com a procriação casual.[14]

O quase-aborto de Jane Roe

Um ano antes de sua morte em 1966, Margaret assistiu ao Supremo Tribunal dos Estados Unidos legalizar a contracepção para casados no famoso caso de *Griswold vs. Connecticut*. O Ato de Comstock, que esteve em vigor a partir de 3 de março de 1873, era a lei federal americana que tornava ilegal vender quaisquer materiais "obscenos, indecentes e/ou lascivos", incluindo contraceptivos. Também proibia a distribuição de informações sobre aborto. Em 1965, a Suprema Corte invalidou essa lei por sete votos contra dois. O argumento principal era reforçar o direito à privacidade em relação a práticas íntimas. Estelle Griswold (1900–1981) foi a acusada nessa disputa judicial; ela era uma ativista dos direitos civis e feminista. Sua atuação foi

12 Margaret Sanger, *Mulher, moralidade e controle de natalidade*. New York: New York Publishing Company, 1922, p. 12.

13 Leia mais sobre o Negro Project no site www.blackgenocide.org/.

14 Margaret Sanger, *O eixo da civilização*.

fundamental para iniciar uma revolução dos direitos das mulheres que passou a espelhar casos como *Roe vs. Wade*.

Cinco anos após a vitória de Estelle Griswold, uma nova polêmica acometeu os Estados Unidos. Norma Leah McCorvey Nelson (1947–2017), uma jovem grávida de 21 anos, buscou a justiça para obter direito a um aborto legal alegando ter sofrido um estupro. Sua história está relatada na autobiografia que leva o título *I Am Roe*,[15] pois ela era chamada de Jane Roe na ação judicial movida por suas advogadas. Linda Coffee e Sarah Weddington estavam procurando por mulheres grávidas que desejavam abortar e encontraram na cabeça perturbada de Norma uma excelente oportunidade de ativismo judicial.

McCorvey se revelou à imprensa como sendo "Jane Roe" e afirmou que ela procurou um aborto porque estava desempregada, muito deprimida e havia sido violentada. Sem provas para sua falsa acusação de estupro, ela saiu diversas vezes derrotada e diversas vezes suas advogadas recorreram até que o caso chegasse à Suprema Corte. A Suprema Corte decidiu em favor de Jane Roe/Norma McCorvey, alegando direito à privacidade — décima quarta emenda — e estabeleceu que ela podia decidir por si mesma a continuidade ou não da gravidez. No final do processo, em 1973, a criança de Norma já havia nascido e sido enviada para adoção.

O conteúdo central do caso *Roe vs. Wade* era discutir se "o aborto deve ser permitido à mulher, por qualquer razão, até o momento em que o feto se transforme em 'viável', ou seja, torne-se potencialmente capaz de viver fora do útero materno, sem ajuda artificial". Além da "fronteira da viabilidade",[16] a Corte definiu que o aborto deve estar disponível sempre que for necessário para proteger a saúde da mulher. Enquanto tramitava, o processo dividiu a opinião pública nos Estados Unidos entre pró-Roe (pró-escolha) e anti-Roe (pró-vida), inspirando um forte ativismo de ambos os lados.

Após a conquista na Suprema Corte, Norma McCorvey assumiu um relacionamento lésbico e passou a militar ativamente

15 Norma McCorvey e Andy Meisler, *I Am Roe*. Nova York: Harper Collins, 1994.

16 A viabilidade, para os abortistas, era alcançada por volta do sétimo mês de gestação, mas pode ocorrer antes, nas 24 primeiras semanas.

pela causa abortista, inclusive trabalhando em uma clínica de aborto. Tardiamente, na década de 1980, Norma afirmou que havia sido usada e manobrada pelas duas advogadas ambiciosas[17] e ativistas que procuravam uma grávida disposta a questionar a lei estadual do Texas que proíbe o aborto. Admitiu também que havia mentido sobre ter sido estuprada.[18]

A vida pregressa de Jane Roe delatava seu caráter. Ainda aos dez anos, ela roubou a caixa registradora em um posto de gasolina e fugiu com um amigo. Foi apanhada, mais tarde, dos 11 aos 15 anos, e foi enviada para a Escola Estadual para Meninas no Texas. Casou-se aos 16 anos e abandonou o marido após acusá-lo de agressão. Antes dos 20 anos já estava afundada em problemas de alcoolismo. Sua primeira filha, Melissa, foi deixada com a avó. Jane/Norma chegou a assinar os papéis de transferência de custódia. Entre a primeira e a segunda gravidez, declarou-se lésbica. Ao engravidar pela segunda vez, deixou o bebê para adoção. Aos 21 anos, quando assumiu o papel de estrela feminista na disputa *Roe vs. Wade*, ela estava grávida pela terceira vez.

Essa mulher, Norma Leah McCorvey Nelson, visivelmente perturbada e sem nenhum amor pelos próprios filhos, protagonizou a ação judicial que abriu as portas para o aborto nos Estados Unidos. A decisão do Supremo Tribunal de Justiça, em 1973, em favor de Norma, foi interpretada como a 1ª despenalização do aborto para os 50 Estados da União. Uma matéria do *Portal G1*, publicada em 18 de fevereiro de 2017, trouxe à memória a atuação de Roe:

> Acabou se tornando uma heroína para seus apoiadores e uma vilã para aqueles que buscam a proibição do aborto [...]. A decisão do caso "Roe vs Wade" foi conhecida em 22 de janeiro de 1973, com sete juízes a seu favor e dois contra.

17 "Encorajada por duas advogadas feministas, abriu um processo contra o procurador do distrito de Dallas, Henry Wade, por conta da lei vigente no Texas, sob o pseudônimo de Jane Roe. Apesar de a gravidez ter chegado a termo, o caso ganhou grandes proporções e acabou se tornando uma das mais importantes e conhecidas decisões já tomadas pela Suprema Corte". Matéria "Morre demandante do caso que legalizou o aborto nos EUA", em *Portal G1 Mundo*. Por France Presse em 18/02/2017.

18 Norma McCorvey e Andy Meisler, *op. cit.*

Nas quatro décadas posteriores à sentença da Suprema Corte, milhares de abortos foram feitos legalmente no país. As autoridades terminavam, assim, com um longo drama legal que começou no estado do Texas três anos antes, onde os abortos só eram permitidos em caso de gravidez de risco para a mãe ou para o bebê.[19]

A crueldade dos movimentos abortistas e de suas ativistas é flagrante. Muitas antigas militantes abandonaram essa pauta após ficarem chocadas com a agressividade dos procedimentos. Linda Bird Francke, autora de *A ambivalência do aborto*, traz um relato de um episódio pós-aborto onde a médica responsável parece uma verdadeira desalmada:

> Tivemos um feto salino [um método de aborto com solução salina cáustica] que nasceu vivo. Eu corri para a enfermaria e pus aquilo em uma incubadora. Chamei a pediatra para ajudar, mas ela se negou. "Isso não é um bebê, é um aborto".[20]

Foi também num momento de estalo como esse que Norma/Jane Roe mudou sua mente quanto ao tema. Em uma obra biográfica publicada em 1997, Norma declarou que:

> Estava sentada nos escritórios da OR quando notei um cartaz de desenvolvimento fetal. A progressão era tão óbvia, os olhos eram tão doces. Doeu meu coração só de olhar para eles. Eu corri para fora e, finalmente, me dei conta. "Norma", eu disse para mim mesma: "Eles estão certos". Eu trabalhei com mulheres grávidas durante anos. Eu já tinha passado por três gestações e partos. Eu deveria saber. No entanto, algo nesse cartaz me fez perder o fôlego. Continuei vendo a foto daquele pequeno embrião de 10 semanas e disse a mim mesma que é um bebê! É como se escamas caíssem dos meus olhos e eu de repente entendesse a verdade — isso é um bebê! Eu me senti esmagada pela verdade dessa percepção. Eu tive que enfrentar a terrível realidade. O aborto não era sobre "produtos da concepção". Não era sobre "períodos perdidos". Era sobre crianças sendo mortas no ventre da mãe. Todos esses anos eu

19 Matéria "Morre demandante do caso que legalizou o aborto nos EUA", em *Portal G1 Mundo*. Por France Presse, em 18/02/2017. V. https://g1.globo.com/mundo/noticia/morre-demandante-do-caso-que-legalizou-aborto-nos-eua.ghtml.

20 Linda Bird Francke, *The Ambivalence of Abortion*.

> estava errada. Assinando esse depoimento, eu estava errada. Trabalhando em uma clínica de aborto, eu estava errada. Nada mais dessa conversa de primeiro trimestre, segundo trimestre ou terceiro trimestre. O aborto — a qualquer momento — estava errado. Foi tão claro. Dolorosamente claro.[21]

Arrependida de tudo o que fez e convertida — primeiramente ao protestantismo e depois ao catolicismo[22] —, Norma solicitou à Suprema Corte que revogasse a decisão de 1973. Em fevereiro de 2005, ela buscou reparação do mal que fez alegando que o caso deveria ser ouvido mais uma vez à luz da verdade e que o aborto era um procedimento prejudicial às mulheres, mas a petição foi negada por ser considerada um "assunto irrelevante". McCorvey passou a apoiar o Partido Republicano e, em 22 de janeiro de 2008, fez uma declaração em defesa de Ron Paul. Ela disse:

> Eu apoio Ron Paul para presidente porque compartilhamos o mesmo objetivo, o de derrubar *Roe vs. Wade*. Ele nunca vacilou sobre a questão de ser pró-vida e tem um recorde de votos para provar isso. Ele entende a importância das liberdades civis para todos, incluindo o não-nascido.

No Brasil, pudemos contemplar a brusca mudança da ex-ativista feminista e fundadora da variante brasileira do grupo Femen, Sara Fernanda Giromini (1992–). Popularmente conhecida como Sara Winter, em 2012, viajou à Kiev para um treinamento, onde conheceu a líder do Femen, Inna Shevchenko (1990–). Ao retornar ao Brasil, a ativista explicou o hábito que tinha, juntamente com outras ativistas, de fazer manifestações nua: "A nudez é usada pela sociedade patriarcal desde sempre; a mulher, nua ou não, vende todo tipo de produto. Já que somos mulheres, em vez de vender produtos, vendemos idéias sociais". Após inúmeras desilusões com o movimento e uma gravidez que poderia ter terminado em aborto, Sara declarou:

21 Norma McCorvey e Gary Thomas, *Won by love*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

22 *Lake of Fire*, um documentário pró-escolha de 2006 de Tony Kaye, apresenta McCorvey discutindo seu envolvimento em *Roe vs. Wade* e sua subseqüente conversão ao catolicismo.

> Esse é o movimento mais intolerante que eu já conheci na vida. Ele só dá suporte para mulheres que seguirem uma cartilha específica: tem que ser de esquerda, não pode ser cristã, não pode ser heterossexual e tem que começar a desconstruir a sua estética. Se a mulher alisa o cabelo, se pinta, usa salto alto, tem que parar. Muitas vezes tem que deixar os pêlos crescerem. Algumas mulheres se sentem confortáveis assim, outras não. Mas se você fizer, vai ter mais voz dentro do movimento. Então eles desconstroem a sua estética, a sua crença, a sua orientação sexual, o seu posicionamento político.[23]

Antes, militava contra o cristianismo e em favor do aborto. Hoje, convertida a Cristo, escreveu seu primeiro livro,[24] no qual narra os bastidores e os fatos pouco conhecidos do feminismo no Brasil. Atualmente, é uma das maiores lideranças pró-vida e pró-família em nosso país, lutando contra a ideologia de gênero, as drogas, a doutrinação marxista e a prostituição. Para a ex-ativista, o movimento feminista é uma síntese de "ódio, histeria, mentira e sedução". Após se posicionar convictamente contra o aborto, passou a se queixar da perseguição do movimento feminista: "A perseguição que sofro hoje é infinitamente maior do que eu sofria [...] nunca achei que tivesse que ter medo das pessoas que falam que vão proteger as mulheres".

IPPF — Multinacional da morte[25]

O legado racista e abortista de Margaret Sanger se cumpre hoje na Planned Parenthood. Cerca de 80% de suas clínicas abortistas estão localizadas em bairros de negros e hispânicos. Nos EUA de hoje, mais negros morrem de aborto do que a soma de AIDS, acidentes de carro, crimes, câncer e doenças cardíacas. Um bebê negro americano tem 3,75 vezes mais chance de ser abortado do que um bebê branco. A Planned Parenthood, que foi acusada, recentemente, de traficar tecidos e órgãos de bebês abortados em suas instalações, manifestou sua adesão pública à candidatura de Hillary Clinton durante as primárias do Partido Democrata e investiu mais de 30 milhões de dólares na campanha eleitoral.

23 Matéria do *Portal G1* em 21 de março de 2016: "Movimento mais intolerante que já conheci", diz ex-feminista Sara Winter, por Fábio Rodrigues. http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2016/03/movimento-mais-intolerante-que-ja-conheci-diz-ex-feminista-sara-winter.html.

24 Sara Winter, *Vadia, não! Sete vezes que fui traída pelo feminismo*.

25 Este subtítulo é uma referência ao livro do advogado argentino e professor de bioética Jorge Scala. A primeira edição do livro recebeu o prêmio Primeira Faixa de Honra Leonardo Castellani de 1996 e disserta sobre a atuação da IPPF e organismos multilaterais de créditos na apologia ao aborto.

Recentemente, os norte-americanos lançaram uma campanha supostamente anti-racista chamada *Black Lives Matter*. Mas parecem esquecer desse índice de abortos de bebês negros que supera espantosamente o número de abortos entre os brancos. Walter B. Hoye, negro e presidente da Fundação Issues4Life, pesquisou e tem insistido em revelar dados sobre isso em suas palestras, entrevistas e sermões:

> Ele revela alguns dados chocantes [...] que aponta 6.217 casos de homicídios de negros americanos, enquanto as estatísticas nacionais de aborto no mesmo ano contabilizam 429.000 abortos feitos por mulheres negras americanas. De acordo com essa grande discrepância nos números, podemos concluir que, a cada 3 bebês negros nascidos nos Estados Unidos, 2 serão abortados.[26]

Quando publicava seus textos eugenistas, Sanger defendia que negros e pobres deveriam procriar menos. Em seus momentos de maior radicalismo, chegou a declarar que "a ação mais misericordiosa que famílias numerosas poderiam fazer para um de seus filhos seria matá-lo" e, ao que parece, muitas mulheres foram convencidas disso. Em 23 de setembro de 2008, o *Portal G1* divulgou que a taxa de aborto entre negros e pobres ainda é a maior em números absolutos e proporcionais. Sharon Camp, presidente do Instituto Guttmacher, que realizou o estudo acerca do aborto, declarou:

> Mas, ao mesmo tempo, os abortos estão se concentrando entre as mulheres de cor e as mulheres com baixa renda [...]. O relatório do Instituto encontrou grandes diferenças entre as mulheres brancas e as negras e hispânicas. Apesar de os negros serem

26 Matéria: "Pastor negro diz: 'Negros morrem 69 vezes mais por aborto do que por homicídio'". http://casaprovidami.com.br/pastor-negro-diz-negros-morrem-69-vezes-mais-por-aborto-do-que-por-homicidio/.

aproximadamente 12% da população americana, as mulheres negras representam 37% dos abortos no país. Os brancos são quase 62% da população, e as mulheres brancas fizeram quase 34% dos abortos. Já as hispânicas realizaram 22%, embora seu grupo racial represente apenas 14% da população.[27]

Em abril de 1932, Sanger publicou em sua revista *Birth Control Review* que certas etnias e certos tipos de pessoas eram "prejudiciais à força da raça humana e ao futuro do mundo". Entre seus planos estava a instalação de clínicas de aborto em áreas não-brancas. Ativistas negros têm se levantado contra essas práticas:

- Fannie Lou Hamer (1917–1977), cantora gospel, foi uma das primeiras mulheres negras a se manifestar com veemência contra a cultura da morte. Fannie chegou a ser vítima dos programas de esterilização eugênica apoiados pela Planned Parenthood.

> Para ela, a legalização do aborto — um "assassinato legalizado", como ela chamava — era parte de um "plano mais amplo de homens brancos para exterminar a população negra nos Estados Unidos [...]. Houve uma época em que mulheres negras eram compradas como escravas por serem boas reprodutoras. Agora falam de controle de natalidade e aborto para negros. Se estivessem falando dessa forma quando minha mãe estava tendo filhos, eu não estaria aqui agora", dizia.[28]

- Depois dela, Mildred Fay Jefferson (1927–2010), a primeira mulher negra a se formar pela Escola de Medicina de Harvard e filiada ao Partido Republicano, também começou sua luta contra o aborto. Ela ironizou: "Os defensores do aborto dizem: 'Vamos deixar as pobres terem acesso ao aborto como as ricas têm'. Bom, então os defensores do aborto deveriam fazer uma lista

27 Matéria "Taxa de aborto ainda é maior entre negras e hispânicas nos EUA" do *Portal G1*, publicada em 23 de setembro de 2008.

28 Matéria do *Portal Sempre Família* publicada em 22 de fevereiro de 2012, "4 mulheres negras pró-vida que denunciaram o aborto como 'genocídio dos negros'". https://www.semprefamilia.com.br/4-mulheres-negras-pro-vida-que-denunciaram-o-aborto-como-genocidio-dos-negros/.

de outras coisas que as mulheres ricas têm e que vão passar a dar às mulheres pobres".

- Mais recentemente, Nicholas Scott Cannon (1980–), *rapper* americano e apresentador, que esteve casado com Mariah Carey até 2016, foi alvo de polêmicas midiáticas após gravar uma música[29] pró-vida. Ele se pronunciou contra Hillary Clinton nas eleições de 2016 por sua defesa ao aborto: "Hillary foi... pensa em todas as coisas que fizeram com a Planned Parenthood. Esse tipo de coisas é invadir a nossa comunidade [...] é um verdadeiro genocídio e acontece há muitos anos [*sic*]".[30]

- Ryan Scott Bomberger, afro-americano e co-fundador da Radiance Foundation, foi fruto de uma violência sexual e nasceu de uma mãe que, segundo ele, "teve coragem"[31] de manter a gravidez e colocá-lo no mundo. Foi adotado por uma família cristã logo após o nascimento. Ryan denunciou recentemente que a

> Planned Parenthood mata mais negros desarmados em um dia do que a polícia é acusada em um ano [...] estas mortes de negros desarmados no ventre materno causadas pela Planned

29 No clipe, o vídeo mostra também Cannon como um adulto, assistindo à cena da sua mãe se dirigindo à clínica abortista. Ele suplica à sua mãe durante toda a canção para salvar sua vida. Um trecho da música diz: "Trezentos dólares, esse é o preço? Mamãe, eu não gosto desta clínica. Espero que você vá tomar a decisão correta e não vá embora com a escolha da faca. Sempre serei uma parte de você. Confia na sua alma, tem que saber que sempre é verdade. Se pudesse falar, eu te diria 'Posso viver? Posso viver?' [*sic*]".

30 Matéria "O aborto é um autêntico genocídio contra a comunidade negra, diz famoso rapper" do Portal Acidigital, disponível em https://www.acidigital.com/noticias/o-aborto-e-um-autentico-genocidio-contra-a-comunidade-negra-diz-famoso-rapper-21590.

31 "O aborto nunca pune o agressor. E eu gostaria que, em público, falássemos mais sobre punir o indivíduo culpado e fazer mais para proteger as vidas de mulheres e crianças. Por isso, agradeço que minha mãe biológica tenha tido a coragem de passar por uma gravidez e fazer um plano de adoção, manter o suficiente para superar o momento imediato de dor e confusão insondáveis. E é isso que acontece nesses casos, muitos estão fixados no momento imediato e não vêem a possibilidade do que pode acontecer no futuro. E, sinceramente, as crianças são a única coisa que pode resgatar tal ato de violência. E isso é o que eu ouço de mulheres que experimentaram isso em todo o país; mulheres que escolheram carregar seus filhos, ou escolhidas para pais que são resultado dessa violência". Entrevista concedida em 16 de maio de 2013 para o portal NC Family; https://www.ncfamily.org/interview-ryan-scott-bomberger/.

Parenthood somam 266 por dia, 30% — a porcentagem dos abortos no país entre negros — dos 322.999 abortos que geram mais de 200 milhões de dólares por ano para a rede de abortos.

Esse é o resumo do legado de Margaret Sanger. Ela é a mais famosa defensora do aborto no início do séc. XX, cunhou o termo "controle de nascimentos" e é impossível entender a gravidade de sua atuação sem compreender o que ele significa. "Controle de nascimentos" tem mais a ver com "controle" do que com "nascimentos" e isso é bastante óbvio. Num primeiro momento, qualquer mulher pode ter a impressão de que isso se refere ao seu controle e à sua escolha. Na prática, também na teoria de Sanger,[32] refere-se, na verdade, ao controle do Estado e das organizações internacionais sobre o nascimento dos outros, sobre a vida de todos. Descreveu em seu livro *O eixo da civilização* o que acreditava ser a raça humana: uma composição feita da mistura de fortes e fracos, aptos e inaptos.

> As mulheres não devem pedir direitos. Somente têm necessidade de reivindicar o poder [...] este poder não deverá estar na busca fútil de independência econômica e a imitar os homens na ocupação de indústria e dos negócios [...] o poder da mulher se pode expressar e pode se fazer sentir somente quando [ela] rejeita a tarefa de dar à luz crianças não queridas.[33]

Para ela, o controle de natalidade era uma forma de controlar[34] e evitar a proliferação dos fracos, pobres, doentes, deficientes[35] e inferiores. Tratava-se de um controle externo sobre a demo-

32 "O eugenista sublinha que a herança é o grande fator determinante na vida de homens e mulheres. A eugenia é a tentativa de resolver o problema do ponto de vista biológico e da evolução [...] o controle de nascimentos que foi criticado como negativo e destrutivo é realmente o maior método eugenista, e sua adoção como parte do programa de eugenia poderia dar imediatamente um poder concreto e real a esta ciência". Roccella & Scaraffia, *Contra o cristianismo*, p. 228.

33 *Ibid.*, p. 228.

34 *Ibid.*, p. 225.

35 "A deficiência mental, como indicam os estudos e estatísticas de todo o país, está invariavelmente associada a uma taxa de fertilidade elevada, anômala [...] Os estudos modernos indicam que a loucura, a epilepsia, a criminalidade, a prostituição, a indigência, a imperfeição mental, estão todos organicamente ligados e que em toda comunidade os grupos menos inteligentes e completamente degenerados são mais prolíficos". *Ibid.*, pp. 225–226.

grafia, manipulação do número de nascituros e prospecção de crianças desejáveis; não se tratava exatamente de "direito de escolha" — pelo menos não para todas as mulheres e muito menos para as crianças.

> O controle da natalidade é o conjunto de ações executadas pelo Estado e organismos paraestatais (dependências das Nações Unidas, multinacionais, organizações não-governamentais etc.) cuja finalidade é provocar o decréscimo da taxa de natalidade em determinadas regiões ou países.[36]

Para ilustrar de que forma as instituições interessadas em controle global utilizam o suposto interesse das mulheres pelo aborto, recorro ao trabalho do pesquisador e advogado argentino Jorge Scala. Scala publicou um livro destinado a revelar as intenções e interesses das instituições que promovem o aborto nas Américas, em especial, nos países de Terceiro Mundo. Em uma rápida explanação histórica, Scala demonstra como as formas de controle de um povo sobre o outro foram se transformando:

> Na Antigüidade, o domínio de uns povos sobre outros se exercia de um modo físico; de tal maneira que os vencidos no campo de batalha eram convertidos em escravos dos vencedores. Os romanos modificaram este estilo de conquista, mediante a assinatura de pactos com os povos derrotados [...] os bárbaros arruinaram todos os aspectos da organização romana e retomaram as formas físicas de domínio [...] antes o domínio era físico, hoje é geopolítico e econômico.[37]

Na nova configuração de controle, o Norte rico e o Sul pobre entram em tácito conflito. Temendo sua estagnação demográfica contra o incremento populacional dos países mais pobres, nações como os Estados Unidos começam uma campanha contra a "explosão demográfica" dos países do Sul. Pesquisas demonstram que a população norte-americana vem envelhecendo, enquanto os países do Terceiro Mundo continuam com população jovem, o que implica em mais mão-de-obra e, conseqüentemente, mais movimentação econômica.

36 Jorge Scala, *IPPF — A multinacional da morte*, 2004, p. 11.

37 *Ibid.*, p. 13.

> Posto que a origem do desequilíbrio atual é demográfica, e os países ricos se reconhecem incapazes de aumentar suas taxas de natalidade — o egoísmo visceral de seus cidadãos os faz estéreis em todos os campos, incluindo a rejeição da própria descendência — em conseqüência, a solução que dispuseram foi diminuir compulsoriamente a natalidade das nações pobres, até obter um equilíbrio entre as taxas, que assegure a continuidade da atual ordem econômica e geopolítica.[38]

Dentre as inúmeras descobertas da investigação de Scala, vale a pena destacar o Relatório Kissinger, escrito em 1974 e mantido em sigilo pela Casa Branca até 1989. A referida cartilha prevê meios de controlar o crescimento populacional dos países em desenvolvimento como estratégia econômica vantajosa para que os países da América do Norte mantenham a liderança e assegurem seus interesses internacionais. Um trecho do documento define que "é fundamental para qualquer estratégia efetiva chegar a um compromisso mundial político e popular para a estabilização da população [...] os EUA deverão alentar os dirigentes dos países em vias de desenvolvimento a avançar no planejamento familiar".[39]

A referida cartilha é apenas um exemplo de como o controle de natalidade deixou de ter relação com o direito de escolha das mulheres para ser uma estratégia de controle de organismos internacionais sobre populações vulneráveis. Sucessivas conferências internacionais que tentavam impor o aborto em países da América do Sul servem de prova: Bucareste em 1974, México em 1984, Eco 92 no Rio de Janeiro, Cairo em 1994 e Pequim em 1995.

Há ainda um exemplo histórico definitivo. Durante o curto período de controle nazista sobre o território russo, Heinrich Himmler (1900–1945) — aquele que ficou conhecido como o pior homem de Hitler e idealizador dos campos de concentração nazistas — solicitou que um documento fosse redigido para tratar da política demográfica a ser implantada contra os russos. Dr. Wetzel, que redigiu o documento a pedido de Himmler, escreveu:

38 *Ibid.*, p. 15.
39 *Ibid.*, p. 30.

> Se deve inculcar à população russa por todos os meios de propaganda, em particular pela imprensa, o rádio, o cinema, os panfletos, folhetos e conferências, que um grande número de filhos não representa senão uma carga pesada. Há que insistir nos gastos que os filhos ocasionam, nas boas coisas que se poderia ter com o dinheiro que se gasta com eles. Poder-se-ia mesmo aludir aos perigos que podem representar os partos para a saúde da mulher. Ao mesmo tempo, deve-se estabelecer uma propaganda ampla e poderosa em favor dos produtos anticoncepcionais. Deve-se criar uma indústria apropriada [...] a lei não castigará o aborto. Haverá que facilitar a criação de instituições especiais para o aborto [...] os médicos devem recomendar igualmente a esterilização voluntária.[40]

Como se vê, tudo que se tem dito e propagado sobre aborto seguro[41] e a importância dessa resolução para a saúde pública não passa de demagogia. Valendo-se do que é uma preocupação quase universal — a saúde, a vida e o bem-estar das mulheres — as feministas camuflam seus discursos. O aborto é uma sugestão totalitária e faz parte de uma agenda que inclui a instituição da promiscuidade e o fim da família. Para as escritoras italianas Roccella e Scaraffia, as feministas abortistas e as entidades globalistas que juntas trabalham pela aprovação dos ditos "direitos reprodutivos" nada mais fazem do que colocar, em truculentas mãos femininas, o controle total sobre quem vive e quem morre:

> O nascimento destes novos direitos, que identificam na mulher em situações concretas de mal-estar e enfermidades os contextos nos quais devem intervir as organizações internacionais humanitárias, levou a uma conexão de dois campos de ação: as mulheres e a saúde, colocando o centro da intervenção naquela que é chamada a "saúde reprodutiva", dentro da qual o direito à vida está reservado somente às mulheres, enquanto uma política de severa contenção demográfica se opõe ao nascimento de filhos.[42]

40 *Ibid.*, p. 21.
41 Para saber mais sobre os dados de aborto no Brasil recomendo que se assista às palestras de Renata Gusson Martins, farmacêutica e bioquímica, e Isabela Mantovani, enfermeira e especialista em saúde pública.
42 Roccella & Scaraffia, *Contra o cristianismo*, p. 50.

Margaret Sanger atuava durante a Primeira Onda defendendo aborto e contracepção ao mesmo tempo em que outras militantes defendiam o sufrágio feminino, marcando o caráter sexualmente revolucionário do movimento feminista desde seus primeiros passos. Talvez por seu radicalismo, ela contava mais freqüentemente com apoio de homens intelectuais e de destaque do que com o apoio de mulheres líderes do movimento sufragista. Tamanha imoralidade e sanha abortista não costumavam ser bem aceitas nas décadas de 1920 até 1950, daí a importância dos textos que seriam pulverizados durante a segunda onda defendendo promiscuidade, desapego e irresponsabilidade sexual. Daí também a certeza de que aborto e libertinagem sexual sempre estiveram ligados ao núcleo feminista.

Promiscuidade e irresponsabilidade sexual

É verdade que o feminismo — seja ele liberal, socialista ou marxista — não fez da revolução sexual o seu primeiro vagão ou a sua campanha de *marketing*. Não pegaria bem para ninguém. Não se falava com freqüência do direito de ser "vadia" durante o século XIX e início do século XX. Em uma análise mais profunda, no entanto, nota-se que o dito documento[43] fundador do feminismo publicado em 1792 fora escrito por uma defensora do "amor livre"; portanto, as primeiras pegadas de uma nova moralidade sempre estiveram marcadas na literatura feminista. A segunda onda do movimento só faz mais evidente o papel fundamental da liberação sexual no discurso feminista. A fase é marcada pelo desejo de algumas mulheres ocidentais de reproduzir os defeitos sexuais que sempre foram, no imaginário social, atribuídos aos homens: promiscuidade, desapego e irresponsabilidade com relação aos filhos. Se há um símbolo para a segunda fase do movimento é precisamente a inveja do vício. O escritor russo Sorokin se vale exatamente deste termo, "vício", para descrever o aumento no número de adultérios, episódios de fornicação, abandonos e divórcios que se seguiu ao início da liberação sexual:

43 Detalhadamente analisado no capítulo primeiro.

> Com o uso de entorpecentes, o viciado tenta aliviar suas tensões penosas e experimentar as formas mais intensas de prazer sexual. Quanto mais a pessoa se entrega ao uso das drogas, mais solidamente é agarrada por seus tentáculos. Quanto mais as usa, mais substancialmente elas alteram a personalidade total do toxicômano. O vício sexual não apresenta uma exceção a estas regras. A dedicação de um indivíduo à procura de prazeres sexuais significa um aumento da ânsia sexual a expensas de outros fatores determinantes de sua atividade total e modifica radicalmente todo o seu sistema de forças que governam o comportamento humano [...] da mesma forma, uma modificação tangível do sistema de forças que condicionam o comportamento humano transforma a personalidade total do indivíduo, seu corpo, seu espírito, seus valores e ações.[44]

Essa "questão sexual" e esses "vícios" passaram a ser pública e ostensivamente defendidos com o advento da segunda onda: faça amor, não faça guerra, goze livremente, lute pela soberania de seus desejos, liberte-se da decência, assuma-se, viva o amor livre. Antes disso, havia apenas artigos e livros sendo publicados para preparar algumas mentes para a próxima fase. Na década de 1930, já se falava dos rumos dessa Revolução Sexual. Wilhelm Reich (1897-1957) escreveu sobre a União Soviética e a resistência de Stálin à implantação de uma reforma na cultura e no sexo. Havia uma relação direta entre a busca por essa reforma, os métodos contraceptivos e o aborto. O russo Pitirim Sorokin também publicou um relatório sobre os efeitos do pensamento feminista de liberação sexual. Foi uma fase em que "as feministas condenavam a estrutura social da América como opressiva e lutavam por uma nova visão de mundo, uma que não envolvesse Deus ou regras societárias".[45]

Com uma precisão incrível, Sorokin descreve as mudanças comportamentais e ideais de seu tempo, as primeiras décadas do século XX, como se estivesse adivinhando o que presenciamos hoje nas universidades, escolas, mídia e eventos sociais:

44 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, p. 21.
45 Schlafly, 2015, p. 84.

> O impulso sexual é declarado atualmente como a mola-mestra do comportamento humano.[46] Em nome da ciência, é aconselhada a sua mais plena satisfação como condição necessária para a saúde e felicidade do homem. As inibições sexuais são consideradas a fonte principal de frustrações, doenças mentais e físicas e criminalidade. A castidade é ridicularizada como superstição e falsa pudicícia. A lealdade nupcial é estigmatizada como antiquada hipocrisia. O pai é pintado como um tirano. A maternidade é interpretada como uma mazela, que só serve para arruinar a vida dos filhos. Os filhos e as filhas são pintados como cheios de complexos de sedução de sua mãe e pai, respectivamente. A libertinagem e a façanha sexual são orgulhosamente romantizadas. O *homo sapiens* é substituído pelo *homo sexualis*, repleto de libidos genitais, anais, orais e cutâneas. O tradicional filho de Deus, criado à imagem de Deus, é transformado num aparelho sexual movido pelo instinto, preocupado com questões sexuais, aspirando a relações sexuais, sonhando com elas e pensando principalmente nelas. A sexualização dos seres humanos atingiu quase o seu ponto de saturação.[47]

Tudo isso se percebia antes mesmo da popularização dos métodos contraceptivos. Com o advento das pílulas e demais métodos, a hipersexualização ganhava um novo patamar. Pela primeira vez os meios anticoncepcionais[48] — os meios de separar o ato sexual da reprodução entre o sexo por prazer e o sexo para procriação — são acessíveis a todos, homens e mulheres, jovens e velhos, solteiros e casados, pobres e ricos. As mulheres puderam, finalmente, sentir-se desprendidas do peso da gravidez, sentir-se como supostamente um homem se sentia. E muitas passaram, imediatamente, a agir como os piores homens que sempre criticaram: com total desprendimento.

46 "O exagero ridículo e quase doentio do ponto de vista sexual já é por si um sintoma de perturbação espiritual da época presente; isto se deve principalmente ao fato de nosso tempo não ter a compreensão correta da sexualidade. Quando um instinto é subestimado, a conseqüência imediata é que depois será superestimado de maneira anormal. E quanto mais injusta tiver sido a subestima, tanto mais doentia será a superestima posterior. [...] Antes de Freud nada devia ser sexual, agora é como se tudo se tornasse de repente 'nada mais que' sexual". Jung, *O desenvolvimento da personalidade*, §157.

47 Sorokin, 1961, p. 23.

48 Money e Tucker, 1981, p. 10.

> A pílula anticoncepcional foi a grande responsável pela radical mudança de comportamento amoroso e sexual observado a partir dos anos 1960. O sexo foi definitivamente dissociado da procriação e aliado ao prazer. A mulher se liberta da angústia da maternidade indesejada e passa a reivindicar o direito de fazer do seu corpo o que bem quiser [...] Os movimentos de contracultura [...] alteraram as correlações de força na sociedade, desfizeram preconceitos, ridicularizaram falsos poderes e criaram novos paradigmas culturais que vieram para ficar, como o modo de vestir, de fazer arte e de se relacionar.[49]

Surgiram livros, pesquisas, matérias e carreiras de feministas totalmente pautadas em levantar um novo padrão moral, o comumente chamado "relativismo". Kate Millett (1934–2017), papisa da política sexual feminista, escreveu uma obra inteira sobre como travar a guerra política por meio do sexo e da promiscuidade. Publicado em 1970, o livro trata dos fracassos e retrocessos que o feminismo teve que enfrentar e sobre como as feministas devem se preparar para uma reação ligada à mudança do comportamento social. No mesmo ano, a radical Shulamith Firestone (1945–2012) publicou seu livro, *A dialética do sexo*, onde apresenta às mulheres quatro etapas para se alcançar o objetivo da causa feminista:

> [1] A libertação das mulheres da tirania de sua biologia reprodutiva por todos os meios disponíveis e a ampliação da função reprodutiva e educativa de toda a sociedade globalmente considerada [...] [2] a total autodeterminação, incluindo a independência econômica, tanto das mulheres quanto das crianças [...] é por isso que precisamos falar de socialismo feminista. Com isso atacamos a família em uma frente dupla, contestando aquilo em torno do que ela está organizada: a reprodução das espécies pelas mulheres, e sua conseqüência, a dependência física das mulheres e das crianças. Eliminar estas condições já seria suficiente para destruir a família, que produz a psicologia do poder. Contudo, nós a destruiremos ainda mais. [3] A total integração das mulheres e das crianças em todos os níveis da sociedade. Todas aquelas instituições que segregam os sexos ou separam as crianças da

49 Regina Navarro Lins, em *Orenstein*, 2017, p. 8.

sociedade adulta [...] devem ser destruídas. E, se as distinções culturais entre homens e mulheres e entre adultos e crianças forem destruídas, nós não precisaremos mais da repressão sexual que mantém essas classes diferenciadas, sendo pela primeira vez possível a liberdade sexual "natural". Assim, chegaremos à [4] liberdade sexual para que todas as mulheres e crianças possam usar sua sexualidade como quiserem. Não haverá mais nenhuma razão para não ser assim [...] Em nossa nova sociedade a humanidade poderá facilmente voltar à sua sexualidade natural "polimorfamente diversa". Serão permitidas e satisfeitas todas as formas de sexualidade. A mente plenamente sexuada tornar-se-á universal.[50]

Os tentáculos do movimento nunca deixaram de ser hipersexualizados e inescrupulosos como Firestone os apresenta. Naomi Wolf (1962–) é uma das expoentes da defesa de uma vida libidinosa para as mulheres. Ela publicou *O mito da beleza* em 1990 e, depois disso, nunca mais parou de escrever sobre o assunto. Jessica Valenti (1978–), por sua vez, é uma das escritoras feministas mais recentes a dedicar uma vida literária inteira à propagação da promiscuidade. Em 2009, ela publicou um livro chamado *The Purity Myth* onde conta que perder sua virgindade não teve nada de especial e que as mulheres podem e devem ir para a cama com vários parceiros. Fez do sexo casual uma bandeira oficial da causa feminista. Valenti incentiva as mulheres a assumirem a "piranha" que existe dentro delas. Décadas antes delas, as feministas Margaret Sanger e Simone de Beauvoir selavam os piores exemplos possíveis para as mulheres.

Em 1950, quando Sorokin[51] pesquisou a trajetória da revolução sexual nos Estados Unidos, escreveu como que profeticamente: "Se continuar a atual marcha de declínio da virgindade pré-nupcial, é provável que, dentro de algumas gerações, essa virtude se torne um mito do passado". Nos anos 1940, a idade média que as mulheres tinham quando perdiam a virgindade era dezenove anos, mesmo considerando que se casavam mais cedo. As premonições de Sorokin se cumpriram. Ele não estava mais vivo para presenciar que, em 1999, essa idade média caiu

50 Shulamith Firestone, *La dialectica de los sexos: em defesa de la revolucción feminista*. Barcelona: Editora Kairós, 1976, pp. 258–262.

51 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, 1961, p. 20.

para quinze anos e 71% dos jovens já aprovava o sexo antes do casamento. Em 1943, apenas 12% tinha a mesma aceitação sobre fazer sexo antes do casamento. Essas mudanças não acontecem apenas longe de nós; a configuração da família brasileira também mudou:

> Os casais com filhos (morando no mesmo domicílio) representavam 65% do total em 1980, e [este número] caiu para 61,3% em 1991, 58,8% em 2000 e chegou a 52,2% em 2010. Ou seja, o tipo de arranjo familiar que sempre foi hegemônico na sociedade brasileira está prestes a perder a maioria absoluta, e a tendência é continuar perdendo [...] cresce o arranjo formado por casais sem filhos [...] outro arranjo que apresentou grande crescimento foi o monoparental feminino, ou seja, o arranjo de mães[52] (solteiras, separadas ou viúvas) com filhos passou de 11,5% em 1980 para 15,3% em 2010 [...] os casamentos ficaram mais instáveis. Nos últimos 40 anos cresceu o número de separações e divórcios. Conseqüentemente, cresceu o número de recasamentos, especialmente no caso dos homens. O aumento das separações e dos divórcios interfere nas mudanças das estruturas familiares.[53]

As feministas alcançaram seu objetivo. "A sexualidade era completamente irresponsável, completamente irreligiosa. Éramos um bando de imbecis". Foi assim que o jornalista P. J. O'Rourke (1947–) descreveu[54] as práticas de adolescência na época dos anos rebeldes.

Também vale mencionar que muitas mulheres de hoje buscam referência teórica e ideológica para seus próprios vícios ou faltas morais. Quando uma mulher aborta, não é de impressionar que passe a defender o aborto como pauta política

52 As mães solteiras são o alvo principal da esquerda feminista. É evidente que as feministas apóiam o aborto; no *Daily Beast*, a autora feminista Linda Hirshman deixou claro que o apoio ao aborto é o teste decisivo para saber se uma mulher é verdadeiramente feminista. No entanto, a esquerda mantém o objetivo de aumentar cada vez mais o número de mães solteiras: aquelas mulheres que engravidam fora do casamento. Isso tudo porque as mães solteiras dão força às exigências da esquerda por mais subsídios do governo para quem leva uma vida sem casamento. As políticas são óbvias: sem marido, é mais fácil que as mães solteiras esperem que o governo do Grande Irmão seja o provedor. Cf. Schlafly, *O outro lado do feminismo*, 2015.

53 Blay, 2017, p. 45.

54 Documentário *Boomer$!*, CNBC, 4 de março de 2010.

para não se sentir numa condição hipócrita. O mesmo ocorre às mulheres adúlteras, infiéis ou promíscuas. Cientes de sua condição prática e escolhas pessoais, tendem a mobilizar conceitos e pautas políticas que sejam concordantes. Esse fenômeno já foi descrito como "dissonância cognitiva"[55] pelo psicólogo Leon Festinger, em termos de ser a necessidade que temos de encontrar uma concordância entre nossas cognições (crenças, opiniões e conhecimento) e nossas ações. A dissonância acontece quando dois elementos entram em conflito e a tendência humana é minimizar essa desavença. Esse fenômeno também é vastamente descrito no *Maquiavel pedagogo* ou *O ministério da reforma psicológica*; nele, Pascal Bernardin expõe as técnicas psicológicas utilizadas para conseguir modificar a opinião[56] dos indivíduos e das massas acerca de temas polêmicos, exatamente como é o caso do aborto e do sexo.

É de impressionar que, diante dos textos inescrupulosos de tantas matriarcas feministas, ainda se diga que o feminismo diz respeito ao reconhecimento dos direitos das mulheres. Desde que a Revolução Sexual entrou em curso, a sociedade teve seus padrões de comportamento visivelmente alterados em direção à agenda libertina das feministas. Pesquisas e índices revelam essa transformação na América e demonstram a dimensão da mudança.

O segundo sexo

Considero que a obra inaugural da Segunda Onda feminista foi o livro da francesa Beauvoir publicado em 1949: *O segundo sexo*. Conforme a vida de Simone de Beauvoir virá a confirmar, tudo que ela defendeu se tornou parte de uma conversa sedutora e aliciadora. A essa altura, o feminismo já assumira tons sexualmente revolucionários, ao ponto de Søren Kierkegaard[57] descrevê-lo como uma idéia perigosa:

55 *A teoria da dissonância cognitiva*, publicado em 1957.

56 Uma das estratégias mais comuns para reduzir uma dissonância cognitiva é mudar a crença conflitante até que seja consistente com um comportamento passado que tivemos ou do qual nos acusam. Outra estratégia envolve diminuir a importância da crença que está causando mais conflitos.

57 Søren Kierkegaard, *Either-Or*, pt. II. Princeton: Princeton University Press, 1946, p. 56.

> Odeio toda essa conversa sobre emancipação da mulher. Deus não permita que isso se dê. Essa idéia trespassa meu coração, provocando uma dor e uma exasperação indizíveis. Não tenho como descrever o ódio que sinto de cada pessoa que dá ouvidos a essa conversa [...] nem o mais vil dos sedutores pensaria numa doutrina mais perigosa para a mulher, pois, depois de fazê-la crer nisso [no que é apregoado pelas feministas], ela estará completamente em suas mãos, à mercê das vontades dele, e não será para ele nada além de objeto de suas fantasias, isso quando, como mulher, ela poderia ser tudo para ele.

Simone abre seu primeiro volume de *O segundo sexo* listando a divisão sexual de várias espécies do reino animal e, com certo sadismo que não consegue esconder, ressalta aquelas em que os machos são mais descartáveis. É aquele discurso habitual das feministas, sempre tentando convencer a humanidade de que seu sexo é indispensável, e o dos homens, não apenas dispensável, mas também detestável. Beauvoir cita os entoniscíneos, a escravidão dos machos entre os edriolidíneos e alguns insetos. Em seguida, ela apresenta as espécies nas quais macho e fêmeas não se distinguem com nitidez.

Todas essas informações realmente montam o que parece uma introdução eficaz. O problema, no entanto, é que não apenas a nossa espécie humana distingue macho e fêmea com nitidez, como também evidencia a superioridade de força motriz dos machos. Se a natureza for o juiz excelente entre a humanidade, então a superioridade do macho estará afirmada cabalmente. É difícil entender a recorrência do argumento da "naturalidade" entre as teses de algumas feministas. A própria Simone admite:

> A mulher é mais fraca que o homem; ela possui menos força muscular, menos glóbulos vermelhos, menos capacidade respiratória, corre menos depressa, ergue pesos menos pesados, não há quase nenhum esporte em que possa competir com ele; não pode enfrentar o macho na luta. A essa fragilidade acrescentam-se a instabilidade, a falta de controle e a fragilidade de que falamos: são fatos. Seu domínio sobre o mundo é portanto mais estrito; ela tem menos firmeza e menos perseverança em projetos, os quais é também menos capaz de

executar. Isso significa que sua vida individual é menos rica que a do homem. Em verdade, esses fatos não poderiam ser negados, mas não têm sentido em si.[58]

Da biologia, ela parte para uma análise histórica e sociológica da condição feminina. Desde que a obra de Simone de Beauvoir entrou em circulação, tem sido recorrente a acusação de que os homens se consideram o padrão em relação ao qual todos os outros seres humanos — ou seja, as mulheres — devem se basear. Para a autora, o "sujeito" é sempre masculino e fundido ao conceito universal, enquanto a mulher representa "o outro", a mulher está fora das normas universalizantes, condenada à imanência. As mulheres teriam estado sempre em condições secundárias.

Daí parte sua teoria da corporificação: o corpo masculino é um instrumento de liberdade ostensiva, basicamente porque não se impõe. A mulher, por sua vez, está sempre restrita ao seu corpo feminino, limitada e afetada por ele: na puberdade, na menstruação, na gravidez, na menopausa, etc. Simone e seu amante, Sartre, tinham problemas pessoais e íntimos em aceitar a passagem dos anos e a chegada da velhice. Em suas cartas e biografia, essa dificuldade era evidente. Impregnada desse sentimento, ela acusa a vida, a natureza e o corpo da mulher de traição:

> O próprio uso que o homem faz da mulher destrói suas virtudes mais preciosas: gasta pela maternidade, ela perde sua atração erótica; mesmo estéril, bastas os anos para alterar-lhe os encantos. Enferma, feia, velha, a mulher causa horror.[59]

Para a feminista Judith Butler, essas "associações culturais entre mente e masculinidade, por um lado, e corpo e feminilidade, por outro, são bem documentadas no campo da filosofia e do feminismo",[60] mas representam elas mesmas a rendição a uma economia lingüística masculinista. Não impressiona que a ama de leite da ideologia de gênero, Butler, recorra tantas vezes

58 Simone de Beauvoir, *O segundo sexo: fatos e mitos*. Nova Fronteira, 2016, p. 62.
59 *Ibid.*, p. 223.
60 Butler, *Relatar a si mesmo*, 2015, p. 36.

a Simone de Beauvoir. Mesmo que "gênero" não seja um termo utilizado na publicação de 1949, ele aparece conceitualmente:

> Nenhum destino biológico, físico, econômico, define a figura da fêmea humana que se reveste no seio da sociedade: é a civilização como um todo que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificamos de feminino.[61]

Para Simone, o corpo é um fardo, livrar-se dele é começar a se libertar.[62] Com a maternidade não é diferente. Estamos acostumados a pensar na gestação como fonte de vida e luz; mas, para ela, ao contrário, aceitar uma gravidez é aceitar ser "escravizada como mãe".[63] Ao odiar a maternidade e a feminilidade, ela odeia, imediatamente, o símbolo máximo dessas virtudes, a Virgem Maria:

> A virgindade de Maria tem principalmente um valor negativo [...] pela primeira vez na história da humanidade, a mãe ajoelha-se diante do filho; reconhece livremente a própria inferioridade.[64]

É absurdo supor que Simone tenha esquecido que Jesus, o Filho, ainda bebê, fez curvarem-se diante dele três reis magos, fez sentir temor o Rei Herodes, fez prostrarem-se, no fim das contas, milhares de homens poderosos que hoje repetem o ato de ajoelhar-se voluntariamente. Não foi somente Maria, mãe, que se curvou. De toda forma, Simone se levanta claramente contra a moral cristã. Para ela, a Bíblia é responsável, em parte, pela condição de humilhação da mulher em relação ao homem. Apontando para o Gênesis, ela acusa a Bíblia de colocar a mulher em condição de servidão e, já que Adão foi criado primeiro, a mulher passa a ser "secundária". Para Alice von Hildebrand, em nada surpreende que o feminismo de Simone

61 Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 9.
62 "O existencialismo ateu é uma tentativa de absoluta autodeterminação de si para si" — Oliver Bonnewijn, *Gender, quem és tu?* Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 67.
63 Simone de Beauvoir, *O segundo sexo: fatos e mitos*, 2016, p. 237.
64 *Ibid.*, pp. 236–237.

seja anticristão, pois quando o movimento declarou guerra[65] à feminilidade, declarou também à Cristandade.

Ao depreciar o corpo, ao odiar a maternidade, ao recriminar o curso biológico, Simone acaba com qualquer valor feminino. Quando pergunta "o que é uma mulher?", ela nega a profundidade do sexo biológico na feminilidade e na identidade humana:

> Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornar-se um ser humano na sua integridade.

O segundo sexo é como uma antevisão da teoria de gênero. Chegou a ser chamado de "Bíblia do feminismo" por uma das biógrafas da autora, Carole Seymour-Jones, que destacou que o livro

> pôs em marcha um trem irrefreável, até que seus conceitos de igualdade, escolha e autodeterminação se tornaram a moeda corrente das vidas de muitas mulheres. Quão *presciente* foi ao deixar de lado a diferença biológica é algo que só hoje está se tornado evidente, quando os eruditos debatem a crise da masculinidade e o fim do cromossomo Y.[66]

Somando-se a negação dos papéis sexuais, analisando os papéis de esposa, mãe e prostituta, Simone argumenta que as mulheres seguem vidas monótonas resultantes do cuidado da casa e dos filhos e que elas não passam de objeto de saciedade sexual e psicológica dos homens. Desde muito cedo, os teóricos feministas relacionavam a escravidão dos negros à condição da mulher que é esposa e mãe. Friedrich Engels, inclusive, chega a construir distintos parágrafos nesta comparação escrita em 1884:

> A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso

65 Alice von Hildebrand, *O privilégio de ser mulher*, 2013, p. 43.

66 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 18 [grifo meu].

> relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros.[67]

Para se aproveitar da abominável situação dos escravos, intentando colocar maridos e amos na mesma alçada, Simone de Beauvoir[68] também chegou a afirmar que a condição das mulheres em relação aos homens era tão infeliz que causava inveja da condição dos negros escravizados, proletários e judeus. Os negros, segundo Beauvoir, ao menos, poderiam desejar uma humanidade toda negra, ou livre de brancos; já a mulher, como se queixa ela, infelizmente nunca poderia eliminar o homem. Para alcançar a liberdade, a mulher deveria realizar-se por meio do trabalho, da criatividade e da busca do prazer sexual. Talvez supusesse, ao escrever *O segundo sexo*, que o modo de vida adotado por ela mesma — aliciando adolescentes, vivendo um relacionamento aberto e relativizando toda moral sexual — fosse verdadeiramente libertador. A qualquer um que conheça sua biografia não é difícil perceber, no entanto, que "escravidão sexual" é um conceito muito melhor ajustado à proposta feminista.

O primeiro sexo

Em seu livro, *O primeiro sexo*, o ensaísta e jornalista Eric Zemmour (1958–) apresenta um contraponto à posição de Beauvoir. O argumento é de fácil compreensão e os exemplos são didáticos: o "segundo sexo", descrito há mais de sessenta anos, tornou-se o primeiro e, talvez, o único. O autor descreve muito bem o atual estado de coisas em relação à feminização não só dos homens em si, mas da sociedade em geral. As primeiras palavras suas são categóricas: "Há homens e mulheres, não o Homem, nem a Mulher". Não versa o seu panfleto acerca de universais filosóficos, o que Zemmour intenta é traçar os impactos sociais pelos quais tem passado a civilização ocidental — outrora tão pujante, tão intensa e viril — por causa da queda dos valores masculinos.

Para o francês, é inegável que os pressupostos de todos os de-

67 Frederick Engels, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, pp. 70–71.

68 Introdução da obra *O segundo sexo*, publicada em 1949.

bates públicos, dos corriqueiros aos internacionais, são cravados em princípios femininos. Assim, prefere-se a paz à guerra, o diálogo à autoridade, a tolerância à violência, a precaução ao risco.

> É com uma boa vontade atordoante, suspeita e malsã que os homens fazem de tudo para realizar este ambicioso programa: tornar-se uma mulher como todas as outras.[69]

O homem de hoje em dia, diz Zemmour, se depila, passa creme, faz a sobrancelha; enfim, busca a todo custo atingir o ideal feminino. As estatísticas que o autor apresenta são incontornáveis. Atualmente, os números talvez sejam muito mais alarmantes do que à época da primeira edição do livro em 2006.

O que mais chama atenção no *Primeiro sexo* é a mudança antropológica pela qual, em tão pouco tempo, passou o homem. Perspicaz analista, Zemmour percebe a internalização dos comportamentos femininos nos jovens rapazes. Em conversas que travou com esses jovens, é que ele se dá conta disso. A virilidade não está mais presente neles quanto estava nos de seu tempo de juventude. Mas, ressalta ele, foram as feministas de sua geração as responsáveis pela criação de uma única palavra capaz de reprimir o homem a ponto de fazê-lo envergonhar-se de si mesmo, de sua masculinidade; trata-se do horripilante "machista", diante de cujo proferimento qualquer homem se sente acuado e, imediatamente, volve para a defensiva. Esse é o poder destrutivo de um singular sopro vocal. Assim foi, de modo que injetou nos homens o temor de parecer demasiadamente agressivos ou violentos, afetando, sobretudo, a classe política. Até o então líder do Partido Socialista Francês, François Hollande, apesar de homem, nada tinha de viril; pelo contrário, destacava-se pelas suas qualidades femininas, era um bom gestor, simpático, aberto ao diálogo, etc. O mesmo se aplica aos últimos presidentes brasileiros.

Para Zemmour, tudo se encaixa dentro duma leitura sociológica de ampla escala. O capitalismo transformou-se, de uma sociedade industrializada, ante a qual muitos sacrifícios se faziam necessários e as virtudes masculinas eram requeridas, para uma [virtude] de consumo, em que, sem dúvida, o maior grupo de

69 Eric Zemmour, *O primeiro sexo*, pp. 10–11.

destaque é a mulher, a sua maior consumidora. Em razão disso, é natural que se fortaleça em toda a sociedade aquilo que mais lhe dê lucros; dessa forma, o homem modifica-se ao mesmo tempo que o seu papel social. Se já não existem mais as mesmas infortunas condições que o obrigavam a agir com virilidade, o que outrora o definia, também não vê mais motivos recompensadores para que realize as suas aptidões mais características, uma vez que os valores masculinos estão em queda. Nesse sentido, destaca-se um fato muito curioso entre os adolescentes: os meninos e as meninas são indiscerníveis. Ambos usam camisa e calça *jeans*, cabelos curtos, têm jeitos similares, agem similarmente. Chamou-lhes andróginos, indiferenciáveis, não havendo nenhum pendor para que se singularizem ou se complementem.

A propósito, sob a perspectiva socioeconômica, sustenta Zemmour, o cidadão perfeito do capitalismo contemporâneo é o homossexual — mas não a mulher lésbica, o *homem* homossexual. Nele, combinam-se as mais desejáveis qualidades: capacidade de produção do homem associada à vontade de consumo feminina, temperada ainda mais pela impossibilidade de procriação, o que lhes permite consumir ainda mais, dado que a criação das crianças demanda uma quantidade enorme de recursos financeiros. É, no entanto, o primeiro sexo, o masculino, aquele que, ontologicamente, é considerado anterior ao feminino, apresenta-se como mero apêndice e reflexo dele, não mais como condutor dele. A *feminização da sociedade* acompanha *pari passu* a total perda de direção geral e de autoridade, porque os responsáveis por esse guiamento já não se colocam enquanto tais, absorvendo e aceitando ordens dos que deveriam ser comandados. É, com certeza, um ponto de vista violentamente contrário ao de Simone de Beauvoir e, sem dúvida, muito mais verdadeiro e verificável por qualquer pessoa comum.[70]

70 Leia mais sobre o abandono do *primeiro sexo* no capítulo quinto. Há outros filósofos que complementam idéias como essa apresentada por Zemmour, por exemplo: Alain Soral e Camille Paglia.

Simone de Beauvoir & Jean-Paul Sartre

Família é mesmo um monte de merda.
— Jean-Paul Sartre, filósofo e escritor francês, em uma carta para sua amante em setembro de 1934. *Witness to My Life*, p. 44.

Juntamente com Margaret Sanger e Betty Friedan, Simone de Beauvoir (1908–1986) compõe uma tríade do mal na Segunda Onda: elas são a personificação da reprodução feminina dos vícios masculinos. A obra de Simone foi considerada a "Bíblia do Feminismo" e sua vida foi ícone entre os anos 1960 e 1990. Em 2008, a pesquisadora e escritora Carole Seymour-Jones (1943–2015) publicou uma biografia[71] do casal formado por ela e pelo filósofo Jean-Paul Sartre. Reunindo cartas e depoimentos de conhecidos, conseguiu recontar a história sem ocultar os detalhes sórdidos. Sua obra foi fundamental para apresentar ao mundo a verdadeira face dos amantes revolucionários mais famosos da França:

> O casal Simone de Beauvoir/Sartre extrapolou as fronteiras de sua produção intelectual, influenciou gerações e para muitos se transformou em exemplo de liberdade e de emancipação feminina. A relação ideal seria aquela de Simone/Sartre. Como a arte de imitar contamina o ser humano de todos os cantos do universo, bastava ler uma linha acerca da suposta liberdade do casal famoso para tentar reproduzi-la. Esqueciam de analisar mais profundamente, esqueciam que liberdade e igualdade precisam andar de mãos dadas, do contrário será pura encenação. Os bastidores jamais serão insignificantes.[72]

Ao investigar a vida de ambos, Carole ficou "perplexa com a profundidade do abismo entre a lenda pública e as vidas privadas do casal".[73] Simone divulgou, em 1983, as cartas que Sartre havia lhe enviado durante os anos que estiveram juntos. Muitos questionaram onde estariam as cartas dela e por qual razão não haviam sido publicadas; Simone mentiu sobre o paradeiro das cartas que, em 1986, foram descobertas. Aliás, a mentira era traço indelével de seu caráter. Simone mentia para as amantes, para os namorados, para a imprensa, para os biógrafos e para quem mais pudesse se interessar por ela. Um de seus amantes, Jacques-Laurent Bost[74] (1916–1990), considerava-a uma "mentirosa compulsiva".

No entanto, muito antes de conhecer Sartre e perder-se de vez, Simone tinha sonhos tradicionais como qualquer moça. Escreveu em seu diário que sonhava em se casar: "é a maior felicidade que posso ter nesta vida; acho que é a maior felicidade que qualquer mulher, ou homem, pode conhecer. Quando duas pessoas amam uma à outra, o casamento é, talvez, uma coisa linda e muito boa".[75] A condição de pobreza da família, no entanto, afastava esse sonho. Sartre, por sua vez, mesmo antes de conhecer Simone, já era bastante repulsivo. Em sua autobiografia, *Palavras*, ele comenta que alimentava desejos sexuais com a própria mãe.

> O ciúme do segundo marido, que toda noite exercitava suas prerrogativas conjugais, era ainda mais agudo porque, como Sartre admitiu, com a idade de 13 ou 14 anos, "eu sem dúvida nutria um forte sentimento sexual pela minha mãe [...] quando eu ia dormir à noite ela se despia e provavelmente ficava seminua. Eu permanecia acordado com os olhos semicerrados de modo a vê-la se despir" [...] "o que me atraía nessa ligação familiar não era tanto a tentação do amor, mas a proibição de fazer amor; eu gostava do incesto, com sua mistura de fogo e gelo, regozijo e frustração".[76]

Não é de se admirar, portanto, que, anos mais tarde, ele e Simone entrariam em defesa de pedófilos condenados, relativizando, como inúmeros outros escritores feministas, os pederastas e

71 As informações da vida de Simone e Sartre citadas nesse subcapítulo correspondem quase que exclusivamente ao robusto conteúdo do livro *Uma relação perigosa*, de Carole Seymour-Jones, publicado no Brasil pela editora Record. Não há biografia mais reveladora sobre o caráter de Beauvoir do que a obra da historiadora Seymour-Jones.

72 Comentário de Luiz Horácio para o Jornal Rascunho. Http://rascunho.com.br/ilusao-biografica/.

73 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 15.

74 Há um livro em francês sobre as correspondências trocadas entre eles durante os anos de 1937 até 1940: *Correspondances croisées 1937-1940, de Simone de Beauvoir et Jacques Laurent Bost.*

75 Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, p. 49.

76 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, pp. 55–56.

as relações sexuais incestuosas. Aconteceu em 1977, quando o Tribunal de Versailles acusou três homens por atentado ao pudor contra menores de 15 anos e os condenou a três anos de prisão preventiva. Os condenados foram acusados por se divertir fazendo sexo com crianças na faixa de 13 anos e fotografando para exibir depois. Uma petição pela libertação dos três criminosos foi assinada por 69 intelectuais e publicada no jornal *Le Monde*. O documento dizia:

> Um tempo tão longo de prisão para investigar um simples caso "vicioso" em que as crianças não foram vítimas de qualquer violência, mas ao contrário, testemunharam perante os magistrados que consentiram — embora a lei atualmente negue-lhes o direito de consentir —; um tempo tão longo na prisão nós consideramos escandaloso em si. Hoje eles estão em risco de ser sentenciados a uma longa pena de prisão, por terem tido relações sexuais com menores, tanto meninos quanto meninas, ou por terem encorajado e tirado fotografias de suas brincadeiras sexuais. Nós acreditamos que há uma incongruência entre a designação como "crime", que serve para legitimar tal severidade, e os fatos próprios; mais ainda entre a lei antiquada e a realidade cotidiana em uma sociedade que tende a conhecer sobre a sexualidade de crianças e adolescentes [...].

O documento ainda questionava, por exemplo, por que as meninas de 13 anos podiam tomar anticoncepcionais se não fosse para ter relações? Entre os intelectuais signatários, destacavam-se Michel Foucault e o casal Simone/Sartre. O casal também assinou uma carta aberta, publicada no jornal *Libération*, em defesa da revogação da lei que punia como estupro os atos sexuais com menores de 15 anos. Simone e Sartre pediam o "reconhecimento do direito da criança e do adolescente para manter relações com as pessoas de sua escolha" em solidariedade "a todos os pedófilos presos ou vítimas da psiquiatria oficial".

> Assim, na opinião de Beauvoir, crianças de 11 anos [eram] sexuais. Desde que a puberdade não acontecia e até hoje ainda não ocorre naquela idade para a grande maioria das crianças, é condizente nomear a defesa feita por Beauvoir como nada além de uma advocacia da pedofilia [...] a petição

> de 1977 deflagrou toda uma discussão em nível da sociedade na França sobre as leis relativas à idade do consentimento, uma discussão em que os abolicionistas (entre os quais Beauvoir e seu amante) se uniram no *Front de libération des Pédophiles* (FLIP — a Frente de Liberação dos Pedófilos) e as intenções dos membros da FLIP eram explicadas claramente por eles próprios na discussão transmitida em abril de 1978 pela Radio France Culture.[77] A FLIP seria lembrada como uma pioneira no movimento dos pedófilos franceses, embora a organização em si não tenha durado muito devido a suas discordâncias internas.[78]

Percebe-se que, apesar da criação cristã, Simone logo deixou os antigos valores. Desde muito cedo, percebia que atraía a atenção de moços e moças. A partir dos 12 anos já mencionava ter desejos sexuais e se contorcer na cama por causa deles; lembrou-se disso a sua vida inteira.

> Com 13 anos de idade, Simone se afastara da irmã às escondidas, numa tarde de calor, para descobrir seu próprio corpo, sozinha, recostada contra o tronco de um castanheiro [...] ela tirou a casca de um pequeno galho e delicadamente esfregou a varinha suave entre suas coxas.[79]

Aos 20 anos, escreveu em seu diário que estava apaixonada pela governanta da casa de uma das primeiras amigas que arrumou ao se mudar para estudar. Seu comportamento bissexual tomava corpo rapidamente. Sartre achava-se feio, era vesgo, não conseguia esquecer o trauma das paqueras frustradas na adolescência. Ao falar sobre Simone, Sartre fez um comentário que a qualquer outro custaria o rótulo de machista: "Ela tinha a inteligência de um homem e a sensibilidade de uma mulher. Em outras palavras, ela é tudo o que eu poderia querer". Ela, no entanto, escreveu em seu diário em 8 de agosto de 1929: "Preciso de Sartre, mas amo Maheu". Seja como for, eles se encaixaram e é difícil entender o que Simone viu nele:

77 "Sexual Morality and the Law", Chapter 16 of Politics, Philosophy, Culture — Interviews and Other Writings 1977–1984, p. 275.

78 Artigo *Simone de Beauvoir: Nazista, pedófila, misândrica e misógina.* Disponível em: http://www.vistablog.com.br/simone-de-beauvoir-nazista-pedofila/.

79 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 97.

Simone bateu na porta do quarto de Jean-Paul Sartre. Estava intrigada com sua reputação: "um terror" [...] aparecera nu em pêlo no baile dos alunos, que ele e seu amigo Pierre Guille haviam jogado bombas de água do teto da École Normale na cabeça dos convidados em seus trajes de noite, gritando "Assim mijava Zaratrustra!". Era de conhecimento geral que havia vomitado, bêbado, nos pés do diretor [...] e se apresentado travestido [...] desleixado nas roupas e não muito amigo de um banho [...] em duas semanas, Sartre e Simone se tornaram inseparáveis.[80]

Depois que a relação começou, Simone se declarava apaixonada. Como qualquer adolescente ansiosa, preparava tudo para receber Sartre. Escreveu em seu diário "que mesmo que continuássemos conversando até o Juízo Final, eu ainda assim acharia o tempo curto demais". Começaram a ter relações sexuais ao ar livre, sob castanheiros de uma propriedade familiar, antes de qualquer oficialização:

> Ao se entregar a Sartre sem nenhum compromisso, Simone estava arruinando para sempre a reputação de jovem burguesa respeitável, ainda que pobre. George, sem se deixar convencer pela história de Simone de que estavam estudando um livro sobre Marx, ordenou-lhe [a Sartre] que deixasse a região.[81]

Sartre enfrentou os pais de Simone e garantiu que continuaria a estudar com ela. Foi uma derrota para os pais e uma vitória para os amantes. Ela escreveu em seu diário que sentia que podia fazer qualquer coisa que desejasse; era dona de si mesma. Sartre teria feito algumas propostas de casamento que ela recusou inúmeras vezes. Ao voltar para Paris, arrumou um emprego como professora:

> Ela abriu o envelope contendo o primeiro contracheque e ficou com a sensação de que pregara uma peça em alguém. As professoras ganhavam o mesmo que os homens e até mesmo um salário de meio período pareceu uma fortuna para Simone, após anos vivendo de migalhas. Finalmente, podia se dar ao luxo de se vestir como queria [...] com a consciência recém-conquistada da própria feminilidade, Simone comprou creme

80 *Ibid.*, pp. 86–89.
81 *Ibid.*, p. 98.

> hidratante, pó de arroz e batom vermelho e os experimentou diante do espelho em seu quarto.

Mais elegante, ainda se dizia apaixonada, mas contrária ao matrimônio. Na verdade, apenas poucos dias após se despedir de Sartre, ela já voltara a ter um caso com Maheu, seu antigo amor. Realmente, firmar compromisso não lhe parecia interessante. Nessa época, seus pensamentos oscilavam entre três pretendentes. Sartre lhe confessou que não tinha vocação para a monogamia e ela, tranquilamente aceitou viver sob um regime de "não exclusividade".

> Nenhum mal-entendido parecia possível. Agora que ela permitira a Sartre "compartilhar a sua posição soberana", não vinha ao caso durante os dois anos de seu contrato tirar vantagem de fato dessas "liberdades" que na teoria eles tinham direito de usufruir [...] Sartre ofereceu uma segunda cláusula: "Nunca mentiríamos um para o outro". Sua vida juntos seria de total transparência [...] A data de 14 de outubro de 1929 se tornou o aniversário de casamento do futuro casal modelo da contracultura. "É um casamento morganático", afirmava a dupla, uma estranha escolha de termo para sua ligação, uma vez que não era entre um príncipe e uma mulher de condição inferior, tampouco era um casamento.[82]

Logo após o pacto e uma simulação de lua-de-mel que tiveram, ela passou a se encontrar novamente com Maheu. Sartre se mudou para longe e Simone o via pouco, sentiu-se obrigada a confessar que tinhas desejos sexuais mais fortes do que gostaria de ter. Até mesmo quando andava de metrô costumava olhar para os homens e cogitar se o desejo sexual deles era tão grande quando o dela. Escreveu: "Milhares de formigas rastejavam por meus lábios [...] sou fraca, sou covarde".

> Ela queria ser levada ao cúmulo do êxtase, de preferência sempre [...] Sartre ficava desnorteado com as exigências sexuais feitas a ele, que achava impossível de atender [...] Não demorou para Beauvoir perceber seu frio distanciamento do ato amoroso. Como explicou mais tarde para seu amante americano Nelson Algren, Sartre "é um homem caloroso

82 *Ibid.*, p. 108.

> e cheio de vida em tudo, mas não na cama". Os problemas sexuais de Sartre talvez sejam responsáveis por inúmeras opiniões negativas sobre a heterossexualidade que ela mais tarde expressou. Sua declaração muito criticada em *O segundo sexo* de que "a primeira penetração é sempre um estupro" provavelmente tinha raízes em sua experiência inicial com a "violência" de Sartre.[83]

O desejo sexual de Simone não conseguia assegurar que ela fosse minimamente exclusiva a Sartre; seus pensamentos e atitudes estavam sempre procurando outros corpos.

Olga Kosackiewicz, a primeira vítima

Tudo não passaria de promiscuidade e baixaria se as práticas tivessem se mantido como estavam. O problema é que Simone começou a envolver alunas adolescentes em suas aventuras sexuais. A primeira delas foi Olga Kosackiewicz (1915–1983), que a professora Beauvoir conheceu em 1932. Para seduzir essa jovem aluna, filha de um imigrante perseguido pela Revolução Russa, Beauvoir prometeu cuidado com suas despesas e educação, e convidou-a para morar em sua casa. Olga marcou tanto a vida de Beauvoir que sua personalidade serviu de inspiração para quatro livros.

> Simone, nove anos mais velha que a insegura e introspectiva estrangeira, tomou a iniciativa. Cortejando mais do que sendo cortejada, sua própria rebeldia encontrou eco na de Olga. Ambas rejeitavam os costumes burgueses. E a atração que jovens pubescentes exerciam em Beauvoir fica clara em suas cartas para a jovem pupila, cuja natureza infantil e corpo esguio ela enfatiza em *O auge da vida*.[84]

Simone participava de toda essa situação imoral, articulava encontros de suas alunas com Sartre, os viabilizava e as convencia. Chegou a se complicar profissionalmente por causa desse comportamento. Em 1943, foi demitida por "comportamento que levara a corrupção de menor". Seu envolvimento com adolescentes e até sua participação na defesa de pedófilos não era

83 *Ibid.*, p. 117.
84 *Ibid.*, p. 140.

surpresa para quem lia seus artigos e conhecia profundamente suas teorias antiburguesas:

> O interesse sexual de Beauvoir por crianças é um tema recorrente em toda sua vida. Ela estava entre os primeiros filósofos que tentaram unificar o gênero literário que se iniciou nos anos 1930 (e durou até os anos 1980 na Europa Ocidental) chamado *pedofilia pedagógica feminina*.[85] Ela tentou essa unificação com seu ensaio "Brigitte Bardot e a Síndrome de Lolita", publicado pela primeira vez na revista *Esquire* em 1959 e republicado várias vezes até meados dos anos 1970. Nesse ensaio, Beauvoir glorifica Brigitte Bardot por seu aspecto físico infantil, que *retém a perfeita inocência inerente no mito da infância* e então a apresenta como uma Houdini para meninas, que as liberaria e empoderaria para além das correntes que as subjugavam.[86]

Aliás, Simone teve suas várias escapadas; mesmo antes de se envolver com alunas, teve inúmeras chances de tirar vantagem do pacto de liberdade que fizera com Sartre. Chegava a vez dele. Depois de envolver-se com Simone Jollivet, ele conheceu Marie Ville, sua primeira amante conhecida por Simone.

> Sartre enfatizava que sob nenhuma circunstância eles deveriam se permitir sentir ciúme, com seu perigo potencial para desestabilizar o pacto. Haviam concordado em admitir amantes de ambas as partes: ela própria já não tirara vantagem dessa opção? Era vital manter as rédeas curtas nas emoções [...] Mas a paixão estava no cerne de Beauvoir [...]. Atraente na teoria, a alardeada "liberdade" do pacto apresentava inúmeras armadilhas. "O ciúme está longe de ser uma emoção que me é vedada, ou que subestimo", escreveu Beauvoir em 1960, falando da amarga experiência. Ela ficou magoada com a pulada de cerca de Sartre, embora, em suas memórias, tenha

85 Andy Martin, "The Persistence of the 'Lolita Syndrome'", em *The New York Times*, 19 de maio de 2013. http://opinionator.blogs.nytimes.com/2013/05/19/savile-beauvoir-and-the-charms-of-the-nymph/.

86 Simone de Beauvoir, *Brigitte Bardot and the Lolita Syndrome* (with many half-tone illustrations), p. 10; 14 — First Four Square Edition — The New English Library LTD., 1962. Artigo "Simone de Beauvoir: nazista, pedófila, misândrica e misógina", em http://www.vistablog.com.br/simone-de-beauvoir-nazista-pedofila/ [grifo meu].

negado[87] isso a seus leitores: "Não tinha a menor dificuldade em aceitar o fato".[88]

É impressionante perceber como uma mentira atravessa décadas, mesmo após desmentida, sustentando uma idéia fajuta de liberdade baseada no desapego. Tudo o que temos visto recentemente sobre relacionamento aberto e poliamor está espelhado em um casal que jamais passou de uma fraude, um simulacro de relação. Aliás, a própria suposta preferência de Sartre por Simone era mentirosa. Em certos momentos, Sartre tratava Simone como um amigo homem, ela tinha "qualidades masculinas: ambição, tenacidade de propósitos, rigor intelectual". Já as amantes que ele escolhia costumavam ser mais simplórias e mais atraentes para um homem que pretendia apenas carinho, afeto, companhia e sexo: "Com seu sorriso lendo e modos pensativos, Marie não era nem exigente, nem desafiadora. Proporcionava a tradicional virtude feminina da submissão ao macho [...] ela acariciava o ego machucado de Sartre". Nesse cenário de ciúme mascarado, a jovem Olga Kosackiewicz volta a aparecer. Ela

> correspondia a suas investidas, e Beauvoir, com o orgulho ferido pelo envolvimento de Sartre com Marie, tirou vantagem de sua ausência para explorar a própria sexualidade. Ansiosa por descobrir aonde seu interesse pelo mesmo sexo a levaria, Beauvoir sem dúvida demonstrava curiosidade em duas frentes: e em Olga ela encontrou uma parceira precoce. A garota estava infeliz.[89]

Simone agia sempre na vulnerabilidade das outras jovens mulheres. Foi tomada como símbolo do feminismo, mas jamais demonstrou piedade ou solidariedade aos sentimentos das suas vítimas sexuais. Conforme o tempo passava, a moça se perdia mais ainda. Era excelente aluna, tanto por isso chamou a atenção da professora; era um talento, um capricho. Começou a

87 Para outras histórias de hipocrisia e fingimento dos literatos, leia: *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime* de Robert Darnton.
88 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 151.
89 *Ibid.*, p. 155.

faltar às aulas, envolvia-se quase somente com colegas comunistas ou sionistas[90] e passava as noites bebendo.

> Era a necessidade que Olga tinha de Beauvoir que a tocava tão profundamente. Alienada de seu passado, confusa e insegura, Olga desenvolvera dependência, enfim idolatria, pela antiga professora [...] no final, o relacionamento enveredou também para o sexo.

O efeito de Simone sobre Olga é análogo ao estrago que o movimento feminista faz no coração e mente de suas militantes. Relendo o trecho acima e substituindo o nome de Simone (ou professora) por "feminismo", temos a descrição perfeita do sistema de cooptação do movimento. Começa com emoção, aquele sentimento ou impressão de que algo está errado, aliena, confunde e, por fim, abraça. É a Revolução Sexual acontecendo na vida de Kosackiewicz.

Como começasse a ter péssimos resultados nos estudos, os pais de Olga a fizeram voltar para casa. Sartre e Simone entraram em desespero e conceberam um plano. Diante da crise pessoal da menina e da crise econômica dos pais, prometeram-lhes proteção e ajuda com os estudos. Ingênuos, jamais poderiam imaginar que os planos do casal envolviam sexo a três com sua filha ainda menor de idade: "Os Kosackiewicz, cujos negócios iam mal, e que se desesperavam com Olga, receberam a professora para um jantar russo e inocentemente aceitaram seus termos".[91] A partir daí a prioridade passou a ser construir um futuro para os três.[92] Eles, que já foram um casal, agora pretendiam ser um trio. Todos ficavam impressionados com o fato de Simone e Sartre falarem de Olga o tempo todo; espantavam-se com o poder que ela tinha sobre eles.

> O relacionamento de Beauvoir com Olga dera-lhe a impressão de que ela, também, era jovem. Como Sartre, o mundo adulto despertava-lhe aversão; em vez de se acomodar a isso, ele tomara ácido e sofrera um colapso mental, enquanto Simone: "Eu me dizia com freqüência, chorando, que o envelhecimento

90 *Ibid.*
91 *Ibid.*, p. 168.
92 *Ibid.*, p. 171.

> significava entrar em decadência". O culto da juventude, com sua ênfase na liberdade e na revolta, permaneceria com ele por toda a vida; agora, passar noites em claro com Olga [...] bebendo, dançando, ignorando a comida, rejeitando qualquer restrição ou responsabilidade, permitia ao casal se iludir de que eles, também, ainda eram adolescentes, não os funcionários públicos que "vergonhosamente" haviam se tornado.

Sartre queria partilhar da vida sexual que Simone tinha com ela. Olga, por sua vez, não queria se envolver com Sartre. Vale lembrar que ele não era muito atraente. Quando se aproximava dela, era empurrado para longe: "Depois de um ano, Sartre começou a achar a resistência obstinada de Olga intolerável".[93] Os efeitos daquela vida insana começaram a aparecer na moça; primeiro ela começou a machucar a si mesma. Ela sabia que "eles haviam abusado da relação professor/aluno e a anexado a eles próprios" e agora a mantinham sobre falsas promessas de um futuro brilhante. A angústia aumentava:

> Olga, a "convidada" do relacionamento, começava, por sua vez, a se sentir tão impotente perante o duo implacável quanto uma borboleta espetada em um quadro [...] "foi uma experiência horrorosa para Olga", recordou Colette Audry. "Eles a tornaram sua convidada, a terceira peça de seu relacionamento, e ela tinha que passar a maior parte do tempo se defendendo. A cumplicidade maior era entre os dois, e eles exigiam que se curvasse aos seus desejos. A pobrezinha era jovem demais para saber de fato como se defender". Beauvoir mais tarde admitiu que a culpa recaía sobre ela e Sartre.[94]

Passando por dificuldades, Olga começou a aceitar dinheiro de Sartre, mas fugia a todo custo de fazer sexo com ele. A idéia era detestável; ela não o achava atraente. Cansado de sedução verborrágica, Sartre passou a exigir provas de submissão. A menina estava realmente impotente e começou a queimar a própria pele.

> Ferimentos auto-infligidos são comuns entre presidiárias e vítimas de estupro, e Olga, que podia ter sido violada por

93 *Ibid.*, p. 179.
94 *Ibid.*, p. 180.

> Beauvoir, sabia que Sartre estava tentado a tomá-la pela força: sua fantasia de estupro já fora externalizada na ficção, e é por isso que ela tinha que andar pelas ruas até cair de exaustão. Queimar a própria carne foi o modo encontrado por Olga de punir a si mesma e amortecer o sofrimento mental.[95]

A frustração do filósofo com o desprezo de Olga resultou em vingança quando, em 1937, seduziu a irmã de Olga, Wanda, que também era aluna de Beauvoir. Wanda ficou conhecida por ter sido a moça que vomitou após receber um beijo de Sartre pela primeira vez. Quanto a Olga, no fim da relação, já estava mentalmente destruída. Fez cortes profundos na pele, mutilava-se com freqüência. A historiadora Carole questiona se o casal se aproveitou desde cedo de uma moça psicologicamente vulnerável, o que seria terrível, ou, o que seria ainda mais terrível, conseguiram deixá-la nesse estado.

> Sartre e Simone de Beauvoir manipulavam suas conquistas e ainda usavam as vítimas como personagens em seus livros. Foi assim que uma jovem aluna de 17 anos, Olga Kosackiewicz, vinda da Rússia, acabou inspirando o primeiro romance de Simone de Beauvoir, *A convidada* (1943). Sem pretender ser original, ela conta no livro a relação de dois intelectuais abalada pela formação de um triângulo amoroso com uma estudante. Dois anos depois, Olga migrou para uma das mais conhecidas obras de Sartre, *A idade da razão* (1945), em que um professor de filosofia deve bancar o aborto de sua amante; pretexto para Sartre discutir conceitos como liberdade e existencialismo.[96]

Uma coisa é certa: com esse primeiro caso, Simone de Beauvoir, ícone do feminismo, prova que jamais teve nenhum tipo de compaixão pelas mulheres e jamais mediu esforços para agradar a Sartre, um devorador de corações femininos. Isto prova ainda que toda a promessa de satisfação relacionada à liberdade sexual jamais passou de propaganda enganosa. Nem mesmo os algozes encontraram a felicidade nesse tipo de vida que levaram.

95 *Ibid.*, p. 186.
96 Matéria do portal de cultura do *Estadão* por Antonio Gonçalves Filho, em 10 de fevereiro de 2014: "Biografia compara Sartre e Simone de Beauvoir aos amantes cruéis de Laclos". V. https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,biografia-compara-sartre-e-simone-de-beauvoir-aos-amantes-crueis-de-laclos,1128691.

A coleção de mulheres de Simone & Sartre

Olga foi a primeira de uma lista de adolescentes cooptadas e aliciadas por eles. Depois de Olga e Wanda, protagonizando um dos piores casos, eles cooptaram uma moça de 17 anos, filha de refugiados judeus da Polônia: Bianca Bienenfeld Lamblin (1921–2011). Em 1938, foi seduzida pela professora e convencida a ter relações com Sartre. Simone arranjou Bianca para Sartre visando tirar a atenção dele de Wanda. Aparentemente, Sartre tirou a virgindade de Bianca e de outras moças. Ele teria dito, ao entrarem no quarto do hotel: "A camareira do hotel vai ficar surpresa, pois ontem mesmo eu tirei a virgindade de outra menina".

> Lá dentro, Sartre tirou a roupa e lavou os pés sujos em uma bacia. Timidamente, Bianca pediu que as cortinas fossem fechadas, mas seu companheiro se recusou, dizendo que o que iam fazer deveria ser feito à luz do dia. Quando ela enfim ficou diante dele, envergonhada, nua, mas ainda usando o colar de pérolas, ele riu do ornamento "burguês". O homem cortês e generoso que ela conhecia havia desaparecido: "Era como se quisesse brutalizar alguma coisa em mim e fosse governado por um impulso destrutivo [...] ele queria brutalizar a feiúra que havia em si próprio. Não tinha nenhuma sensualidade. Era por causa de sua feiúra que tinha aquela necessidade por mulheres; uma necessidade de provar alguma coisa".[97]

Bianca continuou com Sartre por algum tempo, até ser descartada em 1940 como foi Wanda, novamente a pedido de Simone, que ardilosamente negava ter ciúmes, embora agisse sempre como quem se importasse. Em suas memórias, Bianca contou: "A perversidade foi cuidadosamente escondida debaixo do exterior manso e suave de Sartre e da aparência séria e austera de Beauvoir". Assim que Bianca foi abandonada, Natalie Sorokine (1921–1967), filha de um imigrante russo, com apenas 17 anos, foi escolhida para ficar em seu lugar. Às vezes, Olga, Wanda e Bianca ainda apareciam. Não apenas a lista de adolescentes aumentava, mas também os amantes de Simone engrossavam. O problema com os nazistas começava a ficar insuportável para

97 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 219.

todos, exceto para Sartre e Beauvoir que só manifestaram tristeza quando um amigo comunista foi pego e executado.

O sistema de sedução terceirizada, onde Simone fazia a ponte entre as adolescentes e o amante, ocupava muito tempo do casal e era recorrente. Aconteceu inúmeras vezes. "Sartre se considerava feio demais para caçar sozinho suas presas". Personalidades da época começaram a reparar no absurdo, um deles foi Albert Camus (1913–1960), romancista que pretendia escrever uma enciclopédia de ética com Sartre. Camus criticava a postura de Sartre e Simone e acabou rompendo a amizade com os dois em 1952. Sartre sabia que era feio e respondeu às críticas de Camus com uma pergunta: "Você já deu uma olhada na minha cara?"

> Sartre era um Cyrano em busca de uma Roxane virgem para compensar o aleijão. A biógrafa, para quem o físico de Sartre determinou sua conduta, revela uma carta em que Sartre admite ser um "canalha desprezível", um "funcionário público sádico e nojento". Camus, ao contrário, era bonitão e namorava mulheres lindas (como as atrizes Catherine Sellers e Maria Casarès). Além disso, era melhor romancista que Sartre, um homem de ação comprometido com a Resistência. Sartre viu nele o combatente que aspirava ser, segundo a biógrafa. Camus não pegou em armas, mas arriscou a vida, escrevendo contra os nazistas, enquanto Sartre bebia com os oficiais alemães.[98]

Das amantes que Simone e Sartre tiveram, pelo menos uma suicidou-se e outra se transformou em viciada em drogas, segundo a historiadora Carole Seymour-Jones. Se isso não bastasse, ambos fechavam os olhos para as atrocidades[99] dos comunistas:

98 Antonio Gonçalves Filho, "Biografia compara Sartre e Simone de Beauvoir aos amantes cruéis de Laclos".

99 Seymour-Jones resgata uma cômica postura do casal. Enquanto Stálin matava aos milhões — lembrando que nesse período acontecia a fome da Ucrânia, Holodomor — eles preferiam criticar o capitalismo: "Beauvoir e Sartre condenavam os Estados Unidos por sua 'odiosa' opressão capitalista e pelos linchamentos racistas. Como muitos intelectuais europeus, eles se simpatizavam com a Rússia soviética, sobretudo quando, no início dos anos 1930, o influente André Gide anunciou sua admiração pelo comunismo, que, assim presumia a esquerda, significaria o colapso do capitalismo", p. 159.

Simone de Beauvoir, venerada até hoje como um grande ícone do "bom" feminismo dos anos 1960 e estudada nos "diálogos feministas" [...] defendeu com grande fervor o regime revolucionário de Ioseb Dzhugashvili (também chamado de Iosif Vissarionovich Stalin) até muito tempo após os horrores do stalinismo terem se tornado conhecidos na Europa Ocidental. Em outras palavras, enquanto tantos romenos deixados na URSS estavam sendo deportados para os *gulags*, enquanto a elite intelectual do país estava sendo dizimada em campos de concentração como Râmnicu Sărat, Pitești ou Aiud e enquanto até mesmo meninos de 12 anos eram torturados em prisões comunistas por *conspiração contra a ordem socialista*, Simone de Beauvoir publicava *O segundo sexo*, em que explicava como a liberação das mulheres estava intimamente relacionada ao destino do socialismo e ao mesmo tempo negando veementemente, juntamente com seu parceiro, as atrocidades stalinistas que ocorriam naquele mesmo momento.[100]

Muito se tem especulado também sobre o colaboracionismo de ambos com o nazismo, ou, na melhor das hipóteses, o fato de que não demonstraram muito interesse na resistência. Em 1934, quando Simone visitou a Alemanha nazista, comentou que as "ruas estavam alegres e animadas";[101] o país não parecia esmagado por uma ditadura. Evidentemente, o casal estava demasiado ocupado seduzindo[102] jovens russas e judias e não tinha tempo para pensar no genocídio em andamento. Sartre também parecia não perceber nada acontecendo ao seu redor quando visitou o país de Hitler:

100 Artigo "Simone de Beauvoir: nazista, pedófila, misândrica e misógina", em http://www.vistablog.com.br/simone-de-beauvoir-nazista-pedofila/.

101 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 149.

102 "Não obstante, mesmo durante a ocupação nazista que os afastou temporária e geograficamente (ou talvez em função disso), a emulação sexual deu continuidade ao pacto. Simone continuou a seduzir rapazes e, sobretudo, moças, escrevendo relatos de suas atividades (tão excitantes quanto insensivelmente cínicos), que eram remetidos para Sartre, atrás da linha de Maginot. Ela conta das muitas alunas-amantes que disputavam sua atenção de forma doentia, chegando a citar uma que se automutilava e outra que cometeu suicídio. As outras são pateticamente descritas como meninas dependentes de uma professora sem filhas, e que ela, talvez com ligeira perversidade, mimava como filhinhas". *Sedutores em série: Beauvoir, Sartre e Camus*, por Pedro Sette-Câmara em 25 de agosto de 2015.

Ainda que em sua demanda gidiana de compreender a cidade ele passasse dias inteiros nos bares sórdidos em torno de Alexanderplatz, e soubesse suficiente alemão para acompanhar os jornais, Sartre ignorou o Congresso de Nuremberg e o plebiscito de novembro que enfim deu a Hitler o controle do país. Os discursos raivosamente anti-semitas de Goebbels passaram batidos por seus ouvidos.[103]

Tanto Sartre quanto Simone arrumavam escusas para simplesmente não fazer nada em relação à perseguição imposta pelos alemães. Pelos oficiais nazistas, eles eram considerados "amigáveis".

O período da ocupação alemã é o ponto nevrálgico da biografia de Sartre e Simone de Beauvoir. Ambos continuaram a viver confortavelmente em Paris durante o período em que os alemães desfilavam suas fardas e arrogância pela capital francesa. Sartre [...] não hesitou em tomar o posto de um professor judeu no Liceu Condorcet, Henri Dreyfus Lefoyer (sobrinho-neto do famoso capitão Alfred Dreyfus), destituído do cargo durante a ocupação. E [...] na noite de 3 de junho de 1943, quando inúmeros nazistas uniformizados brindaram ao sucesso da peça *As moscas*, de Sartre, no teatro de Charles Dullin, foi considerado "deutschfreundlich" (amigável) pelos alemães. Marc Bénard, que esteve preso com o filósofo, reconheceu Sartre retribuindo os brindes dos alemães. Ele mesmo enviou o texto da peça aos censores nazistas, garantindo não existir "nada de antigermânico" nela.[104]

Em 1971, quando Sartre foi questionado por sua inércia, alegou que seu alemão era ruim demais para entender o que se passava e se não agiu foi por ingenuidade: "dependíamos da esquerda francesa, e eles não pareciam muito apreensivos. Aron, que ainda era um socialista, nessa época, disse-me que Hitler e seu bando não poderiam durar ainda mais um ano". Acredite quem quiser.

103 Carole Seymour-Jones, *Uma relação perigosa*, 2014, p. 148.

104 Antonio Gonçalves Filho, "Biografia compara Sartre e Simone de Beauvoir aos amantes cruéis de Laclos".

A falsa promessa de satisfação

Décadas depois das primeiras influenciadoras da Segunda Onda feminista, a vida sexual de muitos jovens se mostrou desregrada e não necessariamente mais feliz. As feministas prometeram um paraíso de prazer às mulheres que embarcassem na revolução sexual, mas não foi isso o que aconteceu.

> As ligações sexuais esporádicas não produzem qualquer *consortium omnis vitae, divini et humani juris comunicativo*, como a Lei Romana definia o casamento. Por um breve momento de prazer sexual, as partes pagam geralmente o alto preço de períodos freqüentes e duradouros de angústia, ansiedade, medo, remorso, ódio e dor. Muitas vezes, o fugidio prazer sexual arruína toda a sua vida.[105]

Esse é o caso de muitas moças, e relatos desses traumas têm aparecido tanto em livros mais conservadores quanto na bibliografia feminista. A escritora feminista Peggy Orenstein escreveu um livro inteiro[106] sobre as insatisfações das meninas com o novo padrão liberal de sexo, mas não se deu conta de que a infelicidade das mulheres de hoje foi plantada há décadas com promessas irresponsáveis. O padrão moral não foi totalmente abolido, as moças não passaram a viver uma anarquia moral: o antigo padrão apenas foi substituído por um novo, com novas cobranças e novas expectativas.

> Uma amiga, que tem 29 anos, me contou recentemente uma memória do colegial: ela tinha feito sexo oral em um cara, consensualmente, mas a contragosto, porque sentia que estava ficando para trás, se comparada às colegas. Ela só queria superar isso. Eu também me sentia assim em quase todo estágio de desenvolvimento da minha vida — que eu estava atrasado — o que parece absurdo pensando agora.[107]

Por causa de uma impressão generalizada de que as meninas mais felizes e bem ajustadas são aquelas com uma vida sexual ativa, não interessando quem são os parceiros envolvidos, muitas

105 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, 1961, p. 14.

106 Peggy Orenstein, *Garotas & sexo*.

107 Matéria "Por que os *millennials* não estão transando" de Dave Simpson, traduzida por Marina Schnoor: https://www.vice.com/pt_br/article/a33ajb/millennials-sexo-dados.

adolescentes vivem a sexualidade como uma técnica necessária para aceitação social. As feministas diziam que as moças de antes da década de 1960 viviam reprimidas, forçadas e oprimidas a serem boas meninas. As ativistas denunciavam que, em tempos mais conservadores, as mulheres passavam vontade de fazer sexo. Os depoimentos de adolescentes recolhidos por psicólogos, médicos e pedagogos têm provado que a situação se inverteu: "um estudo publicado no Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine divulgou que 41 por cento das garotas entre quatorze e dezessete anos informaram ter feito sexo sem vontade".[108] Outras pesquisas revelam garotas arrependidas da hora que escolheram para a primeira relação. Gostariam de ter esperado mais. Ao mencionarem "sexo sem vontade", os pesquisadores estão falando que elas fizeram sexo por algum tipo de pressão, provavelmente porque já não tinham um forte argumento moral[109] ao qual se apegar para evitar relações sexuais prematuras.

Quando se pensa em promiscuidade, é automático lembrar dos problemas diretamente relacionados à saúde. Nos anos 1980, por exemplo, uma epidemia de clamídia atingiu os Estados Unidos. A feminista Susan Faludi pesquisou sobre a situação de abandono em que as moças se encontravam:

> Os índices de infecção eram mais altos entre jovens mulheres com 15 a 24 anos de idade. Esta doença, por sua vez, deflagrou rapidamente doenças inflamatórias pélvicas que foram responsáveis pela maioria dos casos de infertilidade da década e atormentaram mais de um milhão de mulheres por ano. A clamídia tornou-se a principal doença sexualmente transmissível nos EUA, afligindo mais de quatro milhões de homens e mulheres em 1985, provocando pelo menos a metade de todas as inflamações infecciosas da pelve e ajudando a quadruplicar as mortalmente perigosas gestações ectópicas entre 1970 e 1983. Na última metade da década de 1980, uma em cada seis jovens mulheres sexualmente ativas estava infectada.[110]

108 Schlafly, *O outro lado do feminismo*, 2015, p. 92.

109 "É por isso que é essencial para qualquer cultura ditar normas que promovam o casamento, em vez de conquistas sexuais. É o que a senhora Shalit tentou fazer em seu primeiro livro, *A Return to Modesty*. Nele, ela defende que é natural que as mulheres sejam recatadas e que talvez devêssemos rever essa idéia sem ridicularizar as mulheres como dementes ou reprimidas por desejarem ser dessa forma". *Ibid.*, p. 94.

110 Susan Faludi, *O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, 2001, p. 50.

Mas esse não é o principal complicador da libertinagem sexual na vida dos jovens. Certamente, é a conseqüência mais imediata e mais comentada em todo o mundo, mas não chega ao estado crônico de um problema muito maior: a angústia e o sofrimento psíquico. No entanto, os governos, ouvindo os agentes internacionais e as feministas de elite, trabalham para que o sexo seja ensinado como apenas mais uma escolha sem importância na vida dos jovens, como escolher qual roupa vestir ou o que comer. Segundo a Comissão Nacional de Saúde Sexual do Adolescente nos EUA, por exemplo, a conduta sexual dos adolescentes deveria ser "consensual, não abusiva, honesta, prazerosa e protegida contra a gravidez indesejada e DST".[111] Essa declaração, que considera o desenvolvimento sexual saudável como um direito humano básico, foi publicada há mais de vinte anos e já tratava com naturalidade o fato de que menores de 18 anos tivessem uma vida sexual ativa, embora considerasse a gravidez um "problema" a ser combatido. É a consagração de uma definitiva separação entre sexo e possibilidade reprodutiva, considerando que na mesma idade com que se pode fazer sexo não se pode ser pai ou mãe.

Além disso, a cartilha da comissão — que visava estabelecer metas para os anos 1990 — já dissertava sobre identidade de gênero e listava "masturbação" e "contracepção" como características de uma adolescência saudável. O mesmo documento traz resultados de uma pesquisa sobre a atividade sexual dos adolescentes americanos: a idade média com que os adolescentes tinham a primeira relação sexual era 16 anos para as meninas e 17 para os meninos. Até os 19 anos, 82% dos jovens já não era mais virgem.

Essa abordagem esquece — ou finge esquecer — que os problemas que os jovens enfrentam não se resumem à vontade de transar ou às doenças sexualmente transmissíveis. Mais do que isso, fazer sexo precocemente ou quando se tem vontade não tem se mostrado o melhor antidepressivo nem garantia de solução para as angústias da adolescência.

111 *Facing Facts: Sexual Health For America's Adolescents*, Debra W. Haffner, ed., p. 10. https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED391779.pdf, consultado em 21/01/2018.

> Quando se trata da sexualidade dos jovens, a preocupação dos profissionais de saúde geralmente está focada na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada. No entanto, devemos considerar a saúde sexual de forma muito mais abrangente, já que as dificuldades sexuais podem ter impacto sobre o bem-estar sexual dos jovens a longo prazo. Nossos resultados mostram que esses problemas sexuais angustiantes não são apenas enfrentados por pessoas mais velhas — na verdade, eles são relativamente comuns no início da vida adulta também.[112]

A verdade é que, mesmo cientes do impacto psicológico e emocional que as relações sexuais precoces têm sobre os jovens e adolescentes, a abstinência sexual é recomendada apenas do ponto de vista de "que evita problemas maiores":

A Comissão recomenda que mensagens sobre abstinência incluam o seguinte:

- Adolescentes que namoram precisam discutir os limites sexuais com seus namorados;
- Existem muitas formas de dar e receber prazer sexual que não envolvem penetração;
- Muitos adultos acreditam que adolescentes não deveriam fazer sexo;
- Muitos religiosos acreditam que sexo só pode acontecer após o casamento.[113]

Apesar de toda a investida e propaganda em cima da sexualidade livre, os dados mais recentes sobre a intimidade dos adolescentes são impressionantes: os jovens americanos têm feito menos sexo. As moças começam a perceber a ausência de sentido de tudo isso no exemplo das outras e no próprio histórico de decepções. Pesquisas indicam que as mulheres continuam mais propensas à moderação ou total inatividade sexual do que os homens. Cerca de 6% das mulheres nascidas na década de

112 Kirstin Mitchell, principal autora do estudo do *Journal of Adolescent Health* sobre problemas sexuais dos jovens: https://veja.abril.com.br/saude/um-em-cada-tres-jovens-tem-problemas-sexuais/.

113 *Facing facts: sexual health for american's adolescents*. Debra W. Haffner, ed., p. 26.

1990 não têm vida sexual ativa hoje em dia;[114] nos anos rebeldes esse número não chegava a 3%. Além de praticarem menos, os jovens têm vivido uma sexualidade de pior qualidade. Aliás, talvez seja precisamente por isso que tenham diminuído a velocidade na corrida pela promiscuidade total.

> Em um dos estudos, a Dra. Jean Twenge, professora e pesquisadora da San Diego State University, descobriu que os *millennials* relatam ter menos parceiros sexuais que a Geração X e mesmo os *baby boomers* na idade deles. E um relatório de 2015 do Center For Disease Control descobriu que menos pessoas de 15 a 19 anos relatam ter experimentado coito se comparadas às gerações anteriores. O declínio é significativo nos dois gêneros, mas particularmente entre os homens [...] Ao mesmo tempo, há muita pressão sobre os jovens de hoje. Entre as expectativas criadas pelo pornô e o escrutínio constante de suas vidas sexuais por pesquisadores e pela mídia, o pessoal de 20 e poucos anos se tornou consciente num mundo de análise constante.[115]

Em seu livro, *A mística feminina*, a feminista Betty Friedan apresentou a insatisfação sexual como um problema recorrente na vida da dona-de-casa; fez uma relação entre as opções de uma vida mais conservadora e uma certa tendência à infelicidade sexual. Apesar de teoricamente superestimarem o valor e o poder de interferência do sexo na vida — o que, aliás, não é um mau hábito apenas das feministas —, na prática os adeptos da revolução não têm gozado de uma vida sexual tão magnífica quanto fazem parecer. Um estudo publicado pelo *Journal of Adolescent Health* e divulgado no Brasil pelo portal *Veja*, em agosto de 2016, revelou que quase um terço dos jovens nascidos entre a década de 1990 e os anos 2000 sofrem de problemas sexuais que já foram mais comuns em adultos maduros:

> Entre os jovens sexualmente ativos, 34% dos homens e 44% das mulheres relataram ter tido pelo menos um problema sexual

114 Matéria "Jovens de hoje fazem menos sexo que gerações anteriores" de 03 de agosto de 2016 no portal *Veja*. Disponível em: https://veja.abril.com.br/ciencia/jovens-de-hoje-fazem-menos-sexo-que-geracoes-anteriores/.

115 *Changes in American Adult's Sexual Behavior and Attitudes*, 1972-2012. https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25940736.

> duradouro (que se prolongou por pelo menos três meses) no último ano. Segundo o estudo, além dos sintomas físicos, os efeitos emocionais e psicológicos também estavam associados à disfunção sexual: 9% dos homens e 13% das mulheres relataram que se sentiram angustiados devido ao problema.

A libertinagem sexual não trouxe a satisfação plena que prometia. As conservadoras americanas Venker e Schlafly escreveram sobre esse dilema:

> O problema da revolução sexual é que ela foi baseada nas mentiras de que as diferenças de gênero não existem e que as mulheres querem o que os homens querem [...]. Apesar do fracasso do movimento feminista, ele teve um efeito poderoso: erradicou o poder que as mulheres um dia tiveram sobre os homens! Antes dos anos 1960, os americanos compreendiam que as mulheres tinham algo que os homens desejavam, necessitavam e não podiam ter sem o consentimento da mulher: sexo e os próprios filhos. Ao equiparar sexo com amor, como as mulheres fazem naturalmente, os homens se tornam seres humanos melhores por causa disso [...] agora que o feminismo eliminou a necessidade e o desejo masculino de se casar, a relação entre os sexos é instável.[116]

O sociólogo russo e ativista político Pitirim Sorokin dedicou-se em reunir dados estatísticos e dissertar, ainda nos anos 1950 e 1960, sobre como as práticas sexuais imorais[117] eram danosas às pessoas envolvidas e à sociedade em geral. Exemplo máximo da insatisfação colhida da promiscuidade é Simone de Beauvoir, mãe do feminismo moderno. Sua vida revela um comportamento totalmente desregrado, com relações de adultério, sexo a três, lesbianismo, aliciamento de menores, etc. Simone fingiu uma vida inteira estar satisfeita com um relacionamento aberto, escondia seu ciúme, mentia aos seus asseclas e biógrafos. Temia a velhice e a solidão, mas aparecia sempre como mulher altiva e independente. Ela alimentou uma geração de jovens incapazes de amar, incapazes de entender o sentido de "sacrifício da vida a dois".

116 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, pp. 101-102.

117 http://wearetime.blogspot.com.br/2017/04/efeitos-da-indulgencia-sexual-sobre-o.html.

Betty Friedan, matrimônio e maternidade

Além do argumento do segundo sexo de Beauvoir, outro fundamento foi estabelecido para a Segunda Onda do movimento feminista. Trata-se do livro *A mística feminina*, publicado por Friedan. Um trecho da obra da jornalista Peggy Orenstein resume com objetividade qual a importância da participação da ex-dona-de-casa e ativista feminista Betty Friedan no que foi a Segunda Onda feminista:

> Em 1959, o aborto ainda era crime. As mulheres que não eram casadas não podiam obter métodos contraceptivos legalmente, e os farmacêuticos [...] se recusavam a vender camisinhas para homens que eles achavam que fossem solteiros. [...] A introdução da pílula anticoncepcional, em 1960, foi o primeiro tiro da revolução sexual. Três anos depois, veio a publicação da *Mística feminina*, que lançou a nova onda feminista. Uma década mais tarde, a Suprema Corte garantiu o direito da mulher ao aborto. Como o sexo se viu livre da reprodução, a idéia de "esperar até o casamento" ou mesmo até a vida adulta, ficou cada vez mais obsoleta. Entre 1965 e 1980, a porcentagem de garotas de dezesseis anos que haviam tido relação sexual dobrou.[118]

Betty Friedan (1921-2006) escreveu sobre a angústia da mãe e esposa dona-de-casa. Certamente, porque sua própria vida foi angustiante. Depois de ter uma infância e juventude em um clima instável, Betty entrou em um casamento igualmente frustrante. Tinha filhos e ficou refém do marido por causa deles; todos sabiam que o seu casamento era um verdadeiro desastre. Em seu livro que, paradoxalmente, dedicou ao marido e aos filhos, escreveu que a condição de dona-de-casa era tão perigosa para a saúde mental[119] da mulher quanto viver em um campo de concentração nazista:

118 Peggy Orenstein, *Garotas & sexo*, p. 204.

119 Escreveu também que "obesidade e alcoolismo de fundo neurótico já foram várias vezes relacionados com padrões de personalidade vindos da infância. Mas explicariam por que tantas donas de casa de quarenta têm a mesma expressão entediada, sem vida? Explicariam sua falta de vitalidade, a mortal mesmice de suas vidas, as gulodices furtivas entre as refeições, os *drinks*, tranqüilizantes, soporíferos? Mesmo levando-se em conta as diferentes personalidades dessas mulheres, deve haver algo na natureza do seu trabalho, ou de sua vida, que as force a fugir assim".

> É urgente compreender que a própria condição doméstica pode criar uma sensação de vazio, não-existência, negação. Há aspectos desse papel que quase impossibilitam a mulher inteligente e adulta de conservar o senso de identidade, o seu "eu" profundo, sem o qual o ser humano, homem ou mulher, não pode de fato viver. Para a mulher capaz na América de hoje há algo de perigoso na condição de dona-de-casa, disto estou convencida. Em certo sentido a afirmativa não é tão exagerada como parece. As que se adaptam ao papel doméstico e crescem desejando ser "apenas donas de casa" *estão em perigo tão sério como as que caminharam para a morte nos campos de concentração*, por se recusarem a crer que eles existiam.[120]

Provavelmente, a saúde emocional dela mesma não estava em seu melhor estado. Polêmicas judiciais e midiáticas chegaram a rondar o nome da família de Friedan: após o divórcio, ela acusou o ex-marido de violência e, um tempo depois, abrandou as acusações. Em 2000, ao publicar seu livro de memórias, ela afirmou que sofria agressões de Carl Friedan que, indignado, refutou: "eu não vivi oitenta anos de uma vida honrada para tê-la arruinada por uma mulher louca [...] estou divorciado há trinta anos e ela ainda perturba minha vida".[121]

Supôs que o casamento e os filhos fossem um problema para todas as mulheres, já que o eram para si. Sentia-se infeliz e entediada e transformou sua angústia em pauta política:

> Sabendo que não poderia atrair as mulheres defendendo o marxismo, Friedan tirou proveito de algo que sabia que podia se relacionar com as mulheres: o esgotamento físico e mental de criar filhos pequenos [...] ela afirmou que a devoção de uma mulher ao marido e aos filhos é um sacrifício de tanta grandeza que, inevitavelmente, atrasa seu crescimento como indivíduo. Criar filhos, declarou Friedan, é uma ocupação ingrata que não permite que as mulheres usem sua inteligência de uma forma que beneficie a sociedade [...] devido ao fato de Betty Friedan desejar validação, ela foi incapaz de dar de bom grado sem esperar ou querer algo em troca. Ela não conseguia

120 Betty friedan, *The feminine mystique*, 1971, p. 262 [grifo meu].

121 Kate O'Beirn, *Women Who Make the World Worse*. Nova York: Sentinel, 2006, p. 20.

> entender como outras mulheres, outras pessoas, conseguiam se realizar com sacrifício. Em vez de obter a ajuda pessoal de que precisava, ela concluiu que as mulheres americanas viviam em um patriarcado. As mulheres não são iguais aos homens, ela afirmou. Os homens podem sair e levar uma vida independente, enquanto as mulheres ficam presas em casa com os filhos. Nunca se considerou que a vida dos homens possa ser tão insatisfatória ou estressante, embora de uma forma diferente.[122]

A forma de enxergar o matrimônio e a vida no lar que Betty alimentou durante um casamento frustrado é senso comum hoje. Qualquer menina em idade escolar ou jovem universitária já disse ou ouviu essa descrição como "conselho sábio" de alguma "mulher mais experiente" e independente. Por décadas, as feministas defenderam esta mesma idéia desgastada: as mulheres devem ser auto-suficientes, mas sempre em relação ao marido, depender do Estado não é problema nenhum. Basta lembrar de Alexandra Kollontai e sua proposta: trocar o marido pelo governo. Também recomendam que as mulheres se "libertem" de qualquer responsabilidade ligada ao matrimônio e aos filhos, esperando ajuda de todos os lados e culpando os homens por qualquer insatisfação durante o processo. Nessa mesma linha, Friedan escreveu:

> As donas de casa são desmioladas e sedentas por coisas. [...] E não pessoas. O trabalho doméstico ajusta-se na perfeição às capacidades das mentes débeis das raparigas. Isso prende o seu desenvolvimento no nível infantil, pouco menos que uma identidade pessoal com uma inevitável fraca consciência de quem é [...] Os fatores que levaram à destruição da identidade humana de tantos prisioneiros não foram a tortura ou a brutalidade, mas as condições similares àquelas que destroem a identidade da dona de casa americana.[123]

Mas essas não eram idéias exclusivas da americana Betty Friedan. Feministas em todo o mundo começavam a propagar discursos semelhantes. A francesa Simone de Beauvoir escreveu:

122 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, pp. 49-50.
123 Betty Friedan, *The feminine mystique*, 1971, p. 260.

> O trabalho da dona-de-casa não visa a criação de qualquer coisa durável. O trabalho da mulher dentro de casa não é diretamente útil à sociedade, não produz nada. A dona-de-casa está subordinada, é secundária, é parasitária. É para o seu bem-estar comum que a situação deve ser alterada, proibindo o casamento como uma "carreira" para a mulher [...] A sociedade deve ser totalmente diferente. As mulheres não devem ter essa escolha [de ficar em casa com os filhos], precisamente porque se existe uma escolha, muitas mulheres vão fazer isso [...] [proibir essa alternativa doméstica] é uma maneira de forçar as mulheres em uma determinada direção.

E qual seria essa direção? A direção de engajamento à causa marxista da própria Beauvoir e da maioria das feministas. Por isso, um dos principais focos do feminismo é acabar com a condição da mulher dona-de-casa. Ao contrário da vida que as mulheres sempre levaram no lar, para o feminismo, a mulher ideal é promíscua, de preferência mãe solteira que desconhece (ou dispensa) os pais de seus filhos. Aquela esposa que em nada depende do marido também é desejável, pois através dela o feminismo demonstra com que facilidade um casamento pode acabar em divórcio sem maiores complicações. A razão para tudo isso é que, politicamente, essa mulher é mais facilmente cooptada. Na ausência de um homem responsável e interessado em seu bem-estar, as mulheres quase sempre precisam do Estado. Quanto mais necessitam do Estado, mais apóiam as políticas de esquerda. Uma relação de dependência com o Estado é estabelecida, dependência que só pode ser suprida e ampliada, num ciclo vicioso, através dos discursos marxistas e projetos esquerdistas.

Idéias como essas logo se espalharam e refletiram socialmente. Passadas duas décadas, o Battelle Memorial Institute realizou uma pesquisa com 10 mil mulheres e descobriu "que o casamento já não era o referencial principal na vida das mulheres e que elas, com 30 e poucos anos, não só estavam adiando, mas até evitando vínculos matrimoniais".[124] Inúmeras outras pesquisas revelaram que elas estavam se importando menos, ou pelo menos fingindo se importar menos, com qualquer coisa relacionada à formalidade do casamento:

124 Susan Faludi, *O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, 2001, p. 36.

Em 1985, a pesquisa do Virginia Slims relatou que 70% das mulheres acreditavam poder ter uma vida "feliz e completa" sem uma aliança no dedo. Na pesquisa feita pela Langer Associates and Significance Inc., em 1989, esta proporção tinha pulado para 90%. O levantamento da Virginia Slims de 1990 descobriu que quase 60% das mulheres solteiras acreditavam ser muito mais felizes do que suas amigas casadas e que suas vidas eram "muito mais despreocupadas".[125]

Por outro lado, apesar de renegarem a oficialização do matrimônio e evitarem a formalização do *status* de casadas, as mulheres estão, cada vez mais, preferindo coabitar com os parceiros. O número de relações desse tipo nos Estados Unidos quadruplicou[126] nas duas décadas seguintes à publicação da *Mística feminina*. Em uma pesquisa encomendada pelo governo federal americano, em 1986, concluiu-se que "um terço das mulheres não-casadas estava morando com um homem". Em suma, as mulheres continuam amando os homens, mas já não obtêm muitos benefícios econômicos numa relação formal com eles.

Além de denunciar a suposta condição de exploração da esposa, Friedan condena a tirania biológica e social da maternidade. As feministas, eternas inimigas da família, chegaram ao ponto de denominar a maternidade e o matrimônio como "trabalho reprodutivo", comparando-os e rebaixando-os à condição de qualquer outro trabalho. Ao trabalho reprodutivo elas relacionam todo o serviço necessário para cuidar de uma criança. Àquele trabalho realizado fora de casa, elas denominam "trabalho produtivo". Para o movimento feminista é fundamental que as mulheres abandonem o dito trabalho reprodutivo e o universo da casa privada para alcançar o ideal de igualdade:

> Segundo Alicia Bárcena [...] não será possível conseguir igualdade de trabalho para as mulheres enquanto não for resolvida a carga de trabalho não-remunerado e de cuidados que recaem historicamente sobre elas. A incorporação das mulheres ao mercado de trabalho em iguais condições às dos

125 *Ibid.*
126 *Ibid.*, p. 37.

> homens requer uma análise e uma mudança estratégica da função social e simbólica estabelecida na sociedade.[127]

Elas não compreendem a gigante desproporção que existe entre cavar uma valeta, construir um prédio, abrir uma empresa, fundar uma ONG, escrever um livro e ter um filho. Conceber, formar, parir, criar e educar uma alma humana, para elas, é só mais um trabalho e, aliás, dizem elas, um trabalho escravo e sem sentido.

> Uma coisa é certa: quando chegar a hora, nada que tiver sido produzido pelo homem subsistirá. Um dia, todas as realizações humanas serão reduzidas a um monte de cinzas. Por outro lado, todas as crianças nascidas de mulher viverão eternamente, pois a elas foi concedida uma alma imortal, feita à imagem e semelhança de Deus. Sob essa luz, a afirmação de Simone de Beauvoir [e Betty Friedan] de que "as mulheres não produzem nada" mostra-se especialmente ridícula.[128]

Muitas mulheres entendem isso, e a vida comum que levam — de casar, ter filhos, amá-los e criá-los — ameaça brutalmente as pretensões de poucas e escandalosas mulheres revolucionárias. A cientista política e feminista Jane J. Mansbridge (1939–) escreveu — em seu livro sobre a derrota do movimento feminista nos Estados Unidos — que o estancamento da causa revolucionária estava diretamente ligado ao trabalho do lar que ainda atraía muitas mulheres americanas:

> O feminismo era profundamente contra a concepção tradicional da forma como a família deveria se organizar uma vez que a existência de mães caseiras era incompatível com o movimento das mulheres [...] Se 10% das mulheres americanas ficarem em casa como donas-de-casa o tempo inteiro, isto irá reforçar a visão tradicional daquilo que a mulher deve fazer e encorajar outras mulheres a tornarem-se donas-de-casa — pelo menos enquanto os filhos são pequenos. [...] Se um número desproporcional de mulheres colocar uma pausa nas suas carreiras como forma de gerar filhos, ou se elas não trabalharem tão arduamente nas suas carreiras como os homens trabalham, isto irá colocá-las em desvantagem *vis-à-vis*

127 Blay, 2017, p. 44.
128 Alice von Hildebrand, *O privilégio de ser mulher*, 2013.

com os homens, particularmente com os homens cujas esposas fazem todo o trabalho doméstico e todas as tarefas em torno do cuidado das crianças. Isto significa que, independentemente do que a feminista individual possa pensar em relação à atividade de cuidar de crianças ou tarefas domésticas, o movimento [feminista] como um todo tinha razões para desencorajar o trabalho doméstico o tempo inteiro.[129]

É revelador termos chegado ao ponto de precisar argumentar por quais razões a maternidade é importante: a maternidade de uma pessoa é o começo da vida de outra; se somos um corpo, é porque uma mulher aceitou ser mãe. Antes de chorarmos pela primeira vez, nossa progenitora já era mãe. Na verdade, nós só existimos porque ela se tornou nossa mãe antes que pudéssemos retribuir com qualquer coisa além de fraldas sujas. Ninguém pôde pisar neste mundo sem ter tido uma mãe; o próprio Cristo quis ter uma. Alguns pais morreram antes de seus filhos nascerem, mas nenhuma mãe pode fazer o mesmo sem deixar para trás dois cadáveres: o seu e o do bebê.

Esquecendo-se de onde vieram, as revolucionárias começaram essa verdadeira guerra contra a maternidade. Algumas a chamam de "prisão biológica", "tirania natural" ou "imposição da natureza". A feminista francesa Elisabeth Badinter (1944–) escreveu um livro inteiro sobre o "mito" do amor materno. Esta é a segunda estratégia — a primeira é o aborto — para acabar com a maternidade: usar um discurso que a desconstrói. É realmente um movimento que adora desconstruir tudo e colocar um nada bem vazio ou uma porcaria bem grande no lugar.

O principal argumento feminista sempre foi o de diminuir o mérito do cuidado com os filhos. Uma campanha propagava que as mulheres eram capazes e deveriam desejar uma ocupação profissional mais importante, mais nobre. As feministas sabem, como todas as mulheres, que a reprodução quase sempre dependeu do consentimento das esposas que, em todas as épocas, descobriam meios de evitá-la ou retardá-la. Exatamente por isso, convencer as mulheres a não terem filhos é quase tão importante para o feminismo quanto legalizar o aborto. A retórica também é uma arma, não só o espéculo e a pinça. Karl

129 *Why We Lost the ERA*, 1986.

Korsch (1886–1961), um dos pioneiros na elaboração do marxismo cultural e um dos fundadores da Escola de Frankfurt, adiantou-se em declarar que a revolução marxista só se daria pela alteração completa dos eixos morais:

> Assim como a ação econômica da classe revolucionária não torna supérflua a ação política, tampouco as ações econômicas e políticas juntas não tornarão supérflua a ação espiritual; esta, ao contrário, deve desenvolver-se até o fim, teórica e praticamente.[130]

O escritor e sociólogo Kingsley Davis (1909–1997), em seu livro[131] sobre políticas populacionais, deixa muito claro que disponibilizar os métodos contraceptivos e abortivos não basta. É necessário mudar os padrões, o comportamento normatizado e o tecido social. É preciso fazer propaganda da antimaternidade, e o feminismo cumpriu perfeitamente essa missão. O resultado da campanha contra a maternidade foi uma geração de crianças e jovens marcados por problemas que poderiam ter sido evitados com o cuidadoso trabalho maternal.

> Trinta anos depois, aqui está o que temos a mostrar sobre isso: um aumento enorme de problemas emocionais até mesmo entre os mais pequenos; uma epidemia de rebeldia estudantil, a ponto de os programas antibullying se tornarem comuns; um aumento triplo da obesidade infantil; privação crônica do sono [...] uma quase total falta de exposição à natureza e exercício físico saudável; e, o mais importante, um colapso total da disciplina na criação dos filhos.[132]

O filósofo e teólogo Olivier Bonnewijn observou que o movimento revolucionário ligado à ideologia de gênero tem três principais alvos, e a maternidade realmente está entre eles.[133] A aversão à maternidade começa com a sua possibilidade material: uma mãe nasce depois de uma relação heterossexual; a reprodução está necessariamente ligada à feminilidade e ao iminente papel do pai e da mãe.

130 Karl Korsch, *Marxismo y filosofia*. México: Editora Era, 1971, p. 53.

131 Kingsley Davis, "Population policy: will current programs succeed?", em *Science*, 10 de novembro de 1967, pp. 730–739.

132 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, p. 127.

133 Os três alvos são: a linguagem, a família e a maternidade.

> Observemos o deslizamento do vocabulário. Não se fala mais em "procriação", conceito muito ligado à ilusão de um Deus criador, mas de "reprodução", termo que, até aqui, pertencia ao mundo dos animais ou dos objetos. Evita-se sempre categorias como "pai", "mãe", "paternidade", "maternidade", pois eles misturam nas representações culturais o sexo e o gênero. A "mãe" não passa de uma construção psicossocial, um papel mais ou menos livremente endossado. É melhor falar de função maternal, ou de maternalidade, que pode ser exercida por um indivíduo do sexo feminino, neutro, masculino ou mutante. Mais radicalmente ainda, a maternalidade, com sua referência implícita à paternalidade, não permanece ligada demais ao gênero heterossexual? Não seria preferível utilizar o termo "parentalidade"? De maneira geral, é melhor falar com palavras ou claramente biológicas ou claramente funcionalistas (ou então forjar a necessidade de usá-las).[134]

Em suma, a família é acusada de ser um esquema de dominação arquitetado pelo homem para oprimir a mulher — e os filhos fazem dela refém. Aliado involuntário do homem na luta contra a mulher é o corpo feminino. O corpo feminino é alienante, por causa da ovulação, da menstruação e da gravidez, o corpo da fêmea ajuda o homem a manter a mulher sob seu domínio. Por causa desse entendimento malicioso, "o ideal [para as feministas] seria a supressão pura e simples da família biológica, estrutura violenta e opressiva há milênios".[135]

É verdade que existem casos de exploração da mulher dentro do matrimônio, embora esses casos geralmente não se configurem em exploração econômica. Episódios trágicos de agressão demonstram a instituição do casamento sendo desfigurada para servir a um propósito contrário à sua essência — que é proteger a esposa e os filhos. Também é verdade que algumas mulheres sofrem agressão por parte dos próprios maridos — assim como, propositadamente esquecido, o número de homens agredidos por mulheres é impressionante.[136] Mas isso significa apenas que o cônjuge deixou

134 Oliver Bonnewijn, *Gender, quem és tu?* Campinas: Ecclesiae, 2015, p. 48.
135 *Ibid.*, p. 51.
136 Pesquisa do American Journal of Preventive Medicine, coordenada pelo médico americano Robert J. Reid: 29% dos homens já sofreu violência doméstica. Disponível em: ajpmonline.org/article/S0749-3797(08)00224-9/abstract

de agir como cristão e deixou de cumprir sua missão, fazendo o exato oposto do que é seu dever. O "casamento tradicional" é o espantalho preferido das militantes. Especialmente o casamento cristão, já que o casamento civil passou a ser defendido como um direito imprescindível para os casais *gays*, justamente porque possibilita proteção econômica. É interessante notar como os folhetins feministas comemoram efusivamente quando duas mulheres casam entre si, ao mesmo tempo em que choram inconsoláveis a respeito de como o casamento heterossexual é mau e opressor.

A quem importa casar-se?

Como se vê, a difamação do casamento é uma das principais apelações feministas. O movimento pretende desconstruir a estrutura clássica da família: dois adultos de sexos opostos vivendo em uma relação estável e exclusiva enquanto exercem papéis parentais distintos e procriam pelo desfrute pleno do ato sexual. Teóricas e escritoras como Friedan, na verdade, querem nos fazer crer que essa família não passa de um

> produto de uma cultura em que o homem do sexo masculino se constitui senhor, confinando o "sexo fraco" às tarefas ligadas à reprodução, imaginando para esse efeito um estereótipo feminino determinado: o da mulher submissa, passiva, pouco racional, próxima do biológico, aquartelada numa casa, esposa e mãe. Segundo essa mesma lógica, o "sexo forte" se criou também de acordo com um estereótipo determinado: o do homem dominador, ativo, racional, criativo, trabalhador, marido e pai. Articulados um no outro, esses dois posicionamentos forjam o gênero heterossexual de onde derivou a "família". Essa realidade social é, portanto, artificialmente construída a partir de relações de desigualdade e opressão.[137]

O *status* de "instituição opressora", no entanto, não faz jus ao matrimônio, principalmente não faz em se tratando das mulheres e crianças. Mesmo depois de décadas de campanha difamatória, os casais continuam se casando, fazendo planos para uma vida juntos, apesar de um contexto cultural tão hostil.

137 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 49.

Famílias bem estruturadas e casamentos afinados têm garantido uma infância mais saudável para os pequenos e uma vida social menos turbulenta para os adultos. Pesquisas têm demonstrado a estrita ligação entre a organicidade familiar e a qualidade de vida. Da mesma forma, a relação entre a criminalidade e o desajuste familiar.

> Nos Estados Unidos, 70% dos prisioneiros jovens cresceram em famílias com um único genitor, das quais cinco sextos eram chefiados por mulheres [...] Para ajudar as mulheres a lidar com a desvantagem, transformou-se em permanente o apoio do homem.[138]

Pitirim Sorokin publicou uma análise do período de revolução sexual e pontuou as inúmeras benesses sociais advindas dos casamentos:

> O nascimento, o casamento e a morte são os grandes acontecimentos da vida de qualquer indivíduo, porque marcam o começo, o meio e o fim de cada existência humana. Todas as sociedades os têm considerado da máxima importância, não só para o indivíduo, mas também para a sobrevivência e bem-estar da coletividade [...] o casamento é uma prova social da maturidade física, mental, emocional, espiritual e cívica do indivíduo [...] em contraste com o casamento, as relações sexuais ilícitas não podem realizar nem realizam essas tarefas. As relações entre a prostituta e seu cliente, entre uma amante e o homem que a mantém, e entre toda a espécie de amantes acidentais nunca foram consideradas uma prova de maturidade mental, moral ou social dos participantes.[139]

No entanto, homens e mulheres sempre encararam o casamento de formas diferentes. Não é preciso lembrar da quantidade de produtos, revistas e eventos de casamento voltados ao público feminino. No mercado, empresa que não vende fecha as portas. O nicho mercadológico do casamento só faz crescer. As noivas pensam na cerimônia e na condição do casamento como um sonho, uma meta; muitas se preparam meses para a ocasião. Não é incomum algumas mulheres ascenderem socialmente ou

138 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 85.

139 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, pp. 13–14.

melhorarem suas condições de vida com um casamento, e também não é raro depositarem esperanças em uma vida mais feliz após a oficialização do matrimônio. Mas mesmo quando isso não acontece e tudo prenuncia uma vida a dois muito difícil, a noiva costuma estar radiante. Os amigos do noivo, por outro lado, caçoam do pobre coitado como se ele estivesse abrindo mão de sua liberdade ou acabando oficialmente com as possibilidades de farra. Praticamente, é isso mesmo que acontece.

a) Desvantagem sexual

Atentando primeiramente para a sexualidade, muitos podem sugerir que isso é bastante justo, pois as mulheres passam a ser sexualmente exclusivas para os maridos quando se casam. Para as feministas — como Kate Millett — essa exclusividade é um grande prejuízo biológico, pois as mulheres são superiores aos homens em relação à resistência durante o sexo e à experiência orgásmica.[140] Elas poderiam estar fazendo sexo com dois, três ou mais homens por um longo período; mas, ao casarem, se limitam a ter relações com apenas um e esperar até que ele esteja pronto novamente após o primeiro orgasmo, que geralmente pode demorar mais do que o desejado.

Mas o sacrifício da exclusividade também é verdade quanto aos homens: eles passam a ter sua vida sexual restrita e ainda pagam por essa condição tendo que sustentar mulher e filhos. À parte o que é moral[141] ou imoral, é fato que o custo de uma relação sexual furtiva é muito menor para um homem do que

140 "Em alguns aspectos, a mulher é sexualmente superior. Não importa como se sinta, está sempre pronta e pode atingir o orgasmo várias vezes. [...] Em meados dos anos 1980, um levantamento da revista *Cosmos* mostrou que cerca de metade das leitoras casadas já havia tido um caso". (Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, 2004, p. 77).

141 Diferentemente do que a moral burguesa orquestrou, não considero que os homens devam ser mais relaxados quanto à moralidade sexual ou que se deva escusá-los com mais facilidade quando cometem adultério ou fornicação. Do ponto de vista dos ensinamentos evangélicos, a castidade — a pureza sexual — é uma virtude cristã que deve ser desenvolvida tanto por homens quanto por mulheres. Se socialmente se tem observado um duplo padrão moral, ele não é, evidentemente, fruto do ensinamento cristão, mas sim de um misto entre a antiga moral burguesa e a revolução sexual. A feminista Olga Rinne (2017, p. 17) admite: "Os ideais de amor, do matrimônio e da fidelidade há muito foram minados pela moral burguesa e, nos nossos dias, dificilmente alguém ainda se sentirá comprometido com esses ideais".

para uma mulher. Pelas mesmas razões biológicas[142] que fazem a resistência sexual feminina ser superior à do homem, as mulheres sempre escolheram os parceiros com menos pressa e tiveram um número menor de transas casuais; "ao longo da história, as mulheres só estiveram quase tão disponíveis para o sexo quanto os homens durante a revolução sexual dos anos 1960, que, não por acaso, veio depois da invenção da pílula, mas antes do surgimento da AIDS".[143] Eles poderiam estar saindo todo dia com uma mulher diferente, mas pelo contrário, continuam com a mesma mulher e, incrivelmente, sustentam essa mulher até depois da menopausa ou quando a relação sexual entre os dois não acontece mais. É, portanto, certo que a restrição sexual imposta pelo casamento aos homens e mulheres tem um peso biológico/fisiológico diferente para cada um deles.

b) Desvantagem econômica

Se o foco for econômico, contudo, não restam dúvidas de que o homem tem muito mais a perder. Mesmo nas improváveis comunidades onde o feminino é cultuado como superior, as mulheres nunca foram obrigadas a sustentar ou proteger seus parceiros sexuais como os homens têm sido, em milênios de patriarcado, obrigados a fazer com relação às esposas. Nas escassas[144] descrições de povoados matriarcais,[145] as mulheres conseguiam que os homens trabalhassem provendo comida e

142 "Pesquisas recentes sugerem que as mulheres são mais propensas a engravidar quando cometem adultério do que quando fazem sexo com o marido". (Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, 2004, p. 77).

143 *Ibid.*, p. 75.

144 Segundo Olga Rinne (2017, p. 65), "as estruturas do poder patriarcal foram introduzidas nas culturas matriarcais a partir do exterior, desde o segundo milênio a.C. Povos pastores patriarcais invadiram, em ondas sucessivas, a península dos Balcãs e debilitaram a tradição matriarcal".

145 Considerando a suposição de que existiu uma era matriarcal, as sociedades matriarcais eram essencialmente baseadas na agricultura e as mulheres eram veneradas, comparadas às divindades. O sacrifício humano e principalmente de crianças era comum; esses sacrifícios foram sendo substituídos por sacrifícios de animais, conforme os homens tomavam o controle. "Foram, provavelmente, as mulheres que, ao colherem frutas, raízes e tubérculos comestíveis, "inventaram" a agricultura; esta foi e continuou sendo por muito tempo o domínio das mulheres [...] No universo religioso das culturas agrícolas primordiais não havia ainda deuses masculinos" (Rinne, 2017, pp. 44–45). Nesse cenário, é claro que o trabalho mais pesado — as caçadas — era responsabilidade do homem. O que

segurança porque elas eram consideradas superiores e conseguiam coagi-los — ora culturalmente, ora religiosamente. Nas sociedades patriarcais, as mulheres também conseguem que os homens trabalhem muito mais, protejam-nas e sustentem-nas sob o argumento da fragilidade ou inferioridade feminina.

A pesquisadora feminista Margaret Mead investigou vários modelos sociais e a relação entre homens e mulheres em diversos povos; dessa pesquisa concluiu:

> Em algum ponto da alvorada da história humana, uma invenção social fez os homens começarem a alimentar as fêmeas e os filhos [...] Em todas as sociedades humanas conhecidas [...] o jovem do sexo masculino aprende que [...] uma das coisas que ele deve fazer para se tornar um membro pleno da sociedade é prover comida para alguma mulher e seus filhos [...] A divisão do trabalho pode ser feita de milhares de maneiras, mas a essência é a mesma. O homem, o herdeiro da tradição, sustenta a mulher e os filhos.[146]

Hoje, é comum ouvirmos as mulheres menosprezarem quem, de alguma forma, é sustentada pelo marido. Diz-se com freqüência que a mulher que trabalha fora de casa tem mais dignidade. Talvez isso soe verdadeiro em nossos dias, quando o trabalho feminino pode consistir em esforço mínimo ou mediano: trabalho intelectual, algum emprego de secretária, vendedora ou auxiliar de escritório. Mas, até cem anos atrás, o trabalho geralmente consistia em atividades pesadas, distantes, perigosas e pouco elegantes. Nessa época, eram os homens que se sentiam obrigados — obrigação é a palavra-chave — a trabalhar e sustentar uma, duas, três ou mais pessoas. Houve épocas em que a preocupação com a sobrevivência superava de tal forma o sonho de "bem-estar", que nenhuma mulher perdia muito tempo pensando se era digno ou não comer do que o marido caçava ou comprava.

A "primeira feminista", estrela do primeiro capítulo deste livro, sabia dessa condição e, por mais que escrevesse sobre independência, encontrou alguém para sustentá-la. Em uma de suas

não mudou com o advento do patriarcado: os homens continuam trabalhando mais e correndo mais riscos.

146 Margaret Mead, *Male and female, a study of the sexes in a changing world*. Nova York, N.Y., Mentor, 1949, pp.145–46.

cartas, Mary Wollstonecraft confidenciou que era exatamente por isso que estava procurando um casamento.[147] Apesar de muito ter dito contra a instituição do matrimônio, aderiu a ela em busca de segurança social e econômica. Quando se casou com William Godwin, Mary tinha apenas dívidas e, logo, morreu deixando em aberto as mesmas dívidas que o viúvo teve que pagar. Simone de Beauvoir, no entanto, não teve a mesma sorte. Depois de décadas de relacionamento com Sartre, ele deixou tudo que tinha para outra amante. Sem a segurança do casamento, Simone não se tornou partícipe das conquistas do companheiro de décadas.

Conforme bem lembrado pelo filósofo brasileiro Olavo de Carvalho, as políticas feministas não conquistaram às mulheres o direito de trabalhar — afinal, todo pobre, homem ou mulher, sempre teve essa obrigação se quisesse sobreviver. O que o movimento feminista conseguiu foi liberar os homens do dever social de sustentar as mulheres e retirar delas o direito de não trabalhar, podendo viver do sustento do marido.

É por tudo isso que, para o historiador Martin van Creveld, o casamento não é um sistema de opressão feminina, é, do contrário, um "mecanismo criado pela sociedade para fazer os homens sustentarem as mulheres".[148] Ele demonstra que os homens sempre tiveram que pagar depois e antes de casar, se não quisessem ficar sós. Um de meus sonetos favoritos relembra o que a Bíblia conta acerca de Jacó: a história de um jovem que trabalhou 14 anos para conseguir desposar a moça por quem estava apaixonado.

> Sete anos de pastor Jacó servia
> Labão, pai de Raquel, serrana bela;
> Mas não servia ao pai, servia a ela,
> E a ela só por prêmio pretendia.
>
> Os dias, na esperança de um só dia,
> Passava, contentando-se com vê-la;
> Porém o pai, usando de cautela,
> Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

147 "Alguém para me sustentar", conforme carta citada em Margaret Walters, "The rights and wrongs of women: Mary Wollstonecraft, Harriet Martineau, Simone de Beauvoir", em Mitchell e Oakley, *The rights and wrongs of women*, p. 312.

148 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 183.

> Vendo o triste pastor que com enganos
> Assim lhe era negada a sua pastora,
> Como se não a tivera merecida;
>
> Começou a servir outros sete anos,
> Dizendo: Mais servira, se não fora,
> Para tão longo amor, tão curta a vida.
>
> (Soneto XXIX, Luís de Camões, 1524–1580)

Na época de Tácito, por exemplo, os homens germânicos que quisessem contrair matrimônio precisavam desembolsar dez *dos*. Os muçulmanos, por sua vez, para ganhar o preço da noiva, precisavam trabalhar por anos longe de sua terra natal.

> Uma vez casado, o homem deveria sustentar a mulher, ou as mulheres, pelo resto da vida. Essa é uma das razões por que, mesmo nas culturas que permitiam aos homens casar-se com mais de uma mulher ao mesmo tempo, poucos o faziam; por exemplo, em Argel, na década de 1860, de um total de 18.289 homens casados, menos de 5% tinham mais de uma esposa e apenas 0,4%, mais de duas. [...] De fato, o dever do marido de prover a subsistência da mulher conforme seus recursos é universal e executável via opinião pública ou via tribunais. Com freqüência ele era incorporado aos textos sagrados, como os védicos e os islâmicos. Na Inglaterra, o preceito "eu vos concedo todos os meus bens terrenos" persiste há quase um milênio, a despeito de todas as alterações nas leis que regulavam sua aplicação prática.[149]

De várias formas diferentes, os homens eram coagidos a sustentar ou se responsabilizar pelas mulheres, mesmo que não as tenham escolhido. No judaísmo, por exemplo, quando uma mulher fica viúva, seu cunhado é obrigado pela lei de Moisés a casar com ela e sustentá-la. Em outras sociedades, essa não é uma obrigação, mas o costume existe e é chamado de *levirato*. Isso não era uma grande satisfação para os homens, muitos detestavam o sacrifício. O Antigo Testamento conta a história de Onã, que foi morto por Deus por se negar a gerar um filho em sua cunhada viúva.

Van Creveld diz:

149 *Ibid.*, pp. 186–187.

> Na Espanha do século XVIII, certos funcionários públicos eram obrigados a sustentar a viúva de seu predecessor como se ela tivesse sido sua própria esposa e ainda compartilhar o quarto com ela; era quase um levirato sem direito ao sexo.[150]

Essa condição privilegiada de que dispõem as mulheres — terem onde morar, o que comer e o que vestir mesmo sem produzirem ou trabalharem duro para isso — não se verifica apenas no Ocidente. É uma condição indiscutivelmente comum. Nos casamentos monogâmicos cristãos ou nas culturas poligâmicas muçulmanas, seja entre animistas ou povos pagãos, observa-se sempre que um homem sustenta uma ou várias mulheres; ele abre mão de grande parcela de seus bens e rendimentos. "Existe um cálculo segundo o qual a renda da maioria dos homens ocidentais aumentaria três quartos se eles abandonassem a família. Não existe em toda a natureza um arranjo tão exigente e tão altruísta".[151]

Um tópico especialmente interessante acerca do casamento é esmiuçado pelo historiador Martin van Creveld em um de seus subcapítulos, intitulado "Competir e Sustentar". Além do ônus de sustentar a moça após desposá-la, o homem gasta parte considerável de seus recurso e esforços na competição para convencê-la de que é o melhor "negócio".

> As mulheres também competem pelos homens, mas sua competição é diferente. Em quase todas as culturas, para atrair e manter uma mulher, o homem precisa investir nela; para atrair e manter um homem a mulher tem que investir em si. Poucos homens se impõem apenas pela bela estampa ou porque são sociáveis. O mesmo não vale para as mulheres, para quem a beleza costuma ser o meio mais rápido de progredir, e a habilidade social, o suficiente para seguir em frente. [...] Não é por acaso que as revistas que ensinam as pessoas a ficarem mais bonitas são lidas principalmente por mulheres. Também não é por acaso que a maioria das revistas que ensinam as pessoas a prosperar é lida pelos homens. [...] Em todas as sociedades, são os homens que têm de suar a camisa, ou pagar, ou ambos, para se casar.[152]

150 *Ibid.*, p. 185.

151 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, 2004, p. 86.

152 *Ibid.*, 2004, pp. 80–83.

No primeiro capítulo, apresentei as queixas da última protofeminista, Wollstonecraft, a respeito da forma como as mulheres do Setecentos tendiam a pensar somente em si mesmas.[153] Esse quadro não parece ter mudado no século XXI. O espaço de comércio dedicado aos cosméticos e acessórios femininos, por exemplo, era sete vezes maior que o espaço masculino no início dos anos 2000 nos Estados Unidos.

> A competição das mulheres consiste principalmente em cuidar de si mesmas [...] é egocêntrica e egoísta por definição. Tudo isso explica por que [...] os homens solteiros gastam duas vezes mais que as mulheres solteiras em restaurantes e hotéis.[154]

A condição masculina não parece sensibilizar as feministas de forma alguma. Aliás, é evidente que tudo para elas se baseia em pensar nas vantagens que algumas mulheres progressistas podem obter e nunca em criar uma situação mais amistosa ou harmônica entre os dois lados da humanidade: homens e mulheres. Um pouco de empatia pela forma masculina de vida nos faz perceber que

> a matemática da reprodução transformou a mulher no sexo exigente. A mesma matemática criou nos homens uma necessidade desesperada das mulheres e condenou os membros de um sexo a competir pelos membros do outro; uma competitividade que centenas de milhares de anos deixaram gravada nos genes. [...] A competição começa logo depois da puberdade e, em essência, dura quase toda a vida adulta. Ela pode assumir a forma de luta, de trabalho ou de dinheiro; em quase todos os casos, todavia, passará pelo

153 "A conversa das mulheres francesas [...] é freqüentemente superficial, mas afirmo que não é nem metade tão insípida quanto a das mulheres inglesas, cujo tempo é gasto fazendo gorros, chapéus e todo tipo de complementos, para não mencionar as compras, liquidações etc; e as mulheres decentes e prudentes é que se tornam mais degradadas por tais práticas, pois seu motivo é apenas a vaidade. [...] Os pensamentos das mulheres sempre giram em torno de sua pessoa [...] De fato, a observação sobre a classe média, na qual os talentos se desenvolvem melhor, não se estende às mulheres, porque as de classe superior, ao obter pelo menos uma noção superficial de literatura e conversar mais com os homens sobre temas gerais, adquirem mais conhecimentos do que as mulheres que copiam sua moda e seus defeitos sem compartilhar seus benefícios" (Wollstonecraft, pp. 104–105).

154 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, 2004, p. 81.

suporte econômico. Seja no que se refere a risco, ou recursos, ou riqueza, ou saúde, o preço que os homens pagam para entrar na corrida é assombroso.[155]

Outra prova da evidente vantagem econômica de que as mulheres sempre desfrutaram ao se casarem diz respeito a forma como as mulheres bem-sucedidas dispensam a formalização do matrimônio, enquanto as mulheres mais pobres continuam se valendo dele. Em linhas gerais, as mulheres que não precisam mais ascender economicamente costumam não se casar, já os homens, pelo contrário, precisam de uma ligeira melhora financeira para conseguir convencer a noiva a contrair o matrimônio. A feminista Susan Faludi realizou uma pesquisa que comprova a hipótese:

> Quanto mais bem remuneradas as mulheres são, menos vontade elas têm de se casarem. Um levantamento de 1982 sobre 3 mil solteiras descobriu que mulheres ganhando altos salários demonstram o desejo de continuar solteiras quase duas vezes mais do que as mulheres com baixa renda. "Quanto mais independentes as mulheres se tornam, mais desinteressante torna-se para elas o casamento", explicava Charles Westoff, demógrafo de Princeton, em um artigo do *Wall Street Journal*.[156]

Ainda hoje, em tempos de propaganda progressista, a maioria dos homens entende a função de provedor como essencialmente sua. No Brasil, a mulher que deixa o emprego para criar os filhos tem o respeito de 78% dos homens. Já um pai que tomar a mesma decisão recebe a aprovação de apenas 11% deles e, para 54%, a atitude é simplesmente vergonhosa. Os dados, que estão em uma pesquisa recém divulgada pelo Data Popular, mostram ainda que a maioria dos entrevistados acredita que o homem que larga o trabalho para cuidar das crianças o faz por "comodismo, preguiça e vagabundagem".[157] Talvez as coisas estejam mudando, mas, durante milênios, o homem era muito

155 *Ibid.*, p. 89.

156 Susan Faludi, *O contra ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, p. 37.

157 D. Kergoat, "Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo", em H. Hirata et. al. (org.), *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Edunesp, 2009. E. Roudinesco, *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

mais tolhido do direito de não trabalhar do que a mulher do direito de fazê-lo.

O liberal Stuart Mill era ferrenho defensor das mulheres; considerava o casamento de sua época — século XIX — um verdadeiro sistema opressivo para as mulheres, queria que elas se revoltassem contra esse sistema, mas verificou que muitas mulheres preferiam confortavelmente ceder às facilidades matrimoniais. Ele escreveu:

> Quando juntamos três coisas — primeiro, a atração natural entre os sexos; segundo, a total dependência da esposa em relação ao marido, todos os privilégios ou prazeres que ela tem, seja um presente ou algo que dependa inteiramente da vontade de seu marido; e, por último, que é o principal objeto da busca humana, a consideração, e todos os objetos de ambição social, podem geralmente ser procurados ou obtidos por ela somente através do marido — seria um milagre se o fato de ser atraente para os homens não se tornasse a estrela polar da educação e formação do caráter feminino.[158]

Pode parecer decepcionante para as feministas, mas as mulheres continuam se casando e procuram os homens e o casamento. Mesmo no século XXI, em que podem dispor de total independência, preferem trocar seus clássicos atributos femininos pelo apreço e companhia dos homens. Estes, por sua vez, continuam gastando seus salários, bens e recursos para manter as mulheres por perto.

Mesmo com essa consistência histórica, as feministas insistem em dizer que o casamento explora a mulher. O *Dicionário crítico do feminismo* afirma que a dedicação da esposa à família é assegurada "pela exploração econômica da mulher pelo homem e se apóia na instituição do casamento. Ela é objeto do modo de produção doméstica, que constitui a base econômica do patriarcado".[159] As organizadoras do dicionário insistem que a mulher foi coagida à reclusão doméstica, como se, há um milênio ou alguns séculos atrás, enfrentar frio e fome, longas e

158 John Stuart Mill, 2001, p. 32.

159 Hirata et. al (org.), *Dicionário crítico do feminismo*, São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 97.

perigosas viagens e trabalhos pesados fora de casa fossem uma delícia da qual as mulheres foram privadas.

Resta demonstrado que a implicância feminista com o casamento só começou quando ficou mais fácil arrumar um trabalho remunerado de *pouco ou moderado esforço* fora de casa. Enquanto houve barbárie, fome e todo tipo de dificuldade, as mulheres queriam casar tão logo pudessem e não costumavam invejar a condição masculina.

c) Divórcio

O "divórcio fácil" é uma das bandeiras feministas mais controversas: torná-lo mais comum, mais aceitável e menos dramático é parte fundamental do plano revolucionário. O discurso de empoderamento e liberdade relacionado ao divórcio é realmente tentador demais para qualquer cabeça imatura, sedenta por apenas saciar os desejos mais imediatos. O número crescente de ocorrências chocava os escritores mais conservadores mesmo antes do advento da Segunda Onda feminista. Na década de 1950, Sorokin publicou um estudo com dados que revelam um aumento espantoso já no início do século XX:

> Em 1870 havia um divórcio para cada 33,7 casamentos contraídos [na América]; nas últimas décadas, tem havido um para cada 2,5 a 3. Em 1890, tínhamos 3 divórcios por 1.000 mulheres casadas; em 1946, 17,8 por 1.000. Em 1867, tínhamos 0,3 divórcios por 1.000 pessoas da nossa população; em 1947, 3,4 [...] e com pequenas flutuações, o divórcio tem aumentado e continua aumentando constantemente.[160]

Os dados mais recentes são ainda mais impressionantes. A verdadeira novidade do movimento feminista foi o discurso acerca do divórcio: propagar como bom e libertador aquilo que sabemos, como humanidade, ser triste e mau desde sempre.

A facilitação e banalização do divórcio podem, isso sim, ser qualificadas como conseqüência das lutas feministas. O primeiro país de influência a facilitar o desmanche de casamentos foi a Rússia socialista. A contemporânea e revolucionária Alexandra Kollontai descreveu o período:

160 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, p. 15.

> De fato, em virtude do decreto do Comissário do Povo de 18 de dezembro de 1917, o divórcio deixou de ser um privilégio acessível somente aos ricos; de agora em diante, a mulher trabalhadora não terá que esperar meses e, inclusive, até anos para que seja julgado o seu pedido de separação matrimonial [...] De agora em diante poderá se obter o divórcio amigavelmente dentro do período de uma ou duas semanas, no máximo. Porém, é precisamente esta facilidade para obter o divórcio, fonte de tantas esperanças para as mulheres que vivem um casamento infeliz, o que assusta outras mulheres, particularmente aquelas que consideram o marido como provedor da família.

Nos anos 70, muitos estados americanos também aprovaram as novas leis do divórcio "sem motivação" para que o processo se tornasse mais fácil: eliminaram as bases moralistas exigidas para se requerer o divórcio e definiram a partilha dos bens do casal conforme as necessidades e os recursos, sem levar em conta qual dos cônjuges era considerado responsável pelo fim do casamento.

A reação apareceu. Durante muito tempo, o discurso que tentava explicar às mulheres as desvantagens do divórcio para elas e para a família convocava o aspecto econômico, já que os argumentos morais perdiam cada vez mais sua força:

> Na vida privada, a pensão média paga por homens divorciados para sustentar os filhos caiu em cerca de 25% entre o fim dos anos 70 e meados dos anos 80.[161] Em 1985, só metade dos 8,8 milhões de mães separadas que supostamente deveriam estar recebendo pensão para os filhos estava realmente recebendo alguma coisa dos ex-maridos, e só metade dessa metade estava conseguindo a quantia total.[162]

Mesmo aconselhadas, muitas mulheres continuam a enganar-se, confiando em movimentos revolucionários exatamente como fizeram as mulheres russas na década de 1910. A feminista Kate Millett menciona que as pautas atrativas às mulheres comunistas foram logo implantadas na Rússia pós-revolucionária:

161 *O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*, 2001, p. 16

162 *Ibid.*, p. 44.

Votadas todas as leis possíveis para libertar o indivíduo das amarras familiares: liberalização do casamento e do divórcio, contracepção e aborto autorizado. Sobretudo mulheres e crianças escaparam do controle econômico do marido.

A experiência feminista fracassou: a vulgarização do divórcio não libertou ninguém. Passada uma década do início da revolução socialista, a situação das mulheres russas estava precária: o divórcio tornara-se tão corriqueiro que os pais simplesmente abandonavam suas casas e sobrava para as mulheres a dupla tarefa de sustentar as crianças e cuidar delas. Mesmo Millett é obrigada a confessar:

> Na prática, a nova liberdade sexual foi em grande parte apanágio dos homens. Muitos fatos tendem a provar que, em certos planos, a situação das mulheres piorou durante os primeiros decênios da revolução e que foram bastante exploradas do ponto de vista sexual. A grande massa das mulheres dificilmente podia aproveitar tanto como os homens das suas novas liberdades.

Com um cenário como esse, é até difícil entender como as feministas consigam relacionar o divórcio ao bem-estar das mulheres ou a qualquer tipo de conquista social. O divórcio não é maléfico apenas para a mulher. As suas piores marcas sobram para os filhos. Sorokin verificou um cenário semelhante na América, onde as idéias feministas não vinham aliadas ao discurso socialista e, talvez, por isso mesmo, brilhavam exclusivamente. O número crescente de separações resultou no conhecido aumento do *divórcio do pobre*:

> Segundo o Bureau Nacional de Desamparo, as esposas abandonadas abrangem de 3 a 4% de todas as mulheres casadas. Em 1953, o desamparo custou ao contribuinte americano cerca de 252.000.000 de dólares para a manutenção de esposas e crianças abandonadas, das quais três e meio milhões recebiam pouco ou nenhum dinheiro do pai [...] cerca de 12.000.000, das 45.000.000 de crianças dos Estados Unidos, não vivem com ambos os pais.[163]

163 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, p. 16.

Quando uma família morre, toda a sociedade é indiretamente afetada. Mas há ainda uma vítima maior: aquele mesmo que está em desvantagem e corre grande risco ao se casar, além de ser prejudicado na hora do divórcio: o homem. Por causa dessa evidente desvantagem econômica, por muitos séculos, medidas sociais foram tomadas para evitar que as mulheres deixassem seus maridos sem uma causa justa.

> Como o casamento é um arranjo pelo qual os homens provêm a subsistência das mulheres, logicamente essa obrigação deveria cessar depois do divórcio. É claro que um homem cuja esposa o abandona ou pede o divórcio perde tudo que investiu nela antes e durante o casamento. Isso freqüentemente representa grande parte, senão tudo, do que ele ganhou; talvez essa seja a explicação para o fato de as mulheres não poderem se divorciar sem o consentimento do marido na Roma pré-clássica, nas rígidas leis judaicas, no código de Manu e na maioria das culturas islâmicas atuais.[164]

Contudo, é estranho supor que só as mulheres desejassem se separar, como se para os homens o casamento sempre fora um paraíso e a esposa uma fada. Na Idade Média, quando o divórcio não era assim tão fácil, os homens eram obrigados a continuar sustentando esposas que não amavam, "mesmo que o casal não mais partilhasse a casa e o leito; mesmo que ela tivesse virado prostituta; e mesmo que eles tivessem sido separados por um tribunal eclesiástico".[165]

A situação do homem diante dos relacionamentos oficias é tão desvantajosa que as mulheres conseguiram estender o sustento masculino mesmo depois da separação dos corpos. Conforme o divórcio foi sendo flexibilizado, primeiramente elas conseguiram que os homens fossem responsabilizados pelas custas processuais da separação e, depois, não menos pior, continuassem a sustentá-las após a conclusão do divórcio.

Ainda em 1966, um tribunal de Nova York decidiu que "os serviços legais prestados à uma esposa numa ação matrimonial é indispensável, e um advogado tem o direito de trazer a

164 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, 2004, pp. 195–196.
165 *Ibid.*

plenário uma ação contra o marido por ter prestado esses serviços". Um ano depois, outro tribunal do mesmo estado decidiu que "o propósito legislativo parece ser o de restringir ao marido ou ao pai a obrigação de pagar os honorários advocatícios da outra parte". E essa não era uma ameaça vazia: de acordo com um levantamento realizado em Kansas, em 1984, mais da metade dos homens envolvidos em ações de divórcio tiveram que pagar as próprias despesas e também as da ex-mulher.[166]

Além disso, antes da popularização do feminismo e da sanha feminina pelo mercado de trabalho, as mulheres também eram sustentadas pelos ex-maridos até a morte[167] ou até arranjarem outro companheiro que as sustentasse.

> Conforme a interpretação da lei durante grande parte do século XX, a mulher divorciada tinha direito de manter "o mesmo nível a que estava acostumada"; afinal de contas, não era bom ver uma dama reduzida a uma situação difícil simplesmente porque ela não tinha mais marido. Com freqüência, ela recebia 50% da renda do ex-marido por toda a vida, mesmo que o casal não tivesse filhos, mesmo que ela fosse perfeitamente capaz de trabalhar e mesmo que isso significasse uma década de renda garantida para cada ano que viveu com ele. Até os anos 1940, os filhos ficavam com o pai, que era responsável por seu bem-estar financeiro, mas nas últimas décadas do século XX, as mulheres começaram a receber a custódia dos filhos quase automaticamente. Como poucos juízes eram desumanos a ponto de jogar as crianças na rua, a maioria das mulheres também ficava com a residência do casal, se não permanentemente, pelo menos enquanto os filhos fossem menores. Não é preciso dizer que nada disso se aplicava aos homens divorciados; nas raras ocasiões em que eles solicitavam pensão, não apenas ganhavam uma recusa, como também uma reprimenda.[168]

166 *Ibid.*

167 Uma das histórias mais trágicas sobre até onde vai a proteção do Estado às mulheres pode ser encontrada na novela que Balzac publicou em 1844: Coronel Chabert. A história conta de um Coronel equivocadamente considerado morto em combate que voltou à vida apenas para se perceber socialmente aniquilado diante do conforto e boa vida que sua esposa levava graças à sua pensão e ao seu nome. O contexto o leva a viver como um indigente incapaz de voltar à vida pública.

168 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 197.

Essa tendência confortável às mulheres começou a mudar justamente quando o movimento feminista passou a argumentar que as mulheres eram iguais aos homens e podiam trabalhar e cuidar de suas vidas independentemente. Isso apenas aumentou as chances de as mulheres não receberem pensão ou de essas pensões reduzirem sua proporcionalidade. Estranhamente, mesmo políticas como essas e a brutal propaganda contra o casamento não conseguiram tirar dos jovens o desejo de se casarem, a vontade de encontrar um parceiro com quem possam partilhar suas vidas, seus sonhos, suas casas. A escritora Pamela Paul, que ficou conhecida no Brasil quando da publicação de seu livro contra a pornografia, *Pornificados*, identificou[169] que os americanos ainda consideram o sucesso familiar uma prioridade: "A geração X considera que ser uma boa esposa/mãe ou bom marido/pai é o sinal mais importante do sucesso, antes de dinheiro, fama, poder, religião e ser fiel a si mesmo".

d) A superstição do divórcio[170]

Entre as estratégias de reforma psicológica apresentadas no livro *Maquiavel pedagogo* há uma que se explica da seguinte maneira: "colocados em situação de dissonância cognitiva, provocada pela contradição entre sua percepção e o ato cometido, sentem-se impelidos a reduzir essa dissonância, e a maneira mais natural consiste em modificar sua opinião em relação àquela percepção". Pascal Bernardin diz ainda:

> Se um indivíduo é levado a cometer publicamente um ato em contradição com seus valores, sua tendência é modificar tais valores, para diminuir a tensão que lhes oprime. Se um indivíduo foi aliciado a um certo tipo de comportamento, é muito provável que ele venha a racionalizá-lo.

Cito uma hipótese, um exemplo: se determinada mulher é contra o aborto, mas foi induzida ou acabou cometendo um, é de se esperar que ela passe a defender a legalização do aborto,

169 Pamela Paul, *The Starter Marriage and the Future of Matrimony*. Nova York: Random House, 2002, p. 8.

170 O título deste subcapítulo remete ao livro homônimo publicado por G.K. Chesterton.

pois assim diminui a sua incoerência. Para não parecer tão contraditória, ela muda seu "pensamento" ou seus "valores".

Evidentemente, este livro está denunciando uma deliberada prática de engenharia social ou reforma psicológica. Mas uso essa referência porque, muitas vezes, na nossa caminhada cristã, somos empurrados pela vida a situações reais totalmente diversas daquelas que consideramos ideais. Nesse momento, é fundamental preservar os valores e perceber que não há nenhuma hipocrisia em ter consciência de que algo é bom, mesmo que se falhe freqüentemente em realizá-lo.

A castidade é louvável, mesmo que você não a consiga manter. O casamento é valioso, mesmo que você não consiga sustentá-lo. Mentir é mau, mesmo que você tenha sido conduzido pela realidade a contar mentiras. Se, a cada vez que falharmos, nós modificarmos nossos valores para diminuir a distância entre a nossa vida iníqua e o ideal, não sobrará nenhum valor em nenhum de nós.[171]

Quantas mulheres divorciadas são amargas ou embrutecidas? Quantas vivem uma vida sem perdão, revoltadas contra o casamento e o ex-marido? Qualificar o "divórcio" como uma conquista só prova que as feministas não entendem nenhuma sutileza do coração feminino. Jamais me alegrei pelo meu divórcio, jamais comemorei, jamais indiquei e nunca vou considerá-lo um "direito" ou "privilégio". Como Pascal Bernardin descreveu, é de se esperar que uma divorciada escritora amenize os termos ao falar sobre o assunto, mas isso não acontecerá nestas linhas.

As feministas não se pouparam em espalhar inverdades sobre casamento e filhos, e, para não perder o costume, fizeram o mesmo acerca do divórcio. As revolucionárias afirmam que ele é uma conquista, e mais: uma conquista delas. O divórcio existe há milênios; Moisés, o homem da Lei judaico-cristã, concedia cartas de divórcio no meio do deserto para os membros das

171 Essa é uma apresentação necessária para que eu possa adentrar no espinhoso assunto que se segue. Assim como a escritora e antifeminista americana Suzanne Venker, sou divorciada. Se não tenho experiência com filhos (que as feministas dizem que nos escravizam), tenho com o divórcio (que elas dizem que nos liberta) e afirmo sem medo de errar: divórcio é morrer por dentro, é uma parte de você sendo esmagada pela realidade, é a metafísica da amputação.

tribos. Até os muçulmanos têm divórcio — aliás, eles têm casamento temporário também. Divórcio é um trâmite antigo, só mesmo as feministas — que tem a cabeça toda ao contrário — para qualificar um paliativo social como este de "conquista feminista". Ninguém casa para separar e ninguém se separa porque acha desejável. Exceto, talvez, as meninas árabes vendidas para maridos muçulmanos muito mais velhos que elas.

Mesmo com abandono, com marido adúltero, com mulher rameira, com agressão ou desamor, indiferença ou violência, o divórcio é um *escape*, jamais uma saída triunfal. Quem se divorcia por adultério — por não conseguir mais olhar para o traidor — está feliz? Sente-se vitorioso? Considera esse divórcio uma conquista? Duvido muito. A mulher que abandona o marido para fugir com um caminhoneiro deixa-o feliz pelo divórcio? A mulher que precisa se divorciar a fim de parar de apanhar do brutamontes com quem se casou acha isso a maior conquista da sua vida? Não.

O problema, no entanto, é que a cultura do divórcio esmoreceu com a esperança da maioria acerca da oficialização da união. Os jovens não querem se casar oficialmente, pois isso aumenta o risco de um processo de divórcio que se torna cada vez mais comum. As pessoas começaram a ter namoros cada vez mais longos e a optar por "morar junto" antes de qualquer oficialização. A ativista conservadora Schlafly descreveu o processo:

> As preocupações deles [dos jovens] não são infundadas. Esta geração não só foi criada em uma cultura de divórcios, como a América mudou radicalmente também. Os direitos dos homens foram praticamente eliminados, e a importância dada ao ensino superior resulta numa enorme dúvida para os jovens casais. Essas circunstâncias dificilmente são as ideais para se estabelecer uma família. Além disso, o sexo antes do casamento não é mais tabu, o que significa que muitos casais (cerca de dois terços) se juntam antes de casar [...] mas o maior obstáculo que os jovens enfrentam quando se trata de casamento é a falta de maturidade. Diferente de gerações anteriores, os jovens de hoje foram mimados. Eles

pois assim diminui a sua incoerência. Para não parecer tão contraditória, ela muda seu "pensamento" ou seus "valores".

Evidentemente, este livro está denunciando uma deliberada prática de engenharia social ou reforma psicológica. Mas uso essa referência porque, muitas vezes, na nossa caminhada cristã, somos empurrados pela vida a situações reais totalmente diversas daquelas que consideramos ideais. Nesse momento, é fundamental preservar os valores e perceber que não há nenhuma hipocrisia em ter consciência de que algo é bom, mesmo que se falhe freqüentemente em realizá-lo.

A castidade é louvável, mesmo que você não a consiga manter. O casamento é valioso, mesmo que você não consiga sustentá-lo. Mentir é mau, mesmo que você tenha sido conduzido pela realidade a contar mentiras. Se, a cada vez que falharmos, nós modificarmos nossos valores para diminuir a distância entre a nossa vida iníqua e o ideal, não sobrará nenhum valor em nenhum de nós.[171]

Quantas mulheres divorciadas são amargas ou embrutecidas? Quantas vivem uma vida sem perdão, revoltadas contra o casamento e o ex-marido? Qualificar o "divórcio" como uma conquista só prova que as feministas não entendem nenhuma sutileza do coração feminino. Jamais me alegrei pelo meu divórcio, jamais comemorei, jamais indiquei e nunca vou considerá-lo um "direito" ou "privilégio". Como Pascal Bernardin descreveu, é de se esperar que uma divorciada escritora amenize os termos ao falar sobre o assunto, mas isso não acontecerá nestas linhas.

As feministas não se pouparam em espalhar inverdades sobre casamento e filhos, e, para não perder o costume, fizeram o mesmo acerca do divórcio. As revolucionárias afirmam que ele é uma conquista, e mais: uma conquista delas. O divórcio existe há milênios; Moisés, o homem da Lei judaico-cristã, concedia cartas de divórcio no meio do deserto para os membros das

171 Essa é uma apresentação necessária para que eu possa adentrar no espinhoso assunto que se segue. Assim como a escritora e antifeminista americana Suzanne Venker, sou divorciada. Se não tenho experiência com filhos (que as feministas dizem que nos escravizam), tenho com o divórcio (que elas dizem que nos liberta) e afirmo sem medo de errar: divórcio é morrer por dentro, é uma parte de você sendo esmagada pela realidade, é a metafísica da amputação.

tribos. Até os muçulmanos têm divórcio — aliás, eles têm casamento temporário também. Divórcio é um trâmite antigo, só mesmo as feministas — que tem a cabeça toda ao contrário — para qualificar um paliativo social como este de "conquista feminista". Ninguém casa para separar e ninguém se separa porque acha desejável. Exceto, talvez, as meninas árabes vendidas para maridos muçulmanos muito mais velhos que elas.

Mesmo com abandono, com marido adúltero, com mulher rameira, com agressão ou desamor, indiferença ou violência, o divórcio é um *escape*, jamais uma saída triunfal. Quem se divorcia por adultério — por não conseguir mais olhar para o traidor — está feliz? Sente-se vitorioso? Considera esse divórcio uma conquista? Duvido muito. A mulher que abandona o marido para fugir com um caminhoneiro deixa-o feliz pelo divórcio? A mulher que precisa se divorciar a fim de parar de apanhar do brutamontes com quem se casou acha isso a maior conquista da sua vida? Não.

O problema, no entanto, é que a cultura do divórcio esmoreceu com a esperança da maioria acerca da oficialização da união. Os jovens não querem se casar oficialmente, pois isso aumenta o risco de um processo de divórcio que se torna cada vez mais comum. As pessoas começaram a ter namoros cada vez mais longos e a optar por "morar junto" antes de qualquer oficialização. A ativista conservadora Schlafly descreveu o processo:

> As preocupações deles [dos jovens] não são infundadas. Esta geração não só foi criada em uma cultura de divórcios, como a América mudou radicalmente também. Os direitos dos homens foram praticamente eliminados, e a importância dada ao ensino superior resulta numa enorme dúvida para os jovens casais. Essas circunstâncias dificilmente são as ideais para se estabelecer uma família. Além disso, o sexo antes do casamento não é mais tabu, o que significa que muitos casais (cerca de dois terços) se juntam antes de casar [...] mas o maior obstáculo que os jovens enfrentam quando se trata de casamento é a falta de maturidade. Diferente de gerações anteriores, os jovens de hoje foram mimados. Eles

cresceram com relativamente pouca dificuldade e poucas exigências morais.[172]

Uma pesquisa recente, divulgada na BBC em 2017, confirma as impressões de Schlafly.

> A chamada "geração *smartphone*", daqueles que nasceram após 1995, vem amadurecendo mais lentamente que as anteriores. Suas conclusões estão no recém-publicado livro *iGen: Why Today's Super-Connected Kids are Growing up Less Rebellious, More Tolerant, Less Happy — and Completely Unprepared for Adulthood* (*iGen: Por que as crianças superconectadas estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes — e completamente despreparadas para a vida adulta*, em tradução livre), com os resultados de uma investigação baseada em pesquisas com 11 milhões de jovens americanos e entrevistas em profundidade.[173]

O pesquisador russo Pitirim Sorokin também apontava para dados nesse sentido. Para ele, a crescente desintegração dos casamentos, a desistência fácil[174] de qualquer desafio matrimonial, é resultado de uma cultura de jovens e adultos que exigem um alto padrão de vida para se sentirem satisfeitos. Ele soma "ao egoísmo inflado, incapaz de suportar os defeitos do companheiro, a uma carência de genuíno amor que tudo dá e perdoa".[175]

O problema sem nome não é um problema de todos

Como demonstrado, o casamento não é assim tão mau para a mulher como costumava pintar a feminista Betty Friedan. As mulheres têm obtido dele muitas vantagens. Muitas mulheres verdadeiramente amam ser mães e esposas. Para a ativista Suzanne Venker, os principais erros de Friedan foram: considerar

172 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, 2015, pp. 97–98.

173 http://www.bbc.com/portuguese/geral-41080541.

174 "Se os americanos podem se divorciar por 'incompatibilidade de temperamento', não consigo entender como ainda não estão todos divorciados. Conheci muitos casamentos felizes, mas nunca um compatível. O objetivo do casamento é lutar e sobreviver ao instante em que a incompatibilidade se mostra incontestável. Pois um homem e uma mulher, como tais, são incompatíveis", em G.K. Chesterton, *O que há de errado com o mundo*, 2013, p. 60.

175 Sorokin, *A Revolução Sexual americana*, 1961, p. 17.

a mulher americana como oprimida, ignorando a relativa vida confortável que levavam desde a década de 1950, e apontar que o tédio feminino era culpa direta da família e não da vida vazia e superficial que muitos americanos médios tinham adotado.

Friedan teve a mesma reação da maioria das militantes: confundiu contingências e tristezas pessoais com um projeto deliberado e universal de opressão. A vida de Betty realmente parecia ser uma porcaria, o problema é que ela interpretava que essa era uma dificuldade comum a todas e passou a participar da "vida pública" americana em busca de reparação para as mulheres. O "problema sem nome" daquela esposa entediada estava virando um problema nacional:

> [...] O sucesso do livro de Friedan ganhou vida própria. A mídia, sempre um bando de esquerdistas, aderiu ao movimento feminista com profusão e encorajou os americanos a fazer o mesmo. A primeira grande batalha das feministas foi a Emenda dos Direitos Iguais.[176]

Na propaganda, o objetivo da Emenda dos Direitos Iguais (ERA) era colocar as mulheres em pé de igualdade com os homens, como Friedan defendia. Segundo as feministas, a Constituição americana precisava de alterações que realmente abolissem as diferenças de tratamento baseadas em sexo. Na prática, quase todas as instituições e a maioria dos parlamentares homens[177] apoiavam a proposta enquanto um grupo de mulheres não feministas lutava sem recursos pela extinção da emenda. Foi praticamente uma luta travada por mulheres normais contra feministas — que, definitivamente, não são mulheres normais.

> Durante dez anos, Phyllis publicou centenas de edições do seu boletim mensal e panfletos sobre a ERA. Seus relatórios esclareciam os direitos jurídicos que as mulheres perderiam se a ERA fosse ratificada. Os relatórios mostravam que ela

176 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, 2015, p. 59.

177 "Apenas um único senador entre os cem estava disposto a falar abertamente contra a ERA, o senador Sam Ervin, e apenas três membros da Câmara, dentre os 435: Henry Hyde, George Hansen e Bob Dornan. A ERA foi ativamente apoiada pelas organizações importantes de mulheres, uma associação de 33 revistas femininas, várias celebridades da televisão e de Hollywood, e 99 por cento dos meios de comunicação". *Ibid.*, pp. 59–60.

> era uma fraude. Fingindo beneficiar as mulheres, na verdade eliminaria os direitos que as mulheres tinham até então, como o direito de uma garota de dezoito anos não se alistar no serviço militar obrigatório e o direito da mulher de ser sustentada pelo marido.[178]

Quando as feministas começaram a perder as batalhas pela aprovação da emenda, mobilizaram-se em busca de dinheiro e financiamento público para campanhas de conscientização sobre a importância daquela "proposta por igualdade" — sempre o mesmo *modus operandi*. Começaram literalmente a perder a cabeça e mostrar a que vinham. Após receberem 5 milhões de dólares para organizar uma convenção feminista, as líderes pró-ERA revelaram suas preferências e quais mulheres exatamente estavam representando:

> Os bordões mais populares usados por suas representantes eram: "Uma mulher sem um homem é como um peixe sem bicicleta" e "A mãe natureza é lésbica". Era possível pegar folhetos que diziam "O que as lésbicas fazem" em vários estandes. A enorme cobertura da imprensa saiu pela culatra, pois mostrou aos americanos o que o feminismo é na verdade.[179]

Em 1973, quando a conservadora Phyllis Schlafly enfrentou Friedan diretamente em um debate na Universidade do Estado de Illinois sobre o tema, a feminista chegou a dizer: "eu queria queimá-la viva".[180] Dez anos mais tarde, um grupo de feministas escreveu o nome dos parlamentares opositores com sangue de porco no chão do capitólio de Illinois.

> Mas Illinois, mais uma vez, votou contra. Em 4 de junho de 1982, quando a Carolina do Norte rejeitou a ERA pela última vez, os representantes a favor da ERA enviaram sacos com esterco de galinha para os 23 senadores que votaram contra [...] a ERA morreu quando a prorrogação inconstitucional do prazo expirou à meia-noite do dia 30 de junho de 1982.[181]

178 *Ibid.*, p. 60.
179 *Ibid.*, p. 64.
180 *Ibid.*, p. 62.
181 *Ibid.*, p. 65.

O fatídico episódio da luta das americanas contra a agenda feminista foi um presságio do que vemos hoje no Brasil: uma oligarquia composta por feministas radicais e vitimistas que estrategicamente se coloca na mídia, nas universidades e no congresso serve de modelo a uma ralé militante travestida de intelectualidade. Juntas, essas mulheres ressentidas arrogam a representatividade feminina. Não menos bregas e petulantes que as norte-americanas, as manifestantes brasileiras se permitem coisas como urinar em público, protestar nuas e realizar performances bizarras.

Em 26 de outubro de 2016, as aulas na Universidade Federal de Pelotas foram suspensas por causa de cerca de vinte jovens feministas que organizaram uma manifestação em combate à violência contra a mulher. Seus métodos de chamar atenção não perdiam em nada para as militantes americanas pelo ERA na década de 1980:

> Segundo o relato de testemunhas, pelo menos uma das jovens teria se masturbado em uma escadaria e em frente ao prédio do Instituto de Ciências Humanas, na Rua Alberto Rosa. Testemunhas disseram que algumas estudantes fumavam maconha [...] uma estudante de pedagogia disse que [...] algumas jovens tiraram os sutiãs e uma delas ficou completamente nua e passou a se masturbar. A estudante diz ainda que viu algumas delas urinando em baldes e jogando nas paredes do prédio do instituto.[182]

No mesmo ano, uma feminista realizou um protesto quase solitário, em frente ao Museu de Arte de São Paulo, ao urinar e defecar sobre uma fotografia do deputado federal Jair Messias Bolsonaro. Uma onda de bizarrices desse tipo começou após o ex-BBB Jean Wyllys ter cuspido em Bolsonaro durante a votação do *impeachment* de Dilma Rousseff, outra feminista que não faz mais do que envergonhar as brasileiras enquanto assume representá-las. As feministas parecem realmente compreender algum efeito retórico misterioso no ato de urinar em público, pois têm adotado essa estratégia em todo o mundo.

182 Matéria "Protesto com estudantes nuas provoca polêmica na UFPel, no RS" do *portal G1*, publicada em 28 de outubro de 2015.

As ucranianas[183] foram pioneiras nesse procedimento em 2010, enquanto reclamavam a ausência de mulheres na equipe de ministros nomeados pelo governo.

Se, por um lado, o caso americano da ERA revela os primórdios da mesma vulgaridade que o movimento manifesta hoje, a vitória alarmante das mulheres contra as feministas da década de 1980 traz esperança. Não seria sem precedentes o triunfo de mulheres tradicionais sobre grupos ideológicos, ainda que eles detenham o aparelho midiático e, no caso brasileiro, também as universidades e escolas.

O saldo da Segunda Onda

Depois de muitos direitos definidos — como o voto e a propriedade —, teve início uma nova fase de reivindicações. O final da primeira onda e início da segunda se destaca pela atuação de Sanger, eugenista responsável pela criação da clínica de aborto que viria a se tornar a Planned Parenthood. Ainda em 1920, as discussões acerca da *contracepção* e do *aborto* começam a ganhar corpo e apontam para o que será a marca da segunda onda do movimento feminista, datada de 1960: a reprodução feminina dos vícios masculinos. Comumente se dizia que os homens eram promíscuos, tendiam à vida libertina e à irresponsabilidade com os próprios filhos. Também sempre foram descritos como afetivamente desapegados e socialmente violentos. Por alguma razão, as mulheres começaram a querer trocar suas virtudes mais famosas pelos piores defeitos masculinos; estava aberta a temporada de sexo irresponsável e abandono dos filhos.

O papel da mulher como mãe e esposa começa a ser contestado por feministas como Simone de Beauvoir e Betty Friedan, que propõem uma mulher livre do controle marital e religioso e propagam a liberdade sexual. Na mesma década do lançamento do anticoncepcional, como amante de Jean-Paul Sartre,

183 Matéria "Feministas fazem xixi em ato contra gabinete só de homens na Ucrânia", publicada em 13 de dezembro de 2010. http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/12/feministas-fazem-xixi-em-ato-contra-gabinete-so-de-homens-na-ucrania.html.

a socialista e autora do livro seminal da segunda onda, Simone, leva uma vida licenciosa e irresponsável. O feminismo radical norte-americano se desenvolveu entre 1967 e 1975 e partiu de um projeto comum. As duas obras fundamentais da "radicalização" foram *Política sexual* e *Dialética do sexo*.

> O objetivo definitivo da revolução feminista deve ser [...] não apenas acabar com o privilégio masculino, mas também com a distinção entre os sexos, assim como o objetivo final da revolução socialista não era apenas acabar com os privilégios da classe econômica, mas também com a própria distinção que existia entre as diferentes classes econômicas.[184]

O movimento revela sua essência e faceta mais extremista através das obras das radicais Valerie Solanas (1936–1988) e Shulamith Firestone (1945–2012). Juntas, defendem sem constrangimento uma nova política sexual para o ocidente, tema direto do livro de Kate Millett (1934–).

Mais recentemente, as escritoras Amy Richards (1970–) e Jennifer Baumgardner (1970–), ativistas feministas e autoras de *Young Women, Feminism and the Future*, tentaram resumir e definir os interesses do movimento feminista em uma única frase: "O feminismo busca as leis do divórcio sem culpa, busca o direito ao aborto, rejeita Deus enquanto pai, busca a aceitação da sexualidade feminina e tem um compromisso com o trabalhador". O advogado e pastor pentecostal americano Pat Robertson, ao ouvir a definição das meninas, a traduziu[185] para termos mais práticos: "As feministas querem que as mulheres deixem seus maridos, matem seus filhos, pratiquem bruxaria, tornem-se lésbicas e destruam o capitalismo". A tradução de Robertson pode parecer caricata, mas classifica ponto por ponto o trabalho das militantes da segunda onda.

Tudo isso para quê? Para chegarmos a um estágio de mundo pós-sexual. Esse objetivo, por sua vez, precisa da ideologia de gênero para ser completado, para promover o desaparecimento da categoria filosófica do sexo, de masculino e feminino.

184 Shulamith Firestone, *The Dialectic of Sex*. New York: Bantan Books, 1970, p. 72.
185 Mcculley, 2017, p. 87.

> Os sistemas dominantes e dominadores estabelecidos pelos heterossexuais são artificiais. Eles devem ser descontruídos, a começar pelo da família tradicional baseada num fato simplesmente biológico: a diferença dos sexos.[186]

No próximo capítulo, disserto sobre as premissas fundamentais da teoria de gênero e sua importância dentro do movimento feminista para a realização dessa desconstrução da família e da heterossexualidade. O psicólogo que ajudou a plantar a semente da ideologia de gênero já anunciava que "essas forças, e outras ainda mais sutis, estão nos obrigando a uma reavaliação radical do que significa ser homem ou mulher" e completava: "Estamos vivendo uma revolução sexual e ela está mudando as nossas vidas".[187]

186 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 64.
187 Money & Tucker, 1981, p. 11

IV
Subversão das identidades

> *O grau e o tipo de sexualidade de um homem atingem os cumes mais altos de seu espírito.*
>
> — Nietzsche, *Além do bem e do mal*

Terceira Onda feminista

Nos discursos feministas,[1] nada chama mais a atenção do que a insistência em aniquilar o "feminino". É impressionante que o movimento carregue em seu nome exatamente o que pretende extinguir. Luce Irigaray, feminista belga, escrevia, já na década de 1980, que a "mulher não tem sexo". A francesa Julia Kristeva afirmou que "estritamente falando, não se pode dizer que existam mulheres". Para Beauvoir, as mulheres são o negativo dos homens. Em um seminário recente, a feminista brasileira Berenice Bento soltou: "Você sabe que não existe mulher". Escritoras como essas, tentando a todo custo não ser mulheres, pretendem persuadir e cooptar todas as outras. Considero esta a marca principal da terceira fase do movimento feminista: a desconstrução das identidades pela ideologia de gênero.

1 Para reforçar o entendimento do conteúdo deste capítulo, recomendo veementemente a leitura de: Judith Butler, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; Sara Salih, *Judith Butler e a Teoria Queer*; John Money, *Os papéis sexuais*; Felipe Nery Martins Neto (org.), *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade*; Jorge Scala, *Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família*; Fabrice Hadjadj, *A profundidade dos sexos*; Roger Scruton, *Desejo sexual: uma investigação filosófica*; Marisa Lobo, *A ideologia de gênero na educação*.

A mais famosa dentre as teóricas feministas contemporâneas, Judith Butler, não oculta o dilema da impossibilidade de unidade do movimento feminista, e vai além: admite que ele não defenda nem represente todas as mulheres — até porque o conceito de "mulher" é descontruído por ela —, mas que seja capaz de representar apenas os sujeitos que entendem "certas teorias". Butler propõe que se faça do feminismo uma política de coalizões abertas, modificando-se com o tempo, assim como a identidade fluida de seus sujeitos. Ela afirma[2] que "seria errado supor de antemão a existência de uma categoria de mulheres".

Quando o movimento feminista insiste em falar sobre "mulheres" e em nome delas, é apenas uma questão de *marketing*. A propaganda é a alma do negócio e a clientela ainda é feminina. Butler confessa: "Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem que plena ou adequadamente represente as mulheres pareceu necessária para promover a visibilidade política das mulheres". Mais recentemente, no entanto, a autora passou a reprovar qualquer feminismo que tenha partido do pressuposto de que haja, verdadeiramente, um universal a que chamemos "mulher" ou uma identidade feminina pré-definida. Elogia as recentes iniciativas de contestar a permanência e estabilidade do "sujeito feminino". Afirma que o estado natural da pessoa humana como "homem" ou "mulher" é apenas um mito fundador "constitutivo das estruturas jurídicas do liberalismo clássico". Sua proposta para as mulheres — mesmo que não existam — é um novo tipo de política feminista "desejável para contestar as próprias reificações[3] de gênero e da identidade — isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo,[4] senão como um objeto político".[5]

2 Judith Butler, *Problemas de gênero*, p. 40.

3 Reificação é um conceito de Georg Lukács (1885–1971) e Karl Marx (1818–1883): processo histórico inerente às sociedades capitalistas. É toda transformação experimentada pela atividade produtiva, pelas relações sociais e pela própria subjetividade humana.

4 O feminismo não propõe a destruição de todas as normas, apenas deseja substituir aquelas baseadas na tradição por novíssimas normas fluidas e, até o momento, fluidas e autoritárias demais.

5 Judith Butler, *Problemas de gênero*, pp. 24–25.

Quem seria realmente defendido pelo feminismo se não existe nenhuma objetividade acerca de quem ele representa? Se "homem" e "mulher" são categorias arbitrárias a serem desconstruídas, quem o feminismo defende? Se qualquer um pode se considerar ou transformar em "mulher", a razão de ser do feminismo também não existe mais. É no mínimo interessante que tudo isso se tenha difundido justamente durante a Década da Mulher, assim declarada pela ONU.

Tenho tentado demonstrar que o movimento feminista não representa nem se interessa pela condição das mulheres, apenas se vale dessa propaganda para alcançar sua real intenção: *instaurar uma revolução sexual que subverta os sexos e o sexo.* A teoria de gênero estruturada por Judith Butler deixa isso claro. Ela não tem problemas em admitir seu caráter subversivo e isso nos coloca, portanto, outro dilema: será que as mulheres sabem disso?

Ideologia de gênero e Judith Butler

Judith Butler (1956–) é a teórica de estudos de gênero mais conhecida no Brasil, especialmente após sua polêmica visita ao país na primavera de 2017. Conforme a revista *Carta Capital*, em matéria divulgada em 06 de novembro do mesmo ano, Butler teria caracterizado a reação dos brasileiros contra a sua visita como demonstração de medo. A pesquisadora afirmou que

> o ataque ao "gênero" provavelmente emerge do medo a respeito de mudanças na família, no papel da mulher, na questão do aborto e das tecnologias para reprodução, direitos LGBTs e casamento homoafetivo. Para aqueles que acreditam que "homens" e "mulheres" são naturalmente dotados de traços que os levam necessariamente a participar de um casamento heterossexual e da formação de uma família, é desconcertante e, talvez, assustador perceber que algumas pessoas designadas ao nascer para as categorias "masculina" e "feminina" não desejem permanecer naquela categoria, ou que algumas mulheres não queiram ter filhos ou que algumas famílias sejam formadas por *gays*.[6]

6 https://www.cartacapital.com.br/diversidade/judith-butler-o-ataque-ao-genero-emerge-do-medo-das-mudancas.

A interpretação não está de todo errada. É certo que grande parte da população brasileira teme o caráter violento de revoluções culturais como a defendida por Butler. A filósofa pós-estruturalista é professora universitária nos Estados Unidos e sua aparência física transmite a mesma sensação de confusão que sua obra mais célebre, *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicada em 1990. Conforme sua teoria, a condição e conceito de "feminino" são artimanhas discursivas arquitetadas por uma sociedade masculinista e falocêntrica.[7] Nessa sociedade, concebida na cabeça de Judith, existe uma hierarquia de gêneros — o gênero masculino controla a área de atuação do gênero feminino — que se manifesta em todos os âmbitos: desde a linguagem até a política. Ainda nessa sociedade, identifica-se que a heterossexualidade é compulsória[8] e a impressão que temos de que o conceito "mulher" é natural não passa de outro condicionamento cultural governado pelos homens: mais uma estratégia de poder. O pesquisador brasileiro e professor Felipe Nery resume perfeitamente as principais defesas de Butler em sua obra mais famosa acerca do gênero. Ele descreve que ela:

> Advoga pela superação de uma estrutura identitária essencialista, ou seja, para ela, o ser humano nasce indefinido (neutro) e, graças à família, à escola, à sociedade, às instituições etc., define-se e atrela-se a um papel binário homem-mulher ditado por um "sistema patriarcal opressor".[9]

Seguindo suas premissas, o gênero — comportamento de cada sexo — e o próprio sexo não passam de produções, criações deliberadas dos homens para que pareçam "naturais" ou "inevitáveis", mas não o são nem naturais nem inevitáveis.

> Poderíamos definir gênero como a autopercepção que todo ser humano tem da própria sexualidade. Essa autopercepção não coincide [segundo as feministas] com a sexualidade biológica e varia com o tempo. A opção de gênero não é uma escolha

7 Falocentrismo: está centrado no falo (pênis). Diz-se de uma sociedade onde o sexo masculino dita as regras de poder e hierarquia.

8 Judith Butler, *Problemas de gênero*, p. 18.

9 Martins Neto, Felipe Nery et al., *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade*. São Paulo, SP: Katechesis, 2017, p. 37.

> que se faz de uma vez por todas na vida e pode mudar quantas vezes quisermos. Mais do que escolha, trata-se de uma espécie de construção nunca acabada: não escolho entre algo que outrem determinou, mas me oriento de maneira sempre fluida e aberta, para o meu desejo. O gênero é performativo [...] não existe diferença entre homem e mulher [...] não se nasce homem, não se nasce mulher. A cultura e a sociedade nos tornam homens e mulheres, mediante a imposição de comportamentos e padrões heteronormativos.[10]

Butler lembra de Monique Wittig e de sua proposta de desintegração "de corpos culturalmente construídos, sugerindo que a própria morfologia seria conseqüência de um sistema conceitual hegemônico". Considerando Foucault pouco revolucionário, chega à conclusão de que a estratégia para combater essa sociedade compulsoriamente heterossexual é fazer uso de "atos corporais subversivos". O objetivo é desintegrar as identidades que estão impregnadas pelos comportamentos de "macho" e "fêmea", pois são deliberativas e pouco naturais.[11] Podemos denominar essa proposta como "teoria performativa de atos de gênero":

> Como estratégia para descaracterizar e dar novo significado às categorias corporais, descrevo e proponho uma série de práticas parodísticas baseadas numa teoria performativa de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando sua ressignificação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária.[12]

10 *Ibid*., p. 69.

11 Esse mesmo pensamento é central para a teoria *queer*. Essa teoria não será esmiuçada neste livro, mas convém um breve esclarecimento. Resumindo, Bonnewijn (*Gender, quem és tu?*, p. 65) explica do que se trata: "*Queer*, em inglês, significa bizarro, estranho, torto [...] Na gíria, esse adjetivo é utilizado como um insulto cujo equivalente em francês seria puto, efeminado ou pederasta [em português: viadinho, bicha, traveco]. Ele qualifica uma práxis e uma teoria que habitam o universo da exclusão e da margem. Desse lugar, os *queers* confrontam as restrições da maioria que se autoproclama normal. Apoiando-se na exceção, eles combatem a regra, quebram os códigos e colocam em questão toda a identidade socialmente normativa. Elaborada por Teresa de Lauretis, a *queer theory* estréia na política nos EUA no fim dos anos 1980, em torno da mobilização contra a AIDS. Judith Butler, que se considera apenas como feminista, desempenhou um papel central no desenvolvimento dessa teoria. A contragosto, ela recebeu o título de rainha do *queer*. [...] Alguns chegarão até a promover sexualidades alternativas, como a pornografia, a prostituição e as práticas sadomasoquistas".

12 Judith Butler, *Problemas de gênero*. Civilização Brasileira, 2015, pp. 12–13.

Em suma, a proposta é que a participação na revolução sexual feminista se inicie com a negação da nossa identidade sexual (sexo) e passando a adotar posturas e comportamentos (gênero) que não se definam nem para a masculinidade nem para a feminilidade, que nos tornemos todos nós uma réplica da própria Butler: alguém para quem se olha sem conseguir enxergar uma mulher, tampouco um homem completo. É a apresentação de uma lógica completamente invertida: aquilo que exige de nós engajamento, militância, esforço consciente e desempenho performático é dito "natural"; e tudo aquilo que é realmente natural e que fazemos por tradição recebe o rótulo de opressão socialmente construída.

Subversão dos sexos e o esmorecimento das identidades feminina e masculina

Feministas como Butler não receiam em admitir que a teoria de gênero não passa de uma ferramenta de desconstrução de identidade; e a subversão das identidades começa pelo esfacelamento de seus caracteres mais próprios. O sexo, seja masculino ou feminino, não é apenas um dado físico externo que diz algo a nosso respeito, mas é o que nos torna o que somos. Segundo as teóricas feministas, no entanto, as diferenças biológicas não devem mais ser levadas em conta. Dados biológicos sexuais devem ser vistos como puramente naturais, materiais, sem nenhum indício metafísico ou moral. Quando as feministas mencionam a diferença entre sexo e gênero é apenas para, adiante, abolir o significado do sexo em exclusivo benefício do gênero. Em suma, isso é a teoria de gênero:

> A sociedade deve caminhar resolutamente rumo a uma dessexualização ideológica, isto é, rumo a um apagamento de toda distinção fundada no sexo [...] Acabou-se o tempo das discriminações biológicas [...] A categoria filosófica do sexo deve, portanto, desaparecer ou, pelo menos, ser esvaziada de sua substância significativa forjada pela cultura heterossexista.[13]

13 Oliver Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, pp. 56–57.

Conforme a investigação do sacerdote, professor e escritor Olivier Bonnewijn,[14] os estudos de gênero se tornaram academicamente relevantes a partir dos anos 1970 e foram introduzidos pelo feminismo radical norte-americano. Em 1972, a Fundação Ford começou a financiar o *Women's Studies* que, em 1990, incluiu o termo "gênero" e passou a se chamar *Women's and Gender Studies*.[15] Desde então, o termo tem se difundido como peste. Os professores de história e sociologia vêm adotando o "gênero" como uma "categoria de análise" e os pesquisadores o tratam por "teoria de gênero". Torcem o nariz toda vez que chamamos a coisa pelo seu nome: ideologia de gênero.

Marx descreve "ideologia" como uma ilusão, um falseamento da verdade, apresentada com vistas no interesse de um grupo social/político específico. É, em outras palavras, uma forma de maquiar os fatos com o objetivo de modificá-los em favor de certa classe. Especificamente, no caso da ideologia de gênero, os grupos mais interessados no estabelecimento da teoria de gênero são os movimentos LGBT[16] e feminista, enganosamente crendo que ela os favorece. A premissa básica da "ideologia de gênero" consiste na separação total entre sexo e gênero. Ato contínuo, defendem que ser homem ou ser mulher resume-se a um dado exclusivamente social e construído culturalmente. Finalmente, as feministas apresentam a multiplicidade de gêneros.

Para entender a primeira premissa, é preciso debruçar-se sobre os conceitos de "gênero" e "sexo" audaciosamente manipulados pelas feministas. Segundo a socióloga feminista Ann Oakley, "sexo é a palavra que se refere às diferenças biológicas [...] gênero, por outro lado, é uma questão de cultura: ele se

14 *Ibid.*, p. 21.

15 Martins Neto et al., *Gênero*, p. 37.

16 Para esse grupo, "os oprimidos não são em primeiro lugar as mulheres, mas os homossexuais". Da mesma forma que as feministas radicais, os gayzistas acusam a heterossexualidade de ser responsável por toda forma de opressão sexista. Tendo em vista que os heterossexuais se consideram normais e ajustados à natureza, eles julgam o comportamento dos homossexuais como desviante ou transgressor; "segundo esse discurso, a atração supostamente natural pelo outro sexo é, de fato, o resultado de um condicionamento social, de uma construção. Ela não é mais natural do que outra [...] A homossexualidade é um gênero à parte, não uma sobra do gênero real [...] Não à heterossexualidade obrigatória dos homens e mulheres" (Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, pp. 63–64).

refere à classificação em masculino e feminino".[17] A professora Butler define "gênero" como um conceito concebido para

> questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre o sexo e o gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.[18]

Butler recorda as palavras de Simone de Beauvoir, que afirma que alguém "torna-se mulher", para complementar que esse "tornar-se" é uma compulsão sexual. Segundo as feministas, nós, mulheres, somos coagidas culturalmente a sermos mulheres. Para os ideólogos de gênero, ser homem e ser mulher são meros produtos convencionais, inventados historicamente. Não se trata mais de uma diferença fixada pelo sexo biológico. Você não será homem se assim tiver nascido, mas será se tiver escolhido agir como um. Eu não sou mulher porque nasci assim, mas porque assim me tornei. O ser humano nasce "neutro" e o gênero constrói tudo. Para Judith Butler, não existe um gênero que seja mais adequado a um determinado sexo, e mais: "O real e a facticidade sexual são construções fantásmicas".

Sucede daí o argumento da descontinuidade total entre o sexo e nascimento e o gênero[19] de escolha do sujeito e, em conseqüência, faz-se desnecessário que o número de gêneros seja reduzido a dois. Algumas teóricas como Rebecca Cook já desmembram as possibilidades em cinco, sete ou mais: homossexual, lésbico, transexual, operado ou não operado, heterossexual, bissexual, indiferenciado, não-binário etc. No livro *Sexpolitiques*, publicado em 2005, a francesa Bourcier argumenta que existem tantos gêneros quanto seres humanos, cada um tem seu próprio modo de viver a sexualidade, há uma infinidade de opções e, além de tudo, elas mudam e evoluem constantemente.

17 Ann Oakley, *Sex, Gender and Society*. Londres: Temple Smith, 1972, p. 16.

18 Judith Butler, *Problemas de gênero*, p. 26.

19 "Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um fator ou dimensão de análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma marca de diferença biológica, linguística e/ou cultural [...] o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente" (*Ibid.*, p. 31).

> Em suma, enquanto inicialmente o gênero designava uma classe (homem-mulher) a partir de uma característica comum ligada com a origem (o sexo), ele de agora em diante remete a uma não-classe (todos os indivíduos) que possuem a mesma característica comum (o socialmente construído) sem ligação com a origem (o sexo). O conceito de gênero muda então de definição. Ele se torna princípio de indeterminação, de indiferenciação e confusão entre os seres. Tudo é gênero.[20]

Assim se vê como Butler descreve esse fenômeno:

> [...] não decorre daí que a construção de "homens" se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo "mulheres" interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), *não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois*. [...] Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que "homem" e "masculino" podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo masculino quanto feminino, e "mulher" e "feminino", tanto um corpo masculino como um feminino [grifo meu].

Ela vai além do conceito de gênero mais conhecido; afirma que é mais do que uma interpretação cultural, sendo ele mesmo responsável até pela forma com que se "constroem" os fatos biológicos. Contesta o sexo como "natural, anatômico, cromossômico ou hormonal", ou seja, "talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula". A teórica ainda justifica que, se mantivermos a concepção milenar de dualidade do sexo, estaremos apoiando a estratégia de opressão masculina.

Escreve que "[...] o corpo é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de corpos que constitui o domínio dos sujeitos como marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero [...]".[21] Sumariamente, defende que não é o nosso

20 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, pp. 39–40.

21 Butler, *Problemas de gênero*, p. 30.

sexo biológico que influencia nossa percepção e comportamento de gênero, mas, ao contrário, é o nosso gênero que interfere sobre o sexo.

> As feministas radicais de fato relativizaram tanto os dados biológicos que estes se tornaram insignificantes em relação ao gênero masculino e feminino. O sexo é concebido como uma natureza bruta e sem real interesse, um neutro infra-humano, e matéria informe, um tipo ôntico indeterminado. Nessa perspectiva, a diferença anatômica macho-fêmea fica desprovida de toda a significação profunda. E ainda mais: determinados fatores biológicos são apresentados como forças de resistência à verdadeira humanidade das mulheres, como condicionantes alienantes. Natureza e cultura, longe de se inscreverem no prolongamento uma da outra, estabelecem nesse caos uma irredutível relação de oposição. Shulamith Firestone convida as mulheres a se libertarem da "tirania da biologia". Aqui a maternidade, mais do que toda outra realidade, é visada.[22]

Essa perspectiva ignora toda a estrutura da realidade, e faz, é bem verdade, chacota dela. Sempre soubemos que o sexo determina o comportamento de cada pessoa, e mais: há milênios, o sexo define funções sociais e profissionais. Mesmo aqueles que lutam contra sua condição sexual — porque realmente houve luta — sabem que essa condição é primariamente física e, para não deixar de dizer o óbvio, sabem que essa condição existe. O que Butler argumenta não passa de uma inversão que, por simples critério de preferência pessoal, considera mais justa. As feministas nos querem convencer de que o elemento "gênero" é absolutamente determinante, deixando para trás todo "lixo" biológico. Tentar convencer a humanidade de tal inversão é muito mais arbitrário e autoritário do que qualquer estipulação pré-definida de comportamentos sexuais.[23]

22 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 37.

23 Para ser justa, é preciso dizer que nem todo defensor da teoria de gênero nega totalmente a relevância biológica. O sacerdote Olivier Bonnewijn (2015) publicou um livro acerca do tema e faz questão de ressalvar que a teoria de gênero "constata e elabora sua reflexão a partir [do dado biológico]. É certo que alguns autores tentaram modelar essa 'matéria bruta' [biológica] a partir do zero, mas essa não é a primeira preocupação dos teóricos de gênero. Em suma, segundo a perspectiva profunda do gênero radical, o sexo pertence à natureza humana tomada num

O padrão lésbico e Monique Witting

O travesti é a verdade de todos nós.

– Marie-Hélène Bourcier, feminista.

O que pretendem teóricas como Butler e Witting, representantes deste pensamento revolucionário, é erradicar da percepção humana as mais básicas distinções de sexo, combatendo o que chamam de "heterossexualidade compulsória". A ideologia de gênero e suas crias não têm limites para especulações, no mínimo, irresponsáveis. Algumas feministas chegam a ignorar a fatalidade da diferença dos corpos e, sob o discurso de libertar a humanidade da escravidão de sua condição sexual, propõem um novo padrão: "A lésbica".

> A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-jurídica. Para Witting, a restrição binária que pesa sobre o sexo atende aos objetivos reprodutivos de um sistema de heterossexualidade compulsória; ela afirma, ocasionalmente, que a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da pessoa, livre dos grilhões do sexo [...] a lésbica emerge como um terceiro gênero, prometendo transcender a restrição binária do sexo.[24]

A escritora francesa e teórica feminista Monique Wittig publicou um texto intitulado "Ninguém nasce mulher" em que defende que a força dos conceitos e idéias se efetiva de tal maneira no mundo prático que as nossas impressões corporais a respeito do sexo foram direcionadas por um modo de pensar heterossexual. Segundo esse texto, os homens criaram um sistema falsamente natural para estabelecer diferença entre eles e as mulheres. Nossos corpos e mentes femininos seriam fruto dessa manipulação heteronormativa. A mulher foi arquitetada

sentido exclusivamente biológico. Aparece, então, como um dado pré-humano, comparável ao dado animal", p. 32.

24 Judith Butler, *Problemas de gênero*, p. 47.

para estar entre o homem viril e o homem eunuco, ela é uma deformação material de idéias machistas.

De acordo com as feministas acima citadas, existe, supostamente, uma opressão universal, industriada pelo homem heterossexual, o qual "por puro interesse, utiliza fatos exclusivamente biológicos (sexo masculino e feminino) para assentar seu poder sobre outros gêneros e dominá-los".[25] O objetivo seria condenar todos os "outros gêneros" à imoralidade, à anormalidade ou à patologia.

> Os grandes responsáveis por esse vasto empreendimento de mistificação opressiva, sempre segundo essa teoria, são os indivíduos do sexo masculino. Para garantir seu poder, eles criaram estereótipos masculinos e femininos. Eles instituíram entre eles relações de dominadores e de dominados em seu próprio proveito, segundo uma visão marxista ou não da história.
>
> [...] O homem heterossexual sempre sofrerá a tentação de se considerar como o único supostamente fundado num nível de direito natural e divino. A cada instante, periga cair numa forma ou em outra de diferencialismo que essencializa as diferenças biológicas macho-fêmea e que é de fato um instrumento de assujeitamento dos outros gêneros e das mulheres. [O homem] sempre terá uma propensão para a arrogância, a intolerância, a hegemonia, o imperialismo, a colonização, o totalitarismo. Convém então vigiá-lo de perto, enquadrá-lo juridicamente e educar com atenção a progenitura oriunda de tal gênero para evitar a reprodução de estereótipos heterossexistas.[26]

Por isso, qualquer mulher que concorde em ser mulher, segundo Wittig, está assumindo como natural uma condição que é apenas histórica, está colaborando com a perpetuação do sistema opressor. Ao fazer isso, naturalizam sua própria opressão. A única saída para as mulheres — que só o são por construção social, portanto, e não essencialmente — é rejeitar tanto quanto for possível tudo que lhe foi atribuído por feminilidade, como, por exemplo, a gravidez. Para ela, a gravidez não é natural; as mulheres foram programadas para produzir crianças mesmo

25 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 40.

26 *Ibid.*, pp. 41–42.

sob o perigo de morte e precisam, com urgência, abandonar de vez essa conduta. Ela denomina sua própria análise e proposta de "feminismo materialista", uma justa homenagem a Karl Marx, que só não consegue ser mais insano que suas crias.

Wittig ficou conhecida por combater o padrão sexual e defender um novo modelo de comportamento e identidade: "A lésbica é o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo".[27] Partindo de conclusões semelhantes àquelas que Simone de Beauvoir elaborou em *O segundo sexo*, Wittig acreditava que a destruição da categoria "sexo" libertaria as mulheres para que se tornassem, como os homens, sujeitos universais ou identidades livres. Isso porque, segundo ela, apenas as mulheres foram escravizadas pela sua condição sexual os homens, por seu turno, não sofrem nenhuma limitação[28] em virtude de sua condição biológica. Tudo, para Wittig, é dominação social e, nesse "tudo", encontra-se até mesmo a materialidade do sexo e dos órgãos genitais.

O primeiro inimigo da mulher na luta pelo próprio corpo e pelo prazer livre, dizem as feministas, é o homem. O lesbianismo começa a se apresentar como uma cultura e estratégia. A feminista Andrea Dworkin (1946–2005) "problematizou" as relações sexuais entre o homem e a mulher. Para ela, toda mulher que se sujeita à prática heterossexual se torna colaboradora na "ocupação" do próprio corpo. Catharine MacKinnon (1946–) compara a sexualidade da mulher com o sistema de opressão do capitalismo: assim como o operário é explorado pelo trabalho, a mulher é explorada pelo sexo. Às mulheres, foi recomendado evitar ceder qualquer prazer ao homem na busca pela sua própria satisfação.

O ódio de Wittig pelos homens é difícil de disfarçar. Sua última publicação data de 2010, mas em 1969, quando publicou seu segundo romance,[29] ela já almejava um futuro sem relações

27 Monique Wittig, "One is Not Born a Woman", em *Feminist Issues*, v. I, n. 2, inverno de 1981, p. 53.

28 Essa última afirmação é completamente falsa, principalmente se pensarmos nas condições de trabalho dos homens desde o início da civilização. Este é apenas um exemplo: por causa de sua condição sexual de superioridade física, os homens sempre fizeram os serviços mais sujos, pesados e perigosos, como alistarem-se militarmente ou minerarem carvão.

29 *Les guerilleres* [As guerrilheiras].

amorosas heterossexuais. Nessa estória, relata-se uma sociedade feminista baseada no comunismo primitivo; os homens poderiam continuar vivos se tivessem cabelos compridos e abrissem mão dos filhos que gerassem. O mundo ideal deveria ser composto por mulheres que amam mulheres, sem espaço para o homem. Na verdade, nem para a mulher, apenas para a lésbica.

Segundo essa proposta, o lesbianismo libertaria as mulheres de seus corpos recheados de restrições. A ordem obrigatória da heterossexualidade só poderá ser derrubada à medida que o mundo for se lesbianizando.[30] Ao abandonarem a heterossexualidade, as mulheres estariam abandonando "o reino biológico infra-humano"[31] e se tornando superiores ao conceito binário homem-mulher:

> A lésbica transcende seu sexo e vive plenamente na liberdade criadora. Ela não se define, em primeiro lugar e antes de tudo, em relação às leis da natureza conforme a sua relação com um homem [...] Se no gênero heterossexual, a categoria de mulher se apreende em ligação com a do homem, a lésbica não é uma "mulher", propriamente falando [...] Assim, esse indivíduo terceiro oferece a todos os seres humanos a esperança de escapar da escravidão programada da natureza e dos homens.[32]

Mas a ação feminista em todos esses campos não pode ignorar que as mulheres têm privacidade, têm desejo sexual e têm comportamentos dos mais íntimos. Diante disso, para poderem expandir seu controle sobre essa esfera, a teórica defende o famoso clichê: "O pessoal é político". Sustenta que as mulheres devem transformar em políticas e públicas todas as suas preferências e comportamentos. É difícil aceitar que uma proposta tão totalitária, tão invasiva e tão violenta esteja sendo vendida com discursos tomados por promessas de liberdade.

O professor e escritor Olivier Bonnewijn percebeu que a estratégia do lesbianismo como cultura começou a dar seus primeiros sinais em 1970. Ele descreveu:

> [...] algumas mulheres exortaram suas companheiras a protegerem de forma ciumenta sua independência em relação

30 Martins Neto et. al, *Gênero*, p. 16.

31 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 64.

32 *Ibid.*, pp. 64–65.

> aos homens, a se guardarem das queimaduras do "desejo heterossexual", a se libertarem de seus fantasmas masculinos para descobrirem seu próprio universo mental. Uma série de textos "comunitaristas" surgem. De acordo com eles, a mulher e o homem deveriam viver em duas "comunidades" separadas. Suas respectivas culturas são incompatíveis, incomunicáveis, opostas. Seja interpretada segundo um esquema marxista ou não, essa dinâmica sexual feminista oferece um terceiro elemento de compreensão dos estudos de gênero, que aparece nos anos 1970. Por trás da questão de gênero, de fato se esconde uma imperiosa reivindicação de "gozar sem entraves", de poder exercer "livremente" qualquer prática sexual. Mais precisamente, o gênero vai desenvolver uma concepção.[33]

Sob esse ponto, "ser mulher" no mais mínimo detalhe é cair no mito que os homens criaram para nós. Somente as lésbicas rejeitam o pacote de servidão oferecido pelos homens; elas recusam a determinação de uma residência fixa, os trabalhos domésticos, os deveres conjugais, a criação de filhos, etc. Wittig explica que encontrou nos textos de Beauvoir a explicação de nos deixarmos levar por esse mito: os homens ressaltam as características femininas mais agradáveis para nos convencer de que "é maravilhoso ser mulher", embora eles mesmos não desejem sê-lo. Por isso, o feminismo da primeira e segunda onda não era suficientemente radical, os homens não temem seu avanço, posto que ele ainda trabalhe pela luta dos direitos de uma "classe" chamada "mulheres", e a existência dessa classe basta para perpetuar a dominação heteronormativa.

O único feminismo aceitável é aquele que prevê objetivamente a destruição de qualquer feminino que, para Monique, não passa de um mito historicamente elaborado. O feminismo mais efetivo é o mais radical, é o que chamamos de "terceira onda". Nessa onda, encontramos o lema: o lesbianismo é o único caminho para a liberdade feminista. Como bônus ao padrão lésbico, propõe a extinção dos homens enquanto classe, não com um genocídio — é justo esclarecer, já que, a essa altura, nada surpreende —, mas como idéia. A solução para a opressão contra a mulher, segundo essa feminista, é a rejeição da mater-

33 *Ibid.*, p. 26.

nidade e a adoção de um comportamento lésbico. Pelo visto, Wittig não se importa que a efetivação do seu plano salvífico venha acompanhada da extinção da espécie humana — provavelmente porque ela, assim como qualquer ser humano minimamente lúcido, sabe que tal proposta é estapafúrdia e jamais se realizará.

Linguagem e ideologia de gênero

Enquanto as feministas não convencem todas as mulheres da supremacia da conduta lésbica, necessitam avançar em outras frentes de atuação política. Nesse campo de batalha, Wittig dá inconteste importância à linguagem. Por esse motivo, defende que o gênero [macho e fêmea] seja suprimido da nossa comunicação escrita e falada.

> Para Monique Wittig, [...] a "mulher universal", ou mesmo o "feminino", não existe. A linguagem é absolutamente primeira. Tudo é linguagem. [...] Manipulada pelos homens, a linguagem ocidental, segundo Monique Wittig, construiu um universo heterossexista a partir do seguinte raciocínio ideológico: há a ordem natural e normativa; somente o gênero heterossexual está fundamentado sobre essa ordem; então, os outros gêneros são antinaturais; então são desordenados e ilegítimos sob todos os pontos de vista. Esse tipo de raciocínio e de linguagem é imposto à força de repetições compulsivas e encantatórias. Ela se institucionalizou de várias formas nos diferentes aspectos da vida social, educativa, cultural, política, religiosa. Está historicamente na base de um sistema opressivo e injusto em relação aos outros gêneros e em relação ao próprio autêntico gênero heterossexual. É chegada a hora de sacudir o jugo dessa tirania. É preciso inventar uma nova linguagem e uma nova gramática, substituindo, por exemplo, todos os termos "gênero-específicos" [como pai e mãe] por termos "gênero-neutros" [como cuidadores].[34]

Olivier Bennewijn observou em sua pesquisa sobre ideologia de gênero que o campo da linguagem é fundamental para o sucesso da revolução sexual feminista. Ele explica por que subverter a linguagem importa tanto às revolucionárias:

34 *Ibid.*, pp. 53–54.

> Elas consideram que uma linguagem expressa sempre, mais ou menos diretamente, as relações de poder que existem entre os diferentes gêneros, seus interesses convergentes e conflituosos. No âmbito de nossas sociedades pós-modernas, a linguagem é o resultado de um posicionamento heterossexista, alienante para as mulheres. [...] O mundo está banhado [...] num imaginário e em concepções falocráticas.[35]

Convém lembrar que George Orwell (1903–1950) já alertava sobre a primeira meta revolucionária ser uma mudança na linguagem mediante a manipulação do significado das palavras. Monique Wittig não tenta esconder essa estratégia. Jorge Scala (1956–), escritor, advogado e pesquisador, descreveu em seu livro *Ideologia de gênero* o *modus operandi* do movimento:

> Esta tática é aplicada através de um movimento envolvente, utilizando para isto os meios de propaganda e o sistema educacional formal. A estratégia possui três etapas: A) a primeira consiste em utilizar uma palavra da linguagem comum, mudando-lhe o conteúdo de forma sub-reptícia; B) depois, a opinião pública é bombardeada através dos meios de educação formais (a escola) e informais (os meios de comunicação de massa). Aqui é utilizado o velho vocábulo, voltando-se, porém, progressivamente ao novo significado; C) as pessoas finalmente aceitam o termo antigo.

Todos os teóricos não-feministas citados neste contraponto recordam a importância de identificar a linguagem como um dos mais ferrenhos campos de batalha nesta guerra ideológica. A invenção e a difusão de novos termos funcionam como minas espalhadas em terra de ninguém, que, ao menor sinal de descuido, são ativadas e deitam por terra dezenas de combatentes. Como bem lembrado por Olivier Bennewijn, o movimento feminista ressignifica ou esvazia de significado alguns termos imprescindíveis para qualquer discussão sobre o assunto. O filósofo Fabrice Hadjadj vai além: explica que o movimento cria palavras com significação vaga demais para serem entendidas e o faz propositadamente.

35 *Ibid.*, p. 52.

É precisamente isso o que aconteceu com termos como "sexualidade",[36] "homofobia", "poliamor", "transfobia" e o próprio "gênero". Fabrice recorda, a exemplo dessa estratégia, que o termo "heterossexualidade" só surgiu depois que se consentiu em usar "homossexualidade" como sinônimo de sodomia. Quando um debate público começa sustentado no uso desses termos é invariável que os revolucionários já alcançaram seu objetivo de ressignificação, ainda que sejam brutalmente esmagados pelos argumentos do debatedor contrário. O professor e presidente da Rede Nacional de Direito e Defesa da Família, Felipe Nery, descreve como esse processo se dá com a expressão "gênero":

> Substitui-se a palavra sexo pela palavra gênero, que passa a ser ressignificada. Como a ressignificação, não é divulgada de forma explícita, mas permanece, inicialmente, restrita aos meios especializados de teóricos e acadêmicos, a maioria das pessoas tenderá a aceitar gênero e sexo como meros sinônimos. Com o passar do tempo, no entanto, sem que ninguém se dê conta de como e quando, a palavra sexo terá assumido um significado totalmente distinto de gênero, e esta, por sua vez, assumirá o significado desejado pelos ideólogos quando a forjaram.[37]

Não é diferente o que acontece com a difusão das acusações de homofobia. O professor Nery completa a análise acerca dessas estratégias afirmando que

> O termo homofobia foi um dos que mais sucesso logrou na reformulação mental das sociedades. Em psiquiatria, *fobia* pode ser definida como um medo irracional diante de uma situação ou objeto que não apresente qualquer perigo. Existem, de fato, pessoas com fobias variadas: de água, de aglomeração de pessoas, de recintos fechados, de certos animais, etc.

36 "Com a chegada da psicologia, a sexualidade não se encontra mais em primeiro lugar nos sexos, mas no cérebro, ou no inconsciente, no livre-arbítrio, na língua, ou nas convenções sociais. Ninguém consegue mais entender direito. A questão invade o terreno. Uma nova correção moral vem de todo modo purgar os antigos contos de seu odioso 'sexismo', para que a princesa tenha às vezes uma espada e o príncipe encantado limpe a casa dos Sete Anões [...]" (Fabrice Hadjadj, *A profundidade dos sexos*, p. 31).

37 Martins Neto et. al., *Gênero*, p. 14.

> Uma verdadeira homofobia pode até ser possível, desde que realmente signifique um medo irracional de homossexuais. Porém, como estamos lidando com ressignificações semânticas, dizer que alguém é homofóbico, hoje, não significa que ele tenha medo irracional de um homossexual, mas que faça algum tipo de crítica à conduta homossexual. E, interessantemente, não se procura criminalizar nenhum tipo de fobia, exceto a homofobia.[38]

Por isso, tanto Judith Butler quando Monique Wittig pregam que a linguagem seja subvertida, pois só assim será possível que a revolução cultural e sexual seja completa: "Insuflar confusão nas palavras e na compreensão dos conceitos; nunca fixá-los *a priori* e para sempre; promover a instabilidade permanente da fala; anuviar todo traço de diferença sexual no simbólico do discurso".[39] A fim de que essa desordem na língua passe para a vida prática, as mulheres devem mudar em todos os detalhes.

> As desconstruções das feministas radicais jogam tudo no fogo. Nenhuma área escapa à sua lógica extremamente rigorosa, que se desenvolve a partir de seu postulado de base: a separação entre o sexo e o gênero e a neutralização dos sexos. Têm como objetivo primeiro provocar o esfacelamento da antiga ordem e favorecer o despertar de um mundo novo. São revolucionárias.[40]

Ser uma feminista é mudar o jeito de se vestir, de se comportar em público, de tratar os membros da família e o parceiro sexual. Ser feminista exige que se apaguem as referências concretas e naturais. A relação com a cultura e a tradição só podem se dar através da suspeição e da dúvida, a razão deve ser desmantelada, pois é ocidental demais, masculina demais. Ser feminista é mudar o jeito de fazer sexo tanto quanto o jeito de falar ou escrever. Não é incomum encontrarmos jovens acadêmicos e professores universitários pisando nas normas do idioma e fazendo uso de bizarrices como a substituição dos artigos pela letra "x" ou pelo ideograma "@". Essas pobres almas já foram convencidas por Wittig mesmo sem terem lido uma

38 Martins Neto et. al., *Gênero*, p. 14.

39 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 55.

40 *Ibid.*, p. 56.

única linha de suas teses. Para a escritora, toda vez que obedecemos às regras gramaticais, estamos oprimindo "lésbicas, mulheres e homens homossexuais".

O padrão gay *e Alfred Kinsey*

Em 2004, Bill Condon dirigiu e Liam Neeson protagonizou o filme biográfico que contou a história de Alfred Charles Kinsey. Valendo-se de todos os eufemismos possíveis, Hollywood consagrou Kinsey como um pesquisador revolucionário e preocupado com a libertação sexual da sociedade americana. Antes que Wittig elaborasse a proposta do "padrão lésbico", Kinsey já havia criado a "escala *gay*". Duas obras por ele produzidas compõem o que chamamos de "Relatório Kinsey", a primeira grande produção bibliográfica da famigerada revolução sexual, corpo robusto do movimento feminista: *O comportamento sexual do macho humano* e *O comportamento sexual da fêmea humana*.[41]

Uma pesquisa minuciosa sobre seus métodos e pretensões revela um homem sem escrúpulos ou limites morais,[42] disposto a tudo para promover seus critérios de normalidade, que se resumem, basicamente, à inexistência de critérios. Para Kinsey, toda manifestação ou prática sexual é aceitável e expressa os impulsos naturais dos seres humanos. Assim como os animais são incapazes de realizar atos sexuais imorais, nós apenas seguimos instintos em busca de um prazer que pode ser alcançado em relações homossexuais, incestuosas ou adúlteras, sem deixarem de ser normais. Diante disso, importa conhecer a trajetória do "pai da revolução sexual" para entender cada um dos genes perversos desse projeto revolucionário.

Kinsey (1894–1956) cresceu em uma família protestante estabelecida no ambiente puritano dos Estados Unidos; seu pai era membro ativo da Igreja Metodista local. Alfred começou sua

41 Apenas o relatório sobre o comportamento feminino foi publicado em português, pela editora Atheneu, e pode ser encontrado, não sem dificuldades, sob o título *A conduta sexual da mulher*. Publicado em 1954 e reeditado em 1967.

42 Mais detalhes sobre as impressões que os métodos sórdidos de Kinsey e sua equipe transmitiam podem ser encontrados no romance *O círculo íntimo* de T. C. Boyle (1948). Boyle costuma escrever romances sobre a geração do *baby boom* e seu comportamento.

vida profissional como professor de zoologia em 1919; formado em Bowdoin College, era especialista em entomologia, vida dos insetos, tendo pesquisado sobre as vespas do gênero Cynips. Chegou a catalogar 1 milhão delas durante sua investigação.

Foi na Universidade de Indiana que o biólogo conheceu Clara McMillen (1898–1982), uma estudante de química com quem veio a se casar. Casou-se, como de costume entre os cristãos, virgem. Aliás, um de seus primeiros impasses acerca da sexualidade surgiu por causa de seu próprio casamento: em 1921, na lua-de-mel, percebeu que o ato sexual era doloroso demais para a esposa. O casal sofreu por muito tempo com a impossibilidade de uma vida sexual normal. A situação o levou a procurar por médicos especialistas em sexo, apenas para descobrir a quase inexistência deles ou imperícia na questão. Sexo parecia um problema intratável e um assunto proibido. O interesse de Kinsey por uma abordagem menos ortodoxa começava a crescer.

A mudança de rumo profissional na vida de Kinsey começou quando foi convidado pela mesma Universidade de Indiana para coordenar um curso sobre casamento e vida matrimonial em 1938. Inicialmente, não deveria passar das considerações sobre higiene íntima, mas os encontros logo se transformaram em educação sexual para universitários, causando esperada comoção pela exibição de fotografias e imagens dos órgãos sexuais. Um ano antes de publicar sua obra mais famosa, Kinsey fundou o Instituto de Pesquisa do Sexo na mesma universidade.

As "investigações sexuais" despertaram o interesse de poderosos da Fundação Rockefeller que, a partir de 1941, começaram a patrocinar a equipe pesquisadora. Daí surgiria a primeira grande referência bibliográfica da revolução sexual — o carro-chefe do movimento feminista. Com os recursos enviados pela Fundação Rockefeller, Kinsey conseguiu ampliar o alcance do trabalho, contratou auxiliares e levou a pesquisa para outras cidades. O resultado foi o livro que vendeu duzentos mil exemplares nos dois primeiros meses e trouxe fama ao pesquisador e sua equipe: *Sexual Behavior of Human Male*, sobre o comportamento sexual masculino, foi publicado em 1948 e é o primeiro livro da revolução sexual americana. Dentro de uma

década e meia, a pílula anticoncepcional invadiria as farmácias e, vinte e quatro anos depois do Relatório Kinsey, John Money publicaria a segunda grande obra desta revolução. A tríade revolucionária — anticoncepção, homossexualidade e gênero — estaria completa e mutuamente dependente.

Entre as numerosas conclusões que o autor tira de seus formulários e pesquisas, encontra-se uma maioria esmagadora dedicada ao homossexualismo. É impossível não notar que dedica apenas um capítulo do livro às experiências heterossexuais. Afirma que quase 40% dos homens teve, pelo menos, uma experiência homossexual antes da velhice. Exatamente metade dos solteiros com até cinquenta anos endossam essa fileira. Dentre os meninos pré-adolescentes, concluiu que 60% se envolvia em práticas homossexuais. De impressões desses dados, Kinsey construiu uma *Escala da Homossexualidade*,[43] intentando demolir o padrão binário — acima se apontou que essa pretensão foi repetida por Witting, Butler, etc. — demonstrando que convém classificarmos as relações e não as pessoas como heterossexuais ou homossexuais.

> Kinsey afirmava: "Falando em termos biológicos, não existe, na minha opinião, nenhuma relação sexual que eu considere anormal [...] O problema é que a sociedade está condicionada por normas tradicionais para fazer crer que a atividade heterossexual dentro do casamento é a única correta e sã entre as expressões sexuais [...] Levar a cabo qualquer tipo de atividade sexual é libertar-se do condicionamento cultural que a sociedade impõe, e que leva a fazer distinções entre o que é bem ou mal, entre o lícito e o ilícito, entre o normal e o anormal, entre o aceitável e o inaceitável na nossa sociedade".[44]

Os entusiastas da obra costumam alegar que a homossexualidade recebeu tamanho esforço acadêmico da parte de Kinsey

43 Ao contrário do que dizia Kinsey, "uma pesquisa nacional realizada pelo Instituto de Pesquisa Sexual da Universidade de Indiana, publicada no número de outubro de 1973 da revista *Human Behavior*, mostrou que dois terços dos três mil adultos selecionados consideravam a homossexualidade muito obscena e vulgar. Um terço achava que os homossexuais deveriam ser presos ou ficar em liberdade condicional". John Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 23.

44 "Kinsey fala de sexo": super.abril.com.br/historia/kinsey-fala-de-sexo.

e sua equipe porque a sociedade da época era muito resistente ao tema. No entanto, está claro que a obra não pretendia tão-somente investigar a conduta habitual dos americanos; muito além, planejava modificar o comportamento ou, na melhor das hipóteses, criar um clima geral de aceitação do que sempre fora inaceitável — incesto, pederastia e zoofilia. O autor dedicou-se em tirar a homossexualidade do catálogo patológico e afrouxar as leis e punições relacionadas aos crimes sexuais. Para o pesquisador, qualquer objeto ou meio de gratificação sexual é aceitável, seja esse objeto a mulher do vizinho ou a própria mãe, seja um cachorro ou uma criança.

Desde as primeiras linhas deste livro, intento mostrar ao leitor de que forma o movimento feminista e seus agentes pretendem desvalorizar, rebaixar, arrancar a essência de homens e mulheres. A obra de Kinsey tira qualquer dúvida a esse respeito. Segundo o próprio autor, os seres humanos deveriam tomar como base para seu comportamento o desprendimento moral das relações sexuais dos animais. Quaisquer inibições, constrangimentos ou impressões morais que os humanos ainda alimentem devem ser abolidos e substituídos pelo comportamento sexual animal. Com sua primeira publicação, pretendia demonstrar que o padrão das relações sexuais dos homens não era, como se supunha, a heterossexualidade. Sua tese é antecessora e complementar em relação à da feminista Witting, que postula um padrão lésbico para as mulheres. Para Kinsey, quase nenhum homem escapa totalmente da escala da homossexualidade. E mais: a bissexualidade é a forma mais equilibrada do comportamento sexual humano.

Em 2005, um ano após o lançamento do filme *Kinsey: vamos falar de sexo*, a revista brasileira *Superinteressante*[45] publicou uma matéria, trazendo a público alguns detalhes da personalidade que inspirou o diretor Bill Condon. Sobre a insistência de Kinsey no tema da homossexualidade, lemos que

> Kinsey sempre negou que o comportamento humano pudesse ser dividido em categorias rígidas como "hetero" e "homo" e classificava tal mentalidade como "pensamento binário".

45 *Ibid.*

Um dos melhores biógrafos do pesquisador, James H. Jones, acredita que o fato de o cientista privilegiar padrões que fugiam à regra geral de comportamento era uma forma de entender sua própria sexualidade. Já a mais ferrenha crítica de Kinsey, a terapeuta e estudiosa do sexo Judith Reisman, acredita que a tendência homossexual do pesquisador invalida seu trabalho. "Kinsey estava mais preocupado em legitimar a nascente ideologia *gay* do que em esboçar um amplo painel sobre a sexualidade nos EUA", diz ela.

Após a publicação, Kinsey recebeu duras críticas por seus métodos e pela forma como aplicou os questionários. Há registros de mais de dezoito mil entrevistados, além das gravações feitas no sótão da casa do casal: filmes de relações sexuais — inclusive entre os membros da equipe de pesquisa — e masturbação. Inicialmente, os pesquisadores auxiliares aceitavam ser filmados em relações homossexuais e, durante a troca dos casais filmados, com o passar do tempo, outros voluntários começaram a aparecer; eram, principalmente, prostitutas e rapazes que faziam programa.

O problema é que, para uma investigação que pretendia descobrir o comportamento sexual do americano comum, a amostragem estava muito mal escolhida. O grande número de presidiários, pedófilos e prostitutas entre os pesquisados deixava dúvidas sobre a confiabilidade do trabalho. Geoffrey Edgar Gorer (1905–1985), antropólogo inglês e autor de livros sobre o comportamento americano, contestava e condenava o método estatístico[46] da equipe Kinsey: o povo americano não era maciçamente composto por pervertidos e transviados. Ashley Montagu (1905–1999), antropólogo e humanista que foi professor da Universidade Rutgers, também percebeu uma amostragem desonesta. Ele escreveu: "Esses livros tratam do comportamento sexual de um ramo muito limitado da humanidade".[47] Além disso, os críticos da pesquisa pontuavam que ela envolvia experiências com seres humanos que não tinham dado o devido consentimento prévio, comprometendo o princípio de

46 Outras críticas ao método Kinsey no livro: Judith Reisman, *Kinsey, Crimes Consequences*. Crestwood, KY: The Institute for Media Education, 1998.

47 Geddes DP, *An Analysis of the Kinsey Reports on Sexual Behavior in the Human Male and Female*. Mentor Books, 1954, p. 127.

integridade científica do trabalho e a responsabilidade[48] na busca pela verdade na ciência. O aspecto mais delicado, no entanto, é que as conclusões da equipe não se restringiam aos adultos. Kinsey insistia em falar sobre a vida sexual das crianças, e a forma escolhida por ele para pesquisar sobre elas certamente não seria aprovada após uma análise ética minimamente criteriosa.

Pedofilia é método científico?

Na segunda década dos anos dois mil, o deputado federal Jair Messias Bolsonaro envolveu-se em inúmeras polêmicas acerca da erotização de crianças nas escolas públicas brasileiras. Sob a justificativa de promover o respeito à diversidade, funcionários do governo e parlamentares pretendiam distribuir nas escolas materiais sobre sexo. Uma das contundentes perguntas do deputado questionava o método pelo qual as instituições pretendiam aferir o índice de heterossexualidade e homossexualidade das crianças a partir dos seis anos de idade. O deputado perguntava: *como pretendem verificar isso?*

Em uma comissão relacionada que acontecia na Câmara dos Deputados, o Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério de Educação e Cultura, André Lázaro, confessou: "Um dos materiais didáticos, nos filmes, tinha um beijo lésbico na boca, a gente ficou uns três meses discutindo até onde entrava a língua [num beijo lésbico]". É da mesma natureza a pergunta que precisava ser feita a Alfred Kinsey e seus pesquisadores sobre como chegaram a tantas conclusões sobre o orgasmo e a sexualidade dos bebês e das crianças.

Foi em dezembro de 1943 que Alfred Kinsey conheceu um dos maiores pedófilos da América do Norte. Conforme as pesquisas do professor Jones,[49] enquanto aplicava um suposto tratamento baseado em pornografia com o Dr. Dickinson, Kinsey foi apresentado ao molestador que passaria a ser parte fundamental dos estudos do Relatório Kinsey. A equipe de pesquisa

48 Tradução livre de Judith Reisman e Edward Eichel, *Kinsey, Sex and Fraud: The Indoctrination of a People*. Lafayette, LA: Huntington House, 1990, p. 13.

49 E. Michael Jones, *Libido Dominandi: Sexual Liberation and Political Control*. Indiana, 2000.

referia-se ao pedófilo como Sr. Green. O próprio Kinsey o chamava por Sr. X, mas alguns relatos registram o nome de Rex King para o funcionário público que tinha molestado, conforme suas próprias contas, mais de oitocentas crianças.

O interesse de Kinsey pelo criminoso era inquestionável, inclusive porque jamais o denunciou à polícia. O fato de que Sr. X anotava detalhes das suas experiências de pederastia aumentava ainda mais o interesse do biólogo, que chegou a recomendar, em 1944, que ele jamais desprezasse suas próprias anotações [...] "não deve, sob qualquer condição, destruir seus materiais". Provavelmente, os olhos de Kinsey brilhavam diante daquele monstro que parecia ser a encarnação perfeita do que Kinsey sempre defendera: "Um tesouro [...] um homem natural, ou seja, o homem em quem a moral e a inibição tinham evaporado completamente".

Aquele homem era a materialização da proposta de vida sexual que Kinsey havia elaborado. Aquela forma de vida estava realmente sendo vivida por um homem que, além de vivê-la, aceitava compartilhá-la com os pesquisadores, como se fosse um herói. Apesar disso, a situação era delicada, pois Kinsey estava acobertando atividades criminosas, e piorou com a chegada de um católico à equipe. No mesmo ano em que começou a elogiar as anotações do pedófilo, Kinsey contratou Victor Nowlis, que começou a trabalhar no instituto com sua esposa e dois filhos. Sua contratação foi mais uma estratégia para manter alguma fama de respeito entre o grupo. Helen Nowlis, aliás, era a única esposa da equipe que não desnudava sua história sexual para Kinsey, e a única a se opor ao "grau de controle" que, de alguma forma ou outra, Kinsey exercia sobre os colegas.

Ainda conforme E. Michael Jones, Nowlis considerou o Sr. X um "monstro" e o aconselhou contra a inclusão de seu material no primeiro livro, mas Kinsey insistiu em manter o pedófilo na publicação. Até mesmo a Fundação Rockefeller[50] cogitou retirar seu apoio financeiro quando o caso do molestador começou a

50 Sobre a Fundação Rockefeller, ler: *Rockefeller Archives*, Office of the Messrs. Rockefeller, *Medical Interests Birth Control Organizations* — General 1930–39, *HI 2K Box 1 letter from Eleanor Dwight Jones*, president of American Birth Control League to Lawrence B. Dunham, director of the Bureau of Social Hygiene, 11/05/1930. Rockefeller Archives, *RG. l. 1 Series 200 Box 40*, Folder 457.

causar controvérsia interna, provavelmente mais para preservar sua fama do que por solidariedade às crianças que foram vítimas. Apesar de todo o imbróglio, em março de 1945, Kinsey se ofereceu para pagar o salário do Sr. X, para que ele pudesse tirar uma licença para analisar seus materiais. Neste mesmo ano, começou a escrever o livro *Comportamento sexual do homem*, e continuou este trabalho por mais dois anos. Quando o livro saiu, as pessoas começaram a questioná-los[51] sobre como conseguiram aqueles dados da Tabela 34 do Relatório Kinsey sobre crianças. Ficou evidente que alguém estava envolvido em molestar crianças enquanto produzia os supostos dados científicos.

O biólogo defendia que aquele era um livro honesto, um relatório sobre "o que as pessoas fazem"; buscava revelar o que o americano médio tinha por hábito. A verdade, no entanto, é que o livro desnuda a fascinação do próprio Kinsey por pervertidos como o Sr. X. e serviu como parte de uma estratégia de desestabilização da moral e a subseqüente mudança no controle político. Dados sobre a sexualidade infantil realmente começaram a ser solicitados e avaliados depois daquele livro; leis contra alguns desvios sexuais começaram a ser repensadas. A partir daí, o Instituto Kinsey entrou para outro ramo criminoso, a pornografia:

> Em 3 de abril de 1946, os curadores da Fundação Rockefeller se reuniram e, após ouvir sobre o trabalho de Kinsey, aprovaram uma doação de US$ 120.000. Assim que Kinsey conseguiu esta bolsa, contratou os fotógrafos Clarence Tripp e William Dellenback como "membros permanentes da equipe do instituto". Também comprou equipamento de câmera, que usaram para fotografar Kinsey e outros membros da equipe, bem como voluntários externos, em atividades sexuais [...] Weaver reclamava que a biblioteca de literatura erótica de Kinsey tornou-se tão importante para o projeto

51 "Nenhuma pesquisa em comportamento humano em escala tão ampla havia sido tentada anteriormente. Além disso, é preciso considerar o hábito americano de marcar as cartas e contar cabeças. Se este projeto tivesse sido realizado na Europa ou na Ásia, talvez nunca teria atraído atenção ou mesmo sido realizado, mas nos Estados Unidos gostamos de predeterminar o resultado das coisas. Conseqüentemente, a pesquisa realizada atingiu o objetivo inicial e pré-estabelecido de tornar essa investigação [sobre pedofilia] aceitável". Tradução livre de: Pomeroy WB, *Dr. Kinsey and the Institute for Sex Research*. New York: Harper & Row, 1972, p. 466.

> que eles instalaram e equiparam um laboratório fotográfico completo, e ter um fotógrafo em tempo integral (eu quase disse pornógrafo em tempo integral) que recebe US$ 4.800 por ano.[52]

Warren Weaver foi um dos membros da fundação Rockefeller que se sentiu contrariado com o investimento do dinheiro em um trabalho que era claramente pornográfico. Ele foi diretor da Divisão de Ciências Naturais da fundação até 1955 e chegou a escrever uma carta em 7 de maio de 1951, lembrando aos seus colegas de que ele havia se oposto ao financiamento para a pornografia, o que significa que eles estavam cientes de que era para isso que o dinheiro estava sendo usado na época em que resolveram apoiar Kinsey. Na carta, dizia que "é perfeitamente realista afirmar que a Fundação Rockefeller está pagando por essa coleção de obras eróticas e pelas atividades diretamente associadas a ela".

Os abusos de Kinsey não foram esquecidos, embora as feministas não gostem de lembrar da cooperação mútua entre pesquisadores inescrupulosos como ele e o resto do movimento. Em outubro de 1998, um documentário inglês dirigido por Tim Tate e intitulado *História secreta: pedófilos de Kinsey*[53] trouxe os absurdos da equipe ao público. No documentário, Clarence Tripp, um dos pesquisadores que Kinsey contratou com dinheiro de Rockefeller, descreveu a ocasião em que o Sr. Green teve relações sexuais com uma criança. Tripp relatou que a criança "gritou quando realmente aconteceu" porque "eles eram muito jovens e tinham a genitália pequena e Green era um homem adulto com enorme genitália, e havia um problema de adaptação". Muito provavelmente, Clarence foi quem filmou esse episódio monstruoso. Isso significa, conforme indica E. Michael Jones, que os Rockefellers estavam financiando, como Weaver os acusava, as filmagens do molestamento de crianças.

Não é exagerado supor que Kinsey é responsável direto pelos movimentos pró-pedofilia que se levantam em toda a Europa e nas Américas há décadas. Para esclarecer a quem ainda

52 Tradução livre da Parte III do livro de E. Michael Jones, *Libido Dominandi*, 2000.
53 Tim Tate, *Secret History: Kinsey's Pedophiles*. Yorkshire TV: Channel 4, 10/8/98.

duvida do avançado estágio dessa agenda, o filósofo Hadjadj[54] menciona alguns casos recentes, como: "Países Baixos são pioneiros em reconhecer [...] a partir dos doze anos a criança tem direito de ter relações sexuais com um 'terceiro que consente'", e mais: mesmo sem a autorização dos pais, que caso "se opuserem, devem provar diante do Conselho de Proteção de Menores que estão agindo verdadeiramente no interesse de sua prole".

No Brasil, o jovem Mallone Morais ficou conhecido ao defender publicamente, em meados de 2016, o incesto. Os vídeos no canal do YouTube de Mallone causaram revolta e foram removidos da internet por causa de frases como: "Todos os pais devem ter o direito de tirar a virgindade de suas filhas". Ele foi considerado um doente que usa seu tempo na internet com insanidades pelas quais não pode responder. Esse veredicto foi endossado pela mãe, que acreditava que ele deveria ser tratado e não criminalizado. Não é improvável que esse seja mesmo o quadro clínico de Morais, mas outros, em plena consciência de si — se é que se pode dizer isso —, têm defendido as mesmas práticas que o inescrupuloso *youtuber* defendia na internet.

Em agosto do ano seguinte, uma exposição patrocinada pelo Santander Cultural, em Porto Alegre, denominada *Queermuseu — Cartografia da diferença na arte brasileira*, exibia pinturas com clara referência à pedofilia:

> [...] As obras faziam alusão à "pedofilia", "blasfêmia" e "zoofilia", dentre outros temas. Segundo o curador da exposição, Gaudêncio Fidélis, "seu fechamento foi uma atitude arbitrária e implicou em LGBTfobia". Em nota, a instituição pediu desculpas à população que se sentiu ofendida, na medida em que "o objetivo era incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia".[55]

54 Hadjadj, *A profundidade dos sexos*, pp. 34–35.
55 Matéria "*Queermuseu*: a liberdade de expressão e os limites da razão e da sensibilidade" de Maristela Basso na coluna de política do sítio eletrônico do Estadão. http://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/queermuseu-a-liberdade-de-expressao-e-os-limites-da-razao-e-da-sensibilidade/.

A associação dessa idéia com o feminismo é inegável em se sabendo que a teoria *queer*[56] nada mais é que um braço amputado da ideologia de gênero e que ganhou vida própria. A ousadia dos revolucionários não parou na exposição custeada pelo Banco Santander. No mesmo período, o país experimentou nova comoção e polêmica com a performance de um artista nu[57] sendo tocado por uma criança. No entanto, esses casos pontuais de reação e comoção nacional não anulam a atuação de organizações internacionais pró-pedofilia. A revolta de grande parte da população não tem a força necessária para impedir o avanço de pretensos cientistas e revolucionários que defendem pautas monstruosas como essas. A Organização das Nações Unidas já consente em ouvir e difundir discursos que questionam a criminalização da pedofilia. Termos como "direitos sexuais das crianças" e "amor intergeracional" começam a aparecer com mais freqüência e, inegavelmente, maquiados ou embaralhados entre as pautas de direitos humanos, reprodutivos e sexuais que as feministas tanto defendem.

Em julho de 2016,[58] em uma conferência realizada pela Universidade de Cambridge, no Reino Unido, matérias pró-pedofilia e inúmeras apresentações do mesmo teor pipocaram entre as salas de aula. Além de alguns trabalhos intitulados *Liberar o pedófilo: uma análise discursiva* ou *Perigo e diferença: as apostas da hebefilia*, alguns trechos não passavam de confissões:

56 *Queer* é uma expressão que provém do inglês e designa aquelas pessoas que não seguem os padrões da heterossexualidade ou o binário de gênero: homem e mulher. Inicialmente era uma gíria inglesa que designava "pessoa estranha, meio esquisita". Depois, passou a ser empregada para representar "gays", lésbicas, bissexuais, transgêneros ou transexuais. Atualmente [...] dedicada ao estudo da orientação erótica e identidade sexual ou de gênero dos indivíduos como o resultado de uma construção social e não decorrente do nascimento biológico" (*Ibid.*).

57 "A apresentação do artista Wagner Schwartz ocorreu [...] na estréia do 35º Panorama de Arte Brasileira, tradicional exposição bienal que aborda a arte no país e propõe uma reflexão sobre a identidade brasileira. Segundo o MAM, o evento era aberto a visitantes que estivessem no local. O museu também informou que havia sinalização sobre a nudez na sala onde a performance ocorria". Matéria: "Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica". Site de notícias *G1*. https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml.

58 https://www.thenewamerican.com/world-news/europe/item/23579-un-unleashes-lgbt-czar-to-promote-homosexuality-transgenderism.

> O interesse pedófilo é natural e normal para machos humanos [...]. Pelo menos uma minoria considerável de homens normais gostaria de fazer sexo com crianças [...]. Os machos normais ficam excitados por crianças.

Discursos como esses são cada vez mais recorrentes.[59] O jornal americano *The New York Times* já começou a publicar artigos que tratam a pedofilia como um transtorno de comportamento, não mais como crime. Em outubro de 2014, a colunista Margo Kaplan escreveu:

> Lembre-se da sua primeira paixão. Talvez fosse um colega de turma [...] o mais provável é que, através da escola e até a idade adulta, suas afeições continuem a se concentrar em pessoas da mesma faixa etária. Mas imagine se isso não acontecesse. Segundo algumas estimativas, 1% da população masculina continua, muito depois da puberdade, a se sentir atraída por crianças pré-adolescentes. Essas pessoas estão vivendo com pedofilia, uma atração sexual por pré-adolescentes que muitas vezes constitui uma doença mental. Infelizmente, nossas leis estão falhando [...] Parte dessa falha decorre do equívoco de que a pedofilia é o mesmo que abuso sexual infantil. Pode-se viver com pedofilia e não agir de acordo. Sites como *Pedófilos Virtuosos* fornecem suporte para pedófilos que não molestam crianças [...] O psicólogo Jesse Bering escreve que as pessoas com pedofilia "não estão vivendo suas vidas no armário; elas estão eternamente agachadas em um quarto de pânico ".[60]

Em 1976, americanos fundaram uma "associação de homens e meninos que se amam" — NAMBLA, North American Man/Boy Love Association — que trabalha ativamente na defesa de práticas pedófilas e luta pela redução da idade de consentimento. Associações como essa contavam com o apoio de movimentos ligados à causa gay. A NAMBLA é a associação pró-pedofilia mais antiga da América, e de 1984 até 1994 pertenceu também à Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA). A relação entre os dois movimentos foi reduzindo

59 Dave Hodges, "The UN Is Normalizing Pedophilia: The Deep State Is Free to Prey Upon Your Children". *The Common Sense Show*, 14 de junho de 2017.

60 Matéria "Pedophilia: A Disorder, Not a Crime" disponível em: https://www.nytimes.com/2014/10/06/opinion/pedophilia-a-disorder-not-a-crime.html.

à medida em que se tornavam polêmicos e comprometiam a imagem e a causa dos movimentos GLS. Os ativistas acusam a ILGA de ter desfeito a parceria política para conseguir *status* na ONU. Criado em pleno furação da revolução sexual, a NAMBLA não existiria sem o discurso de feministas como Kate Millett[61] e Shulamith Firestone, que exigiam o fim das "inibições", "restrições" e "opressões" de cunho sexual. A influência direta de pesquisadores como Kinsey também é incontestável.

> Alguns leitores duvidam que as coisas tenham chegado a esse ponto. A sociedade, argumentam eles, nunca poderia olhar com aprovação para adultos que têm acesso sexual a crianças. Isso não é necessariamente verdadeiro. Um requisito necessário para a legitimação da atividade sexual entre adultos e crianças foi encontrado com a "demonstração" de Kinsey de que as crianças podem e devem ter uma vida sexual ativa. A próxima etapa para a aceitação da pedofilia se propagou recentemente com debates abertos sobre o tema, com a proposição de um "especialista reconhecido nacionalmente sobre criminosos sexuais" de que "a pedofilia [...] pode ser uma orientação sexual ou não sexual". [...] A pesquisa de Kinsey [...] tinha todos os atributos necessários para esse período: era um grande projeto, era dirigido por um cientista e nunca havia sido feito antes. Talvez o mais impressionante de tudo, ele lidou com muitos "fatos" que pareciam ter sido tratados de maneira estatisticamente adequada.[62]

A ativista e escritora Judith Reisman pesquisou as experiências e procedimentos de trabalho de Kinsey e concluiu[63] que ele foi pioneiro em estabelecer a noção de que o sexo na infância

61 "Uma revolução sexual exigiria antes de mais, talvez, o fim das inibições e tabus sexuais, especialmente aqueles que mais ameaçam o casamento monógamo tradicional: a homossexualidade, a "ilegitimidade", as relações sexuais pré-matrimoniais e na adolescência. Deste modo, o aspecto negativo no qual a atividade sexual tem sido geralmente envolvida seria necessariamente eliminado, juntamente com o código moral ambivalente e a prostituição [...] sexual acabaria com a instituição patriarcal, abolindo tanto a ideologia da supremacia do macho como a tradição que a perpetua através do papel, condição e temperamento atribuídos a cada um dos dois sexos [...] Isto permitiria uma integração de subculturas sexuais, uma assimilação de ambos os lados da experiência humana até aqui excluídos da sociedade" (Millett, 1974, p. 10).

62 Tradução livre de Reisman, 1990, p. 13.

63 *Ibid.*, p. 12.

era "normal". Segundo ela, esse "fato científico sobre as crianças fornece justificativas para os pedófilos e uma base científica para que as crianças façam sexo com adultos". Essa concessão feita a Kinsey isola as grandes vítimas — as crianças — de qualquer capacidade de reação, pois "não estão em condições de participar do debate sobre as evidências científicas de sua própria sexualidade". Uma nova forma de ver a sexualidade infantil foi apresentada e difundida por um grupo minoritário de adultos interessados em tirar das crianças molestadas o rótulo de "vítimas" e estampar o de "cúmplices". Para isso, os pesquisadores atacaram o calcanhar de Aquiles da sociedade moderna — que consente com tudo que se lhe apresentar como científico: usaram números, dados, índices e experimentos científicos. E mais do que isso, as feministas passaram a escrever, há décadas, sobre o que chamam de "direitos sexuais das crianças", que nada mais é do que a continuação do discurso licencioso de Kinsey sobre as relações sexuais infantis. Firestone, uma ativista da segunda onda, escreveu e publicou em 1970 que o feminismo buscava

> a total integração das mulheres e das crianças em todos os níveis da sociedade. Todas aquelas instituições que segregam os sexos ou separam as crianças da sociedade adulta [...] devem ser destruídas. E, se as distinções culturais entre homens e mulheres e entre adultos e crianças forem destruídas, nós não precisaremos mais da repressão sexual que mantém essas classes diferenciadas, sendo pela primeira vez possível a liberdade sexual "natural". Assim, chegaremos à liberdade sexual para que todas as mulheres e crianças possam usar sua sexualidade como quiserem [...] serão permitidas e satisfeitas todas as formas de sexualidade. A mente plenamente sexuada tornar-se-ia universal.[64]

Com uma biografia semelhante à de Kinsey, o psicólogo John Money também se tornou um defensor das relações sexuais pedófilas. Oriundo de uma família protestante e rígida na observação dos costumes religiosos, Money se distanciou dos ensinamentos evangélicos e terminou por "fazer proselitismo

64 Shulamith Firestone, *La dialectica de los sexos: em defesa de la revolución feminista*. Editora Kairós: Barcelona, 1976, pp. 258–262.

da curiosidade, da exploração sexual e da ruptura com os conceitos já arraigados na sociedade: afirmava [...] que sexo grupal bissexual poderia ser tão satisfatório quanto o sexo entre um casal".[65] Como Kinsey, Money acreditava que a vida sexual humana deveria estar livre de freios morais; defendia todo tipo de prática sexual alternativa. Em uma entrevista[66] concedida em 1980, afirmou que: "Uma experiência sexual infantil, como ser parceiro de um parente ou de alguém mais velho, não necessariamente vai afetar a criança negativamente". Onze anos depois, em uma entrevista para *O Jornal da Pedofilia*,[67] confessou:

> Se eu visse o caso de um garoto de 10 ou 12 anos intensamente atraído por um homem de vinte ou trinta, e se a relação e o vínculo entre os dois fosse mútuo, eu não acharia de forma alguma patológico.

Judith Butler, feminista reconhecida por sua defesa da ideologia de gênero, também sustenta que a proibição do incesto (relações sexuais entre pais e filhos) é um tabu que serve para "impor identidades de gênero". Afirma que esse tabu se revelou uma "estrutura proibitiva ou jurídica"[68] que "instala a heterossexualidade compulsória no interior de uma economia sexual masculinista". Para ela, as tendências homossexuais e incestuosas são naturais nas crianças. Prestando homenagem a Lévi-Strauss e Freud, ela ainda "apresenta a ligação entre o tabu do incesto e a consolidação dos laços homoeróticos, [pois] o tabu do incesto produz a heterossexualidade exogâmica"[69] que seria, segundo Butler, uma artificialidade. Ou seja, por um lado, considera as predisposições masculinas e femininas como sendo artificias, por outro, diz que tudo o que está ligado ao homossexualismo e ao incesto é natural.

Como se vê, as pesquisas de Kinsey e seus métodos inescrupulosos travestidos de ciência abriram as portas para uma série de abusos em nome de uma suposta liberdade sexual. Pauta

65 Martins Neto, et. al., *Gênero*, p. 44.
66 *Time magazine*, vol. 115, n. 15, em 14 de abril de 1970.
67 *Paidika*, vol. 2, n. 3, 1991, p. 5.
68 Judith Butler, *Problemas de gênero*, p. 12.
69 *Ibid.*, pp. 80–81.

desde sempre central no movimento feminista, a "liberdade sexual" recebeu sempre a velada proteção e incentivo das teóricas revolucionárias e hoje se espalha como se tivesse sido cientificamente respaldada.

O critério moral seletivo e totalitário das feministas

Todo tipo de desregramento moral e idéia de libertinagem sexual têm sido sutilmente apresentados aos jovens através de programas feministas inseridos na mídia e nas escolas. A jornalista e escritora americana Peggy Orenstein também realizou uma pesquisa com adolescentes — essa baseada apenas em entrevistas, sem vídeos ou experimentos — sob a justificativa de descobrir mais sobre o prazer feminino. A pesquisa foi publicada muito recentemente, em 2017, e, como podemos notar, é consenso entre os pesquisadores do sexo que essa parte da atuação humana [a atividade sexual] deve estar totalmente desregulada, ou seja, livre de critérios. A psicanalista e escritora Regina Navarro Lins, prefaciadora da edição brasileira do livro de Peggy, escreveu:

> De qualquer forma, os controles políticos, sociais e religiosos sobre o prazer continuam existindo em todas as partes do mundo. Certos prazeres são aceitos, alguns condenados e outros proibidos mesmo. Não é sem motivo. *Controlar os prazeres é controlar as pessoas.*[70]

Peggy trabalha com meninas e adolescentes, foi assim que realizou sua pesquisa. É interessante como seus discursos midiáticos insistem em condenar o estupro e até pretendem explicar aos jovens o que é consentido e o que não é; e, por outro lado, considerem o controle do prazer um perigo aos jovens. Quando Regina Lins queixa-se porque "certos prazeres são proibidos", ela certamente não inclui o estupro entre os prazeres permitidos. O estupro é proibido e condenado no Ocidente, acertadamente, tanto socialmente quanto pela moral cristã. Se não forem os códigos morais existentes e as restrições religiosas, o que deve determinar o proibido e o permitido? A autoridade última

70 Peggy Orenstein, *Sexo & garotas*, p. 8 [grifo meu].

acerca da legitimação das relações sexuais deve ser outorgada a estudiosos como Alfred Kinsey — defensor do direito ao prazer dos bebês — ou John Money? Quando as feministas contestam os padrões morais e religiosos do Ocidente, o que apresentam em substituição a eles? Se "controlar os prazeres é controlar as pessoas", tudo que dá prazer é permitido?

Quando ouvimos uma feminista discursar, por vezes, temos a impressão de que estamos diante de uma mulher totalmente liberal, ou melhor: libertina. É o que a citação supracitada do livro de Peggy nos transmite. Mas não existe total anarquia sexual, sempre há critério. E a moralidade dos que fingem desprezar toda a moral é do tipo mais autoritário. As feministas decidirão o que é aceitável e o que é condenável. Se aceitarmos o discurso feminista de que todo tipo de sexo é permitido, logo, teremos que consultá-las para verificar se o verdadeiro sexo existe, se podemos ter filhos, se determinadas posições sexuais são convenientes, se é legítimo escolher um parceiro só. Tudo isso pode soar sensacionalista, mas os ideólogos já ousam regulamentar cada detalhe da nossa vida íntima.

Já demonstrei o absurdo grau de controle que as feministas pretendem exercer sobre a vida íntima e sexual das mulheres através dos textos de Monique Wittig. Mas as escritoras consagradas não são as únicas com tais pretensões. No início da década de 2010, uma proeminente líder feminista, Helena Ramirez, esteve em um programa televisivo brasileiro no qual afirmava que a "mulher que se submete a fazer sexo na vexatória posição 'de quatro' está jogando no lixo as décadas de luta das mulheres conscientes". A participação de Ramirez repercutiu em todo o país, especialmente porque

> [...] a entrevistada sugeriu que as mulheres quando fossem fazer sexo optassem por sempre que possível ficarem por cima, para poderem olhar nos olhos dos homens de igual para igual. Helena ainda afirmou que o homem latino tem fetiche por dominação, por humilhar a mulher. Para ela, "quem se coloca 'de quatro' se anula como mulher, vira apenas um receptáculo de líquido seminal".[71]

71 Matéria "Feminista diz na TV para mulheres não fazerem sexo de quatro" do sítio eletrônico *Conexão Jornalismo*. Acessada em 21/04/18. Disponível em:

Quando não estão regulando o sexo das mulheres, metem-se a decidir sobre a maternidade. Precisamente em 18 de abril de 2018, o portal da BBC Brasil publicou uma matéria sobre a ativista antinatalista Audrey García. Segundo a espanhola, ter filhos é uma atitude antiética, pois vivemos em "um mundo superpovoado, onde falta água e comida para muitas pessoas, onde estamos destruindo o meio-ambiente, onde não paramos de consumir mais e mais recursos". A matéria brasileira não menciona que García se considera também uma militante feminista, mas cita que ser antinatalista, na opinião dela, também é ir contra o sistema [biológico e social] estabelecido, que "supõe que uma mulher está destinada a ser mãe"[72] — isso nada mais é que um dos principais pilares do discurso feminista moderno.

Em uma matéria semelhante sobre a mesma ativista, veiculada na BBC espanhola, a definição feminista de García é claramente mencionada e admite que sua renúncia aos filhos é política. Como toda feminista, a antinatalista menciona o direito ao próprio corpo como sinônimo de direito ao aborto ou de evitar filhos. Ainda seguindo o *modus operandi* do movimento, não se contenta em fazer suas escolhas, pretende convencer as demais mulheres a aderirem à "greve das barrigas":

> [...] reconoce que su decisión está más politizada. "Es una reivindicación feminista en el sentido de que haces con tu cuerpo lo que te da la gana, porque tienes ese derecho. Y a nivel político, descubrí unos textos del siglo pasado que reivindican desde un punto de vista obrero el hecho de no fabricar más esclavos del sistema. Que se haga *huelga de vientres*", dice.[73]

E, finalmente, quando não conseguem evitar que as crianças nasçam, buscam meios de alcançá-las com a ideologia de gênero e transformar as famílias em verdadeiros circos. É exatamente isso o que se tornou a relação do casal Louise e Nikki Draven.

http://www.conexaojornalismo.com.br/audiencia_na_tv/feminista-diz-na-tv-para-mulheres-nao-fazerem-sexo-de-quatro-86-44859.

72 Matéria "'Não é ético ter filhos biológicos': o que pensa uma adepta do antinatalismo" de Irene Hernández Velasco. Acessada em 21/04/18. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/geral-43578086?SThisFB.

73 Matéria "Tener hijos es injusto, por eso me he esterilizado" de María San Narciso. Acessada em 21/04/18. Disponível em: www.elperiodico.com/es/sociedad/20170303/movimiento-antinatalista-considera-tener-hijos-injusto-5874794.

Louise é um homem que fez tratamento hormonal para se parecer com uma mulher, é chamado de "mãe" por Star Cloud, criança que ele e Nikki adotaram e criam sem determinação de gênero. Os pais afirmam: "Nós nunca falamos a Star que ele é um menino, nós falamos que ele pode ser o que ele quiser". Eles são uma "família de gênero fluido". O pai, por sua vez, nasceu mulher e se define pansexual. Nikki declarou ao portal americano *Mirror* que: "Nenhum de nós fica preso ao gênero com que nascemos". Em sua matéria para o jornal *Gazeta do Povo*, Rodrigo Constantino observou que esse caso representa

> [...] a morte da biologia, essa ciência irrelevante, para dar lugar à ideologia, já que tudo é "construção social". [...] São uma família qualquer, com esse detalhe extra: são quem eles querem ser. E eis onde o Ocidente escorregou, pelo visto: uma geração mimada passou a crer que seus desejos e apetites são direitos inalienáveis, e que o mundo deve ser moldado à sua imagem, não nós que devemos nos adaptar ao mundo como ele é. É a tirania do desejo, quase num ato de solipsismo radical: toda a realidade é subjetiva e criada pelo indivíduo.[74]

Fabrice Hadjadj apresentou excelentes exemplos do que chamou de "a moralidade da esbórnia", quando os que se dizem antimorais criam sua própria moral. Este é precisamente o caso das feministas: ao se fiarem em sua vontade como régua para todas as coisas, ignoram que a natureza humana geralmente pende para o mal e, de toda forma, não se manifesta igualmente em todos nós. Conhecendo apenas os limites ideológicos, prometem anular toda opressão ou restrição moral. Na prática, estabelecem um padrão rigoroso e que não tem nada de novo. Renovam antigas atrocidades, vícios e pecados, atribuem novos nomes para velhas práticas.

> Muitas vezes, fazem passar por revolução aquilo que não é mais que retrocesso a um moralismo empoeirado [...] antigamente, o jovem herdeiro de boa família que não ia à esbórnia era severamente repreendido: um ímpio, era isso

74 Matéria "Conheça a 'família' em que a mãe é o pai, o pai a mãe, e o filho de 4 anos é criado sem gênero definido" por Rodrigo Constantino. Disponível em gazetadopovo.com.br/rodrigo-constantino/artigos/conheca-a-familia-em-que-mae-e-o-pai-o-pai-mae-e-o-filho-de-4-anos-e-criado-sem-genero-definido/.

> que ele era, e também um patife que só pensava em si mesmo e que não se preocupava com a abundância das colheitas [freqüentar a esbórnia era uma dever moral e religioso]. Se pertencia à casta mais elevada, mostrava-se ignóbil se não cometesse incesto: seu dever de Ptolomeu era tomar a irmã por esposa — sem isso, como manter pura a raça real? Aliás, os antigos organizavam casas onde os jovens eram obrigados a trocar de parceiros sem parar: "Se a moça se deitar sempre com o mesmo rapaz, sentimos que vamos perder a unidade da nossa existência" [...] Inútil dizer que era conveniente o enlace entre os machos. Era a marca de um amor superior, dissociado das servidões fisiológicas da gestação. Se o filho não gostasse dos barbudos do ginásio, os pais ficavam muito preocupados: o que seria dele? [...] esse era o moralismo de então. Ele poderia voltar, disfarçado de emancipação, reacionário na libertinagem, mas sem o frescor de antigamente.[75]

Tudo que as feministas argumentam ser de sua criação é coisa velha e ineficiente. O que chamam de "poliamor" é apenas mais uma canalhice lingüística, não tem nada a ver com amor, é visceral e exclusivamente relacionado ao sexo. Deveria se chamar "polissexo", que era modalidade já na vida dos caldeus, das tribos africanas e entre muitos persas, gregos, romanos, etc. Lênin era casado com Nadya, mas ia para a cama com Yakubova e Inessa. Quando tinha 16 anos, Alliluyeva já era amante de Stálin. Na mesma época em que Stálin teve um caso com uma governanta que contratou para usar sexualmente, engravidou a filha do bolchevique Lazar Kaganovich e arrumou uma terceira parceira bailarina. Em 1932, após encontrar Stálin na cama com a mulher de um funcionário do partido comunista, Alliluyeva cometeu suicídio. Não bastando, Stálin ainda condenou a irmã da ex-mulher a dez anos na solitária, prendeu a cunhada e executou o cunhado. Depois de ter tornado a prática sodomita ilegal, ele deu um beijo na boca do embaixador William Bullitt. Fidel Castro "até dormiu com uma mulher que tinha o rosto marcado de varíola, porque ela controlava os votos mais importantes do partido — e a descartou quando deixou de ser útil". Também dormiu com Natália Revuelta, Mirta, Celia Sanchez, Gloria Gaitán, etc. "Atraída a Cuba por Castro,

75 Hadjadj, *A profundidade dos sexos*, p. 23.

Marita Lorenz, 18, foi raptada, estuprada e então sofreu um aborto cruel".[76]

O movimento feminista insiste nesse jogo baixo de palavras, trocando "promiscuidade" por "amor" e "adultério consentido" por "poliamor". É só isso. Nada além disso. Quando se fala em poliamor, fala-se da mais antiga de todas as práticas viscerais dos humanos: sexo desregrado. Não há nenhuma novidade nisso, nada que já não tenha sido vivido por Calígula, Nero, Stálin, Fidel, Mao ou uma porção incontável de jovens de todas as épocas. Feministas não são originais nem para criar pecados.

Por outro lado, o refinamento moral de que dispomos hoje em face às demais culturas do mundo é conseqüência direta da difusão do cristianismo no Ocidente. Nesse pilar moral, sustenta-se toda a nossa tolerância, exercida, inclusive, com os revolucionários, que o tentam abalar. Todos os vícios que as feministas querem implantar como sinal de liberdade nada mais são do que um regramento moral mais velho e austero que qualquer suposto modelo patriarcal opressor. Um claro exemplo do totalitarismo feminista pode ser encontrado no conceito de "justiça íntima". Sara McClelland, que é professora de psicologia, cunhou essa expressão, que envolve buscar "ações que garantam que as mulheres sintam tanto prazer quanto os homens em suas relações íntimas". Isso não é absolutamente mais invasivo do que qualquer "opressão" do discurso religioso ou expectativa social? Nem mesmo os reis absolutistas ou a Igreja Católica em seus tempos de glória ousaram tamanha invasão. Propostas como essas me fazem voltar sempre à mesma pergunta: *como pretendem verificar isso? Seria usando métodos tão escusos quanto os de Kinsey?*

Por trás do discurso feminista de igualdade de gênero e por trás de toda a produção supostamente científica dos intelectuais ativistas, o que encontramos é isto: linguagem como ferramenta subversiva, incentivo ao padrão gay e lésbico, pornografia, filmes eróticos de adultério, experiências com molestamento de crianças, produção audiovisual de pedofilia, acobertamento de criminosos, incentivo ao incesto e toda sorte de perversão

76 Matéria "A Vida Sexual dos Ditadores" de Euler de França Belém. Disponível em: http://acervo.revistabula.com/posts/livros/a-vida-sexual-dos-ditadores.

sexual. Esta é a realidade e a base do movimento feminista, do qual sempre ouvimos falar em tons amenos e com cartazes de conscientização limpos, coloridos e chamativos. O feminismo é, ao mesmo tempo, uma experiência, um método e um fim, todos perversos. Seus caminhos de legitimação vêm destruindo crianças, casais e famílias inteiras desde o início do século XX.

Seu corpo não é uma prisão

Depois de ter afundado no submundo da retórica feminista, volto para o que faz sentido. Roger Scruton destaca que existe uma distinção vital entre homens e mulheres, uma distinção que possibilita a vida humana, é o que chamamos de "sexo". É intuitivo o conhecimento que temos sobre essa diferença física; uma criança pequena percebe, ainda que não conheça nenhum termo rebuscado da biologia ou filosofia, quando está diante do sexo oposto. "Sexo" bastou para indicar o contraste entre "menino" e "menina". Sexo é um fato material. Toda essa materialidade, no entanto, começou a ser contestada por aqueles que por muito tempo flertaram com o materialismo histórico. Teóricos, filósofos e pensadores passaram a elaborar uma nova categoria de análise, uma nova ideologia acerca da sexualidade humana: a ideologia de gênero.

Apresento as duas principais posturas contra a difusão do conceito e a sua instrumentalização por parte dos movimentos feministas. Inicialmente, considero a posição do filósofo e escritor inglês Roger Scruton, que, aceitando uma definição de gênero, intenta destruir as péssimas associações que as feministas estabelecem com o termo. Em um segundo momento, sendo mais radical, caminho com o francês Fabrice Hadjadj, que nega qualquer rendição às novas terminologias e invencionices revolucionárias.

Para Scruton, a distinção de "gênero" não é material como é a do "sexo", mas sim intencional. Ele define gênero como "superestrutura intencional" e afirma que se trata de "uma divisão perceptível dentro do mundo dos fenômenos, que incorpora não só as formas observáveis distintas do homem e da mulher, mas também as diferenças na vida e no comportamento que nos

fazem seletivamente responder a elas".[77] Se, por um lado, o filósofo consente no uso do termo "gênero" — uma rendição que não é compartilhada por Fabrice Hadjadj —, por outro lado, critica a definição propagada pelos teóricos que defendem sua volatilidade. Ele esclarece:[78] "as feministas têm interesse em provar que as distinções de gênero são arbitrárias, e talvez elimináveis".

O sacerdote, doutor em teologia e professor Bonnewijn concorda. Para ele, a identidade e a intencionalidade de uma pessoa não concorrem nem se opõem à natureza. Há o gênero — outrora conhecido como "sexo psicossocial" —, mas ele está intimamente ligado e corresponde ao sexo, exceto em casos investigados clinicamente.

> Sexo e gênero aparecem assim, como dois elementos constitutivos do ser humano, ordenados um ao outro, distintos para as necessidades de análise, mas não separáveis na realidade. É nessa linha que se inscrevem as pesquisas e reivindicações de uma série muito importante de feministas [...] ao adotar de forma não crítica a concepção redutora do sexo humano [como dado biológico somente], essas feministas "moderadas" são aos poucos levadas para o feminismo radical. Considerando o corpo ou a natureza numa perspectiva principalmente biologizante e naturalista, elas tendem a fazer repousar, cada vez mais, o peso da identidade feminista, sobretudo sobre seu aspecto socialmente construído. E muitas atravessam o Rubicão sem nem saber e nem querer a verdade. Elas não se contentam mais em distinguir sexo e gênero. Elas o dissociam radicalmente, ocupando assim as posições das feministas ditas "radicais".[79]

O grande problema da nova abordagem acerca do comportamento de homens e mulheres reside no dogma que define as distinções de gênero como culturalmente arbitrárias. Na cabeça dos criadores dessa farsa, é pouco natural e injustificável que um homem se comporte de determinada maneira por imposição material e biológica, mas é compreensível que o faça e

77 Roger Scruton, *Desejo sexual: uma investigação filosófica*. Campinas: VIDE Editorial, 2016, p. 349.
78 *Ibid.*, p. 352.
79 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 36.

pense como pensa porque um sistema conspiratório cultural foi arquitetado contra ele.

> Sempre me parecerá estranho que a "identidade biológica", que é física, seja, segundo alguns, um constructo social, mas a "identidade psicológica", não, e que se possa preferir esta àquela, não somente num plano individual, senão que imposto a toda a sociedade.[80]

Os ideólogos de gênero defendem que nossa concepção acerca da masculinidade ou feminilidade é construída e, portanto, pode ser abolida, invertida ou subvertida — como prefere Judith Butler. Nega-se a existência de uma diferença natural ou biológica entre o comportamento masculino e feminino. Partindo daí, se tudo é construção, tudo pode ser desconstruído.

> Desde sempre, o sexo, no sentido amplo e integral do termo, ocupa um lugar essencial nessa distinção [entre homem e mulher]. A humanidade é assim dividida em gênero feminino e gênero masculino a partir de parâmetros físicos, psíquicos e espirituais. Os *estudos de gênero* interrogam esse critério de classificação, que eles julgam demasiado fixista, diferencialista, biologizante, fechado. Eles insistem, sobretudo, na elaboração da identidade sexual com o passar dos anos e gerações, por meio da educação recebida, da cultura na qual o sujeito está imerso, nas determinações sociais que o afetam, nas forças do poder que o pressionam.[81]

Parte dessa confusão brota do que Scruton chama de "feminismo kantiano" e este, por sua vez, parte da premissa de que somos fundamentalmente mais pessoa do que homem ou mulher. Basicamente, a pessoa humana, que é o conceito universal[82] ao qual devemos dirigir nossas investigações, independe da forma de seus órgãos genitais ou cromossomos. É a idéia defendida por Simone de Beauvoir quando alega que a mulher sempre fora tratada como alteridade em relação ao homem que é, este sim, e apenas ele, o ser universal. Essa idéia é atraente, mas está errada em três pontos fundamentais.

80 Martins Neto, et. al., *Gênero*, p. 9.
81 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 35.
82 Encontramos vestígios na obra de Butler já nas primeiras páginas, ao contestar a metafísica da substância (pp. 32–33).

O *primeiro erro* na concepção de gênero adotada pelas feministas diz respeito à tentativa de separar nossas impressões de qualquer materialidade do nosso corpo. Ainda que assumíssemos que "gênero" é diferente de "sexo" e passássemos a acolher esse termo como o conceito que explica os comportamentos distintos dos sexos, é completamente impossível que nossa condição biológica não interfira em nosso entendimento intencional. De qualquer forma, muito antes que existissem os estudos de gênero, homens e mulheres já haviam pré-estabelecido seus gêneros por influência e com base em seus sexos. Ou seja, ainda que sexo seja diferente de gênero, não há como sustentar que o primeiro não age sobre o segundo. "A capacidade do sexo de interferir em nossa experiência sexual", como explica Scruton, é tão evidente quanto o próprio sexo.

Muito além da intencionalidade de nos comportarmos de determinada forma, seja para reproduzir ou desconstruir o que é esperado de nosso gênero, está a força da natureza sexual de cada um de nós:

> Homens e mulheres diferem em sua aparência física e nas suas capacidades corporais. Eles se desenvolvem de acordo com um ritmo diferente, e parecem possuir diferentes aptidões intelectuais. Há lições a serem retiradas sobre a constituição genética de homens e mulheres a partir da observação de que eles são tão distintos socialmente. Homens e mulheres diferem em suas habilidades, em suas energias e na abordagem dos problemas práticos. Mas em nada eles diferem tanto como nas suas disposições e experiências sexuais. Pois as mulheres podem engravidar; e seus corpos têm um ritmo e um destino que são condicionados pelo fato do parto. Do ponto de vista genético, a distinção entre os sexos é uma característica profunda, determinada nas primeiras fases do desenvolvimento fetal por um mecanismo de cromossomos.[83]

Aliás, se a imensa maioria das feministas nega a ação divina, bem como a autoridade moral que provém dela, a transcendência e a eternidade da alma, ficam elas, necessariamente, restritas à matéria, ao materialismo ou ao naturalismo — ou seja, o que

83 Roger Scruton, *Desejo Sexual: uma investigação filosófica*. VIDE Editorial, 2016, pp. 357–358.

for de estrita ligação biológica. Dispensem-se os elementos metafísicos por um momento. Ao restringir-se à sociobiologia, se apenas leva-se em conta a parte animal do ser humano, serão as feministas forçadas a admitir o que Roger Scruton chama de "luta incansável do gene para se perpetuar"; e essa luta só pode acontecer sobre as premissas de macho e fêmea em cópula. Não existe humanidade e posteridade sem distinção de sexo, pois

> [...] a causa primordial da união sexual é favorecida pelo comportamento distinto do masculino e do feminino. O macho ajuda a seus genes na medida em que fecunda fêmeas, e garante que a sua própria prole tenha uma melhor chance de sobrevivência do que seus concorrentes. A fêmea perpetua seus genes na medida em que ela é fecundada, e é capaz de alimentar sua prole. [...] A disparidade entre as exigências genéticas do homem e da mulher está refletida também na estrutura do desejo masculino e feminino.[84]

Ao partir somente do processo biológico e social, já se verifica que o que as feministas chamam de "construção social", de "papel de gênero", é, na verdade, o comportamento sexual mais natural possível para nossa espécie. Essa força de uma identidade natural fica ainda mais evidente no momento em que se pergunta qual seria a finalidade direta do sexo: reproduzir. Ao ter relações sexuais, o ser humano revela a realidade física do seu corpo. Um homossexual só pode sê-lo ao ser homem, uma lésbica só pode se sentir lésbica ao perceber o mais evidente: que uma mulher encontrou-se com outra. Qualquer tentativa de definir uma feminilidade ou masculinidade que ignorem tantas verdades materiais verificáveis a olho nu é débil. É um tiro entre as pernas da identidade. É afirmar que estamos em nossos corpos, mas não somos nossos corpos nem temos a ver com eles.

> Precisamente as partes que distinguem os sexos assumem significado mais esmagador. Nossa percepção da base animal da nossa existência é, portanto, trespassada pelo nosso conhecimento da diferenciação sexual. Todas as nossas tentativas para elaborar ou diminuir a distinção, para

84 *Ibid.*, pp. 358–359.

dar-lhe identidade social e moral, para resgatá-la do estigma do "meramente animal", acabam confirmando o fato derradeiro: que nossa natureza como animais encarnados é revelada precisamente na fisiologia que nos divide. Na rendição final ao desejo, nós experimentamos nossa natureza encarnada; nós sabemos, então, a verdade do gênero: que, como criaturas encarnadas, somos inseparáveis do nosso sexo.[85]

Assim se desvenda *o segundo erro* da interpretação feminista do gênero, que não consegue aceitar que não apenas dispomos de corpo, mas somos o nosso corpo. É perceptível certa prudência em Scruton ao afirmar que homens e mulheres "*parecem* possuir diferentes aptidões intelectuais", e isso se justifica, provavelmente, na censura violenta dos movimentos feministas sobre os especialistas e cientistas que se debruçam em pesquisar tais diferenças de aptidão. É o que indicam as pesquisadoras Jo Durden-Smith e Diane de Simone, autoras da obra *Sex and the Brain*, publicada em 1983.

Um exemplo definitivo de como as feministas se comportam irracionalmente diante dessa questão aconteceu recentemente, quando Gloria Steinem concedeu uma entrevista e opinou sobre as pesquisas relacionadas aos cérebros masculinos e femininos. Ao ser questionada, a feminista respondeu:

> Olha, cada vez que acontece um avanço, acontece um retrocesso. Agora vemos outro retrocesso sobre o cérebro, as diferenças cerebrais, as diferenças de gênero com foco no cérebro. Mesmo se estiverem certos, não precisa continuar a ser assim. O que faz dos seres humanos a espécie sobrevivente por todo esse tempo é nossa capacidade de adaptação. A sociedade com certeza pode interferir culturalmente para mudar isso [diferenças inerentes].[86]

Aparentemente, novas pesquisas e descobertas científicas que de alguma forma atrapalham o movimento feminista não passam de retrocesso. Progresso só acontece se a ciência revelar algo compatível com as pautas revolucionárias. Fica claro que a disputa de gênero tem dois lados e que as feministas compõem o lado anticientífico:

85 *Ibid.*, p. 362.
86 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, p. 68.

> De um lado, há quem defende, sem comprovação científica alguma, a existência de identidades de gênero múltiplas e instáveis, decorrentes do livre-arbítrio ou de causas exclusivamente socioculturais. De outro, temos quem comprova cientificamente a existência de causas biológicas para uma identidade de gênero masculina ou feminina, sem excluir o livre-arbítrio ou fatores socioculturais, que, num segundo momento, agem como reforços positivos ou negativos.[87]

O *terceiro erro* é considerar que nossas concepções de gênero são falsas por serem artificiais ou culturalmente elaboradas. Elaborar culturalmente também é parte da natureza humana, ser humano é ser cultural. Se as concepções de gênero são artificiais, as concepções do que é ser "pessoa humana" também o são — e todas as demais concepções, afinal, só os seres humanos as têm; os animais não elaboram teorias e criações culturais. O gênero definido em duas partes e apenas duas, feminino e masculino, não deixa de ser real apenas por ser uma criação nossa. A distinção de gênero é tão natural quanto a facilidade com que diferenciamos uma "pessoa" de uma "coisa". A nossa dificuldade em interpretar a situação do hermafrodita só reforça essa certeza.

O fenômeno de definir o gênero masculino e feminino é universal; onde está a humanidade, lá estão também os papéis e comportamentos de cada gênero. A antropóloga norte-americana Margaret Mead, citada por Scruton quanto à sua obra *Male and Female*, publicada em 1950, demonstrou que não existiu "nenhuma cultura que tenha dito [...] que não existe diferença entre homens e mulheres" e reforçou que "em todas as sociedades conhecidas, a humanidade tem elaborado a divisão biológica de trabalho".

> A distinção entre homem e mulher é uma distinção de esfera, de atividade, de papel e de respostas; é também uma distinção dentro da esfera do desejo. Nós podemos lutar contra essas distinções; podemos querer remodelá-las, ou mesmo destruí-las completamente. Mas elas existem.[88]

87 Martins Neto, *Gênero*, p. 67.
88 Roger Scruton, *Desejo sexual*, p. 367.

Com isso em vista, a verdadeira arbitrariedade é iniciar uma guerra ideológica a fim de destruir os conceitos que foram tão naturalmente estabelecidos. Em suma, a verdadeira tirania é chamar de artificial e antinatural o que tão naturalmente se fez e chamar de liberdade o que precisou ser engenhosamente introduzido na sociedade para ser minimamente aceito. Para o filósofo brasileiro Olavo de Carvalho, a ideologia de gênero é o assalto mais "violento à integridade da psique humana" registrado na história. Ele recorda que nenhum tirano teve o poder de controle da psique de outrem que os usuários dessa ideologia desejam alcançar. Explico: se qualquer ser humano frustrado com seus próprios desejos sexuais pode nos obrigar a vê-lo como deseja ser visto e não como é — como biologicamente é —, significa que o Estado [a lei ou a sociedade] conferiram a ele o domínio total sobre nossa percepção e opinião pessoal, ou seja, o controle da psique alheia.

> Obrigar um ser humano a fingir que enxerga uma mulher quando está de fato enxergando um homem, ou vice-versa, é a mais requintada violência psicológica que se pode imaginar. É destruir a confiança instintiva que ele tem no seu aparato de percepção, é assassinar a sua psique, é negar e suprimir a sua identidade, é reduzi-lo a mero instrumento dos desejos de um outro. É rebaixá-lo a uma condição inferior à do escravo, que, forçado à obediência exterior, conserva a sua liberdade de perceber, sentir e pensar. Um legislador tem de ser infinitamente perverso para desejar impor isso como obrigação legal.[89]

Além de toda confusão mental introduzida pelos (des)estudos de gênero, uma nova e violenta forma de reafirmar identidades vem se estabelecendo. Até pouco tempo, cada pessoa contentava-se em se fazer representar por suas roupas ou suas convicções. Ao começarem uma guerra do corpo contra o sexo, os ideólogos feministas do gênero conduziram os jovens a agir contra sua forma corpórea, adulterando-a e mutilando-a. Se aqui for comum que os rapazes tenham cabelos curtos, eles

89 Olavo de Carvalho. Disponível em: https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2017/11/24/23-11-2017/.

o deixam crescer por rebeldia. Se acolá é comum que estejam compridos, cortam-lhes.

Convencidos de que as roupas têm um peso opressor que precisa ser violado, a juventude passa a depender apenas da forma de seus corpos para comunicar o seu gênero ou qualquer outra mensagem. Como conseqüência direta, mostram o corpo demais e, na mesma proporção, fazem um uso forçado dele: musculação, dieta, plástica ou qualquer sacrifício estético ao alcance. As moças criam antipatia pelos seios fartos que naturalmente aparecerão, porque não se sentem fêmeas ou mães para amamentar, porque consideram o corpo uma prisão e não a manifestação de si mesmas. Outras os exibem insistentemente, crendo que as roupas já não bastam para mostrar toda a sua essência de fêmea. Em suma, estamos desacreditados, subestimamos o símbolo de nossas vestimentas, enquanto os especialistas da moda o superestimam, criando modelos cada vez mais andróginos.

É verdade que nem todas as mulheres têm as mesmas pretensões, as mesmas predileções ou a mesma vocação. E essa incômoda verdade serve para nós, que pretendemos distinguir o masculino do feminino, tanto quanto para as feministas, que pretendem representar todas as mulheres. Não é possível, a fim de que seja evitada a tirania do espírito, que homens e mulheres sejam postos em compartimentos hermeticamente fechados e separados, nos quais estivessem dadas de antemão as qualidades de um como de outro. Por outro lado, é completamente inaceitável deixar de reconhecer a complementaridade genérica e universal entre o macho e a fêmea da espécie humana. Nada afirma mais nossa identidade individual do que aquilo que nos difere de nossos irmãos, pais ou amigos. Do mesmo modo, nada afirma mais a feminilidade do que aquilo que a difere do masculino, e vice-versa. Fabrice Hadjadj resume isso ao afirmar que o homem é mais homem quando está diante de uma mulher. O contraste não é apenas um símbolo da distinção, mas é a própria distinção. Essa distinção se manifesta biologicamente, inevitavelmente pelo sexo e diretamente na psicologia e na agência social.

Conservador que é, Scruton prefere partir daquilo que está dado como certo, daquilo que é natural e aparente, para afirmar que homem e mulher, juntos, compreendem dois lados de uma moeda: "Interno e externo, público e privado, passivo e ativo, e mesmo subjetivo e objetivo". Melhor que isso, resume[90] a vida social e íntima do casal em um excerto perfeito: "A energia liberada quando o homem e a mulher se unem [na relação sexual] é proporcional à distinção que os divide quando estão separados".

A profundidade dos sexos

Teu corpo de mulher
mergulha mais fundo que os poços.
— Guillevic, *Du Domaine*, 1977.

Em 13 de maio de 2011, o Papa Bento XVI discursou por ocasião do 30º aniversário do Instituto Pontifício João Paulo II. Lembrando de um episódio da época de Michelangelo, contou:

> Paolo Veronèse foi convocado pela Inquisição, acusado de ter pintado figuras inapropriadas em torno da Última Ceia. O pintor respondeu que na Capela Sistina também os corpos eram representados nus, de forma pouco respeitosa. Foi justamente o inquisidor que tomou a defesa de Michelangelo com uma resposta que ficou célebre: "Não vês que não há nada nessas figuras que não seja do espírito?".

Eis minha angústia em relação ao discurso feminista sobre os corpos, "direito ao prazer", "direito sexual" e ideologia de gênero: não vêem elas que o corpo é do espírito? E o espírito é do corpo? O corpo não é uma prisão para o espírito, a "carne" que faz contradição ao "espírito" não é a nossa estrutura física, cheia de vida, de terminações nervosas, de pulsação. A alma não é nossa pura fonte de luz e o corpo apenas maldade, trevas e vício. Nenhum homem pode estar preso em um corpo de mulher, porque ele mesmo é seu próprio corpo. Não existe forma

90 Roger Scruton, *Desejo sexual: uma investigação filosófica*. VIDE Editorial, 2016, p. 372.

de libertar-se do corpo sem, ao mesmo tempo, ver-se despojado de si mesmo. Abandonar o corpo é morrer.

"A matéria do homem é cheia de espírito; e seu sexo, longe de ser um resquício bestial, é uma espécie de relicário exorbitante".[91] Em síntese: natureza, corpo e sexo é o que somos. Profunda e irremediavelmente quem somos. Essa é a principal certeza que temos ao terminar a leitura da obra *A profundidade dos sexos* do professor e filósofo francês Fabrice Hadjadj: nosso sexo é mais profundo do que qualquer determinação biológica. Nosso sexo não é resolutivo somente quanto a nossa forma de reproduzir e ter prazer, nosso corpo não define apenas nossa forma, ele é constitutivo fundante na nossa identidade, é unha e carne com nossa alma. Bonnewijn parece completar esse raciocínio com perfeição ao lembrar da definição filosófica de "natureza" mais bem aceita pela Igreja:

> "Natureza", de fato, vem de "nascer" (nasci) em latim. Ela designa aquilo com o que nasce um ser, isto é, suas propriedades originais e fundamentais, suas características mais íntimas e mais constitutivas, sua própria essência, seu princípio de operação específico. Ora, a natureza humana, diferentemente da natureza animal, é plena de espírito. [...] Ela é indissociavelmente carnal e espiritual, numa alquimia misteriosa que não parou de ser interrogada durante séculos. A natureza humana não é nem um pouco redutível à pura "extensão", no sentido cartesiano do termo [...] O mesmo se dá no que tange ao sexo humano. Longe de ser um "resíduo bestial", ele traz em si uma significação humana.[92]

Não é uma questão de dissertar sobre a diferença entre os sexos. Mais urgente que isso é reforçar que existe uma profundidade identitária nele. Chegamos ao ponto em que é preciso defender o óbvio acerca da profundidade dos sexos. O sexo do bebê é definido no mesmo instante em que se define que haverá um bebê. No mesmo ato de concepção de um ser humano, concebe-se seu sexo (macho ou fêmea) ou, em raros casos, seus problemas de definição (hermafroditismo). Se o sexo do

91 Hadjadj, *A profundidade dos sexos*, p. 14.
92 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, pp. 32–33.

ser humano será claramente macho ou fêmea, há uma definição imediata, inerente ao ato de conceber, de fazer surgir uma vida.

Para Hadjadj, os ideólogos de gênero se parecem com um novo modelo de gnosticismo, pois respondem à mesma estrutura de pensamento que trata o corpo como o mal e que despreza a matéria corpórea:

> Esse dualismo gnóstico transparecia em nossa concepção antagonista da natureza e da liberdade. A natureza é concebida como determinismo biológico: a liberdade, como saída de toda determinação. Esta se apresenta como adversária daquela: uma força de antinatureza, uma faculdade de se refabricar a si mesmo [...] Os determinismos naturais devem dar lugar às maquinações da nossa vontade.[93]

Não se conformam que suas vontades não consigam modificar imediatamente seu corpo e sexo, e por isso mesmo, concluem que a natureza só pode ser má e a vontade, boa. A divindade do ideólogo de gênero é seu próprio ego, seus caprichos e suas vontades.

> Não procuramos mais fazer a vontade de um deus, mas procuramos crer que nossa vontade é divina, melhor que este mundo, centelha do além escondida sob suas cinzas. Ela se torna a medida de nossa existência [...] uma gravidez imprevista [natural], por exemplo, não pode ser maior que minha vontade, não poderia ser um acontecimento que a eleva [...] pouco importa [precisamente porque o natural ou biológico não importam]. Eu quero querer. Prostro-me diante desse ídolo de minha vontade, que em meu sonho é soberana. Ela é a boa divindade.[94]

A propaganda desse comportamento irresponsável — onde a vontade impera sobre a natureza — não encontrou respaldo nas investigações científicas. O termo "gênero" foi apresentado pelo psicólogo John Money na década de 1950. Ele empreendeu uma experiência totalmente fracassada. Depois dele, inúmeros experimentos foram realizados para testar a teoria.

93 Hadjadj, *A profundidade dos sexos*, p. 41.
94 Ibid., p. 42.

> O Dr. Trond Diseth, psiquiatra infantil do Hospital Nacional de Oslo, na Noruega, na década de 1990, tratou o caso de uma criança intersexual chamada Vitória. Todo ano, na Noruega, de dez a quinze crianças nascem com a genitália malformada e gênero indefinido [...] na década de 1990, a base teórica para o tratamento de intersexualidade eram os estudos de gênero de Money [...] Aos nove meses de idade, Vitória foi operada para se tornar uma menina. Com três anos, foi adotada, levada para a Noruega e criada como menina. O tratamento, porém, não teve o êxito desejado. Vitória só queria brincar com meninos e recusava roupas femininas [...] Vitória era visivelmente um menino, mas o protocolo pedia para manter essa condição em segredo e remover tudo o que havia nela de masculino. Havia outras crianças na mesma situação de Vitória. Muitos meninos transformados, cirúrgica e psiquicamente, em meninas ficavam deprimidos até desenvolverem comportamentos suicidas, alguns deles chegando de fato a suicidar-se. Com dezesseis anos, Vitória questionou novamente Diseth sobre a própria identidade. Diseth contou-lhe a verdade, e Vitória resolveu ser homem [apesar de ter sido criada como mulher]. Com base no caso de Vítor e de muitos outros casos, os médicos noruegueses abandonaram as hipóteses de Money. Hoje se colhem amostras celulares dos nascidos com gênero indefinido, para saber se, durante a formação fetal, independente de malformações genitais, o cérebro foi estimulado predominantemente por hormônios masculinos ou femininos.[95]

A teoria de Money não provava seu valor em casos práticos. Até mesmo nos casos onde a aparência física das genitais sugere que a criança seja neutra em relação ao seu sexo [hermafroditismo ou intersexualidade] é preciso recorrer à biologia para identificar a tendência natural da pessoa, se será e se sentirá um homem ou uma mulher. O Dr. Diseth, responsável pelo caso de Vítor/Vitória descobriu que existem diferenças de gênero mesmo em bebês com menos de 1 ano de vida. Em um de seus testes, ele espalhava brinquedos masculinos, femininos e neutros em um espaço de acesso aos bebês pesquisados. O resultado indicou que "meninos com nove meses de idade escolhem brinquedos masculinos; meninas, brinquedos femininos",[96] e, pela pouca idade das crianças, não se

95 Martins Neto, *Gênero*, p. 68.
96 *Ibid.*, p. 70.

pode dizer que isso é culpa de uma determinada criação patriarcal.

Dr. Baron-Cohen, autor do livro *Diferença essencial: a verdade sobre o cérebro de homens e mulheres*, também realizou pesquisas com bebês e verificou comportamentos diferentes dependendo da quantidade de hormônios que uma criança recebeu ou produziu. Ele descobriu que "quanto mais alto é o nível de testosterona no feto, tanto mais lento é o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento social do bebê". A informação clínica do Dr. Baron-Cohen nada mais é do que a confirmação do senso comum: mulheres falam mais do que homens, mulheres preferem socializar mais, mulheres preferem trabalhar com pessoas e homens com máquinas, etc.

> Crianças com mais testosterona tinham menos empatia, menor capacidade de reconhecer emoções e sentimentos alheios, menor predisposição a adotar a perspectiva alheia, mais interesse em sistemas, maior capacidade em compreender o funcionamento das coisas. Então, pelos níveis hormonais é possível prever o padrão de interesses, tendências e comportamentos.[97]

Esses são apenas alguns exemplos de incontáveis pesquisas realizadas no sentido de provar a relevância da biologia no comportamento masculino e feminino. Nada disso parece estancar a sanha feminista. Ademais, o grande problema da ideologia de gênero, além do seu caráter anticientífico, parece ser o seu alcance anormal, a sua difusão epidêmica, a forma violentamente sutil com que toma a mente das pessoas. Não parece existir outra ideologia que tão rapidamente, em escala global, tenha conseguido convencer as pessoas de que são o que não são, ou que podem ser algo diferente de si mesmas. Foi precisamente isso o que aconteceu com a família Reimer quando entrou em contato com a ideologia de gênero na década de 1960.

Ideologia de gênero e a família Reimer

Diz-se que, para entender a natureza de uma teoria, importa voltar às suas raízes e primeiros pilares ou verificá-la empiricamente. Desse modo, depois de ter apresentado produções

97 *Ibid.*, p. 71.

bibliográficas de importantes defensores dessa nefasta ideologia e argumentos de contraponto, atento para um experimento definitivo e, junto dele, uma obra determinante acerca da sexualidade no século XX. Falo do livro do já mencionado psicólogo John William Money (1921–2006), *Homem & mulher, menino & menina*, publicado em 1972. Outra importante obra do mesmo autor foi publicada em 1974, esta com tradução para o português: *Os papéis sexuais*.[98]

Na intenção de demonstrar cabalmente a íntima relação entre identidade e sexo biológico, convém lembrar que este famoso caso de John Money e dos gêmeos canadenses na década de 1960 está no cerne da questão. O trágico episódio de David Reimer foi divulgado como um estudo denominado "João/Joana", encabeçado pelo psicólogo responsável, John Money, e foi desmentido e desmascarado tardiamente. Noticiado no Brasil em 2010 pelo jornal *G1* através de uma tradução de matéria do *Serviço Mundial da BBC*,[99] é um dos experimentos mais completos em demonstrar o perigo da ideologia de gênero e de sua aplicação indiscriminada nas crianças em idade escolar:

> Bruce foi acometido de uma depressão incurável e foi abandonado pela mulher. Seu pai tornou-se um alcoólatra; seu irmão, um drogado que terminou por se matar. Aos 38 anos, David, em 2004, matou-se com um tiro na cabeça. Este foi o "lindo" experimento de Money.[100]

Essa história começou em 22 de agosto de 1965, quando nasceram os irmãos da família Reimer: Bruce e Brian. Gêmeos saudáveis, os dois meninos vieram ao mundo em Winnipeg, Manitoba, no Canadá. Tudo transcorria normalmente até que, no início de 1966, os meninos começaram a ter dificuldades para urinar. Preocupados com a situação e o diagnóstico de fimose, os pais, Janet e Jon, prontamente levaram Brian para um procedimento cirúrgico conhecido como circuncisão. A operação aconteceu por um método não convencional de

98 Originalmente intitulado *Sexual Signatures: on being a man or a woman.*
99 bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101123_gemeos_mudanca_sexo.
100 Artigo do Pe. José Eduardo de Oliveira e Silva: "Perspectiva histórica das questões de gênero", em *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade*, p. 34.

cauterização em 27 de abril de 1966. A agulha cauterizadora era um equipamento elétrico e por causa de uma súbita corrente elétrica acabou queimando o pênis do ainda bebê Brian: "O calor literalmente cozinhou o pênis do bebê. Impossibilitado de cicatrizar, o pênis secou e em poucos dias caiu completamente",[101] diante da tragédia, a cirurgia do irmão Bruce foi suspensa e a fimose logo desapareceu sozinha.

Diante da situação do filho — com o órgão sexual mutilado — e desesperados com as perspectivas de futuro da criança, Janet e Jon procuraram o psicólogo John William Money, da Johns Hopkins University, em Baltimore. Money estava ganhando fama como pioneiro em pesquisas[102] sobre desenvolvimento sexual e identidade de gênero. O psicólogo defendia uma suposta neutralidade de gênero justificando que a identidade de "homem" ou "mulher" é aprendida socialmente desde a mais tenra infância e pode ser modificada ou determinada através de intervenções comportamentais. Até aquela data, Money tinha tentado demonstrar sua tese com cobaias que apresentavam distúrbios hormonais e defeitos congênitos.

> Os pais de Brian [...] não sabiam, mas Money — um psicólogo nascido na Nova Zelândia no seio de uma família regida por rígidos preceitos protestantes — era conhecido como uma espécie de guru da sexualidade e preconizava comportamentos sexuais ousados, embora compatíveis com o espírito da época nos Estados Unidos, quando vigorava o protesto contra o Vietnã, o movimento hippie questionava tradições culturais arraigadas e o movimento feminista explodia com grande radicalidade. Money defendia os casamentos "abertos", nos quais os cônjuges poderiam ter amantes com consentimento mútuo; estimulava o sexo grupal e bissexual, além de, em

101 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 82.

102 "Em um acompanhamento com 131 pessoas intersexuais, se concluiu que todos nascemos neutros quanto ao sexo psicológico [gênero] e que formamos nosso conceito de feminino e masculino a partir da forma como somos criados. Assim, nesses casos especiais, o protocolo passou a ser a redefinição de um sexo, independentemente de qual fosse a genética da criança, por meio de intervenção cirúrgica e tratamento hormonal". Martins Neto, *Gênero*, p. 46.

> momentos mais extremados, parecer tolerar o incesto e a pedofilia.[103]

Janet, mãe de Bruce e Brian, conta que viu o Dr. Money pela primeira vez em um programa de televisão. Dr. Money afirmava que os bebês nasciam neutros e poderiam ser educados para a construção de uma identidade de gênero distinta da natureza de seu sexo. Os pais assistiram e se inspiraram nesse programa televisivo que trazia o Dr. Money e um transexual adulto — um homem que se tornara mulher e aparentava estar satisfeito com sua condição. O discurso era carismático e convincente, principalmente para uma mãe com um filho naquelas condições. O casal Reimer procurou o especialista que, certamente, viu naquela criança inocente um empreendimento ideológico e um negócio de sucesso. A criança estava mutilada e tinha um irmão gêmeo idêntico; se John Money conseguisse transformar Brian em uma mulher, convenceria a muitos da irrelevância da biologia e do sexo natural no comportamento humano e restaria aparentemente comprovada sua teoria de neutralidade de gênero.[104]

Desde 1966, clínicas de identidade sexual abriam oficialmente suas portas. A primeira delas foi no hospital Johns Hopkins em Baltimore e contou com a participação do Dr. Money, conforme ele mesmo relata em seu livro *Os papéis sexuais*:

> Ali, e numa dúzia de outras clínicas que desde então se estabeleceram, especialistas de diferentes campos — psicologia, psiquiatria, sociologia, genética, endocrinologia, embriologia e cirurgia — se reuniram numa equipe de tal maneira que a força total da ciência moderna pudesse estar empenhada nos problemas e na pesquisa da diferenciação sexual. No

103 Sérgio Telles, "Psicanálise em debate: O caso de David Reimer e a questão da identidade de gênero". *Psychiatry on line Brasil, Part of The International Journal of Psychiatry*, junho de 2004, vol. 9, nº 6. www.polbr.med.br/ano04/psi0604.php Consultado em 24/12/2017.

104 "Não havia, até então, nenhum caso de pessoa 'normal' (no sentido estatístico do termo, isto é, representativa da maioria da população) que tivesse sido submetida a um procedimento de redefinição sexual. Assim, o caso de Bruce Reimer oferecia a possibilidade perfeita para Money testar sua hipótese de neutralidade sexual ao nascer. Não apenas um menino [...] como havia um irmão gêmeo idêntico". Martins Neto, *Gênero*, p. 48.

hospital Hopkins existe a Clínica de Identidade Sexual onde são tratados travestis e transexuais, e a Unidade de Pesquisa Psico-Hormonal. Os pacientes examinados nessa unidade são crianças com defeitos nos órgãos sexuais, pessoas homossexuais, bem como transexuais e travestis, inclusive os que estão sendo tratados na Clínica de Identidade Sexual.[105]

Nessa clínica, os casos eram agrupados em pares por semelhanças para fins de conferência e comparação.[106] Os pacientes observados tinham desajustes hormonais e distúrbios dessa natureza, o que facilitava que se comportassem como o sexo oposto quando ensinados ou tratados nesse sentido. Money descreveu: "Há no arquivo mais de trinta pares — cada par formado de um menino e uma menina, ou um homem e uma mulher, mais ou menos da mesma idade, que eram sexualmente parecidos ao nascer".[107]

Nesse cenário, o caso de irmãos gêmeos sob tratamento era uma preciosidade. Dr. Money confirmou aos pais de Brian que transformá-lo numa menina era uma boa alternativa. Passaria a se chamar "Brenda" após a cirurgia. Conforme Telles, "Money tinha anteriormente colaborado nos procedimentos pioneiros de realinhamento sexual (*sex reassignment*) em crianças com hermafroditismo. Brian foi a primeira criança nascida normalmente (com definição sexual masculina) a ser submetida a esse processo". A partir daquele momento, o menino Brian passou a ser criado como uma menina sob a supervisão e cumplicidade dos pais e do psicólogo. Dr. Money descreveu o processo:

> Os recursos profissionais do hospital Johns Hopkins e as clínicas especialistas foram prontamente mobilizadas para avaliar as alternativas possíveis [...] uma vez que a criança mal tinha começado a falar quando os pais se decidiram pela reformulação, havia uma excelente probabilidade da

105 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 17.

106 Citação completa: "em Johns Hopkins há no arquivo mais de trinta [...] que eram sexualmente parecidos ao nascer. Eles não são parentes, eles não se conhecem e não vieram a Johns Hopkins ao mesmo tempo; estão agrupados em pares apenas nos arquivos da Unidade de Pesquisa Psico-hormonal. Alguns tiveram todo e qualquer reparo cirúrgico e terapia hormonal que necessitaram enquanto meninos ou meninas desde a hora em que nasceram".

107 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 20.

> identidade sexual não estar ainda muito diferenciada na direção masculina. Isso era encorajador [...] os cirurgiões poderiam remover os testículos e modelar órgãos genitais externos femininos imediatamente. Quando chegasse aos onze ou doze anos ela poderia tomar hormônios femininos que feminizariam seu corpo normalmente para o resto da vida [...] embora não sejam possuidores de muita cultura, os pais dos gêmeos são pessoas inteligentes, excepcionalmente sensíveis. Captaram imediatamente o risco de um adiamento ou de reservas mentais em relação ao sexo da criança, por mais ocultas que fossem. Com as alternativas assim apresentadas, eles reconfirmaram sua decisão de reformular o sexo: a criança seria uma menina. Haviam chegado à conclusão de optarem, ainda que lhes fosse extremamente difícil, pela castração. O histórico subseqüente da menina prova como os três conseguiram ajustar-se bem a situação.[108]

A única testemunha, o irmão Bruce, era pequeno demais para compreender ou lembrar-se do que acontecia. Muito tardiamente, descobriu-se que os pais levavam os irmãos para sessões de "psicoterapia" com o Dr. Money e que o que se passava lá não era exatamente ético:

> [...] segundo consta, tais sessões foram profundamente traumáticas para ambas as crianças. Nelas, possivelmente num esforço de estabelecer as diferenças de comportamento sexual entre homem e mulher, Money lhes mostrava fotos sexuais explícitas e teria feito as crianças encenarem posições de coito. Esta última afirmação é rebatida por defensores de Money, que a vêem como produto de "falsas memórias" por parte das crianças. Esses defensores alegam que toda a conduta de Money deve ser entendida no contexto cultural e médico da época, já que — na ocasião — as técnicas de reconstrução artificial do pênis eram inexistentes ou rudimentares.[109]

Além disso, Money constrangia[110] os gêmeos insistindo nas diferenças anatômicas entre eles, pedindo, inclusive, que tocassem nas genitais um do outro. Recomendou que fossem a praias

108 *Ibid.*, pp. 82–84.

109 Sérgio Telles, *Psicanálise em debate: O caso de David Reimer e a questão da identidade de gênero.*

110 Martins Neto, *Gênero*, p. 54.

de nudismo, que os pais andassem pelados pela casa e tivessem relações sexuais na frente das crianças. Os pais não aceitaram fazer sexo diante dos filhos, mas a mãe acabou cedendo e andava nua pela casa.

A parte aparentemente agradável do experimento foi publicada e explorada midiaticamente inúmeras vezes durante a década de 1970 pelo Dr. Money. Em seu livro *Os papéis sexuais*,[111] o caso também aparece. Ele divulgava que Brenda, com apenas cinco anos, já havia se tornado uma doce menininha. A fama de John Money só fazia crescer. A revista *Time* dedicou uma extensa matéria ao psicólogo. Sobre os gêmeos, Money chegou a incluir um capítulo no livro *Man & Woman, Boy & Girl*.[112]

Money explica[113] que sua introdução no tema "psicologia do hermafroditismo" esteve relacionada ao contato estabelecido com o Dr. Lawson Wilkins, que se fazia o primeiro endocrinologista pediátrico do mundo. Tendo ingressado na clínica de Wilkins no início da década de 1950, Money teve acesso a pesquisas de tratamento para transtornos sexuais congênitos e pretendeu se tornar um pediatra psicoendocrinologista. Há indícios de que Money estava mais preocupado com o sucesso no desenvolvimento de uma teoria inédita do que propriamente em ajudar pessoas com problemas sexuais.

> Referia-se a esses pacientes como "experimentos da natureza" que permitiam concluir que, no debate entre natureza ou ambiente (criação) para desenvolver o papel sexual, vencia a forma de educar. Assim, a partir do trabalho feito com essas pessoas, ele generalizou a teoria da neutralidade psicossexual no nascimento para todas as crianças.[114]

111 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 18 em diante.

112 John Money e Anke A. Ehrhardt, *Man & woman, boy & girl: the differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1972.

113 "*The history of Man & Woman, Boy & Girl* (M&W, B&G) dates from 1950 when, as a Harvard graduate student, I began a dissertation on the psychology of hermaphroditism and established contact at Johns Hopkins with Lawson Wilkins, the world's first pediatric endocrinologist. In 1951 I joined his clinic, renowned as a center for the treatment of congenital sexual disorders, to become the first pediatric psychoendocrinologist. Hermaphroditism continued to be a special research challenge [...]".

114 Martins Neto, *Gênero*, p. 47.

Money alardeou em toda a mídia ser o criador da expressão *papel de gênero*[115] que, depois, veio a separar-se da *identidade de gênero*. Em uma de suas entrevistas, definiu papel de gênero[116] como: "Todas as formas, genitais ou não genitais, nas quais a masculinidade e a feminilidade são vivenciadas e manifestadas publicamente, independentemente do órgão genital". Em seu livro publicado em 1975, Money distinguiu identidade de papel sexual:

> Identidade sexual é o seu senso de si mesmo como homem ou mulher. O papel sexual é tudo que expressa esse senso [...] O papel sexual inclui tudo que você pensa e sente, tudo que você diz e faz que indique — a você próprio e aos outros — que é homem ou mulher. [...] A sua identidade sexual é experiência interna do seu papel sexual; o seu papel sexual é a expressão da sua identidade sexual.

Antes de Money publicar sua "pesquisa", a socióloga e antropóloga Margaret Mead (1901–1978) já havia escrito *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*. Em 1930, publicou *Crescendo na Nova Guiné* e, em 1935, *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. Em síntese, Margaret apontava que as noções de masculinidade e feminilidade diferiam de cultura para cultura e lançava novos fundamentos para a revolução sexual feminista. Burrhus F. Skinner (1904–1990), conhecido como cientista do comportamento e do aprendizado, foi um grande mentor do behaviorismo, também ajudou a pavimentar a estrada por onde John Money caminharia ao publicar *Man & Woman, Boy & Girl*. Esse corpo de trabalhos acadêmicos aumentava a credibilidade daqueles que pretendiam provar que o ser humano é totalmente flexível ou maleável conforme o meio e a educação que recebe.

Em seu livro, Money fez uso de diferentes síndromes clínicas[117] para pesquisar e analisar a influência do sexo natural,

115 John Money, *Hermaphroditism. Gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings*.

116 Tradução livre.

117 Um dos mais importantes casos envolve um grupo de meninas que sofrem de "síndrome adrenogenital", causada por um defeito genético que gera uma overdose de andrógenos — hormônios masculinos. Essas meninas apresentam

genético, hormonal, também da anatomia genital interna e externa na relação com a educação sobre o resultado de uma identidade "masculina" ou "feminina". O diferencial da obra de Money foi inaugurar uma pesquisa sexual que não se baseasse nos determinismos do comportamento sexual reprodutivo, mas na diferenciação de masculino e feminino — e andrógino — além da biologia. Pretendia superar o discurso médico e biológico. Arrogava ter produzido uma análise de conteúdos mapeando da genética até a distribuição pré-natal dos hormônios, a criação, a socialização, a diversidade transcultural e da adolescência até a maturidade. A partir de 1972, Money passou a escrever revisões e capítulos de livros didáticos sobre "identidade de gênero", entre eles: *O desenvolvimento da sexualidade e do erotismo na humanidade*.

> Em 1955, de fato o termo *gênero* foi utilizado por esse médico [John Money] para designar uma patologia: um indivíduo se sente do gênero feminino e se comporta como tal, apesar de ser geneticamente do gênero masculino. Nesse caso, o indivíduo é claramente do sexo masculino. Mas e quanto aos indivíduos hermafroditas cujos órgãos genitais são ambivalentes? E quanto aos indivíduos intersexuais que se submetem a operações quando jovens e se vêem como "consignados" a um sexo por seus pais? Nesses casos dolorosos, o gênero masculino ou feminino não é nem um pouco percebido como coincidente com o sexo [...] Ao se afastar do ponto de vista clínico, algumas feministas se apropriaram dessa distinção entre sexo e gênero [...] Várias feministas militantes se engajaram nessa direção.[118]

O alarde e as pretensões em torno do trabalho de Money com "identidade de gênero" foram expansivos. Ele usava — entre seus vários "estudos de caso" ou "observações clínicas" — o experimento aplicado na família Reimer. Acontece que, contrariamente ao gosto e ao discurso de Money, o experimento de "mudança de identidade de gênero" dos gêmeos foi um fracasso.

Entre suas teorias quanto à maneira como uma identidade masculina ou feminina é criada, Money afirmava que a

um clitóris alargado e outras anomalias em seus órgãos reprodutivos. Em muitos casos, o tratamento hormonal e a cirurgia podem corrigir esses erros.

118 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, pp. 27-28.

sensação de que *"um menino ou uma menina serão um homem ou uma mulher"* é fixada no início da vida. Acreditava e defendia que, se eventualmente houvesse alguma estranheza nos órgãos genitais, como acontecera com Brian Reimer, uma criança de um sexo poderia ser criada como se fosse de outro. Para Money, seria errado supor que a identidade sexual fosse inata. Ele escreveu que *"a interação entre sua predisposição inata para determinado sexo e os sinais que você recebeu nesse sentido em seus primeiros anos de vida"*[119] é que definiriam sua identificação como homem ou mulher.

No arquivo de matérias do *New York Times*, vemos que, em 25 de fevereiro de 1973, o jornal publicou excertos e um breve resumo sobre a obra de Money. Em uma tradução livre,[120] a obra defendia que se um menino fosse criado como se menina fosse, ele cresceria desejando aquilo que tradicionalmente corresponde ao universo feminino. Essa criança veria seu órgão sexual masculino como um erro ou constrangimento a ser removido ou escondido. Nisso, endossa o movimento feminista, que acusa a sociedade de incutir tão profundamente as noções de gênero que ninguém escapa da criação e cultura que recebe.

Daí decorreria, segundo ele, que seria mais fácil, após certa idade, mudar a criança fisicamente através de cirurgia e tratamento hormonal do que mudar sua mentalidade — identidade de gênero. Mas não foi nada disso que aconteceu com o pequeno Brian, agora chamado "Brenda" por recomendação do psicólogo. Nessa época, o pequeno Brian/Brenda tinha pouco mais de cinco anos e seu caso ainda figurava entre os modelos

119 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 80.

120 "That is to say, if you tell a boy he is a girl, and raise him as one, he will want to do feminine things. In most cases, rather than suspecting that he is a boy, he will see his penis as an embarrassment, and want to be repaired to physically fit his view of himself as a girl. It is just as the women's movement says: The need to conform to what we are told is the proper behavior for our sex is so deep seated as to be virtually irradicable once it is established. So which is it hormones or upbringing? Money insists most emphatically that it is both. Left to themselves, boys and girls, men and women, will tend in some ways to behave differently. But although a culture probably cannot override these distinctions entirely, it can reinforce them. Or society can play down behavioral distinctions between men and women, moving us toward the unisex". Disponível em: http://www.nytimes.com/1973/02/25/archives/man-and-woman-boy-and-girl-by-john-money-and-anke-a-ehrhardt.html.

genético, hormonal, também da anatomia genital interna e externa na relação com a educação sobre o resultado de uma identidade "masculina" ou "feminina". O diferencial da obra de Money foi inaugurar uma pesquisa sexual que não se baseasse nos determinismos do comportamento sexual reprodutivo, mas na diferenciação de masculino e feminino — e andrógino — além da biologia. Pretendia superar o discurso médico e biológico. Arrogava ter produzido uma análise de conteúdos mapeando da genética até a distribuição pré-natal dos hormônios, a criação, a socialização, a diversidade transcultural e da adolescência até a maturidade. A partir de 1972, Money passou a escrever revisões e capítulos de livros didáticos sobre "identidade de gênero", entre eles: *O desenvolvimento da sexualidade e do erotismo na humanidade*.

> Em 1955, de fato o termo *gênero* foi utilizado por esse médico [John Money] para designar uma patologia: um indivíduo se sente do gênero feminino e se comporta como tal, apesar de ser geneticamente do gênero masculino. Nesse caso, o indivíduo é claramente do sexo masculino. Mas e quanto aos indivíduos hermafroditas cujos órgãos genitais são ambivalentes? E quanto aos indivíduos intersexuais que se submetem a operações quando jovens e se vêem como "consignados" a um sexo por seus pais? Nesses casos dolorosos, o gênero masculino ou feminino não é nem um pouco percebido como coincidente com o sexo [...] Ao se afastar do ponto de vista clínico, algumas feministas se apropriaram dessa distinção entre sexo e gênero [...] Várias feministas militantes se engajaram nessa direção.[118]

O alarde e as pretensões em torno do trabalho de Money com "identidade de gênero" foram expansivos. Ele usava — entre seus vários "estudos de caso" ou "observações clínicas" — o experimento aplicado na família Reimer. Acontece que, contrariamente ao gosto e ao discurso de Money, o experimento de "mudança de identidade de gênero" dos gêmeos foi um fracasso.

Entre suas teorias quanto à maneira como uma identidade masculina ou feminina é criada, Money afirmava que a

um clitóris alargado e outras anomalias em seus órgãos reprodutivos. Em muitos casos, o tratamento hormonal e a cirurgia podem corrigir esses erros.

118 Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, pp. 27–28.

sensação de que *"um menino ou uma menina serão um homem ou uma mulher"* é fixada no início da vida. Acreditava e defendia que, se eventualmente houvesse alguma estranheza nos órgãos genitais, como acontecera com Brian Reimer, uma criança de um sexo poderia ser criada como se fosse de outro. Para Money, seria errado supor que a identidade sexual fosse inata. Ele escreveu que *"a interação entre sua predisposição inata para determinado sexo e os sinais que você recebeu nesse sentido em seus primeiros anos de vida"*[119] é que definiriam sua identificação como homem ou mulher.

No arquivo de matérias do *New York Times*, vemos que, em 25 de fevereiro de 1973, o jornal publicou excertos e um breve resumo sobre a obra de Money. Em uma tradução livre,[120] a obra defendia que se um menino fosse criado como se menina fosse, ele cresceria desejando aquilo que tradicionalmente corresponde ao universo feminino. Essa criança veria seu órgão sexual masculino como um erro ou constrangimento a ser removido ou escondido. Nisso, endossa o movimento feminista, que acusa a sociedade de incutir tão profundamente as noções de gênero que ninguém escapa da criação e cultura que recebe.

Daí decorreria, segundo ele, que seria mais fácil, após certa idade, mudar a criança fisicamente através de cirurgia e tratamento hormonal do que mudar sua mentalidade — identidade de gênero. Mas não foi nada disso que aconteceu com o pequeno Brian, agora chamado "Brenda" por recomendação do psicólogo. Nessa época, o pequeno Brian/Brenda tinha pouco mais de cinco anos e seu caso ainda figurava entre os modelos

119 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 80.

120 "That is to say, if you tell a boy he is a girl, and raise him as one, he will want to do feminine things. In most cases, rather than suspecting that he is a boy, he will see his penis as an embarrassment, and want to be repaired to physically fit his view of himself as a girl. It is just as the women's movement says: The need to conform to what we are told is the proper behavior for our sex is so deep seated as to be virtually irradicable once it is established. So which is it hormones or upbringing? Money insists most emphatically that it is both. Left to themselves, boys and girls, men and women, will tend in some ways to behave differently. But although a culture probably cannot override these distinctions entirely, it can reinforce them. Or society can play down behavioral distinctions between men and women, moving us toward the unisex". Disponível em: http://www.nytimes.com/1973/02/25/archives/man-and-woman-boy-and-girl-by-john-money-and-anke-a-ehrhardt.html.

do livro. Inexplicavelmente, porém, Dr. Money parou de mencionar o menino em suas entrevistas.

O abandono de tão promissor experimento deixou um dos rivais acadêmicos de Money intrigado. Finalmente, o biofísico e professor de anatomia Dr. Milton Diamond[121] (1934–) e o psiquiatra Dr. Keith Sigmundson, da Universidade do Havaí, recolheram informações verídicas sobre o caso e recompuseram a narrativa. Quando Dr. Diamond encontrou Brian Reimer, ele já tinha trinta anos. As investigações foram publicadas no artigo "Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine".[122]

> A verdade descrita por Diamond era muito diferente da versão sustentada por Money. Desde os dois anos, "Brenda" rasgava suas roupas de menina e se recusava a brincar com bonecas, disputando com o irmão Bruce seus brinquedos. Na escola, era permanentemente hostilizada pelo comportamento masculinizado e pela insistência em urinar de pé. Queixava-se insistentemente aos pais por não se sentir como uma menina. Mantendo as orientações de Money, os pais diziam-lhe que era uma "fase" que logo superaria. Quando "Brenda" tinha 14 anos, não agüentando mais a situação, os pais consultaram um psiquiatra de sua cidade, que sugeriu dizer toda a verdade para "Brenda". Tal informação teve um efeito profundo e transformador. Posteriormente, "Brenda" disse: "De repente, tudo fazia sentido. Ficava claro por que me sentia daquela forma. Eu não estava louco". "Brenda" imediatamente se engajou numa busca do sexo perdido. Fez inúmeras cirurgias para fechar sua vagina artificial, recompor a genitália masculina com a implantação de próteses de pênis e testículos, retirar os seios crescidos a base de estrógenos, além de iniciar tratamentos hormonais para masculinizar sua musculatura.

121 Dr. Milton Diamond pesquisou por muitos anos acerca de aborto, planejamento familiar, pornografia, sexualidade, transexualidade, reprodução e identidade sexual. Em 2010, recebeu o Prêmio Kinsey e, em 2015, a medalha de ouro da Associação Mundial da Saúde Sexual.

122 Milton Diamond e Keith Sigmundson, "Sex reassignment at birth. Long-term review and clinical implications" [Reatribuição do sexo no nascimento: revisão a longo prazo e implicações clínicas], em *Archives of Pediatric and Adolescent Medicine 150*, pp. 298–304, 1997. Disponível em: hawaii.edu/PCSS/online_artcls/intersex/mdfnl.html.

> Significativamente, não retomou seu nome inicial "Brian", escolhendo chamar-se "David".[123]

O poder destrutivo da aplicação da teoria de John Money estava cabalmente demonstrado não apenas na pessoa de Brian/David Reimer, mas também no reflexo da situação em toda a família. Janet, mãe dos gêmeos, tomada pelo sentimento de culpa, estava em um grave quadro de depressão, já tendo tentado o suicídio. O próprio David, apesar das diversas cirurgias, também já tentara o suicídio algumas vezes. O pai se afundava no alcoolismo, e Bruce, o outro gêmeo, havia virado um delinqüente que abusava do uso de drogas. Bruce acabou morrendo, provavelmente suicidou-se, por causa de uma overdose de medicação para esquizofrenia.

Foi somente após o encontro com Dr. Diamond que David Reimer tomou ciência de que sua trágica história havia sido espalhada por John Money como um caso de sucesso a fim de legitimar procedimentos de alteração cirúrgica de sexo em crianças hermafroditas ou que sofreram algum tipo de mutilação. Ele usava o título "John/Joan" para se referir ao experimento supostamente bem-sucedido. Na década de 1970, Money havia publicado o seguinte relato sobre o caso:

> Aos cinco anos, a garotinha já preferia vestidos em lugar de calças, gostava de usar fitas no cabelo, pulseiras e blusas enfeitadas, e adorava ser a queridinha do pai. Durante toda a infância [...] uma menina travessa, mas nem por isso deixou de ser menina. Seu comportamento de dominação manifesta-se em censurar o irmão por pequenas coisas, como uma "mãe chata" [...] ao passo que ele tende a protegê-la [...] embora a menina ainda não seja uma mulher, seu relatório até a presente data oferece provas convincentes de que o portão da identidade sexual está aberto no nascimento para uma criança normal, não menos do que para aquela que nasce com órgãos sexuais inacabados.[124]

A situação causou tanta indignação nos pesquisadores Diamond e Sigmundson quanto no rapaz que fora vítima do

123 Telles, *Psicanálise em debate: O caso de David Reimer e a questão da identidade de gênero*. Disponível em: polbr.med.br/ano04/psi0604.php.

124 Money e Tucker, *Os papéis sexuais*, p. 86.

experimento. Dessa indignação e da parceria com John Colapinto, redator da revista *Rolling Stone*, surgiu a biografia de David Reimer, intitulada *As Nature made him — The Boy who was raised as a girl*, amplamente divulgada e conhecida no Brasil desde 2010. O experimento de Money foi desmascarado, mas não deixou de cumprir o mau propósito a que veio: consolidar a ideologia de gênero.

> Visando o ideal revolucionário de dissolução e reconstrução da sociedade, 1) as feministas tinham entendido o que se deve fazer: a revolução sexual é a única maneira de se chegar à desconstrução da desigualdade; 2) os demógrafos e sociólogos entenderam qual deveria ser o nível da transformação: uma alteração no próprio comportamento dos indivíduos, nos usos e costumes da sociedade; 3) os marxistas perceberam como isso seria possível: mediante a desconstrução dos discursos, base ideológica das instituições sociais, de modo que se precisava de um aparato verbal adequado; 4) Money forneceu o instrumento dessa desconstrução: a terminologia de gênero.[125]

Apesar do retumbante fracasso do experimento[126] e do desfecho trágico do caso da família Reimer, Dr. Money jamais renegou sua derrotada e perigosa teoria. Após o suicídio de David Reimer, o psicólogo foi procurado pela imprensa, mas não se manifestou. Continuou como professor *emeritus* na Johns Hopkins University até sua morte, em 2006. Inúmeras contradições à teoria de Money apareceram no cenário científico, mas nenhuma delas ganhava a repercussão midiática necessária para equilibrar forças.

125 Artigo do Padre José Eduardo de Oliveira e Silva: "Perspectiva Histórica das Questões de Gênero", em Martins Neto, *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade*, p. 35.

126 Lembre-se do caso do poeta alemão Rainer Maria Rilke, que "foi criado exatamente como uma menina, até os seis anos, por sua mãe (e inteiramente contra os desejos de seu pai, que queria que ele fosse um soldado) para compensar a perda de uma irmã mais velha do menino, que morreu na infância. Isso é descrito com detalhes no livro *Die Jugend Rainer Maria Rilke*, de Carl Sieber, Insel-Verlag, 1932. (*A experiência transexual*, Rio de Janeiro: Imago, 1982). Lembramos ainda o caso de Oscar Wilde, que até os dez anos foi tratado "no que dizia respeito a roupas, hábitos e companhias" como uma menina (Richard Ellman, *Oscar Wilde*. Companhia das Letras, 1987, p. 27).

> Milton Diamond começou também a estudar pacientes intersexuais e encontrou vários casos que contradiziam o fato de que educar uma criança de acordo com um determinado sexo faria com que ela necessariamente aceitasse essa designação. Havia o caso de uma menina exposta a excesso de testosterona no útero que, mesmo sendo criada como menina, aos seis anos começou a dizer que era um menino. Ou o caso de um menino, geneticamente masculino, que, tendo nascido com um micro pênis e tendo sido criado como menina, aos 17 anos procurou os serviços médicos para mudar o sexo para masculino. Outro psiquiatra infantil, Dr. Zuger, fez um estudo que o fez suspeitar de uma base biológica para o comportamento homossexual. Também ele viu, nas pesquisas feitas no John Hopkins, problemas metodológicos, erro na interpretação de dados clínicos e nas análises estatísticas. Vários estudos [...] indicavam que nem crianças normais nem crianças intersexuais nascem neutras do ponto de vista psicossexual [gênero]. Mas a fama [...] de Money sobrepujava os estudos contrários à sua teoria.[127]

Todos os tipos de crítica quanto ao comportamento desumano e antiético do Dr. Money — ao sonegar os dados que evidenciavam o fracasso de sua experiência, ao forjar um sucesso inexistente, ao induzir criminosamente em erro a comunidade médica que, desconhecendo os resultados da experiência, foi levada a aplicá-la em novos casos — não bastaram para desacreditar sua teoria.

> Os efeitos dos escritos de Money foram bombásticos e influenciaram feministas como Kate Millett.[128] Já não se tratava mais de uma pessoa que nascera com uma condição diferenciada. Era uma criança absolutamente normal que estava crescendo como alguém do sexo oposto, com absoluto sucesso [...] o próprio John Money fazia questão de expor o caso ao máximo, tanto na imprensa acadêmica quanto na comum [...] o caso dos gêmeos apareceu em diversos livros, desde os relacionados às ciências sociais até os de pediatria e urologia. Em seu livro *Para além dos papéis sexuais*, Alice G. Sargent escreveu, baseando-se no caso dos gêmeos, que

127 Martins Neto, *Gênero*, p. 52.

128 O experimento de Money é citado no livro *Política sexual* (1970) da feminista.

a mensagem óbvia era de que [...] fatores sociais podem sobrepor-se a diferenças [sexuais] e obscurecê-las.[129]

Essa mensagem nunca mais foi esquecida. Apesar do fracasso anunciado[130] e apesar de toda a dor resultante de sua aplicação originária, a teoria de Money foi inescrupulosamente ressuscitada e incrementada por Judith Butler[131] e Joan Wallach Scott. Hoje, está sendo ensinada como verdade inconteste em diversas escolas públicas e privadas em todo o Brasil. Somando-se ao trabalho criminoso de Alfred Kinsey, John Money entregou às feministas mais uma perigosa ferramenta para a subversão das identidades.

129 Martins Neto, *Gênero*, p. 52.

130 "Mais recentemente, o próprio hospital John Hopkins desistiu de seus experimentos de gênero. Mesmo que nem todos concordem, seria altamente anticientífico simplesmente ignorar as afirmações do Dr. Paul McHugh, ex-chefe da ala de psiquiatria do mesmo hospital, que diz claramente que a mudança de sexo é biologicamente impossível e que fala de estudos recentes que mostram uma taxa de suicídio 20 vezes maior entre pessoas transexuais que se submeteram a cirurgia de redesignação do que a taxa de suicídio entre não-transexuais. Com base nisso, o hospital Hopkins parou de fazer a cirurgia de redesignação sexual, uma vez que um paciente satisfeito, mas ainda perturbado, parecia uma razão inadequada para amputar cirurgicamente os órgãos normais, disse o Dr. McHugh". Matéria "Transgenereidade é um transtorno mental, afirma médico norte-americano" citada em Martins Neto, *Gênero*, p. 63.

131 Em seu livro *Undoing Gender*, Butler cita o caso de Bruce/Brenda/David.

V
O ódio ao cristianismo e a reação contra o totalitarismo feminista

Obviamente, eu não acho que qualquer mulher deve se ajoelhar para agradecer alguém. Nós, mulheres, percorremos um longo caminho. Por isso, não devemos nos ajoelhar em nenhum momento.

— Serena Williams, tenista norte-americana

É inevitável não notar a aversão do movimento feminista[1] à fé cristã e, como demonstrei, assim tem procedido desde os primeiros textos feministas, desde suas primeiras líderes. Quando o escritor católico Patricio Randle observou a existência de "preferências negativas capazes de demolir as bases da sociedade", ele parecia falar com propriedade do politicamente correto propagado por movimentos revolucionários. Joseph Ratzinger (1927–), quando cardeal, declarou que o feminismo era uma das maiores ameaças à Igreja. Alice M. von Hildebrand (1923–), teóloga e filósofa, escreveu que a origem do movimento feminista é a falta de fé e a perda do sentido do transcendente e do sobrenatural.

1 Para reforçar o entendimento do conteúdo deste capítulo, recomendo veementemente a leitura de: Esther Vilar, *O homem domado*; Camille Paglia, *Personas Sexuais*; Cristina Sommers, *The War against Boys*; Theodore Dalrymple, *Nossa cultura... ou o que restou dela*; Faludi, *Domados: como a cultura traiu o homem americano*; Roger Kimbal, *Experimentos contra a realidade*; Jack Donovan, *O código dos homens* e Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*.

Vivemos em um mundo tão profundamente mergulhado no secularismo, que muitos de nós sequer têm noção de que somos influenciados por essa desastrosa ideologia. Há inclusive alguns cristãos devotos e fiéis que se sentiriam ofendidos de estarem manchados pelo espírito dos tempos (ou *Zeitgeist*), e, contudo, em certas situações concretas, suas atitudes denunciam que a fumaça do secularismo já penetrou os pulmões de seus espíritos e, subindo até o cérebro, tingiu seus juízos.[2]

Dentro de um projeto, muito maior que o movimento de mulheres revolucionárias — a respeito do qual até se poderia dizer que o lugar do feminismo desempenha um papel temporário, à beira da obsolescência —, pode-se apontar um alvo principal: *a cultura ocidental*, alicerçada no cristianismo e que preza pelo metafísico. Para apresentar sumariamente esse conjunto de valores, costuma-se recorrer ao tripé: *a moral judaico-cristã, a filosofia grega e o direito romano*.

O russo Pitirim Sorokin analisou, em quatro[3] de suas obras, um processo de substituição ou "modificação básica" de valores que está em andamento no Ocidente desde o século XVI. Aponta ele que a modificação comportamental começou com a substituição dos valores religiosos medievais por valores seculares, baseados na "sensatez", tendendo mais a legitimar os erros do que esclarecê-los. Há mais de sessenta anos, Sorokin escreveu que:

> No atual estado de desintegração, os valores sensatos tendem a aprovar potencialmente uma liberdade sexual sem peias e recomendam a mais completa satisfação possível do amor sexual em todas as suas formas. Esta mudança básica de fatores psicossociais tem se manifestado na reavaliação dos padrões anteriores pelos homens e mulheres americanos (e ocidentais).

O protestante e professor de teologia no Southeastern Baptist Theological Seminary em Wake Forest, Andreas Köstenberger, disserta sobre o mesmo tema. Ele publicou um exaustivo

2 Hildebrand, *O privilégio de ser mulher*, p. 41.

3 *A Revolução Sexual americana*, *Dinâmica social e cultural*, *A crise do nosso tempo* e *Reconstrução da humanidade*.

estudo sobre *Deus, casamento e família*. Sinalizou com propriedade que esse esmorecimento de princípios e valores[4] é conseqüência de uma crise espiritual resultante do abandono dos preceitos cristãos:

> Pela primeira vez em sua história, a civilização ocidental é confrontada com a necessidade de definir o significado dos termos "casamento" e "família" [...] a crise cultural do momento, no entanto, é meramente sintoma de uma crise espiritual profunda que continua a corroer os fundamentos de nossos valores sociais antigamente comuns.[5]

O filósofo e sacerdote católico Bonnewijn também observou que o movimento feminista ligado à ideologia de gênero tem três principais alvos que ambiciona subverter: *a linguagem, a família e a maternidade*. Todos os três são caros ao cristianismo. O Prof. Dr. Domenico Sturiale confirma essa estratégia:

> Aplicada a arranjos familiares emergentes nas sociedades ocidentais, essa lógica subversiva [do gênero] implode o conceito tradicional de família: a proliferação de novos arranjos familiares reconhecidos pela sociedade civil acarreta a negação da família tradicional como tal. Se o número de modelos familiares se amplia em função do desejo e do livre-arbítrio de cada um, o termo família não tem mais qualquer aplicação genérica: a família se tornaria, assim, um constructo absolutamente arbitrário e discricionário a tal ponto de não poder mais operar como generalização descritiva, apta a referenciar algo definido e compreensível. Em outras palavras, se tudo é família, nada é família.[6]

Não se trata apenas de uma impressão dos cristãos sobre como o movimento feminista pode ser ameaçador para a fé e a moral; as feministas, de fato, verbalizam seu desprezo pela cultura ocidental baseada no cristianismo. Simone de Beauvoir acreditava que a Bíblia, ou o que comumente se chamava de "ideologia cristã", tinha grande responsabilidade pela situação

4 Para estudar minuciosamente os argumentos feministas anticristãos, leia: *Confrontando o feminismo evangélico* de Wayne Grudem.

5 Andreas J. Köstenberger e David W. Jones, *God, Marriage and Family*. Wheaton: Crossway, 2004, pp. 25–26.

6 Martins Neto, *Gênero*, p. 81.

opressiva em que as mulheres se encontravam. Outra feminista conhecida em todo o mundo, Gloria Steinem, confessou esperar que todo teísmo fosse extinto. Ela disse: "Até o ano 2000 vamos, espero eu, criar nossos filhos a acreditar no potencial humano, não em Deus". Mais recentemente, Annie Laurie Gaylor (1955–), feminista americana, declarou: "vamos esquecer o mítico Jesus e olhar para o incentivo, consolo e inspiração de mulheres reais. Dois mil anos de domínio patriarcal sob a sombra da cruz deveriam ser suficientes para transformar as mulheres na salvação feminista do mundo".

Como se vê, incontáveis escritores, pesquisadores e teóricos podem ser citados para confirmar esse fenômeno: um movimento político e ideológico, essencialmente anticristão, busca cooptar especialmente as mulheres para a consolidação de uma revolução sexual. Esse movimento é o feminismo: do mais moderado ao mais radical, do mais sutil ao mais aberrante, do liberal ao socialista.

Femen e o anticatolicismo[7]

Se a biografia das feministas ou as suas teorias publicadas em livros consagrados não bastam para convencer do caráter anticristão do movimento, convém analisar mais de perto um exemplo institucional. O Femen é um grupo feminista criado por Anna Hutsol na Ucrânia, hoje sediado em Paris. O movimento já estreou, em 2008, com uma série de *topless* protagonizada por Sasha Shevchenko, Oksana Shachko e a própria Hutsol. Comumente se diz que o movimento é radical demais e não representa as feministas.

No entanto, sabendo que o feminismo foi representado e puxado por eugenistas como Margaret Sanger, aliciadoras de menores como Simone de Beauvoir e radicais como Shulamith Firestone, mostrar os seios em praça pública se torna uma mesquinharia. O Femen não é a organização mais radical do feminismo, é apenas o grupo menos preocupado em disfarçar suas intenções.

7 Uma menção especial e todo meu agradecimento aos amigos Aaron Vieira Machado, Artur Buch Lopes Figueiredo e Leonardo de Souza Fragas que, na exigüidade dos prazos, prontamente se ofereceram e dedicadamente coletaram inúmeras matérias para compor este subcapítulo.

É até razoável dizer, numa primeira impressão, que chega a ser inofensivo e pueril, com estratégias escandalosas de provocação aos religiosos. Seja como for, o Femen revela, sem máscaras — e sem roupa —, toda a sanha anticristã do feminismo.

Os lugares preferidos das ativistas envolvem Roma, qualquer lugar do Vaticano, qualquer capela ou igreja onde se esteja realizando um culto religioso. No Natal de 2017, por exemplo, uma ativista invadiu uma Missa do Vaticano para pedir pelo direito ao aborto e condenar a "homofobia".

> Apenas algumas poucas horas antes da Missa de Natal no Vaticano, ativistas do Femen representaram uma Virgem Maria moderna e livre, que fala contra as instituições religiosas patriarcais e suas práticas seculares de agressão e opressão das mulheres [...] Maria se posiciona contra a homofobia na Igreja Católica e pede ao Vaticano que mude sua posição hostil contra a comunidade LGBT. Além disso, ela pede ao governo francês que resista à pressão exercida pelas instituições religiosas e que cumpra sua promessa de legalizar o casamento *gay*.[8]

Em setembro de 2013, nove mulheres do Femen foram acusadas de danificar a catedral de Notre Dame durante uma manifestação. Elas tocaram os sinos com varas de madeira e exibiram mensagens como "Adeus, Bento" e "Fora, homofóbico" rabiscadas em seus peitos despidos enquanto gritavam "Chega de Papa". Evidentemente, a manifestação não funcionou e a Igreja Católica continuou a ter um Sumo Pontífice.

> O protesto em Paris aconteceu logo depois que o Papa Bento XVI anunciou sua renúncia ao papado e coincidiu com o debate sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo na Assembléia Nacional Francesa [...] advogado do Femen, Patrick Klugman, chamou as acusações de "procedimento equivocado".

As iniciativas do Femen têm inspirado mulheres feministas de todo o mundo a adotarem performances semelhantes. Em 2013, duas feministas lésbicas e seminuas se beijaram em frente

8 *Femen Official Blog*, "The Virgin Mary Silence Breaker in Vatican". Disponível em: https://femen.org/the-virgin-mary-silence-breaker-in-vatican/.

a fiéis que estavam nas escadarias da igreja Nossa Senhora da Glória, no Largo do Machado, Zona Sul do Rio de Janeiro. Além de palavras de ordem contra a Igreja, elas repetiam: "Eu beijo homem, eu beijo mulher, eu beijo quem eu quiser". A encenação era parte de um ato maior:

> Mais de 500 pessoas, entre ativistas de partidos, grupos LGBT, sindicalistas e trabalhadores estão reunidos no local e rumaram para o Palácio Guanabara, onde o Papa Francisco se encontrará com o Governador Sérgio Cabral e a Presidente Dilma Rousseff. No mesmo local, os ativistas farão um beijaço *gay*.[9]

Em 2015, vestidas de freiras grávidas, ativistas de um coletivo feminista se manifestaram em La Paz contra a visita do Papa Francisco à Bolívia. Segurando cartazes nos degraus da catedral onde o Papa recebeu autoridades locais, as falsas freiras pretendiam repudiar a posição da Igreja Católica contra o aborto e a homossexualidade. Em um dos cartazes, lia-se: "A minha homossexualidade não precisa de sua aprovação, mas é a homossexualidade dentro da Igreja que precisa de reivindicação". Tão ou mais bizarra e, certamente, mais criminosa, foi a atuação de um pequeno grupo de mulheres na Argentina em 8 de março de 2017. Em frente à catedral católica da cidade de Tucumán, uma mulher fantasiada de Virgem Maria encenava o aborto de Jesus com fitas e tinta vermelha.

Em janeiro de 2018, um grupo de feministas protestou na catedral de Santiago, no Chile, contra a visita do Papa Francisco. As mulheres vestiam apenas uma camiseta e, com as partes íntimas de fora, levantavam a bunda para quem passasse. O objetivo era responsabilizar a Igreja Católica pela condição da mulher no Ocidente. É razoável questionar quão opressora é essa condição que, afinal, permite a um grupo de mulheres que andem com a bunda de fora pelas calçadas e ruas da cidade.

Se por um lado, rejeitam a tradição milenar do cristianismo, por outro, as feministas apegam-se cada vez mais a religiões alternativas. Kristin Aune, colunista do *The Guardian*,

9 https://odia.ig.com.br/_conteudo/noticia/jornadamundialdajuventude/2013-07-22/feministas-se-beijam-em-frente-a-fieis.html.

divulgou uma pesquisa realizada com 1.300 feministas britânicas e concluiu que

> a falta de interesse das feministas na religião é acompanhada por uma atração um tanto maior por formas alternativas ou holísticas de espiritualidade, da ioga, meditação *Reiki* e *Zen* ao paganismo e à *Wicca*. Essas formas de espiritualidade estabelecem-se como iguais ao gênero, e é provavelmente por isso que as feministas gostam delas [...] os praticantes espirituais holísticos criaram imagens femininas da divindade, desenvolveram rituais positivos em torno da menstruação e do parto e deram às mulheres posições de autoridade espiritual.[10]

Qual é a culpa do moralismo cristão?

Como se viu ao longo de quatro extensos capítulos, são tantas e tão difundidas as falsas acusações do movimento feminista ao cristianismo que seria necessário não apenas um livro, mas dezenas deles, para desmentir tópico por tópico. Pela urgência do tema no Brasil, e pela parcimônia de caracteres concedidos pela editora, apenas algumas questões serão levantadas.

Durante os séculos XIX e XX,[11] na centralidade das discussões, além do sufrágio e da iminente condição do operariado feminino, estava a luta contra o sistema denominado "patriarcado", o que susteve o avanço dos debates acerca da (in)existência de temperamento inato para cada sexo e seus reflexos na condição social. Ao destrinchar a literatura feminista acerca do referido patriarcado, podemos ligeiramente perceber que as teóricas atribuem todos os efeitos colaterais e todos os comportamentos excepcionais dos homens do período como características afirmativas do patriarcado.

10 https://www.theguardian.com/commentisfree/belief/2011/mar/29/why-feminists-less-religious-survey

11 A autora feminista Kate Millett adota uma divisão em duas partes para a centúria entre 1830 e 1930. Para Millett, o período de polêmica expansão da Revolução Sexual começou em 1830 e estendeu-se até 1930, quando começa o que ela chama de Política Reacionária e Reação Ideológica.

Outra divisão comum é a que toma por base a luta pelo direito do voto feminino. Nesses casos, o recorte faz-se de 1848, considerado o marco inicial da luta pelo sufrágio, até 1920, data da consolidação das conquistas nos Estados Unidos.

Aqui, podemos destacar as obras de nomes mais afamados do que aqueles que protagonizaram a primeira etapa, no final do século XVIII e início do XIX. Falamos de Friedrich Engels, Stuart Mill, John Ruskin, Charles Dickens, Charlotte Brontë, Oscar Wilde, entre outros. Para a autora feminista Kate Millett, a Era Vitoriana foi a primeira a enfrentar o problema do patriarcado e da condição de submissão da mulher. No entanto, retornando a atenção ao texto da *Reivindicação dos direitos da mulher*, de 1792, vê-se que a feminista Mary Wollstonecraft já tangenciava a questão de forma mais discreta. Para sustentar sua proposição, Millett chama à roda o célebre trabalho de Stuart Mill publicado em 1869, *A sujeição das mulheres*.

No entanto, é preciso ressaltar que as críticas direcionadas ao sistema moralizador da Era Vitoriana — também ao sistema de moral burguesa vigente — não são, de maneira alguma, exclusividade dos revolucionários sexuais. Stefan Zweig (1881-1942), dramaturgo e jornalista austríaco, em sua biografia *O mundo que eu vi* (ou *O mundo de ontem*), no capítulo "Eros Matutinus", descrevia com sinceridade a aflição daqueles tempos tanto aos homens quanto às mulheres.

Uma das maiores mentiras que as feministas têm espalhado diz respeito à afirmação de que os conservadores antifeministas, ou mesmo aqueles que simplesmente não se alinham à agenda revolucionária, não perceberam nem denunciaram atrocidades e disparates que se tenham cometido na história. O que se pretende demonstrar aqui é que a ocorrência de injustiças nem sempre é conseqüência de uma decisão estratégica de um grupo em detrimento de outro (por exemplo, homens contra mulheres, burgueses contra proletários), e ainda mais: determinadas situações não-ideais são mais desejáveis que outras situações não-ideais cujos efeitos colaterais são incertos. Acrescente-se ainda uma certeza: um costume construído culturalmente não é necessariamente antinatural; do contrário, é, provavelmente, o arranjo social que se mostrou naturalmente melhor.

A Era Vitoriana, ápice do que se pode confiantemente chamar de "moral burguesa",[12] dá margem àquilo que certamente carrega um dos maiores argumentos do movimento feminista contemporâneo: *a acusação do cristianismo como elemento opressor da sociedade*. No entanto, o período vitoriano demonstra ter abraçado uma moral secularizada e desprendida do cristianismo e, por isso mesmo, oca e hiperbolizada, sendo, essa sim, uma inegável forma de opressão. Stefan Zweig já colocava a situação nestes termos: diferentemente da Idade Média, que discutia abertamente a sexualidade e a moralidade pensando em Deus e na figura diabólica como sinalizadores, a Era Vitoriana colocou a religião à margem do tratamento moral e delegou à sexualidade o lugar de máximo tabu. A Idade Média tinha uma moralidade centrada no cristianismo, a Era Vitoriana e os séculos seguintes só fizeram construir uma nova moral: a burguesa.

O que intento dizer é que moralismo não é coisa de cristão nem tampouco o cristianismo é o único sistema a ter um padrão moral. Já lhes mostrarei como entender essa questão: o antropólogo britânico Verrier Elwin bem demonstrou que os antigos pagãos cobraram de seus jovens a moral de que as moças não deviam se deitar sempre com o mesmo rapaz. Mesmo que quisessem, mesmo que o amassem exclusivamente. Montesquieu mencionou — em *O espírito das leis* — que na Ilha Formosa, a religião não permitia às mulheres de menos de trinta e cinco anos terem filhos: antes dessa idade, a sacerdotisa lhes esmagava o ventre, fazia com que abortassem. Mesmo que não quisessem, mesmo que desejassem ter e criar seu filho. Ainda em tempos pagãos, um apego exclusivo e demasiado às mulheres era considerado uma vulnerabilidade imoral. Os rapazes que não entravam em enlaces com outros homens — ou seja, que estivessem escravizados à beleza feminina, desejos fisiológicos e gestação — eram considerados imorais, escravos da mulher. Esse era o moralismo de então. Não se parece nada com cristianismo, mas era um padrão cultural adotado.

12 É preciso considerar que o termo "moral burguesa" foi detalhadamente tratado pelo historiador Eric Hobsbawn, embora nem toda referência ao termo resuma-se ao uso dado pelo mesmo. Ver: Eric Hobsbawm, *A era do capital*.

Por isso, o professor de filosofia e literatura, membro do Conselho Pontifício para Leigos, Fabrice Hadjadj, concluiu que esse é o *rigorismo da esbórnia*. Aqueles que desprezam o rigor cristão sempre têm outro para colocar em seu lugar:

> O moralismo de antes [promíscuo, abortista, homonormativo] poderia voltar, disfarçado de emancipação, reacionário na libertinagem, mas sem o frescor de antigamente [e voltou! Como todo moralismo, restritivo e escravizador]. Entendi isso folheando obras de etnologia e de história. Esse olhar retrospectivo me colocou em guarda contra as ilusões da liberação futura.[13]

Ele completa com a única reação sensata que um jovem pode ter diante dessa algazarra: "Qualquer jovem rebelde subjugado por esse rigorismo da esbórnia bem poderia começar a crer que a mais sublime condição é a do casado e a mais livre sexualidade é a castidade". Ou seja, exatamente aquilo que propõe o cristianismo. Afirmar que o cristianismo oprime uma sociedade inteira é desconhecer completamente o que oprimia a todos antes da chegada do Cristo, e mais, é desconhecer completamente o seu semelhante, o seu próximo. No Brasil, nas Américas e na Europa, ainda a maioria das pessoas têm escolhido respeitar, defender e viver o estilo de vida cristão. Pode ser difícil para as revolucionárias feministas e antidemocráticas, mas a verdade é que o Ocidente, ainda que agonize, é cristão.

É certo que as feministas sabem de tudo isso. A insistência contra a moralidade cristã e as falsas acusações a respeito dela só têm um objetivo: instalar um novo padrão moral fundamentado nos ideais da Revolução Sexual. A estratégia foi entregue por Wilhelm Reich:

> Em hipótese alguma será possível dominar o atual processo cultural se não se compreender que a estrutura psíquica é, em seu âmago, a estrutura sexual, e que o processo cultural é primordialmente um processo de necessidade sexual [...] as forças internas que impedem a revolução chamam-se *moral sexual* e *misticismo religioso*.[14]

13 Fabrice Hadjadj, *A profundidade dos Sexos: por uma mística da carne*. São Paulo (SP): É Realizações, 2017, pp. 21–23.

14 Wilhelm Reich, *A Revolução Sexual*.

Desmistificando a opressão cristã

Outra acusação recorrente é a de que o casamento cristão é uma escravidão para as mulheres. O assunto já foi econômica e socialmente abordado no capítulo terceiro e não cabe voltar alguns séculos para destrinchar religiosamente todo o tema do matrimônio[15] pela Idade Média, mas calha um breve adendo sobre a questão do casamento cristão e o seu papel no resgate da dignidade feminina. O historiador medievalista francês Pierre Toubert escreveu:

> O modelo conjugal que a elite religiosa procura então impor como regulador da violência social [contra a mulher] implica, além disso, um reconhecimento da mulher enquanto pessoa, enquanto *consors* de pleno direito na sociedade familiar [...] A perfeita igualdade entre os cônjuges é um dos temas mais constantes da literatura matrimonial, em plena concordância com a legislação que, desde meados do século VIII, não cessa de proclamar que a lei do matrimônio é uma só, tanto para o homem como para a mulher.[16]

Outro historiador francês, ainda mais célebre, em seu artigo "O cristianismo libertou as mulheres", aponta que o casamento foi o instrumento através do qual o cristianismo elevou o respeito social pela mulher. Jacques LeGoff escreveu que o casamento, nos moldes estabelecidos para os cristãos, desde a Idade Média

> só pode existir com acordo pleno e total dos dois adultos envolvidos [...] a mulher não pode ser casada contra a sua vontade, ela tem de dizer sim [...] em resumo: creio que houve uma verdadeira promoção da mulher, que avançou, ao menos doutrinalmente, no cristianismo, e que isso foi sentido, para além de todas as influências familiares e sociais que tendiam a mantê-la numa certa inferioridade.

Alice von Hildebrand, teóloga católica e antifeminista, concorda que a Igreja Católica "elevou as mulheres a uma dignidade

15 Já detalhadamente abordado no capítulo terceiro.

16 Pierre Toubert, "O período carolíngio (séculos VII a X)", em André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen e Françoise Zonabend (dir.), *História da família. Tempos medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1997, p. 87.

extraordinária"[17] e que, se as feministas insistem em culpar a Igreja é apenas pela conveniência de encontrar um bode expiatório para suas insatisfações ou seu desprezo pela idéia do casamento.

> É psicologicamente satisfatório encontrar uma instituição na qual pôr a culpa por todos os males que afligem o mundo, enquanto o acusador se enrola no manto confortável da irrepreensibilidade.[18]

O liberal e famoso inglês defensor das mulheres, Stuart Mill, em sua mais famosa obra[19] pontuou inúmeras vezes que o cristianismo jamais fora agente de opressão feminina, pelo contrário. E não somente em defesa das mulheres, Mill recorda ainda que o cristianismo ajudou a libertar escravos também, tendo lutado arduamente pelo fim da escravidão e reconhecimento da dignidade humana:

> Foi nos estados livres que os escravos começaram a ter direitos como seres humanos. Eu acredito que os estóicos foram os primeiros, a não ser na medida em que lei judaica era uma exceção, a ensinarem como parte da moralidade que os homens estavam ligados por obrigações morais com seus escravos.
>
> Depois que o cristianismo se tornou ascendente, ninguém poderia deixar de seguir esta crença, na teoria; e, depois do surgimento da Igreja Católica, sempre surgiram pessoas para defender tal crença. Contudo, colocar isto em prática era a tarefa mais árdua que o cristianismo já tinha realizado. Por mais de mil anos, a Igreja continuou nesta luta, sem nenhum sucesso perceptível.

Mill também defendia efusivamente o direito das mulheres à propriedade e isso faz recordar da Antigüidade, quando a cultura de todos os povos era essencialmente restritiva no tocante às liberdades femininas no acesso à herança. Moisés, contudo, foi um dos primeiros chefes de Estado a conceder direito à propriedade em favor de irmãs órfãs. Nos povos do Oriente Antigo, as mulheres geralmente eram posse dos homens e, como tal, não podiam possuir muitos bens a não ser através de seus

17 Para entender as múltiplas formas dessa elevação, convém a leitura atenta do livro de Alice von Hildebrand: *O privilégio de ser mulher.*

18 *Ibid.*, p. 31.

19 *A sujeição das mulheres*, publicada em 1869.

pais, irmãos ou marido. A herança era direito apenas dos filhos homens, geralmente apenas do filho mais velho.

Aconteceu que, antes das tribos de Israel terem se estabelecido no território que chamariam de nação, enquanto ainda peregrinavam disformes, cinco irmãs hebréias — Maalá, Noa, Hogla, Milca, e Tirza — procuraram o líder Moisés.

> *E apresentaram-se diante de Moisés, e diante de Eleazar, o sacerdote, e diante dos príncipes e de toda a congregação, à porta da tenda da congregação, dizendo: Nosso pai morreu no deserto, e não estava entre os que se congregaram contra o Senhor no grupo de Coré; mas morreu no seu próprio pecado, e não teve filhos. Por que se tiraria o nome de nosso pai do meio da sua família, porquanto não teve filhos? Dá-nos possessão entre os irmãos de nosso pai* (Nm 27, 2–4).

Uma negativa era a resposta esperada. Não era comum que as mulheres herdassem terras. Moisés, no entanto, recorreu ao Deus de Israel, que, claramente, respondeu:

> *As filhas de Zelofeade falam o que é justo; certamente lhes darás possessão de herança entre os irmãos de seu pai; e a herança de seu pai farás passar a elas. E falarás ao povo de Israel, dizendo: Quando alguém morrer e não tiver filho, então fareis passar a sua herança à sua filha* (Nm 27, 7–8).

Algo semelhante ocorreu a respeito do divórcio. Apesar de as Escrituras definirem um alto padrão moral para os cônjuges e claramente aconselharem o perdão como solução, não o divórcio, Moisés também concedia cartas de divórcio com o objetivo de poupar as mulheres de maridos negligentes e insatisfeitos que poderiam tornar suas vidas um martírio. Aliás, ainda o liberal Mill nos recorda da habilidade também feminina de tornar a vida dos maridos um inferno: "A esposa, quando não pode realmente resistir, pode pelo menos revidar, ela também pode tornar a vida do homem extremamente desconfortável e, através deste poder, ela é capaz de defender muitos propósitos".[20]

É verdade que a Igreja condena o divórcio e as Escrituras são claras quando Jesus afirma que a solução para o casal

20 John Stuart Mill, *A sujeição das mulheres*, p. 59.

deve ser sempre o perdão e jamais a separação. Novamente, o cristianismo coloca homens e mulheres em pé de igualdade. Ao recomendar a reconciliação para o adultério, a Bíblia é clara e isonômica: tanto marido quanto mulher devem perdoar. Não há duplo padrão moral e essa é uma idéia absolutamente revolucionária — no bom sentido — em uma cultura carnalmente desregrada. Inclusive, o Antigo Testamento usa como exemplo a história de um profeta, de nome Oséias, a quem Deus mesmo ordenou que se casasse com uma prostituta e lhe perdoasse as traições. O próprio Deus dos hebreus usa a si mesmo como analogia: o marido é como Deus, e portanto deve perdoar e amar a noiva incansavelmente e infinitamente.

De toda forma, não é verdade que a felicidade da mulher depende do casamento. São as feministas que insidiosamente acusam os conservadores e cristãos de pregarem essa norma. Nós não dizemos isso e não devemos dizer. Tanto para os cristãos quanto para os conservadores, a plenitude da mulher depende exclusivamente do seu sucesso em cumprir sua real vocação, seja ela o casamento ou não.

Algumas mulheres podem ter uma vocação solitária e política, como Elizabeth I, que nunca se casou nem deixou herdeiros, permanecendo no trono inglês até sua morte em 1603. Outras mulheres podem permanecer solteiras e traçar uma vida intelectual muito rica, como fez Simone Weil. As mulheres também podem ter uma vida feliz seguindo uma vocação religiosa, como Hildegarda de Bingen, que foi compositora, naturalista, médica e escritora. Pode-se escolher também a guerra, como fez Joana D'Arc. Contudo, todas essas vidas foram grandes e exigiram de suas protagonistas mais coragem e fibra do que qualquer casamento de hoje em dia, que conta com uma cerimônia bonita, empregos estáveis para ambos os cônjuges e uma casa asseada.

Quando os conservadores dizem que as mulheres devem cumprir sua função no lar e na sociedade como esposas e mães, é considerando que essa é sim a vocação da maioria das mulheres que estão sendo ludibriadas por um discurso de vida fácil, fajuta e promíscua oferecido pelos coletivos feministas. O sucesso das feministas está em dissuadir as mulheres da idéia de

se casarem, mas não colocar absolutamente nada de valor no lugar. Quantas militantes feministas conhecemos que tenham abandonado suas famílias, maridos e filhos para fazer algo realmente grande em prol da humanidade? E mais: se o cristianismo é assim tão perverso, que outra vida propõem as feministas? Que grande e irresistível modo de vida é esse que supera dois mil anos de tradição e cultura?

A proposta feminista para as mulheres

A tendência natural da maioria das mulheres a uma certa dependência emocional em relação aos homens, para mim, é um dado muito claro e pode ser perfeitamente representado por duas expoentes do movimento feminista que lutaram para transmitir ares de independência: Mary Wolstonecraft fazia loucuras quando estava apaixonada ao mesmo tempo em que escrevia um livro sobre "direitos da mulher". Primeiro, propôs uma espécie de poligamia platônica a um sujeito por quem se apaixonou. Depois, mesmo tendo escrito laudas e laudas sobre a futilidade da escravidão visceral ao sexo, caiu de amores por um aventureiro que a engravidou uma vez e a abandonou inúmeras vezes. Tentou suicídio em duas ocasiões por causa desse sujeito; chegou a fazer uma viagem comercial perigosa de navio só com a filha, ainda bebê de colo, para tentar recuperar a afeição do garanhão. Em sua carta da segunda tentativa de suicídio, escreveu ao camarada: "May you never know by experience what you have made me endure".

Simone de Beauvoir, um ícone recente do movimento, criticava a posição de esposa e amante, mas tornou-se um misto mal-acabado das duas coisas. Viveu de arrastos atrás do Sartre; dedicou-lhe uma estranhíssima fidelidade formal por 51 anos, e ele, quando morreu, deixou seus bens em testamento para uma amante e nada para Simone. Se tivesse obtido um casamento cristão e formal como o que tanto criticou, ao menos a herança teria garantido. Para agradar o instinto predatório do parceiro, ela apoiava suas atitudes mais machistas em relação às outras mulheres e até o ajudava a cooptar adolescentes em situação vulnerável para terem relações sexuais: uma sofreu

uma crise nervosa, duas cometeram suicídio e uma até se submeteu a quatro abortos para não desagradá-lo. Correspondências privadas que foram reveladas após 1980 mostraram que o casal contava inúmeras mentiras e fazia grosserias horríveis um com o outro. Simone tinha ciúmes sim, mas submetia-se como uma escrava aos interesses de Sartre, que, depois de um tempo, só fazia sexo com as amantes e não mais com ela.

Qual é, afinal, a intenção de um movimento que ignora ou finge ignorar as conseqüências de suas próprias idéias? O que mulheres como Simone de Beauvoir têm a ensinar às demais que seja mais valioso do que os preceitos cristãos? Suzanne Venker e Phyllis Schlafly — autoras da obra traduzida pela Editora Simonsen sob o título *O outro lado do feminismo* — colocam um questionamento que tem me instigado: *que tipo de vida essas feministas propõem, tendo em vista que consideram o modelo conservador a instituição da opressão?*

Não é incomum que nos digam elas que podemos ter a vida que quisermos e que o estabelecimento efetivo do feminismo tornará todas as mulheres livres e donas de si. Como é habitual às ideologias com um pé — ou dois — na tradição esquerdista, a instalação do paraíso de igualdade não passa de utopia. Assim como a igualdade econômica só acontece no nivelamento da pobreza, forçar a eliminação das diferenças naturais — que se refletem culturalmente — só resultará em uma conjuntura mais primitiva do que esta na qual nos encontramos.

Como demonstrado nos capítulos anteriores, o feminismo é o nome atribuído ao que deveria mais honestamente chamar-se apenas de "Revolução Sexual"; e quanto a essa revolução e a pretensão de todas as demais, cabe citar um trecho categórico do filósofo espanhol Ortega y Gasset:

> Esta nos mostra a vaidade de toda revolução geral, de tudo quanto seja tentar a transformação súbita de uma sociedade e começar de novo a história [...]. As revoluções tão incontinentes em sua pressa, hipocritamente generosa, de proclamar direitos, violaram sempre, espezinhando e esfarrapando, o direito fundamental do homem, tão fundamental que é a definição mesma de sua substância: o direito à continuidade. A única diferença radical entre a história humana e a "história natural" é que aquela não pode nunca começar de novo.[21]

O filósofo expõe o desejo de revolucionar como uma tendência ao barbarismo, uma animosidade contra o que foi com alto custo erguido pela civilização. Revolucionar é começar do zero no mais baixo nível que se possa imaginar. Ortega y Gasset chega a usar os orangotangos como exemplo do prepotente revolucionário que intenta apagar o passado e reorganizar a sociedade, baseando-se em uma hipótese, que é o que fazem as feministas.

> [Wolfgang] Köhler e outros mostraram como o chimpanzé e o orangotango não se diferenciam do homem pelo que chamamos, rigorosamente, de inteligência, e sim porque têm muito menos memória que nós. Os pobres animais cada manhã esquecem quase tudo que viveram no dia anterior, e seu intelecto tem de trabalhar sobre um mínimo material de experiências. Semelhantemente, o tigre de hoje é idêntico ao de seis mil anos, porque cada tigre tem de começar de novo a ser tigre, como se não houvesse outro antes. O homem, pelo contrário, mercê de seu poder de recordar, acumula seu próprio passado, possui-o e o aproveita. O homem não é nunca um primeiro homem: começa desde logo a existir sobre certa altitude de pretérito amontoado. Este é o tesouro único do homem, seu privilégio e sua marca. E a riqueza menor desse tesouro consiste no que dele pareça acertado e digno de conservar-se: o importante é a memória dos erros, que nos permite não cometer os mesmos sempre.[22]

Essa revolução sexual que se propõe agora é o *orangotangamento* das relações humanas. O que as feministas propõem à mulher é que encontre na organização da sociedade — mais especificamente no homem — a culpa de todas as suas intempéries e que considere essa organização como uma deliberação consciente para prejudicar a mulher e mantê-la nesse estado prejudicial, esquecendo-se dos milênios passados. Toda essa conspiração teria sido estabelecida como resultado do desejo de domínio que, conforme crêem elas, é inerente a todo ser humano do sexo masculino. Precisamente nesse caso a teoria de

21 Ortega Y Gasset, *A rebelião das massas*. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2016, p. 70.
22 *Ibid.*

gênero é esquecida e todo recém-nascido marcado pelo par de cromossomos XY é considerado culpado. Ato contínuo, após tomar por verdadeira a conspiração masculina, a mulher deve rebelar-se contra todas as instituições ou hábitos que sirvam para manter essa conspiração: *combater a religião cristã, atacar os padrões familiares, negligenciar a maternidade e o casamento, subverter os preceitos morais e estéticos, etc.* Essa é a proposta do feminismo para as mulheres.

a) O papel das escolas na proposta feminista

O filósofo francês Louis Althusser (1918–1990), marxista, escreveu um artigo descrevendo as duas ferramentas de ação do Estado: a repressiva e a ideológica. É dele a clássica distinção entre superestrutura e infra-estrutura. Em suma, ele defendia que o Estado podia controlar os indivíduos pela força ou pelo convencimento ideológico. O controle pela força se dava precisamente através do exército, da polícia, dos tribunais, etc. Para sustentar a força repressiva do Estado sobre os cidadãos, é preciso colocar os aparelhos ideológicos do Estado em funcionamento. Um desses aparelhos é justamente a escola, importante meio de supervisão e atuação do governo sobre o povo. Uma das mais célebres escritoras do feminismo socialista da primeira onda, Alexandra Kollontai, que participou ativamente da implantação do comunismo na Rússia, entregou com detalhes o plano dos marxistas quanto à instrumentalização da escola.[23] No início do séc. XX, a bolchevique publicou dezenas de textos sobre a mulher, a moral sexual, o socialismo e a família. Em um de seus primeiros livros, ela declara que as creches e escolas servem mais diretamente aos interesses da mãe trabalhadora e do Estado do que aos interesses da criança.

Kollontai acreditava que a mulher que trabalhasse nas fábricas ou tivesse qualquer outro emprego fora de casa era

23 Aliás, tudo que as feministas realmente defendem e que pretendem aplicar está especificado sem máscaras em suas obras mais importantes, basta investigá-las — o que infelizmente não tem sido um hábito dos propagandistas ou opositores da ideologia de gênero e do feminismo no debate público brasileiro. A maioria das jovens e adolescentes que defendem o movimento feminista jamais se deu ao trabalho de estudar do que se trata e costuma reagir com descrença toda vez que alguém demonstra os tópicos mais radicais da agenda revolucionária.

muito mais produtiva e valiosa para o Estado. Da mesma forma, quanto mais se dedicava somente à casa e aos filhos, mais improdutiva[24] se fazia aos interesses do governo. Para resolver o problema da improdutividade, ela sugeria que "na sociedade comunista de amanhã, esses trabalhos [domésticos] serão realizados por uma categoria especial de mulheres trabalhadoras dedicadas unicamente a essas ocupações".[25] Essas impressões atravessaram o tempo. Inúmeras outras feministas — como Simone de Beauvoir e Betty Friedan — insistiam em dizer que o serviço da esposa e mãe era inútil, parasitário, indesejável ou desprezível. Entre os diversos afazeres dos quais as mulheres precisam se livrar — para poderem se tornar trabalhadoras em tempo integral — estava a criação dos filhos.

> [...] A instrução dos filhos deixou de ser uma obrigação dos pais. O filho aprende na escola. E quando o filho entra na idade escolar, os pais respiram aliviados. Quando chega esse momento, o desenvolvimento intelectual da criança deixa de ser um assunto de sua incumbência.[26]

Quando Kollontai escreveu essas linhas, esse sistema ainda estava longe de ser hegemônico: o sistema de universalização do ensino parecia um projeto gigantesco, sua implantação levaria décadas. Hoje, contudo, é fácil perceber como nossa sociedade está atolada na agenda feminista sem se perceber disso. Desde Alexandra Kollontai até Judith Butler se tem proposto que a escola seja a arma do movimento feminista na guerra cultural:

> Para Millett [...] não se pode extinguir a família sem, antes, criar algo que a possa substituir. Na École Normale Supérieure, em Paris, surge a hipótese de que a escola possa endossar o papel e a função educativa da família. Em *La reproduction: éléments pour une théori du système d'enseignement* (1970) e em *Sur la reproduction* (1970), Pierre Bourdieu, Jean-Claude Passeron

24 "[...] a velha família é desnecessária, que as mulheres trabalhadoras possam realizar um trabalho muito mais produtivo e muito mais importante [...]", Alexandra Kollontai, *A família e o feminismo*, p. 41.

25 *Ibid.*, p. 32.

26 *Ibid.*, p. 35.

e Louis Althusser avançam na análise da estrutura escolar como aparelho ideológico [...] seus estudos desembocam no desconstrutivismo de Foucault e Derrida, cuja herança, na década de 1990, é assumida por Butler, que promove o empoderamento das mulheres e grupos minoritários por meio de estudos de gênero.[27]

Impregnados do pensamento revolucionário, os brasileiros vivem há décadas sem questionar a indispensabilidade[28] da escola, absorveram a pauta de tal maneira que classificam de "conspiracionista" qualquer um que ouse colocar a autoridade da escola em dúvida. Ao ler a descrição que Kollontai fazia da Rússia comunista sob o regime ditatorial, percebe-se uma semelhança impressionante com o que acontece em todo mundo ocidental "democrático e capitalista" atualmente:

> Já existem casas para crianças em fase de amamentação, creches, jardins de infância, colônias, lares para crianças [...] restaurantes, refeitórios gratuitos para estudantes nas escolas, livros de estudo gratuitos, roupas e calçados para crianças nos estabelecimentos de ensino. Tudo isso não demonstra suficientemente que a criança sai do marco estreito da família, passando o peso de sua criação e educação, dos pais a coletividades?[29]

Demonstra sim. Demonstra que apesar de sermos um país de minoria marxista, apesar de muito se falar sobre a família conservadora, demonstra que cedemos espaço e, pior, cedemos nossos filhos ao sistema soviético de educação para usurpação da família. Os revolucionários da União Soviética já observavam essa entrega e descreveram que "no que diz respeito à instrução dos filhos, em escolas primárias, institutos e universidades, já se converteu em uma obrigação do Estado, inclusive na sociedade capitalista".[30]

27 Martins Neto, *Gênero*, p. 66.
28 Sugiro a leitura da obra *A criança terceirizada* do médico-pediatra brasileiro José Martins Filho.
29 Alexandra Kollontai, *A família e o feminismo*, p. 36.
30 *Ibid.*, p. 36.

Talvez ainda não esteja claro para que é que os revolucionários precisam tanto da educação pública e da instrumentalização do sistema de ensino. Convém indicar o objetivo que a feminista Kollontai confessa querer alcançar, em seu livro *A família e o comunismo*:

> O homem novo, de nossa nova sociedade, será moldado pelas organizações socialistas, jardins de infância, alojamentos, creches para crianças etc., e muitas outras instituições desse tipo nas quais a criança passará a maior parte do dia e nas quais educadores inteligentes a converterão em um comunista consciente da magnitude da norma social essencial: devoção à vida coletiva.

É verdade que um dos temas mais recorrentes na educação brasileira nos últimos anos tem sido a "doutrinação política e ideológica nas escolas", mas também é verdade que isso acontece já tardiamente, quando os efeitos do atraso na crítica se vêem quase irreversíveis. Além disso, persistem os discursos da função de sociabilização das escolas, uma conversa totalmente atravessada e, na verdade, completamente oposta ao que era essencialmente importante quando da difusão de escolas por todo o Ocidente: separar as crianças de suas famílias, separar pais e filhos.

> Desde agora, a mãe operária que tenha plena consciência de sua função social, se elevará ao extremo que chegará a não estabelecer diferenças entre "os teus filhos e os meus filhos"; terá que recordar sempre que de agora em diante não haverá mais "nossos filhos", mas sim os do Estado comunista, um bem comum a todos os trabalhadores.

E para os que ainda duvidam da gravidade de tais estratégias, alguns episódios recentes da educação brasileira podem ser mencionados. A jurista Deborah Duprat de Britto Pereira, que foi vice-procuradora-geral da República de 2009 a 2013 e procuradora em 2009, afirmou publicamente em um programa nacional transmitido no início de 2017 que as crianças "não são

um problema apenas da família" e continuou: "e essa percepção equivocada de que a criança pertence à família não é verdade".[31]

Cerca de quatro anos antes, a professora Maria Celi Chaves Vasconcelos (UERJ) se posicionou contra a educação domiciliar com o argumento de que o Estado não teria como "controlar" o que os pais ensinam aos filhos. No mesmo episódio, Silvia Colello, professora de psicologia da educação e outras disciplinas da Faculdade de Educação da USP, argumentou que os pais não deveriam tirar os seus filhos da escola *só porque a educação é péssima*, pois deveriam pensar em "todos" e não apenas em seus filhos:

> Se os pais estão insatisfeitos com a escola, há muitas outras (sic) alternativas antes de se colocar o filho em uma bolha [...] Além do mais, qual a lição subliminar que se está passando ao filho ao tirá-lo da escola? Certamente algo como, diante de um problema, basta resolver apenas a minha parte, salvar a própria pele, e o resto que se dane.

Notadamente, na opinião da professora, os pais devem manter seus filhos nas escolas para se "danarem" em companhia dos outros, do contrário, estariam sendo egoístas. Ainda se pode mencionar inúmeros casos no exterior, como o episódio em que um casal alemão foi encarcerado por querer evitar que seus filhos aprendessem sobre "teorias de gênero" na escola — teoria indiscutivelmente inerente à pauta feminista. Uma das notícias sobre o caso trazia a manchete:[32] "Eugen e Luise Martens não levaram seus filhos à aula de sexo e gênero — ele já está preso, ela foi presa quando terminou de amamentar". Em uma das entrevistas, o pai contou que a obrigatoriedade de freqüência nas escolas alemãs chega a ser revoltante. Além de tudo, as multas e penalidades são aplicadas dependendo da razão pela qual a criança se ausenta da sala de aula; os responsáveis usam "dois pesos e duas medidas".

31 Vídeo do debate entre o Procurador do Estado de SP Dr. Miguel Nagib e a jurista Deborah Duprat sobre o Projeto de Lei Escola Sem Partido. A jurista afirma ainda que os interesses da família e o conteúdo moral-religioso dos pais *jamais deveria suplantar* o que é ensinado nas escolas. É uma prova cabal da mentalidade antifamiliar do movimento feminista.

32 Matéria "Na Alemanha, a polícia prende por 40 dias os pais de crianças que não foram à aula de ideologia de gênero" vinculada em 18 de novembro de 2014 no site biopolitica.com.br.

Ao ser questionado sobre o número de pais que sofriam do mesmo problema, respondeu que o caso era comum:

> Não conheço o número exato de pais presos, mas só o pequeno grupo de pais da cidade de Paderborn (150.000 habitantes) passou, ao todo, 210 dias na prisão. É um escândalo enorme, também, porque são as próprias crianças que querem sair da aula. Na cidade de Borken, por exemplo, em uma aula, a lição perturbou tanto as crianças que seis delas desmaiaram. [...] Um pai com quem falei recentemente aqui em Renânia do Norte-Westfalia, passou 21 dias preso, e sua mulher corre o risco de sofrer a mesma pena porque o filho abandonou as aulas por sua própria vontade. Outros permaneceram presos por até 40 dias, mas ninguém os escutou. Ninguém permite que levantem a voz e protestem.

O crítico social G.K. Chesterton, em 1910, já vislumbrava conseqüências como essas. Em um capítulo dedicado exclusivamente às crianças em seu livro *O que há de errado com o mundo*, aconselhou com sabedoria: "A escola não é o mais importante. O lar é o que importa e importará sempre". E, na verdade, a maioria das famílias reconhece essa prioridade. Nos anos 2000, uma agência de pesquisa[33] de Nova York entrevistou americanos e demonstrou que

> setenta por cento dos pais com filhos menores de cinco anos concordam que "ter o pai ou a mãe em casa é o mais desejado", e 72 por cento de todos os pais, incluindo a maioria dos pais de baixa renda, acreditam que pai e mãe, não o governo, são responsáveis pelo sustento dos filhos. Além disso, 63 por cento dos pais com filhos menores de cinco anos discordam da idéia de que crianças que ficam na creche recebem o mesmo cuidado e atenção que em casa com os pais.[34]

Se muitos pais sabem disso, se tantos outros apenas ignoram o assunto podendo ser facilmente convencidos e tantos livros e documentos endossam o que apresento aqui, é espantoso que as famílias estejam assistindo à usurpação

33 *Necessary Compromises: How Parentes, Employers and Children's Advocates View Child Care Today*, Public Agenda, 2000.

34 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, pp. 73–73.

de suas funções de forma tão inerte. Há, também para isso, uma explicação.

b) Educação sexual na escola pública como ramo do movimento feminista

Uma vez estabelecida a educação pública e uma vez consagrado o discurso de que a escola é a única salvação para a corrupção humana, a desigualdade e as mazelas do mundo, podemos concluir que o movimento feminista tem em suas mãos uma arma[35] estatal poderosa. Na Califórnia, Charis Denison é uma das inúmeras pedagogas feministas que trabalha com crianças e adolescentes ministrando aulas de "orientação sexual". Uma jornalista do *New York Times* trouxe a público, elogiosamente, o que acontece nessas aulas e a maneira como a pedagoga incentiva os adolescentes a se masturbarem:

> Charis incentiva as garotas a conhecerem o próprio corpo, o clitóris, as vias para o seu prazer. "É difícil quando você busca ter uma experiência sexual com alguém e não sabe o que é bom para você", diz Denison para os adolescentes espalhados pelo chão. "Por isso, se alguém decide se tornar sexualmente ativo com outra pessoa, é muito bom ser sexual consigo mesmo antes. É bom para descobrir do que você gosta".[36]

Denison costuma levar para a sala de aula uma marionete de uma vagina de pelúcia, anatomicamente correta e ampliada. Enquanto acaricia[37] o clitóris da sua marionete de vagina, ela fala com alunos do nono ano sobre por que as meninas *devem* se masturbar.

35 Arma da qual se vale para incutir na mente dos jovens e adolescentes uma nova moral de suposta tolerância — que tolera *apenas* os novos valores feministas (lesbianismo, gayzismo, promiscuidade, aborto, etc) e rechaça todos os valores essenciais e tradicionais da nossa civilização.

36 Peggy Orenstein, *Garotas & sexo*, p. 10.

37 Os leitores me desculpem por entrar nessas impudicícias tão óbvias, mas um casal mentalmente são é tão perfeitamente capaz de descobrir um com o outro o que cada um gosta quanto descobririam sozinhos. Um casal que tem intimidade para fazer sexo tem, evidentemente, a intimidade necessária para conversar sobre isso, inclusive durante o sexo. Transformar a masturbação em uma questão de educação e saúde pública é um tanto quanto apelativo. Mas essa é realmente a pretensão das feministas, transformar em urgente necessidade quaisquer coisas que, de alguma forma, afrontem o que é "decente". É uma queda de braço e o prêmio são as crianças. A festa de celebração acontece nas escolas.

> Denison apenas encorajava as meninas a se masturbarem, e ela o fazia diante de garotos adolescentes. Ela disse para toda a turma não só que as meninas têm clitóris, mas que esse órgão serve para fazer com que elas tenham prazer [...] Ela se vê como uma "defensora da juventude", que provê informação acurada [...] Ela viaja para escolas [...] visitando cada turma diversas vezes por ano [...] Seu currículo inclui tomada de decisão, responsabilidade pessoal, os papéis de cada gênero e diversidade de orientação sexual e de identidade de gênero.
>
> "Para alguns pais em comunidades escolares, isso não parece correto", Denison me disse, "mas é correto [pra mim]". A abordagem de Denison é polêmica, tão polêmica que tive dificuldade para encontrar uma escola que me deixasse observá-la em ação.[38]

No Brasil, as pretensões feministas não caminham para longe. Na primavera de 2017, os brasileiros tiveram acesso a um vídeo informal gravado por alunos que exibia uma professora encenando a colocação de um preservativo masculino (camisinha) com a boca e usando um pênis de plástico segurado por um dos alunos. Esse é apenas um caso recente, existem milhares. Marta Fattore, coordenadora da 4ª Regional de Educação, confirmou que alguns livros e materiais didáticos enviados pelo governo para as escolas do Rio Grande do Sul em 2013 eram impróprios para a idade das crianças. "É dinheiro público que está sendo empregado em uma literatura que não condiz com literatura sadia para as nossas crianças", disse a coordenadora. No mesmo ano, os jornais brasileiros reportaram o caso de uma professora de quarta série que preparou uma tarefa de sexo para as crianças de dez anos responderem:

> Qual a idade certa para fazer sexo?
> Como se faz isso?
> Por que uma criança engravida?
> Por que existe o sexo?
> Que graça tem o sexo?
> O sexo dói?
> Se um homem fizer sexo com outro homem, ele pode engravidar?
> O que é transexual?

38 Peggy Orenstein, *Garotas & sexo*, p. 201.

Como dois homens fazem sexo?
Por que muita gente chama vagina de perereca?
É possível mais de duas pessoas fazerem sexo?

Alguns pais ficaram chocados e muitas crianças reclamaram. O caso aconteceu no município de Contagem, Minas Gerais, e a Secretaria de Educação defendeu que "a sexualidade é um dos parâmetros curriculares definidos pelo Ministério da Educação". Não é incomum que pedagogos, professores, ONGs e agentes educacionais defendam casos como esses com naturalidade. Existem comissões ligadas ao movimento feminista e LGBT que se ocupam de elogiar e ampliar o alcance de procedimentos desse tipo. A psicanalista brasileira Regina Navarro Lins, autora de onze livros sobre sexualidade e "amor", defende que "o uso da pílula e da camisinha deveria fazer parte da educação, como o ato de tomar banho e escovar os dentes".[39] É um verdadeiro estreitamento de horizonte que ignora uma infinidade de pesquisas científicas sobre a superestimada eficácia dos preservativos e os malefícios dos anticoncepcionais. Mas essa nem é a questão principal, o problema mais grave é que isso acontece nas escolas de todo o país sem o consentimento das famílias, ou pior, à revelia da manifesta contrariedade dos pais.

O canal *Record* de televisão informou em uma de suas matérias, na mesma época, acerca de exibição de vídeos polêmicos em sala de aula, que

> representantes de ONGs que participaram da criação do projeto afirmam que tudo foi coordenado pelo MEC e patrocinado com dinheiro público [1 milhão e 500 mil reais, segundo o Ministro da Educação Fernando Haddad]. As ONGs receberam o dinheiro através de uma emenda parlamentar e o valor total, incluindo outros materiais, foi de 3 milhões de reais.

Em maio de 2012, a TV Câmara transmitiu o IX Seminário LGBT no Congresso Nacional, organizado pelas Comissões de Direitos Humanos e de Educação e Cultura. No evento, Tatiana Lionço, do Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero, defendeu que

39 *Ibid.*, p. 11.

> as brincadeiras sexuais infantis também podem envolver os outros: meninos buscando conhecer os corpos de outros meninos e meninas; e meninas buscando conhecer os próprios corpos e o de outras meninas e meninos. Quando meninos e meninas brincam, inclusive sexualmente em seus corpos, com outros meninos e meninas, eles não estão sendo *gays* ou lésbicas. Que deixem as crianças brincarem em paz, isso as tornará crianças e adultos mais inteligentes.

Para Orenstein,[40] a educação sexual foi totalmente transformada após a libertação sexual e

> se tornou um campo de batalha: um vetor de trepidação da direita sobre a erosão do casamento, a ascensão dos direitos da mulher, a crescente aceitação da homossexualidade e mesmo o desmantelamento potencial do próprio gênero [...] Para os pais, o resultado é que nunca se sabe o que a aula de educação sexual dos filhos pode implicar.

A jornalista e feminista está correta, os pais não têm o controle que lhes é devido acerca de uma questão moral tão fundamental na vida dos próprios filhos. As feministas insistem na educação pública justamente por isso, não "apesar disso".

Bonnewijin, sacerdote, teólogo e filósofo, como pesquisador desvendou a importância do Estado na efetivação da revolução cultural com a implantação da teoria de gênero, por exemplo, em todas as esferas educativas e sociais:

> Cabe ao Estado proteger e promover os gêneros [...] Nesse sentido, deve ficar particularmente atento e firme em relação à configuração familiar biologizante tradicional e às leis opressoras que esta erigiu com o passar dos séculos. O ser humano tem direito de inventar seu gênero.

Essas informações não são vagas idéias lançadas no ar. Não; com a ajuda de importantes orçamentos, elas se difundem por todo lado na cultura e no ensino. Elas se inscrevem aos poucos nas legislações e são seguidas de efeitos concretos. Assim, em 2007, no Reino Unido foi votado um regulamento sobre a orientação sexual que excluiu a adoção das instituições católicas porque elas recusaram a adoção

40 *Ibid.*, pp. 205-207.

dos gêneros homossexual e lésbico. Na mesma dinâmica, em 2010, uma lei do Distrito Federal de Colúmbia legalizando o casamento homossexual contém dispositivos que forçam a arquidiocese de Washington, DC, a fechar suas instituições de adoção e parar de oferecer alocações familiares a seus empregados. Em março de 2011, um tribunal do Reino Unido proferiu uma sentença histórica proibindo um casal cristão de adotar um filho, fundamentando somente que eles eram desfavoráveis à homossexualidade [...] mesmo se não recebem esse nome, trata-se na realidade de aplicações da teoria de gênero.[41]

Como se vê, é fundamental para a consolidação da Revolução Sexual que as crianças e adolescentes sejam moralmente afastadas da jurisdição familiar ou eclesiástica. O famoso filósofo alemão Friedrich Hegel argumentava que a família é um reduto contra o Estado, porque ela é essencialmente baseada no altruísmo e no amor. A sociedade civil, por outro lado, recheada de egoísmo e competição econômica, alimenta o Estado que policia a todos. O movimento feminista reconhece o que muitos de nós custamos a admitir: a família provê à vida humana um significado espiritual, especialmente em conjunto com uma comunidade religiosa ou igreja. Convivendo com a família, a criança reforça sua identidade, diferencia-se da massa; sob a tutela da escola, ela começa a se parecer cada vez mais com seus colegas — o que facilita a coação estatal. A ativista conservadora Phyllis Schlafly resumiu a função da educação sexual nas escolas: "é um movimento social, e sua meta é mudar a sociedade. Esse movimento idealiza um mundo sem tabus e sem restrições. Idealiza um mundo livre da moralidade judaico-cristã".[42]

Feminismo: biografias de infelicidade e promiscuidade

Talvez nos perguntem a nós, cristão ou apenas não-feministas: *como podemos saber que essa revolução sexual conduzirá a desordem antes mesmo que a tenhamos permitido?* Nesse caso,

41 Oliver Bonnewijn, *Gender, quem és tu?*, p. 59.
42 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, p. 83.

responderemos que podemos vislumbrar no passado o resultado de tantas outras revoluções, justamente porque não somos tigres ou orangotangos que ignoram todo o pretérito. E se essa assertiva não bastar, podemos observar a vida das mulheres que viveram excepcionalmente, como se a revolução já tivesse acontecido dentro delas ou em seu círculo mais estrito de convivência. Vejamos, então, alguns desses casos.

Adeline Virginia Stephen (1882–1941) teve uma vida marcada por surtos psicóticos e um histórico de abusos sexuais. Sua vida transcorreu na passagem da primeira para a segunda onda. Uma entediada sem cura, nunca esteve preparada para as adversidades que teve que enfrentar aos montes. Virginia tentou suicídio pela primeira vez em 1904, pulando de uma janela, depois da morte de seu pai.

Nessa época, ainda aos 22 anos, ela já estava tão perturbada que ouvia pássaros cantando em grego. Já tinha se apaixonado duas vezes por alguma mulher, embora não tivesse relações sexuais com nenhuma. Para começar sua vida e seus contatos literários, quis participar de um grupo que reunia gente pervertida de toda ordem: Grupo de Bloomsbury. Henry James o chamava de "grupo de baixo nível". Com Virginia, estava também a tia, Vanessa, adúltera e adepta do "sexo livre". É impressionante como as feministas estão sempre envolvidas em libertinagem.

Virginia reclamava muito dos homens; para ela, o sexo masculino era responsável por todas as mazelas e violências do mundo, mas só escreveu seus inúmeros livros porque teve apoio máximo do marido. O sujeito era Leonard Woolf, casou-se com ela em 1912, estava apaixonado e não sabia dos problemas mentais de Virginia. É provável que a família tenha escondido tudo ao máximo para evitar que ele desistisse do casamento. Para ela, foi um grande negócio.

O escritor Pablo Neruda chegou a dizer que Leonard escreveu um dos melhores livros do Ocidente sobre o Ocidente, e só não foi mundialmente reconhecido por isso por sacrificar seu talento pelo nome da esposa: *The village in the jungle*, obra-prima da vida verdadeira e da literatura real, um pouco ou muito prejudicada pela fama da mulher de Woolf, nada menos que Virginia Woolf, grande escritora subjetiva de renome uni-

versal".[43] Além disso, como o problema mental da esposa só piorava, ele dedica a maior parte do seu tempo cuidando dela. Sua preocupação e cuidados para com ela eram tamanhos que, em 1937, quando ela publicou *Os anos*, ele achou o livro péssimo, mas temendo que ela tentasse o suicídio novamente, disse: "Acho que é extraordinariamente bom".

Leonard comprou uma prensa de papel e começou a publicar os textos da esposa e chegou a publicar obras de grandes escritores. Mulher invejosa e insegura, negava-se a publicar textos que considerasse muito bons, também nunca elogiava um escritor vivo. Segundo o sobrinho que publicou sua biografia, era extremamente carente e maldizente: "Adorava mexericos, fofoca, e dizia o que pensava, não importando as conseqüências [...] ela aproveitou a história de sua família e as relações com os amigos nos seus romances". Ela tentou suicídio algumas vezes. Em 1913, por exemplo, tomou 6,5 gramas de veronal e quase morreu.

Todo o sacrifício do marido se torna ainda mais admirável quando se considera a permanente frigidez sexual de Virginia e suas declarações de que o casamento era "repulsivo".

> Leonard adorava Virginia, sua capacidade intelectual, e não se preocupava com a frigidez sexual dela. Quentin Bell, um biógrafo às vezes discreto, sugere que Virginia "considerava o sexo não tanto com horror, mas com incompreensão; havia em sua personalidade e em sua arte uma qualidade estranhamente etérea, e, quando as necessidades literárias a compeliam a considerar o prazer sexual, ela se afastava ou nos revelava algo tão distante de bolinas e empolgações quanto a chama de uma vela é distante de seu sebo.[44]

Apesar de todo o cuidado de Leonard, naquele grupo de pervertidos do qual fazia parte, o Grupo de Bloomsbury, Virginia teve um caso amoroso com a poetisa Vita Sackville-West. Ambas eram casadas, mas nutriram uma relação amorosa intensa.

43 Pablo Neruda, *Confesso que vivi*. Difel Difusão Editorial S.A., 16 ed., trad. de Olga Sawary, 1983, p. 93.

44 Resenha da biografia de Woolf publicada no portal *Bula* por Euler de França Belém: "Virginia Woolf tentou curar sua loucura pelo suicídio". Disponível em: https://www.revistabula.com/2229-virginia-woolf-tentou-curar-sua-loucura-pelo-suicidio/.

Vita foi a inspiração de Virginia para a obra *Orlando* (1928). A contribuição de Woolf para as correntes do feminismo e para os temas de lesbianismo[45] é incontestável.

O que mais admira, no entanto, é que essa mulher com problemas mentais, casada, amada e protegida por um homem[46] que se dedicava a ela sem receber sequer sexo de qualidade tinha a ousadia de fazer da opressão masculina um tema tão recorrente. Virginia Woolf acabou se suicidando, depois de uma vida marcada por surtos e violências, mas não é a única com uma vida emblemática. Aliás, ela está entre as primeiras de uma infindável lista de revolucionárias eternamente insatisfeitas.

Olhemos para outras feministas: Gloria Steinem era amargurada por ter que cuidar da mãe doente, pegou nojo da maternidade e dizia isso com orgulho. Betty Friedan não suportava o marido e odiava cuidar dos próprios filhos. Em uma entrevista que Simone de Beauvoir fez com seu companheiro Sartre, ele disse, na cara dela, que transava com as outras mulheres por "qualquer motivo", beleza ou uma mera simpatia. Já que ela se dizia tão maravilhosa e independente e ele já a possuía, podia escolher outras mulheres sem nenhum critério. Margaret Sanger queria forçar a esterilização de mulheres negras, passou uns tempos presa, era eugenista declarada e ainda conseguiu convencer um dos seus maridos ricos a morar em casa separada da dela. Teve uns amantes mais canalhas que ela mesma. Mary Wollstonecraft, que escreveu que nenhuma mulher deveria depender do homem, tentou o suicídio duas vezes, porque um

45 https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/03/virginia-woolf-conheca-7-curiosidades-sobre-escritora.html.

46 Em sua última carta ao marido, ela reconheceu as distintas virtudes de marido atencioso e prestativo: "Querido, tenho certeza de que estou enlouquecendo de novo. Sinto que não podemos passar por outra daquelas terríveis fases. E desta vez não ficarei curada. Começo a ouvir vozes, e não posso me concentrar. Assim, estou fazendo o que me parece melhor. Você me deu a maior felicidade possível. Não creio que duas pessoas pudessem ser mais felizes até chegar esta doença terrível. Não consigo mais lutar. Sei que estou estragando a sua vida e que sem mim você poderá trabalhar. E você vai, eu sei. Está vendo, nem consigo mais escrever adequadamente. Não consigo ler. O que quero dizer é que devo a você toda a felicidade da minha vida. Você foi absolutamente paciente comigo e incrivelmente bom. Quero dizer isso — e todo mundo sabe. Se alguém pudesse me salvar, teria sido você. Perdi tudo, menos a certeza da sua bondade. Não posso mais continuar estragando sua vida. Não creio que duas pessoas tenham sido mais felizes do que nós fomos".

homem que ela amava a desprezou. Depois, propôs à esposa de um outro que elas dividissem o marido.

De todos os livros feministas que li, o de Wollstonecraft é, certamente, o que menos incômodos me causou. Há vários pontos legítimos e, talvez, até cristianíssimos. Não se pode dizer o mesmo de sua vida, o que eleva Mary da categoria de "degenerada incorrigível"[47] para a de "hipócrita". Mary Wollstonecraft (1759–1797), uma das primeiras feministas assim reconhecidas pelo movimento, teve, como muitas outras mulheres que se dirigiram ao radicalismo da ideologia, uma infância conturbada. Seu segundo "marido", William Godwin, publicou registros biográficos numa obra intitulada *Memoirs of the Author of A Vindication of the Rights of Women* em 1798, de onde se extraem as informações mais confiáveis sobre a vida de Mary. Maria Lygia Quartim de Moraes, feminista brasileira que assina o prefácio do livro de Wollstonecraft publicado pela Boitempo, conta, com aparente altivez, sobre a maneira inescrupulosa como o casamento monogâmico era tratado pela autora de *A Vindication of the Rights of Women*:

> O entusiasmo por Fuseli transformou-se em amor e, como o artista era casado, Mary propôs à mulher dele que compartilhassem o marido. Ao fazer tal proposição, veementemente rechaçada, Mary agiu com absoluto desrespeito pela monogamia obrigatória e, principalmente, assumiu o papel ativo de sujeito do desejo [...] É essa coragem em expor seus sentimentos e desejos que constitui seu precioso legado [...] Dessa maneira, a [obra] *Uma reivindicação dos direitos da mulher* resulta tanto de uma trajetória de lutas militantes de Mary como de seus enfrentamentos contra a moral sexista e conservadora da época.[48]

47 Reservei um pequeno trecho neste subcapítulo para discorrer sobre as escolhas de vida de Mary, depois de ter escrito inúmeros subcapítulos (ver capítulo primeiro) que discorrem exclusivamente sobre sua produção intelectual. Isso para que não seja acusada de sobrepujar as imoralidades da vida privada sobre o conteúdo da obra. Por outro lado, não poderia deixar de navegar por esses turbulentos mares sem correr o risco de que Wollstonecraft seja retirada da lista de mulheres feministas e libertinas. Ela era verdadeiramente feminista em virtude da vida que teve, das escolhas que fez.

48 Mary Wollstonecraft, *Uma reivindicação dos direitos da mulher*, p. 11.

Ora, ao que parece inegável, para as feministas é válido transformar em uma luta política e em uma estratégia de reconfiguração social o desejo de uma mulher pelo marido da outra. Aliás, essa postura de misturar as esferas da vida pública e privada é um hábito enfadonho desse movimento e acabou por ser oficializado no famoso excerto "tudo é político". De repente, um movimento que se dizia interessado em assegurar direitos civis coloca-se a favor da amante e contra a esposa. Não é também mulher a esposa?

Apesar de Mary Wollstonecraft não ter tecido elogio à depravação moral nem ter rechaçado todos os preceitos cristãos, as feministas atuais não temem em citar o evento com Fuseli como elogiável. Maria Moraes chega a afirmar que se tratou de um "precioso legado" de "coragem". Aqui, novamente se manifesta o que tenho afirmado: nenhum objetivo feminista é mais claro do que o de anular completamente, através da revolução sexual, os padrões morais construídos nos últimos dois mil anos. Nenhum inimigo é maior e mais detestável, para as feministas, que a moral judaico-cristã.

Nesse ponto, pergunto: se o feminismo é, de fato, um movimento pelas queixas da mulher, por que devem ser sistematicamente ignorados os interesses da mulher monogâmica e cristã? Quem poderá provar cabalmente que a esposa monogâmica deve aceitar a partilha do marido que ama para que as mulheres de todo o mundo sejam livres? O feminismo consiste, enfim, na libertinagem sexual e em substituir a suposta escravidão da mulher ao conservadorismo pela sua factual escravidão à devassidão? Para a efetiva realização do feminismo é necessário o extermínio de todos que sustentam o padrão moral vigente? Para que algumas mulheres tenham o suposto direito de viver plenamente a promiscuidade é necessário que aquelas que discordam sejam tolhidas do seu direito acerca da moralidade?

Deixemos que as trajetórias das teóricas nos convençam da negativa aplicabilidade desses ideais. Poucos anos após o evento com Fuseli, Mary une-se ao comerciante americano Gilbert Imlay, com quem teve uma filha ilegítima em 1794, Fanny Imlay. Durante o relacionamento com Gilbert, Mary tentou suicídio duas vezes por

causa da infidelidade do "marido", que transformou o romance em uma conturbação permanente. A filha do casal, diferentemente da mãe, suicidou-se efetivamente em 1816, explicando em sua derradeira carta que se sentia como uma fonte de problemas aos que estavam ao seu redor. Ressaltemos aqui uma controvérsia óbvia: a mesma mulher que propusera anos atrás a partilha do marido de outra, acabava por não suportar a eventual partilha do seu.

As feministas atuais, que fazem pouco caso do adultério e chegam a defender casamentos poligâmicos sob a nomenclatura de "poliamor", jamais se identificariam com Wollstonecraft, crítica ferrenha da imodéstia, da vaidade[49] e de sua conseqüência direta, o adultério. Por outro lado, não é de admirar que se aproximem de Mary na prática, já que ela teve uma vida sexual e emocional conturbada e pouco concordante com o que ela mesma defendia acerca das virtudes. Mas Mary é apenas um contra-exemplo entre tantos outros. Betty Friedan, a estrela da segunda onda feminista, foi atormentada por muitos problemas familiares. Quando freqüentava a psicanálise, confessou que detestava a própria mãe. Ela chegou a dizer que "todas as mães deveriam ser afogadas ao nascer".

Pior do que Friedan, só mesmo Simone de Beauvoir, que deixou registrado em cartas[50] o pérfido estado de sua alma. Se não bastasse a relação aberta e os inúmeros amantes, teve diversos problemas profissionais por aliciar alunas menores de idade e convencê-las a fazer sexo com ela e com Sartre. Depois de uma vida inteira de promiscuidade e irresponsabilidade sexual, em algumas de suas confissões mais sinceras, Simone admitiu um imenso vazio existencial. Chegou a mencionar, em *A força da idade*, que seus sonhos se desmancharam como água na areia. A desilusão e a vida infeliz de tantas feministas não nos permitem passar pela história do movimento sem concluir que ele não tem servido à satisfação e liberdade que prometera e, mais do que isso, tem servido para fazer vítimas, destroçar corações e profanar o corpo de incontáveis mulheres. A hipocrisia se tornava cada vez mais necessária para sustentar o movimento.

---

49 *Ibid.*, p. 49.

50 Exaustivos detalhes sobre o comportamento sórdido de Beauvoir podem ser encontrados no capítulo terceiro e no subcapítulo que conta a história de sua relação com Sartre.

Depois de Beauvoir, uma nova estrela surgiu para compor a constelação feminista. Gloria Steinem (1934–) passou décadas e décadas de sua vida difamando o casamento. Algumas de suas citações ficaram famosas; ela dizia que casar era se relacionar em cativeiro e que "a forma mais garantida de ficar só é se casando". Todo esse ódio contra o casamento não a impediu de se casar, em 2000, com o milionário empresário David Bale.[51] Em sua biografia, *Minha vida na estrada*, revela uma vida tão promíscua quanto a vida de Beauvoir. E a lista continua. Quase todas as personalidades midiáticas feministas de hoje levam uma vida no nível das feministas consagradas. Na verdade, o mundo vai tão mal que não surpreenderia que alguma feminista, ao terminar de conhecer essas vidas desregradas, dissesse: *e daí? Qual o mal disso? Qual o problema em viver assim?*

Reação antifeminista

Com alguma demora, mulheres por todo o mundo e até mesmo feministas têm percebido as incongruências do movimento. A colunista Mona Charen denunciou que o feminismo "tirou de nós aquilo sobre o qual repousa a felicidade da maioria das mulheres". Elizabeth Mehren, jornalista e redatora do *Los Angeles Times*, escreveu que "nossa geração foi um sacrifício humano exigido pelo movimento feminista". Os Drs. Cowan e Kinder[52] publicaram estudos de casos sobre mulheres "empenhadas em suas carreiras profissionais", mas que perceberam que "seus relacionamentos amorosos com os homens são desapontadores, frustrantes e muito confusos". Eles identificam nas dificuldades da mulher moderna "uma infeliz conseqüência do feminismo". Em seu livro *The Cost of Loving: Women and the New Fear of Intimacy*, Marshall denuncia o feminismo como agente do "mito da independência" e fomentador de mulheres carreiristas desumanizadas, infelizes e mal-amadas.

Essas declarações antifeministas pipocam na América. Dissidentes, filósofas, escritoras, mães, donas de casa e toda sorte

---

51 David Bale é pai do famoso ator Christian Bale, que representou o Batman em dois filmes (2005 e 2008) e foi protagonista de *Psicopata americano* (2000).

52 *Mulheres inteligentes, escolhas insensatas; como encontrar os homens certos, como evitar os errados*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 14.

de mulheres têm se apresentado contra as revolucionárias. A argentina Esther Margareta Katzen (1935–), ainda que feminista, publicou *O homem domado*, onde traz uma nova abordagem para a guerra dos sexos: o verdadeiro sexo oprimido é o masculino. Segundo Esther Vilar (seu pseudônimo), as mulheres não são oprimidas, pelo contrário, elas controlam os homens em um relacionamento que é vantajoso para elas e a maioria dos homens não se dá conta disso. Nesse livro, ela escreveu:

> Os homens foram treinados e condicionados pelas mulheres, assim como Pavlov condicionou seus cães, para se transformarem em seus escravos. Como compensação por seus trabalhos, podem usar periodicamente suas vaginas.

Segundo sua teoria da guerra dos sexos, as mulheres têm quatro métodos principais para exercer controle velado sobre os homens: atrair a atenção e o serviço masculino usando o sexo como moeda de troca, elogiar como forma de controle e administração, fazer chantagem emocional e usar o romance e o amor como disfarce para suas reais intenções ou desculpa para seus erros.

Simone de Beauvoir escreveu que o homem é absoluto e a mulher, relativa. Vilar escreveu que o homem é aquele que trabalha e a mulher, aquela que não trabalha:

> O homem é uma pessoa que trabalha. Com o trabalho sustenta-se a si próprio, a sua mulher e os filhos da sua mulher. A mulher, em contrapartida, é uma pessoa que não trabalha ou só trabalha temporariamente. Durante a maior parte da sua vida, ela não se sustenta, nem sustenta os filhos e muito menos o marido.[53]

São interpretações exageradamente distintas, a de Simone e Esther, em relação à mesmíssima guerra dos sexos. Simone fala filosoficamente; para ela, importa o que o homem é ontologicamente e, nesse ponto, provavelmente tenha razão. O homem tem uma certa autoridade simbólica. Mas quando se fala de vida prática, de quem faz mais, quem engendra mais, quem se sacrifica mais, quem sofre mais, o cenário muda. Cotidianamente,

53 Esther Vilar, *O homem domado*, p. 7. O trecho selecionado resume a tese principal do livro sobre como as mulheres são favorecidas pelo trabalho e sacrifício dos homens.

a mulher recebe mais por um esforço menor, é mais protegida, é mais atendida, é mais favorecida. De que adianta para um caminhoneiro com quatro filhos e esposa a sustentar, ganhando um salário insuficiente, dormindo e comendo mal por anos a fio, ser "a medida de todas as coisas", "ser o primeiro ontologicamente", "ser simbolicamente absoluto"? Nem mesmo para conter as reclamações da esposa saudosa a superioridade simbólica do caminhoneiro é útil. Nesse ponto, precisamente, na vida prática, entra a análise de *O homem domado*.

Para manter o homem trabalhando, as mulheres realizaram, por milênios, um composto simbólico quase inconsciente. Denominam de "masculinas" as qualidades ligadas ao trabalho sujo e pesado: ser forte, ser ágil, ser determinado e competitivo, ser resiliente, altruísta e generoso. Denominam de "femininas" todas as outras qualidades que não servem para muita coisa além de delicadezas e caprichos. As roupas masculinas sempre tiveram bolsos grandes para carregarem ferramentas, sempre foram escuras, para mascarar a sujeira, e sempre se pareceram muito, desde a Revolução Industrial, com um uniforme de fábrica. O cabelo é geralmente curto para não atrapalhar o trabalho. Até hoje, no Exército, os homens são proibidos de terem os cabelos compridos, permitidos às mulheres.

> Falta mencionar as unhas das mãos dos homens: devem ser, tendo em vista o trabalho, tão curtas quanto possível. Um homem másculo não usa jóias — a não ser a aliança de casamento, o que demonstra que já é explorado de determinada maneira por determinada mulher. O relógio grande e pesado no seu pulso — impermeável, inquebrável e indicando a data — é tudo menos um objeto de luxo. Muitas vezes é-lhe oferecido pela mulher para a qual trabalha. Um homem que altera o seu modo de vida — portanto, a sua profissão, já que viver significa para ele trabalhar — é tido na conta de merecedor de pouca confiança. Se muda diversas vezes de emprego, é expulso da sociedade e fica só. Pois a sociedade são as mulheres.[54]

As mulheres, por sua vez, usam roupas leves, confortáveis, importando mais que sejam bonitas do que úteis. Ninguém

54 *Ibid.*, p. 8.

espera que uma mulher de saia ou vestido suba em uma árvore para resgatar um gato ou em um poste para resolver um problema com a energia elétrica. Quando usam saias, as mulheres são poupadas até mesmo de se abaixarem para recolher um lenço caído. Há dois modos de vida disponíveis: o animalesco e o espiritual. Para Vilar, as mulheres escolhem viver como bichos, preocupadas com sobrevivência, comida e filhos:

> Bem-estar do corpo, um ninho e a possibilidade de observar, sem obstáculos, as normas de criação da sua ninhada, são para ela [a mulher] o máximo [...] todas as potencialidades que não são desenvolvidas se perdem: as mulheres não usam os seus talentos intelectuais, arruínam voluntariamente a sua capacidade de pensar e após alguns anos de um treino cerebral esporádico caem num estágio de estupidez irreversível [...] por que não usam as mulheres o seu cérebro? Não o usam porque, para se conservarem vivas, não necessitam de aptidões espirituais. Teoricamente seria possível uma mulher ter menos inteligência que, por exemplo, um chimpanzé e, no entanto, afirmar-se entre os homens.[55]

A discrepância entre interesses masculinos e femininos toma dimensões quase que inacreditáveis para os homens. Eles observam sua esposa e realmente chamam de "sacrifício" o seu trabalho cotidiano de limpeza, cuidado com a comida e os filhos. Eles imaginam quantas coisas nobres e úteis elas poderiam estar fazendo pela humanidade, o quanto poderiam estar buscando uma espiritualidade elevada. Então, são convencidos de que a mulher não trabalhar fora de casa é o maior dos esforços.

> Pensa que é justamente isso que a impede de fazer tudo o mais e esforça-se por colocar à sua disposição máquinas de lavar louça automáticas, aspiradores e refeições prontas a servir, que a aliviem desses trabalhos estúpidos e lhe permitam fazer uma vida igual à que ele sonha para si próprio. Mas ficará desiludido: *em vez da mulher começar a viver uma vida espiritual, mais rica, a preocupar-se com política, história ou com a origem do Universo, utilizará o tempo ganho para fazer bolos, passar a ferro a roupa interior,* coser folhinhos ou, se

55 *Ibid.*, p. 12.

> for muito dinâmica, para colar decalques de florzinhas no vaso sanitário.[56]

Como já demonstrado no capítulo primeiro, não é de se admirar que essa mulher passe a empregar seu tempo livre em acompanhar a vida das Kardashians, ler a revista *Caras*, saber detalhes sobre a telenovela, assistir tutoriais de maquiagem ou criar um canal de vídeos sobre moda e decoração.

> O homem que ama a mulher e nada deseja tão intensamente quanto a sua felicidade, também a acompanha nesta fase: produz para ela batons à prova de beijo, *make-up* para os olhos à prova de água, aparelhos que não necessitam ser passados a ferro, calcinhas para usar e jogar fora. Ao fazê-lo o homem continua a visar o mesmo objetivo: que tudo isso tenha um fim, que todas as necessidades vitais específicas da mulher — que ele crê ser "por natureza, mais delicada e sensível" — que lhe são estranhas, por conseguinte "superiores", sejam satisfeitas, e que ela faça, enfim, da sua vida, a única coisa que ele acha que tem valor: a vida de um homem livre.[57]

E esse homem realmente crê ser mais livre do que qualquer mulher, afinal, todos os dias, ele sai de casa, desbrava o mundo e ganha o dinheiro que ela rapidamente gastará com coisas que a façam mais feliz, mais saudável e mais bonita. Qualquer homem que parasse para refletir sobre os seus próprios esforços para espiritualizar sua esposa, logo, repararia que ela não esteve interessada em elevação espiritual. O que geralmente agrada as mulheres é de ordem material.

> Alguma vez, por exemplo, ela fez uso dos processos mentais, que ele ensina nas suas universidades, para que ela desenvolvesse suas próprias teorias? Alguma vez ela utilizou para investigações próprias institutos de pesquisas que ele lhe fraqueou? — Pouco a pouco devia o homem notar que a mulher, pura e simplesmente, não lê todos aqueles livros maravilhosos que ele põe à sua disposição nas bibliotecas. Que as suas obras de arte, fantásticas, que lhe mostra nos museus, a incitam, quando muito, à imitação. Que todos os apelos para a emancipação com que ele espera atingi-la através de filmes e peças teatrais,

56 *Ibid.*, p. 8 [grifo meu].
57 *Ibid.*, p. 7.

feitas no seu próprio nível e na sua própria linguagem, são por ela apreciados apenas em função do seu valor recreativo, mas nunca — nunca! – a levam à revolta. É perfeitamente lógico que o homem, que tem a mulher na conta de sua igual, tendo assim que assistir à vida estúpida que ela leva junto de si, acredite que a subjuga. Mas, tanto nos lembramos, nunca a mulher foi obrigada a qualquer submissão à vontade do homem. Pelo contrário: foram-lhe concedidas todas as possibilidades para se tornar independente. Se a mulher, por conseguinte, durante esse longo período, não se libertou do seu "jugo", só existe para isso uma explicação: esse jugo não existe.[58]

A escritora trabalha com o intuito de demonstrar o abismo que separa o horizonte de atuação e intenção masculino do horizonte pretendido pelas mulheres. As mulheres só se preocupam com outras mulheres, os homens preocupam-se com toda a humanidade, principalmente com as mulheres. As mulheres costumam preocupar-se mais com a aparência delas mesmas e de outras mulheres do que com a aparência do próprio marido ou namorado. Aliás, geralmente não buscam a beleza masculina, porque um homem bonito não tem nenhum valor no mercado de trabalho nem traz vantagens econômicas.

> Os homens não sabem que são belos. Ninguém lhes diz isso. Muito se fala da "graça" das mulheres, do "encanto" das crianças, da "fascinação" do mundo dos animais. Porém, quando se fala do homem, elogia-se quando muito a sua coragem, a sua valentia, a sua determinação, — uma série de atributos relativos à sua possibilidade de utilização para as intenções das mulheres, e nunca ao seu aspecto exterior. E o próprio homem ficaria imensamente admirado e divergido se alguém o elogiasse por causa das características do seu corpo.[59]

É verdade que, desde a publicação e difusão do livro *O homem domado* na década de 1970, muita coisa mudou na sociedade, especialmente em relação ao mercado de trabalho. Mas Esther não deixa a questão da inserção no mundo dos negócios de fora de sua análise. O fato de hoje existir uma infinidade de

58 *Ibid.*, p. 15.
59 *Ibid.*, p. 24.

profissões seguras, equilibradas, que exigem pouco esforço e compensam com um bom salário e *status* explica porque muitas mulheres têm abandonado a tática de exploração masculina. O que é válido apenas em se tratando de empregos amenos; quando o assunto volta a ser trabalho pesado, sujo, difícil ou perigoso, as mulheres logo recorrem ao antigo sistema.

Depois de demonstrar por diversos exemplos porque as mulheres exploram os homens e seu trabalho e porque preferiram explorar do que trabalhar elas mesmas, Esther passa a demonstrar por quais métodos essa exploração e controle se efetivam. Cita ela a criação dispensada aos meninos, baseada em elogios, admoestação e adestração. Cita a hipervalorização do sexo e o conseqüente aumento do poder que a mulher tem sobre os homens. Até mesmo a forma como as mulheres transformam os filhos em reféns econômicos entra para a análise de Vilar.

Esther é médica, estudou psicologia e sociologia, escritora e autodenomina-se feminista, embora as feministas em geral recusem-se em reconhecê-la dessa forma. Feminista ou não, Esther não é cristã e sua análise da questão sobre homens e mulheres é baseada em biologia, sociologia, psicologia e economia. Ela não contabiliza o elemento transcendental, não aplica preceitos morais religiosos ou a simbologia da criação e não enxerga aquilo que denuncia à luz da Bíblia. Por essa razão, muitas de suas críticas podem soar grosseiramente aos ouvidos conservadores. Não deixa, no entanto, de descrever a realidade secular com uma precisão cirúrgica no tocante à maneira como as mulheres obtêm vantagens do trabalho, dinheiro e tempo dos homens. Sua obra foi o primeiro contragolpe significativo ao feminismo de segunda onda, ela conseguiu, com razoabilidade, demonstrar que a vida da mulher comum e de classe média de antes da radicalização do feminismo jamais fora opressiva ou análoga à escravidão: que sempre foram os homens que trabalharam muito e gastaram pouco.

Sua objetividade perturba as feministas. Em 1975, ela foi convidada para um debate televisivo pela WDR com a escritora feminista Alice Schwarzer. O debate foi agressivo e polêmico, em particular devido à hostilidade e visível alteração da entrevistadora. Em certo momento do debate, a feminista

Alice alegou que Esther era "não apenas sexista, mas fascista", comparando seu livro com o semanário nazista Der Stürmer. Segundo Esther, as controvérsias em torno do livro resultaram até mesmo em ameaças de morte:

> Eu não imaginei o quanto me encontraria isolada após escrever este livro. Nem previ as conseqüências que teria para os meus subseqüentes trabalhos e mesmo para minha vida privada — ameaças violentas ainda não cessaram até este momento.[60]

Verdadeiramente, as feministas não querem que certas coisas sejam ditas, que certos dados venham a público e que certos fatos históricos sejam conhecidos. Elas têm trabalhado com manipulação de dados, desinformação, retórica e muita, muita propaganda. Qualquer pesquisadora que sugira que as mulheres não foram tão oprimidas assim torna-se, imediatamente, inimiga do discurso feminista. Feminismo e pesquisa científica não trabalham muito bem juntos.

Esther foi a primeira mulher a ficar conhecida por um ataque tão violento contra o feminismo de segunda onda, mas não foi a única. Depois dela, inúmeros pesquisadores e dissidentes começaram a questionar os grandes dogmas feministas.

O esquecimento do primeiro sexo

Simone de Beauvoir, autora de *O segundo sexo*, apresentou a teoria de que o "sujeito" do mundo é sempre masculino e fundido ao conceito universal, enquanto a mulher representa "o outro", estando condenada à imanência. A acusação é de que os homens se consideram o padrão em relação ao qual as mulheres devem se basear. As mulheres teriam estado sempre em condições secundárias

É verdade que quando dizemos "o homem", muitas vezes estamos nos referindo a toda "humanidade", conforme indicou Simone de Beauvoir. Mas isso não quer dizer que os homens são mais importantes ou que, em algum momento da história, foram tratados como se suas vidas valessem mais do que a vida das mulheres. Aliás, no geral, a vida do homem adulto

60 V. em https://www.youtube.com/watch?v=GyLhT1S4qxM.

"vale socialmente menos" do que a vida de uma criança, que tanto econômica quanto fisicamente é inferior a ele. "Mulheres e crianças primeiro" quer dizer exatamente isto: mulheres e crianças vêm primeiro. O homem é o primeiro sexo apenas ontologicamente — ou quando se trata de ir à guerra, trabalhar, ser punido, preso, escravizado ou qualquer outra mazela.

Phyllys Schlafly, ativista conservadora americana, percebeu essa segregação social da qual os homens são vítimas. Ela escreveu que:

> O fato principal da vida é a superioridade sexual das mulheres. Essas palavras são alheias aos jovens. Eles nunca ouviram alguém afirmar que a mulher é o sexo superior. Pelo contrário, disseram a eles que as mulheres são inferiores. É por isso que as palavras *poder* e *aumento de poder* são tão importantes para elas. É raro passar uma semana sem ouvirmos nada sobre poder relacionado às mulheres. Certamente não ouvimos isso relacionado aos homens. Sugerir que os homens querem poder ou até mesmo que deveriam ter poder é proibido. Poder é esfera feminina. Elas merecem o poder porque nunca (supostamente) o tiveram.[61]

Em uma entrevista no início de 2018, o professor Jordan Peterson passou por uma situação exemplar. Ele foi questionado por uma apresentadora feminista sobre a razão de existirem mais usuários homens do que mulheres no YouTube. A entrevistadora tentava induzir o espectador a pensar que essa diferença tinha raízes machistas, mas Peterson lembrou que as mulheres são maioria em outras redes sociais como o *Instagram*. Além disso, uma pesquisa do Ibope revelada em 2015, mostrou que, no Brasil, as mulheres são a maioria entre usuários de internet. Os homens também são minoria quando se trata de fazer compras online. Na área da educação, os homens brasileiros estão ficando para trás há décadas.[62] Aqui no Brasil, também são a minoria dos beneficiados com aposentadorias e pensões. Mas isto é o que geralmente acontece: quando existem menos mulheres em determinado campo, logo se lançam pesquisadores

61 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, p. 115.
62 Eva Alterman Blay, *50 anos de feminismo*, p. 30.

em busca de medidas igualitárias; mas quando os homens são minoria, o assunto é ignorado.

Ao pensar na literatura, consigo lembrar de algumas histórias baseadas em comunidades[63] de mulheres sem homens — como as Amazonas —, mas não é tão fácil recordar de comunidades masculinas onde mulheres não são bem-vindas. As mulheres têm descartado os homens com facilidade, enquanto os homens gostariam de ter uma, duas ou setenta mulheres. O escritor e pesquisador americano Warren Farrel (1943–) chegou a escrever um livro sobre *O mito do poder masculino* — que não tem tradução para o português — e argumenta sobre a dispensabilidade dos homens. Na mesma linha de raciocínio, o historiador Martin van Creveld escreveu:

> [...] Os homens estão fadados a seguir como o sexo supérfluo. Uma vez que um único homem pode engravidar uma grande quantidade de mulheres, vários homens sequer são necessários [...] Não se sabe se os animais machos compreendem que são dispensáveis. Porém, o espetáculo de jovens machos — como os babuínos e as zebras — sacrificando-se para defender as fêmeas e os filhotes contra os predadores sugere que, em algum nível, eles compreendem o fato de que sua morte provocará menos prejuízos.[64]

Durante a pesquisa por livros que pudessem enriquecer a investigação para este texto, encontrei apenas três obras sobre a condição geral masculina e quase uma centena de obras sobre mulheres, feminismo ou feminilidade. Não bastando isso, esses três livros[65] que encontrei tratavam dos homens pejorativamente. Essa dificuldade não é somente minha: em 2004, o *site* da Amazon tinha cinco vezes mais livros sobre mulheres do que sobre homens. Essa diferença deve ter aumentado, pois nunca se produziu tantos livros feministas quanto hoje, quando menos se precisa deles. A maioria dos livros sobre conduta criminosa ou problemas psicológicos também descrevem pesquisas

63 *Mizora* (1890), *Herland* (1915), *The female man* (1975), *Les guerilleres* (1969) e *Wanderground* (1978).

64 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 72.

65 Esther Vilar, *O homem domado*; Susan Faludi, *Domados: como a cultura traiu o homem americano*; e Sócrates Nolasco, *O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo*.

preocupadas com o bem-estar das mulheres. Mesmo quando o assunto é sexo — o suposto mundo dos homens — as mulheres lideram o mote da produção de tratados e investigações sobre prazer sexual e orgasmo. Ninguém encarou esses dados como reflexo de uma cultura antimasculina.

Entender é simples: "Quando há menos homens do que mulheres às voltas com uma questão — como acontece, por exemplo, com o estudo de línguas estrangeiras — ninguém se importa".[66] Talvez isso aconteça exatamente pelo que a feminista Beauvoir apontou: os homens foram tomados como universais e quase ninguém se interessa em entendê-los ou estudá-los especificamente. Também porque o movimento feminista não está interessado em mostrar a verdade sobre a difícil relação entre homens e mulheres; o verdadeiro interesse é difamar os homens, forçá-los à resignação e impedir qualquer tipo de reação.

Outro caso recente comprova esse fenômeno. Quando a ativista feminista Cassie Jaye começou as pesquisas sobre os direitos e a condição do homem contemporâneo, tanto socialmente quanto juridicamente, as feministas se rebelaram contra ela. O documentário chamado *Red Pill* mostra quais são as principais queixas dos homens, quais as reivindicações e preocupações masculinas. Os canais de mídia fizeram o possível para escondê-lo:

> Apesar do enorme sucesso comercial do documentário, a Netflix se recusou a exibi-lo. Em cinemas no Canadá, na Austrália e nos EUA, as feministas saíram em massa para protestar contra as suas exibições, e os cinemas independentes estiveram sob uma enorme pressão para não exibi-lo. A *CBC News* informou recentemente que financiadores e patrocinadores no Canadá ameaçaram parar de fazer negócios com cinemas que se atrevam a prosseguir com exibições programadas desse documentário.
>
> Gavin McInnes, da *Rebel Media*, chama esse tipo de pressão de "terrorismo econômico" e faz uma observação interessante de que muitas das pessoas que protestaram com tanta veemência contra o documentário, nunca o viram. McInnes argumenta que muitos documentários recentes têm sido muito tendenciosos em direção a um ponto de vista particular, e alguns como o *An Inconvenient Truth* foram cientificamente

66 Martin van Creveld, *Sexo privilegiado*, pp. 68–69.

falhos e totalmente unilaterais, mas foram aceitos como fato e permitiram moldar o pensamento de muitos.[67]

Muitas feministas acabam se dando conta do descaso científico em relação aos homens quando procuram por dados que possam ajudar a provar a inferioridade deles em algum aspecto. Foi o que aconteceu com Susan Faludi, escritora e jornalista americana, que ao tentar provar que a infertilidade era mais recorrente em homens do que em mulheres, se deu conta de que nem mesmo a mídia, segundo ela, "controlada pela extrema-direita" deu atenção aos homens:

> Os políticos e a imprensa, nos anos 80, também pareciam não ter maior interesse pelos sinais de outra possível epidemia de infertilidade. Esta tinha a ver com homens. De acordo com os poucos estudos disponíveis, a contagem de espermatozóides denunciava uma queda de quase 50% em 30 anos. A contagem média do homem, relatou um pesquisador, baixara de 200 milhões por mililitro nos anos 30 para 40 a 70 milhões nos anos 80.[68]

Esse inconteste interesse por tudo que é feminino explica por que a condição clínica e médica das mulheres vêm progredindo[69] espantosamente, enquanto os homens passaram para o quarto lugar de interesse da saúde pública. Os homens também protagonizam e agonizam as causas violentas de morte:

> A feminização da população brasileira pode ser explicada pelo aumento das mortes por causas externas (homicídios, acidentes de transporte e outras violências), que é uma epidemia que atinge, em maior proporção, os homens, e tem afetado a dinâmica demográfica do Brasil desde os anos de 1980 [...] o número total de mortes masculinas ficou em 125.253 no ano de 2012, e o número de mortes femininas ficou em 26.606. A diferença foi de quase cem mil óbitos e a

67 "Netflix proíbe o documentário *Red Pill*", consultado em 02/02/2018. anovaordemmundial.com/2017/05/netflix-proibe-o-documentario-the-red-pill-por-conter-muita-verdade.html.

68 Susan Faludi, *Backlash*, p. 50.

69 Por exemplo: "as mortes por doenças cardíacas caíram 43% entre as mulheres desde 1963 [...] a hipertensão entre as mulheres diminuiu desde o começo dos anos 70" (*ibid.*, p. 57).

> proporção de mortes masculinas foi de 5 para 1, em relação às mortes femininas.[70]

Essa situação não recebe nem metade da atenção dedicada a outros "grupos populacionais". Mulheres, crianças e idosos são mais importantes. Se, durante grande parte da história humana, a expectativa de vida das mulheres era inferior a dos homens, logo que a revolução industrial e científica explodiu, as mulheres passaram a viver mais e melhor.

Além de serem desinteressantes por terem sido tomados como universais e genéricos, socialmente, os homens também sofrem mais para se "tornarem homens" do que as mulheres para se "tornarem mulheres". Essa condição é reconhecida pela feminista Beauvoir quando descreve a drástica ruptura que os meninos sofrem na relação com a mãe. Eles deixam de receber carinhos efusivos, roupas fofinhas e apelidos carinhosos. Começa a ser exigido deles que ajam como "homenzinhos". Entre meninos e meninas, são sempre os meninos que sofrem pressão para correr risco ou ter bom desempenho em esportes ou atividades pesadas. "Enquanto os meninos são pressionados, as meninas são protegidas de todos os perigos, como subir em árvores, usar o balanço, andar de bicicleta ou sair sozinha à noite".[71]

A demonização dos meninos

Garotos são estúpidos, joguem pedras neles!

— *slogan* da marca David and Goliath.

A guerra das feministas contra os homens deve considerar que todo homem já foi um menino e, para não deixar pontas soltas, elas também investem tempo, dinheiro e propaganda em atacar crianças. Já foi demonstrado no primeiro capítulo como isso acontece através da escola e é válido ressaltar as estratégias diretamente voltadas às crianças do sexo masculino. Warren Farrell (1943–) escreveu sobre a guerra contra os homens, mas

70 Eva Blay, *50 anos de feminismo*, p. 22.

71 Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 91.

também sobre como ela se estende aos meninos. Nesse âmbito, ele aponta três principais problemas: a falta de propósito de vida, a feminização da educação e a ausência paterna na criação dos filhos.

1. O propósito de vida dos meninos fica cada vez mais restrito enquanto as opções de vida das meninas se multiplicam. Durante séculos, os meninos sabiam que podiam escolher a vida de soldado ou de pai de família, sustentando sua mulher e crianças, e as meninas sabiam que se dedicariam a criar os filhos. Quando o leque de opções das mulheres aumentou para criar filhos, ganhar dinheiro ou fazer ambos, as opções dos homens diminuíram. Eles passaram a se tornar dispensáveis como provedores únicos, sem deixar de precisar ganhar cada vez mais dinheiro para provar seu valor. Se isso não bastasse, nossa própria sobrevivência tem dependido de convencer os meninos de que morrer por suas famílias ou pela pátria é um ato de heroísmo. De certa forma, os meninos são convencidos de suas dispensabilidades e quando não encontram um motivo para suas vidas, é fácil encontrarem um motivo para o suicídio ou para a violência.

O total desamparo na caminhada em busca da construção de uma masculinidade sadia é uma das causas mais presentes entre os meninos deprimidos e suicidas. Isso pode ser comprovado pelo fato de que os suicídios masculinos começam a aumentar na mesma idade em que a distinção entre macho e fêmea fica mais evidente no corpo e na psique das crianças. Até os 9 anos, meninos e meninas têm o mesmo índice de suicídios; dos 10 aos 14 anos, os meninos já passam a ser duas vezes mais propensos; dos 15 aos 19 anos, os adolescentes do sexo masculino que se suicidam são quatro vezes mais numerosos que as moças. Até os 24 anos, essa taxa sobe para seis vezes mais.

Aliás, os homens continuam sendo maioria entre os que cometem suicídio e mais impressionante ainda é que o abandono da família ou fim do relacionamento estão entre as causas mais recorrentes:

> 77% daqueles que cometem suicídio são homens, por exemplo; 84 por cento são brancos; 45–64 anos de idade representam uma porcentagem maior de suicídios do que qualquer outro grupo etário. Aqui está a estatística que mais me surpreendeu: 54% daqueles que cometeram suicídio não tinham nenhuma condição mental conhecida. Menos de um quarto deles revelou qualquer intenção de cometer suicídio.[72]

2. A feminização da escola não diz respeito apenas aos índices e resultados em avaliações, mas também aos próprios métodos adotados. Warren chama a atenção para o fato de que, além de os meninos serem privados da presença masculina em casa, eles também têm pouquíssimos professores homens na escola. Pesquisas demonstraram que o desempenho e afetividade dos meninos melhora com professores homens, o que até a ONU admite. Se não bastasse isso, o historiador Martin van Creveld realizou e expôs pesquisas que mostram que as condições educacionais e o tratamento dispensado aos meninos nas escolas são nitidamente piores do que aquele oferecido às meninas:

> Nas escolas da Grã-Bretanha, os meninos costumam ser mais afetados pela superlotação, pela ausência de comodidades e pelo apoio psicológico insatisfatório; por isso, mais meninos relatam a ocorrência de doenças "limitantes e duradouras" [...] os meninos são considerados difíceis, a diferença de tratamento tende a aumentar [...] o fracasso das meninas é tolerado, ao passo que o fracasso dos meninos é denunciado, combatido e punido. Os professores também respondem ao comportamento agressivo dos meninos quatro vezes mais [...] tudo isso não passa de um eufemismo para dizer que desde o nascimento até pelo menos o fim da adolescência é mais provável que os meninos recebam um safanão do que um abraço.[73]

Os meninos ficaram atrás das meninas em níveis de escolaridade em todas as 70 maiores nações desenvolvidas. O que essas nações têm em comum é uma acachapante tendência ao divórcio, o que está diretamente relacionado à qualidade de vida e educação dos meninos, pois a ausência paterna é um catalisador de problemas e infelicidades na vida da criança. Como os problemas começam a aparecer e os pais e professores têm

72 Matéria do portal *North Carolina Family Policy Council* publicada em 18 de junho de 2018: "POV: Suicide Rates Are Up — Stronger Families, Community, Church Are Part Of Answer". Disponível em: https://www.ncfamily.org/pov-suicide-rates-are-up-stronger-families-community-and-church-part-of-the-answer/.

73 Van Creveld, *Sexo privilegiado*, p. 91.

pressa em resolvê-los, sem jamais atacar ou sequer entender a causa, os meninos começam a ser medicados:

> Em 1995, só nos Estados Unidos 2,5 milhões de crianças tomavam a droga, freqüentemente a partir de um diagnóstico vago ou errado; e os números só fizeram subir. Hoje sabe-se, ou suspeita-se, que a Ritalina provoca uma série de efeitos colaterais de longo prazo, que vão de interrupção do crescimento à diminuição da criatividade, do declínio da autoestima ao vício (a Ritalina, uma anfetamina, é mais potente que a maconha); por isso metade das crianças obrigadas a tomá-la dizem "odiá-la". Mas o mais interessante é o fato de que, apesar de as meninas responderem por um terço do total de crianças com déficit de atenção/hiperatividade, apenas um quinto das crianças que tomam Ritalina é menina. Desde que os dopados sejam os meninos, ninguém se importa.[74]

3. Da ausência paterna decorrem graves problemas: homicídios, suicídios, tiroteios em escolas, altos índices de depressão e embotamento da população carcerária. Farrell aponta que a população carcerária da Califórnia, por exemplo, aumentou 700% nos últimos 50 anos. Lá, nos últimos anos, foram construídos 18 presídios e apenas 1 universidade. O escritor também chama a atenção para o caso do assassino de Oakland, o jovem Anthony Sims. A última publicação nas redes sociais de Sims antes de cometer o crime que repercutiu em todo o país em 2015 foi: "Eu queria ter tido um pai".

Muito se tem comentado acerca dos recorrentes tiroteios em escolas americanas e Farrell pontua que as pessoas costumam culpar às armas, ao vídeo game, aos programas violentos, etc., mas não têm atentado para o fato de que esses episódios são sempre protagonizados por meninos e que as cadeias também estão embotadas de jovens criados sem um pai. As meninas têm vivido nas mesmas escolas, mesmas famílias e mesma sociedade; mas não têm apresentado o mesmo comportamento criminoso. Há, segundo ele, uma incontestável "crise dos meninos" ligada diretamente à ausência paterna e, evidentemente, ao crescente número de divórcios.

Aliás, os dois problemas anteriormente mencionados [ausência de propósito e feminização escolar] também estão

74 *Ibid.*, pp. 91-92.

estritamente ligados a este. Quando um pai falta na criação dos filhos, a tendência da criança de desenvolver empatia e assertividade diminui e seu rendimento na escola piora em todas as disciplinas.

Para não ficar somente na análise estatística, convém citar ao menos um exemplo do incontido ódio contra as características masculinas dos meninos. Todd Goldman, o empresário que fundou a David and Goliath em 1999, lançou camisetas com os dizeres: "Garotos são fedorentos". Alguns anos depois, ele resolveu ampliar a campanha e incluir novas frases como "garotos dizem mentiras, furem seus olhos!" ou "a fábrica da estupidez, onde os meninos são feitos" ou "garotos são estúpidos...". A marca evoluiu para estampas em canecas, chaveiros e pôsteres. Em 2005, quando a revista *People* publicou uma reportagem sobre as polêmicas camisetas, abriu com a citação de uma menina de dez anos que dizia: "Eu quero fazer os meninos se sentirem mal porque é divertido".

Além da *People*, mais de 300 portais também publicaram sobre o episódio, incluindo *TIME, Forbes, The Washington Post* e *The Guardian*. Em um artigo da *Boulder Daily Camera*, Linda Scott, da Universidade de Illinois, expressou seu apoio às camisas para se vingar de garotos por "bullying". Quando alguém se levantava para criticar a campanha, era acusado de machismo, misoginia ou qualquer outro rótulo que pudesse manchar uma carreira. O apresentador Glenn Sacks iniciou uma campanha contra as camisas em 2003 e começou a sofrer represálias.

Helen Grieco, diretora-executiva da Organização Nacional para Mulheres (NOW) considerou o assunto como *irrelevante* e chamou Glenn Sacks de "homem hipócrita", alegando que ele propaga opiniões misóginas. A colunista do *San Francisco Chronicle*, Jane Ganahl, ridicularizou os argumentos de Sacks em defesa dos meninos, aconselhando em um artigo: "Cale a boca e arrume uma vida, já". Ganahl argumentou que as camisetas são percebidas como diversão inofensiva por crianças e que o sexismo contra as mulheres é um problema mais vasto e significativo do que piadinhas com garotos. Rush Hudson Lim

baugh, radialista e comentarista conservador norte-americano, fez uma declaração certeira sobre o episódio:

> Você pode imaginar uma empresa que fabricasse uma linha de camisetas que dissesse "os negros são podres, batam sobre suas cabeças" ou "os homossexuais são estúpidos, joguem pedras neles"? E você pode imaginar o *San Francisco Chronicle* fazendo uma reportagem sobre o quão bonitas essas camisetas são?... Imagine o contrário: essas camisetas com a seguinte redação: "Garotas são mentirosas e vão partir o seu coração. Atire pedras nelas" ou "As meninas não são macias e fofinhas, elas são medíocres e cruéis, e irão destruí-lo". Você consegue imaginar um jornal fazer uma manchete sobre a história de como se tornou maravilhosamente meiga a moda usada por garotinhos? Eu duvido.[75]

A guerra contra os homens

> *Mais difícil do que matar um vampiro*
> *é aniquilar uma falsa estatística que se torna viral.*
> — Joel Best, sociólogo americano

Em 1990, a filósofa Camille Anna Paglia (1947–) publica *Personas Sexuales* e alerta acerca dos perigos de um feminismo "que foi longe demais". Nessa caminhada, encontra Christina Hoff Sommers (1950–), outra feminista considerada uma dissidente por denunciar as mentiras feministas. Camille e Christina costumam chamar a atenção para o fato de que as feministas criticam e desmerecem todas as características essencialmente masculinas: força, velocidade, competitividade, objetividade, agressividade.

Stuart Mill, em seu livro *A sujeição das mulheres*, considerava que a subordinação da mulher ao homem era, em grande parte, culpa da superioridade física e do uso da força.[76] A distinção baseada no princípio da força, segundo ele, já está

75 "Sacks, 'Boys are Stupid' Designer Mix it up on CNBC", artigo publicado no site Men's News Daily, 26 de fevereiro de 2004. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Controv%C3%A9rsia_%22Garotos_s%C3%A3o_est%C3%BApidos,_joguem_pedras_neles!%22.

76 John Stuart Mill, *A sujeição das mulheres*, p. 22.

obsoleta. De certa maneira, pode-se concordar que está, mas isso se dá especificamente no Ocidente e por concessão da parte mais forte — os homens — em prol de um sistema mais justo. Como lembra o filósofo brasileiro Mário Ferreira dos Santos,[77] o "direito da força" ainda é mais respeitado do que a "força do direito" em inúmeros povos africanos ou orientais. Aliás, até mesmo em alguns guetos ou classes marginalizadas próximas de nós. E esse é justamente o ponto em que a força física masculina jamais se torna obsoleta, ela é sempre necessária para conter a invasão violenta de qualquer outra cultura que faça uso efetivo de força também.

O que as feministas de hoje costumam fazer é atacar a agressividade masculina como um mal em si, esquecendo-se de que foi essa agressividade que garantiu o sistema de igualdade civil que hoje se desfruta. Essa estratégia faz parte do que muitos teóricos têm chamado de "guerra contra a masculinidade". A verdade é que, mesmo no atual quadro de igualdade jurídica, se um homem criminoso atacar uma mulher, ele só poderá ser impedido de matá-la por um outro homem mais forte do que ele ou pelo uso de arma de fogo, jamais pelo poder de convencimento da lei. A lei garante a punição ao agressor, mas não tem a força para barrá-lo. Exemplificando da forma mais simplista: se um povo bárbaro e essencialmente machista tentasse impor sua cultura sobre nós, seria a linguagem da força a única capaz de impedir esse retrocesso. O mesmo acontece com as mulheres. Elas podem estar protegidas da violência da agressividade dos homens se estiverem acompanhadas por um homem tão ou mais forte — ou com capacidade de ação — do que os possíveis agressores. A sobrevivência de nossa civilização depende de reconhecermos e valorizarmos também as características masculinas. Atacá-las é atacar a civilização.

Outro nome de destaque na reação contra o feminismo é Warren Farrell, americano que já escreveu sete livros sobre as questões controversas envolvendo homens e mulheres. Ele era um pesquisador simpático ao feminismo até perceber que inúmeras injustiças vêm sendo cometidas contra os homens em nome de uma suposta luta por igualdade. A obra mais famosa

77 No livro *A invasão vertical dos bárbaros*.

de Farrell é *O mito do poder masculino*. Ele desafiou a crença de que os homens detinham o poder contestando a definição do que é "poder", algo deveras semelhante ao que escrevia Esther Vilar em *O homem domado*.

Farrell definiu poder como "controle sobre sua própria vida" e escreveu que, "no passado, nenhum dos sexos tinha poder; ambos possuíam papéis: o da mulher era de criar os filhos; o do homem, de ganhar dinheiro". Mas, hoje, se há algum tipo de poder sendo exercido por um dos sexos contra o outro, é precisamente a mulher que, mesmo sem deter os meios de fazê-lo, exerce-o. Para demonstrar, em suas palestras e livros, aborda os cinco mitos propagados pelo movimento feminista. Esses mitos estão tão difundidos que, quando desmentidos, ainda que com gráficos, dados e estatísticas, despertam descrença. Podem ser brevemente resumidos assim:

1. Comumente se diz que os homens ganham mais que as mulheres pelo mesmo trabalho. Isso não é verdade, principalmente porque os homens trabalham, em média, nove horas semanais a mais que as mulheres; trabalham duas horas mais longe de casa e fazem trabalhos mais difíceis em locais mais perigosos. Em se considerando todas as variáveis do trabalho, relacionando esforço e salário, a verdade é que as mulheres ganham mais do que os homens. Os homens são maioria esmagadora nos 25 piores tipos de trabalho, por exemplo. E quando se recorre ao argumento de dupla jornada, o assunto fica ainda mais interessante. Pesquisas apontadas por Farrell demonstraram que as mulheres trabalham, em média, 17 horas semanais em casa. E os homens, 22 horas.

Ainda sobre as diferenças salariais, Farrell documenta 25 diferenças em escolhas de carreira profissional entre homens e mulheres. A preferência dos homens quando escolhiam um emprego ou profissão era ganhar mais dinheiro, enquanto as escolhas das mulheres se baseavam em uma vida mais equilibrada ou feliz. Equilíbrio e felicidade, certamente, não fazem tão bem ao salário quanto o trabalho duro e a ambição. Ao descobrir essas 25 diferenças, Farrell pôde começar a oferecer às mulheres, em suas palestras, 25 maneiras de obter maior benefício salarial: essas maneiras incluíam trabalhar mais horas

e por mais anos; aceitar trabalhos mais técnicos ou perigosos; se deslocar a locais mais distantes ou viajar durante a noite. No Brasil, modestas pesquisas[78] também têm se aproximado da mesma conclusão que Farrell.

É importante ressaltar todo o vitimismo que se construiu em torno do trabalho doméstico das mulheres desde a publicação de *A mística feminina*. Geralmente, tudo que as mulheres fazem em casa, como a comida e cuidar das crianças, é chamado de "escravidão" ou "sacrifício", mesmo que não manifeste nenhuma condição de maus tratos, violência ou risco de vida. Já os trabalhos masculinos fora de casa, que para a maioria da população pobre se resume ao trabalho pesado, sujo e perigoso, as mulheres chamam de "liberdade de trabalhar", "poder", "autoridade" e "domínio".

2. Comumente se diz que as mulheres são mais pobres que os homens. Isso também não é verdade. Entre os 1,6% mais ricos do mundo, metade são mulheres. Quanto à miséria, 85% dos sem-teto é homem. Dados com gastos e qualidade de vida endossam a situação econômica vantajosa da mulher em relação ao homem. Se isso não bastasse, também é verdade que as mulheres gastam mais do que os homens. Gastam seu próprio dinheiro e, muito freqüentemente, gastam também o dinheiro dos maridos.

3. Ainda mais comum é ouvirmos que as mulheres são as maiores vítimas de violência. Na verdade, os homens são muito mais vítimas de violência do que as mulheres. Cerca de 75% das vítimas de homicídio são homens, 66% das vítimas de violência em geral são homens — incluindo violência sexual ou estupro. Os estupros cometidos contra meninos acima dos 10 anos são comumente tratados como piadas. Abuso sexual de

78 Um novo estudo da Fundação de Economia e Estatística, do governo do Rio Grande do Sul [...] Os economistas Guilherme Stein e Vanessa Sulzbach analisaram 100 mil salários e concluíram que as mulheres brasileiras ganham 20% menos que os homens — mas só 7% não podem ser explicados pela diferença de produtividade [...] as mulheres têm em média mais anos de estudo e começam a trabalhar mais tarde. No entanto, interrompem a carreira com mais freqüência, têm uma jornada um pouco menor que a dos homens e tendem a se concentrar em ocupações que remuneram menos. Dos 20% de diferença salarial, 13% são explicados por essas razões. V. https://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/estudo-derruba-o-mito-de-que-as-mulheres-brasileiras-ganham-30-menos-que-os-homens/.

crianças do sexo masculino é desprezado, especialmente se a perpetradora for mulher.

No Brasil, por exemplo, conforme dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS), entre 1980 e 2010, registraram-se cerca de 90 mil homicídios de mulheres. Quanto aos homens, foram mais de um milhão de assassinatos registrados, de um total de 1.094.163. Em 2010, o Brasil registrou 52.970 homicídios. Desse total, foram assassinados 48.493 homens, 91%, e 4.477 mulheres, o equivalente a 5%. São 11 vezes mais homens sendo assassinados do que mulheres. No mesmo ano, uma pesquisa divulgou que 41% das mulheres assassinadas morreram em decorrência de violência doméstica, ou seja, 1.836 mulheres. Quanto aos homens, 14,3% dos 48.493 assassinados morreram pela mesma razão, ou seja, 6.934 homens morreram em virtude de violência doméstica. Evidência incontestável: no Brasil, a violência doméstica mata mais homens do que mulheres. Um homem brasileiro morre a cada 1h 15min 51s (ou a cada 4.551 segundos) por violência doméstica.[79]

Martin S. Fiebert, do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual da Califórnia, reuniu e analisou uma vasta bibliografia sobre violência doméstica. Do material obtido, se pode resumir o seguinte:

> A bibliografia examina 286 investigações acadêmicas: 221 estudos empíricos e 65 resenhas e/ou análises, *que demonstram que as mulheres são tão fisicamente agressivas ou mais agressivas do que os homens em suas relações com os seus cônjuges ou parceiros do sexo masculino*. A dimensão da amostra global nos estudos criticamente analisados ultrapassa os 371.600.[80]

Nesse ponto, Farrell chama a atenção para o fato de que pouco se fala sobre as mortes masculinas, justamente, porque, em nossa cultura, está impregnado a idéia de que os homens devem trabalhar muito, lutar muito, sacrificar-se muito. Os homens foram treinados para morrer por sua família ou por

79 http://sexoprivilegiado.blogspot.com/2014/03/quatro-em-cada-cinco-pessoas-assassinadas-por-violencia-domestica-no-brasil-sao-homens.html.
80 http://www.csulb.edu/~mfiebert/assault.htm.

sua pátria. É como se os homens não tivessem sentimentos e, na verdade, basta olharmos ao redor para percebermos como muitas mulheres ainda agem assim: como se seus maridos ou pais não tivessem sentimentos. Aliás, como já dito, os homens também são maioria entre os que cometem suicídio.

4. Diz-se, também com freqüência, que a comunidade médica dominada por homens é relapsa e negligente quanto à saúde das mulheres. Também não é verdade. A primeira e mais cabal de todas as provas que desmente esse mito é o fato de as mulheres terem acesso a incontáveis métodos contraceptivos quase imperceptíveis enquanto os homens só podem se valer do preservativo de látex que, além de incômodo, diminui o prazer sexual durante a relação.

Se tomarmos como base os casos de câncer de próstata e câncer de mama, que são fatais em homens e mulheres na mesma proporção, e os relacionarmos ao fato de que o patrocínio para as campanhas de câncer de mama é sete vezes maior do que o destinado às de câncer de próstata, o mito da negligência média cai por terra. No Brasil, por exemplo, conforme levantamento feito pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA) em 2009, os homens são acometidos de câncer 77% mais que as mulheres. O responsável pela pesquisa, coordenador de Prevenção e Vigilância do instituto, Cláudio Noronha, surpreendeu-se: “A gente não esperava encontrar tanta diferença. É um dado alarmante”. Além disso, o câncer, de modo geral, é 85% mais mortal entre a população masculina. A expectativa de vida dos homens também evidencia que os cuidados médicos estão concentrados nas mulheres: hoje, eles morrem, em média, sete anos mais cedo que as mulheres. Em 1920, a diferença era de apenas um ano. Além disso, no Brasil, os homens se aposentam 5 anos mais tarde e morrem cerca de 8 anos mais cedo que as mulheres. Por isso, usufruem 13 anos de aposentadoria, e subsidiam mais de 40% da aposentadoria das mulheres, que usufruem, em média, de 20 anos aposentadas.

Os homens morrem mais que as mulheres em todas as 15 principais causas de morte precoce. Há mais dinheiro sendo investido para salvar baleias, tartarugas e animais de toda espécie

do que concentrados em salvar vidas masculinas. Os homens também são maioria entre dependentes químicos.

5. Os homens também são acusados de serem pais relapsos e abandonarem suas famílias. Também é falsa essa acusação. Quando se trata de pagar pensão alimentícia, por exemplo, os homens são duas vezes mais dispostos e duas vezes mais assíduos. Apesar disso, os pais que negam assistência financeira são mais criticados que as mulheres com o mesmo procedimento. Da mesma forma, os homens devedores são presos com mais freqüência que as mulheres em mesma condição.

Há inúmeros outros detalhes que poderiam ser citados. No Exército, apenas homens tem padrão de cortes de cabelos, as mulheres podem mantê-los como quiserem. Em ambientes sociais, os homens devem necessariamente cobrir do pescoço aos pés, as mulheres podem se livrar do calor com saias ou vestidos, além de uma infinidade de novas invencionices da moda. Dentro dos casamentos, as mulheres comumente decidem onde o dinheiro da família será gasto ou investido. Em datas comemorativas ou encontros, as mulheres esperam receber mais presentes do que os homens. É comum encontrar piscinas, parques e academias somente para público feminino, mas é raro ver estabelecimentos do mesmo ramo específicos para homens. Inclusive porque os homens preferem encontrar as mulheres nesses ambientes. A hipergamia é um fenômeno cultural de amplo alcance, mas raramente mencionado. As mulheres estão sempre melhorando social e economicamente por meio de casamentos vantajosos. O contrário raramente acontece.

No sistema educacional vigente, os meninos são tratados de forma pior que as meninas. Pesquisas indicam que até mesmo a nota das crianças muda se a professora que corrige os trabalhos sabe que se trata de um aluno e não de uma aluna. Nas universidades brasileiras e em diversos lugares do mundo, as mulheres são maioria. No Brasil, elas[81] já são mais de 60% dos formados. As cotas, seja onde for, só são acionadas para corrigir desigualdades desfavoráveis a mulheres, em se tratando de prejuízo masculino, nunca são mencionadas. Os pais estão,

81 http://noticias.r7.com/educacao/noticias/mulheres-ja-ultrapassam-60-dos-formandos-em-nivel-superior-20140221.html.

em média, mais dispostos a pagar pelo estudo das filhas do que dos filhos.

Tantos mitos sendo propagados tão hegemonicamente e recebendo crédito tão facilmente só revelam um trabalho retórico muito bem feito e muito mais antigo que qualquer reação. Durante muito tempo, e até mesmo hoje, muitos homens aceitam os rótulos proeminentes de falsas acusações: "você vai abandonar nossa família e nossos filhos", "a vida dos homens é mais fácil que a vida das mulheres", "eu trabalho mais do que você", "os homens têm mais dinheiro que as mulheres" e assim sucessivamente. No entanto, de todas as acusações sensacionalistas, nenhuma é tão grave quanto: "Você é um estuprador em potencial".

A cultura da falsa acusação de estupro

Existem predadores entre os homens, mas os homens não são predadores.
— Cristina Hoff Sommers

Erin Pizzey (1939–), fundadora do primeiro abrigo no Reino Unido para vítimas de violência doméstica, publicou recentemente em suas redes sociais:

> Feminismo é uma patologia social que culpabiliza todos os homens como opressores de todas as mulheres. Feminismo é um movimento depravado, que não só sataniza todos os homens como também destrói a família, que é a base de todas as civilizações. O feminismo tem sido um mal à sociedade, que fere um dos direitos humanos mais fundamentais: o da presunção de inocência. O feminismo decreta todos os homens culpados ao nascer.

Pizzey estava revoltada com algum acontecimento relacionado à suposta cultura do estupro propagada pelas feministas. Ela percebeu que o movimento monopolizou o tema da violência doméstica, canalizou a culpa para a masculinidade e dominou todos os meios de debate sobre agressão, assédio e estupro. Pequenos exemplos do dia-a-dia podem revelar de que modo algumas mulheres manipulam o discurso da violência para

controlar e cercear a liberdade masculina, exatamente como Pizzey mencionou: *culpabiliza todos os homens sem espaço para a presunção de inocência.*

Recentemente, a feminista Orenstein publicou um livro sobre sexo e garotas. Empolgada, satisfeita, ela conta como uma adolescente de ensino médio recorreu à inspetora da escola para sugerir que "talvez não devessem contratar professores homens focados em olhar para seus peitos!".[82] Para qualquer um com um pouco de bom senso, não é preciso dizer mais nada. O totalitarismo, o preconceito, o ódio ao masculino está instalado. Se não bastasse isso, a sugestão vinha de uma adolescente que insistia em usar decotes durante as aulas. O professor, na opinião da aluna, e da empolgada escritora, jamais deveria olhar para o que a menina deixava propositadamente à mostra. A alternativa para o professor não machista nem assediador era simplesmente jamais olhar para a própria aluna? A menina continua seu depoimento: "Em quatro de cinco dias de escola vão assoviar, me encarar, me olhar de cima a baixo e me tocar. Nós aceitamos isso como parte da escola. [...] Isso não acontece com os caras. Nenhum garoto nunca teve que andar pelo corredor e ouvir as meninas falarem: 'Ei, garoto, sua batata da perna é linda!'".

O depoimento da moça é muito comovente, mas não é verdadeiro. Primeiramente, é incontestável que o assédio também acontece contra os homens. Se em alguma medida parece acontecer com poucos deles, é porque não costumam se queixar e porque as mulheres costumam ser atraídas pelo tipo de homem que não é tão comum assim, enquanto que os homens costumam gostar de quase qualquer mulher. O episódio mais recente e impressionante que eu presenciei numa escola, foi, a propósito, o assédio de uma menina de oitavo ano, com apenas 12 anos, contra um aluno do ensino médio. Enquanto eu levava quatro de meus alunos para casa após uma confraternização da turma, a mocinha no banco de trás tentava apalpar a genitália do colega que ficou totalmente constrangido. Quando todos já estavam em casa, ela me procurou pedindo o número de contato do rapaz que, ao ser consultado a esse respeito no dia

82 Peggy Orestein, *Garotas & sexo*, p. 21.

seguinte, pedia apavorado que eu não atendesse o favor: "Professora, eu tenho namorada e ela é nervosa".

Em segundo lugar, a aluna entrevistada por Peggy Orestein teve dificuldades de encontrar uma parte do corpo masculino de seus colegas para erotizar; provavelmente, porque eles usam camisetas e calças convencionais e muito semelhantes ao uniforme. Também porque as regiões eróticas de um homem são menos evidentes, geralmente não estão a mostra.

As feministas costumavam contar histórias tristes de meninas inocentes que sofreram na mão de algum pervertido; hoje, isso não é mais suficiente. Elas precisam aumentar, inventar, criar casos, encontrar pêlo em casca de ovo. Parece que quanto mais os homens se civilizam e se policiam a esse respeito, mais as radicais feministas precisam inventar abuso onde não existe. Elas dizem que "eles vão assoviar, me encarar, me olhar de cima a baixo", mas esquecem que nada disso é criminoso ou ilícito, mas o principal é: as mulheres também fazem isso. Um pouco adiante,[83] Peggy conta que "a maioria das garotas aprendeu a se desvencilhar graciosamente quando não tinha interesse". Essa pequena confissão sobre "quando não se tem interesse" é a prova cabal de que o que muitas feministas chamam de "assédio" não passa de uma "tentativa" masculina que, se interessar, acaba bem-sucedida.

O que Orenstein estava comemorando com sua narrativa era o enterro do jogo da conquista. Qualquer jogador, se for homem, pode ser enquadrado como criminoso quando a moça "não tiver interesse". Se ela tiver interesse, então, ele não será um assediador, mas sim um "homem que tem pegada e atitude". É demais esperar que os homens adivinhem o estado de espírito e humor da mulher que lhes chamou a atenção em um bar, em uma festa ou na casa de um amigo. Se os homens forem criminalizados por tentarem despertar o interesse das mulheres, estaremos dizendo a eles que devem esperar sentados enquanto as mulheres decidem entre si qual deles terá uma chance. Se feminismo é sobre igualdade, isso é verdadeiramente desigual. Por que as mulheres podem escolher, encostar, cantar, tentar induzir e seduzir, mas os homens não?

83 *Ibid.*, p. 22.

Outro problema daí derivado é a deturpação e banalização que conceitos como "cultura do estupro"[84] vem produzindo. Há uma histeria coletiva entre mulheres psicologicamente influenciadas pelo feminismo, de modo que, para muitas, qualquer abordagem masculina que pareça inconveniente já é rotulada e exposta como crime hediondo, sem qualquer preocupação com as conseqüências que podem recair sobre o acusado.

Em maio de 2016, uma universitária brasileira de 19 anos foi atacada, agredida e abusada. Ela foi seguida pelo seu agressor que estava dentro do mesmo ônibus. O crime aconteceu próximo ao campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A polícia[85] compôs um retrato falado do estuprador. Essa imagem foi divulgada nas redes sociais e, um mês depois, um homem inocente foi espancado e esfaqueado por ter sido confundido com o agressor. Quando consultada sobre o caso, a delegada afirmou que: "não é a primeira pessoa confundida com ele. Foi um inocente agredido, esfaqueado".

Aqui no Brasil, é assim que os estupradores — e suspeitos de estupro — são tratados pela população. Tanto pior é o que lhes acontece dentro dos presídios. Recentemente, a Câmara debateu o Projeto de Lei 5398/13, do deputado Jair Bolsonaro, que estabelece a castração química como condição para o condenado por estupro poder receber livramento condicional. A proposta também altera a Lei de Crimes Hediondos (8.072/90) para incluir essa obrigatoriedade na progressão do regime. Estranhamente, muitas parlamentares feministas se manifestaram contra o projeto. Diante disso, dizer que nosso país ou povo alimenta uma cultura de estupro é deliberadamente mentiroso, é uma completa inversão, um absurdo retórico.

84 "Sabemos que é um conceito largamente utilizado por feministas e pró-feministas como maneira de culpabilizar a masculinidade por criar ambiente de crenças e padrões morais que impulsionem práticas de estupro; trata-se, de maneira clara, de um mecanismo para culpar a todos os homens pelo estupro realizado (de maneira criminosa e às vezes patológica) por alguns. Questionar a cultura do estupro do ponto de vista estatístico é simples, tarefa realizada, de forma bastante eficiente, pela RAINN (Rape, Abuse & Incest National Network — Rede Nacional sobre o estupro, abuso, e incesto), uma das maiores redes de combate à violência sexual nos EUA". Hugo Platero em *A cultura do estupro: caminhos de desconstrução e a armadilha feminista*.

85 Matéria de Lucas Azevedo no *Portal Estadão*, divulgada em 06 de junho de 2016: "Confundido com estuprador, homem é espancado e esfaqueado".

Ninguém defende que um estuprador fique impune — exceto algumas feministas ligadas a campanhas dos direitos humanos. Qualquer estuprador é considerado o pior dos criminosos, nem mesmo os outros marginais o toleram. Na realidade, as feministas sabem disso e disso se valem. Não à toa elas têm levantado falsas acusações de estupro para engrossar suas bandeiras de que todo homem é um estuprador em potencial. E foi precisamente isso que aconteceu com o caso de meados de 2016. Não apenas um homem inocente foi esfaqueado como também a comunicação do crime era falsa.

> A delegada Tatiana Bastos afirmou nesta quinta-feira (9) que, em novo depoimento, a suposta vítima, uma universitária de 19 anos, admitiu a farsa e que foi tudo uma invenção. Ela foi indiciada por falsa comunicação de crime (em caso de condenação, estará sujeita a multa e a uma pena que varia de 1 a 6 meses de detenção). A motivação para a história não foi revelada e o nome da moça não foi divulgado. O relato de estupro foi compartilhado milhares de vezes pelo Facebook. A estudante dizia que tinha sido observada por um homem dentro de um ônibus da linha T1 e que, ao desembarcar, foi perseguida, rendida e levada a uma praça [...] um homem foi espancado e esfaqueado por populares depois de ser confundido com o suspeito de estupro. A tentativa de linchamento aconteceu no bairro Jardim do Salso — na mesma região do suposto estupro. A mulher foi encaminhada para perícia psicológica.[86]

No verão de 2015, outra universitária brasileira do curso de Letras da USP, com 23 anos, Sandy Mayumi Makiyami Saguri, comunicou falsamente um crime de estupro. Ela ligou para a polícia e acusou um policial militar fardado de tê-la agredido e estuprado. Quando os exames foram realizados, nenhum ponto de agressão foi encontrado. Quando interrogada, ela pôs a culpa na bebida: "Bebi muito naquela noite [...] não sei por que disse que fui estuprada".

O caso de Sandy foi acompanhado pelo delegado Gustavo Galvão Bueno. Segundo ele, Sandy reportou ter agido dessa

86 Matéria de Lucas Azevedo no *Portal UOL* em 09 de junho de 2016: "Universitária admite que inventou história de estupro no RS, diz delegada".

forma em solidariedade a um grupo que tinha por objetivo "espalhar informações falsas para chamar a atenção de veículos e imprensa".[87] Nas redes sociais, ela declara apoio a diversas ações feministas, anarquistas e de liberdade de gênero. Fez parte de um manifesto chamado "Quebrando grades: luta por um mundo sem prisões", mas certamente não pensou sobre isso quando quase mandou para a cadeia um policial militar inocente.

Felizmente, as investigações conseguiram comprovar que Sandy Saguri estava mentindo e o policial injustamente acusado não sofreu danos maiores. Em um cenário menos feliz, ele poderia ter sido agredido e esfaqueado como veio acontecer no caso reportado em 2016. Nem todos tiveram a mesma sorte. Heberson Lima de Oliveira, hoje com 34 anos, foi injustamente acusado de estupro, preso e abusado dentro do presídio:

> Preso em 2003 suspeito de estuprar uma menina de nove anos, ele ficou três anos atrás das grades até que teve a inocência provada. Isolado em uma cela destinada aos homens que cometeram crimes sexuais, ele foi estuprado pelos companheiros de cela e contraiu Aids, o que fez com que a liberdade chegasse de forma tardia para ele. Heberson deixou a Unidade Prisional do Puraquequara, em Manaus, em 2006. Ele nunca foi julgado e nem condenado. Tudo só foi esclarecido durante uma visita ao presídio feita pela defensora pública Ilmair Siqueira. Ela conversou com o rapaz e acreditou na versão apresentada sobre os fatos.

Quando saiu da prisão, Heberson estava doente e viciado em drogas. Arrumou um emprego, mas não conseguiu se manter nele. A vida, que já não era fácil antes, tomou dimensões de sofrimento inimaginável depois dos três anos preso injustamente. Esse é o poder de destruição de uma falsa imputação de crime.

Os casos aqui relatados são brasileiros, mas as feministas têm usado as falsas acusações de estupro há anos em todo o Ocidente. Não se deve esquecer que foi assim que elas conseguiram a aprovação do aborto nos Estados Unidos, usando as mentiras de Jane Roe, que, mais tarde, confessou tudo em sua

87 Matéria de Jairo Marques para a *Folha de São Paulo* em 06 de março de 2015: "Aluna de pedagogia da USP faz registro de falso estupro".

biografia. As mulheres, alimentadas pelo denuncismo do movimento revolucionário, perceberam na sensibilização geral para o tema do estupro uma oportunidade de mentir.

Algumas mulheres têm mentido sobre estupro para acobertar uma traição ao cônjuge. Foi o caso de Nicola Osborne, uma americana de 32 anos, casada e com três filhos. Arrependida de ter traído o marido, ela mentiu ter sido raptada à força. O teste de DNA permitiu que a polícia encontrasse e mantivesse o amante preso por 12 horas. A verdade acabou sendo descoberta e Osborne foi acusada de queixa caluniosa — condenada a 18 meses de prisão.

Mulheres também têm mentido sobre estupro por terem alguma doença mental, porque se sentiram culpadas de terem feito sexo casual, porque o sexo foi ruim, para se vingarem de alguém, para deixar o namorado com ciúmes, apenas para conseguir atenção e até mesmo porque reprovaram em algum teste importante. Foi o caso de uma estudante de direito reprovada no teste final:

> Rhiannon Brooker, de 30 anos, está presa há três anos e meio depois de ter sido considerada culpada de perverter o curso da justiça alegando que Paul Fensome, de 46 anos, a forçou a fazer sexo com ele em cinco ocasiões. A graduada em Direito por Birmingham até falsificou ferimentos para sugerir que Fensome a espancara, e alegou que ele causara um aborto espontâneo dando-lhe um soco no estômago.[88]

Até meninas muito jovens têm se valido dessa estratégia. Em 2000, Elizabeth Coast, uma criança de apenas 10 anos, disse à mãe que havia sido molestada pelo vizinho de 14 anos. Johnathan C. Montgomery foi condenado a sete anos de prisão e cumpriu quatro. Finalmente, Elizabeth admitiu que tinha mentido sobre um rapaz inocente apenas porque queria arranjar uma desculpa para não ouvir um sermão da mãe por causa da pornografia que costumava assistir.

Se não bastasse o absurdo de acusar falsamente um inocente, tais condutas levianas colocam em xeque a credibilidade

88 Disponível em: http://www.dailymail.co.uk/news/article-2671095/What-did-utterly-wicked-Judge-slams-lying-law-graduate-claimed-boyfriend-raped-excuse-failing-exams-jailed-three-half-years.html.

de denúncias realizadas por vítimas reais de estupro. Não é a coibição de comportamentos inconvenientes que se consegue com essas generalizações, mas sim o aumento da desconfiança prévia que recai sobre potenciais denúncias de estupros reais, prejudicando principalmente as pessoas que de fato sofrem essa atrocidade. Em suma, a sanha das feministas prejudica homens inocentes e atravanca o caminho da justiça de vítimas mulheres. Chamar tamanha covardia de "desserviço" é pouco.

Controle universitário e aparelhamento institucional

> *As mulheres na faculdade devem considerar o exato oposto do que for ensinado pelos professores e colegas atualmente.*
> — Phyllis Schlafly, advogada americana.

É espantoso perceber como tantos mitos feministas e como tantos discursos do movimento têm se espalhado tão homogênea e hegemonicamente em nossa sociedade. Isso tem acontecido no Brasil e em todo o Ocidente. Tal difusão só é possível pelo aparelhamento e controle de vasta parte das instituições educacionais. A ativista conservadora Phyllis Schlafly, que enfrentou e venceu as feministas na pauta do ERA nos Estados Unidos, descreveu com perfeição como esse processo de domínio institucional começou.

> Nos campi universitários por toda a América, o feminismo é corrente predominante. Abundam cursos sobre Estudo das Mulheres, e milhões de mulheres impressionáveis se matriculam nesses cursos. Mas repare que elas não chamam os cursos de Estudos Feministas (o que seria um título fiel), porque o termo mulheres sugere que todas as mulheres pensam da mesma forma ou devem pensar da mesma forma [...] os cursos não são nada mais que doutrinação feminista [...] algumas universidades admitem publicamente seu viés.
>
> O departamento de Estudos das Mulheres da Universidade Miami de Ohio também deixa claro que seus cursos são organizados em torno da teoria feminista radical. Para obter o diploma de Estudos das Mulheres, o primeiro requisito

> para a tese de graduação é que esta "deve incluir perspectivas feminista".[89]

No Brasil, a hegemonia esquerdista e feminista já alcança níveis antes inimagináveis. Não há mais preocupação em mascarar a ideologia feminista sob o título de "Estudos das Mulheres". As professoras feministas dominam todos os centros de estudo de família ou sexualidade ou relações de gênero e tudo que diz respeito às mulheres está algemado à ideologia feminista como se não houvesse outra abordagem possível. Se não bastasse isso, um corporativismo incondicional cimenta a relação de tantos professores doutrinadores.

Um exemplo claro aconteceu em abril de 2018 quando uma professora brasileira foi notícia em todo o Brasil. A docente é concursada da Universidade Federal de Pelotas, leciona história e coordenada o Laboratório de Estudos Feministas. Ela fez declarações em suas redes sociais que deixam claro o caráter intolerante e antiético das feministas:

> "Que me perdoem meus queridos míopes alunxs, mas os golpistas destruíram a ordem, a paz, a constituição", completou. "Meu ódio é revolucionário e é ódio de classe, sim. Odeio burguês. E você, cuide-se para saber de que lado está [...] Fascistas têm de morrer, um a um, e me inscrevo para essa missão", continuou a docente, em nova postagem. "Quero ver almofadinha coxinha levando pau, patricinha quebrando a unha e a cara e quero arrebentar um fascista a pau", acrescentou.[90]

Quando os alunos reagiram e procuraram a mídia, a Associação dos Docentes da UFPel (ADUFPel SSind) publicou nota de apoio à professora e contra a "perseguição" à professora. A posição oficial da universidade inclinou-se em defesa da professora sob a alegação de "liberdade de cátedra" , afirmando que "não se deixarão pautar por pressões políticas de quem quer que seja". A UFPel anunciou também que "a liberdade de cátedra é imprescindível para que a universidade cumpra seu

89 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, pp. 35-36.

90 Matéria da *Gazeta do Povo* em 18 de abril de 2018: "Professora feminista ameaça alunos 'escrotos': 'quero arrebentar fascista a pau'".

papel social, desde que respeitada a pluralidade de idéias". Em suma, depois de ameaçar e ofender alunos, a professora e seus pares ainda se consideram perseguidos.

A escritora e filósofa norte-americana Christina Hoff Sommers (1950–) e a filósofa Camille Paglia têm denunciado uma série de intercorrências ligadas ao domínio da universidade por militantes: interseccionalidade,[91] denuncismo de micro-agressões, expurgo de dissidentes, excomunhão de pensamentos divergentes, abandono da tradição e da história, desrespeito aos cânones, currículos fragmentados, abordagens feministas em todas as áreas, inclusive as incompatíveis — p.e., o estudo feminista da ecologia das geleiras — e um incontestável ataque à cultura ocidental. Christina e Camille experimentaram isso na pele e, a partir de então, tentam alertar para o perigo dessa parceria entre reitores, militantes professores e instituições do governo. Amparado por currículos supostamente científicos enviados por essas universidades, o governo tem aplicado programas educativos e transversais nas escolas. Para isso, usa como cavalo de Tróia programas de conscientização *antibullying*, pelo respeito à diversidade e contra o preconceito.

Nesse ciclo entre governo, universidade e escola, as feministas policiam a sexualidade dos jovens: manipulando os homossexuais, castrando mentalmente os heterossexuais, criando um clima de denuncismo e condenando como deplorável tudo que é viril e masculino. Qualquer estudante de nível médio ou superior é capaz de verificar que isso tudo têm acontecido ao seu redor.

Comecei este livro com um primeiro capítulo dedicado à reivindicação feminista pela educação e encerro este último capítulo reforçando a importância dessa mesma pauta. As instituições educacionais são a maior arma do movimento feminista e suas teóricas perceberam isso muito cedo, ainda no séc. XVIII. Desde então, têm maquinado métodos de incutir todos

91 Interseccionalidade é um conceito neo-marxista que percebe racismo, sexismo, capacitismo, heterossexismo e todas as formas de "opressão" interconectadas. Tais conceitos inter-relacionados formam um arranjo de vantagens e fardos. "Uma mulher branca está em desvantagem por causa de seu gênero, mas em vantagem por sua raça. Um homem latino é oprimido pela sua etnicidade, mas privilegiado por seu gênero".

os seus interesses por esses meios. O desprezo à domesticidade e à maternidade, a inveja dos vícios masculinos de promiscuidade sexual, a propaganda da licenciosidade e do aborto, a desconstrução das identidades masculina e feminina e o ódio ao que sustém a cultura ocidental só se fizeram tão populares por causa da atuação de "educadores" que usurparam o papel da família e da comunidade religiosa.

Se tudo o que foi exposto neste texto, neste ensaio, neste trabalho de pesquisa, se a biografia promíscua e infeliz de tantas feministas, se tantas pesquisas e fontes não conseguem convencer o leitor do caráter sumariamente anticristão do movimento feminista, é certo que o leitor entendeu tudo de feminismo, mas nada de cristianismo. Se o esforço desse livro para convencer a leitora cristã foi vão; para classificar, foi efetivo: existem feministas ignorantes e feministas perversas. Nenhuma feminista pode restar ignorante depois de quatrocentas páginas conhecendo esse movimento. Perversamente continuar nesse caminho, a partir de agora, é uma escolha consciente pelo anticristianismo, pelo ódio aos homens e à cultura ocidental.

Conclusão

A feminista Susan Faludi escreveu um livro inteiro dedicando-se apenas a difamar todos quantos se insurgiram contra a revolução sexual. Ela fez chacota daqueles que reagiram aos estratagemas feministas, chamou o movimento reacionário de "refluxo", como se fosse o vômito social de uma proposta mal digerida. No entanto, diferentemente do que insinua Faludi, não existe um coletivo antifeminista, nem há um partido engajado em resgatar a "mística feminina". Tudo o que precisa ser feito, especialmente no Brasil, ainda está por se fazer. Nunca ouvi falar de ONGs que recuperam mulheres vítimas do feminismo. Mulheres não-feministas não têm grupos financiados por George Soros, não recebem dinheiro da Open Society para falarem o que pensam acerca das radicais e irascíveis feministas. Do contrário, quem ousa recusar o rótulo de feminista, quem rejeita os discursos, é perseguido, discriminado, atacado, difamado e desqualificado como eu mesma tenho sido desde meados de 2013.

Era novembro e eu estava em uma sala de aula de universidade pública quando me dei conta de que as mulheres têm perdido o direito de não abraçar nenhum projeto político. Uma turma majoritariamente composta por mulheres, com a autorização da professora, todas feministas, insinuava minha desistência ou expulsão do programa de mestrado por uma única razão: não ser feminista. Toda aquela balela sobre "lugar de fala" e suposta libertação da mulher veio abaixo. Eu sou mulher, mas para as feministas naquela sala, eu não deveria estar naquela universidade, aliás, não deveria expressar minhas

convicções em lugar nenhum, nem ali nem fora dali. Desde então, tenho confirmado que essa ideologia não se preocupa com a verdadeira liberdade. Trata-se de uma militância organizada por correntes de esquerda, defendendo e representando uma pequena e barulhenta parcela de mulheres revolucionárias. Jamais representou todas nós, jamais representou quem ama ser mulher, quem ama sua família, quem abraça seus filhos como um dom recebido e busca a reconciliação com o sexo oposto. O feminismo trabalha com um sistema seletivo e punitivo, silenciador e intimidador. Enaltece as mulheres que seguem suas regras e ataca violentamente qualquer voz — ainda que feminina — em contrário.

Se você for dona-de-casa, casada e feliz há cinqüenta anos, com cinco filhos e doze netos, as feministas dirão que você não teve oportunidade de escolha e que eram outros tempos. "Você não tem experiência de vida, não representa as mulheres e não sabe o que as mulheres sofrem. Você não pode falar nada". Se você for como eu — divorciada, diplomada, economicamente independente, que paga suas contas e trabalha o dia todo —, as feministas vão dizer que você desfruta os privilégios da luta feminista e, portanto, não pode discordar. Como se divórcio já não existisse antes do movimento feminista, como se as feministas tivessem inventado o alfabeto, a escola, a universidade ou o comércio. "Você não tem experiência de vida, não representa as mulheres e não sabe o que as mulheres sofrem. Você também não pode falar nada".

Só quem pode falar alguma coisa são aquelas chicas histéricas que balançam tetas desnudas pela cidade e que boicotam o emprego da depiladora, ou aquelas solteironas de meia-idade, professoras universitárias, que se vestem como adolescente ou como homem, que acusam todo mundo de complô machista e que deixam o pai aposentado em casa, chorando no banho, e pensando "onde foi que eu errei?". Olhemos para as feministas: Gloria Steinem era amargurada por ter que cuidar da mãe doente, pegou nojo da maternidade e dizia isso com orgulho. Virgina Woolf se suicidou, depois de uma vida marcada por surtos e violências. Betty Friedan não suportava o marido e odiava cuidar dos próprios filhos. Mary Wollstonecraft, que escreveu

que nenhuma mulher deveria depender do homem, tentou o suicídio duas vezes, porque um homem que ela amava a desprezou. Depois, propôs à esposa de um outro que elas dividissem o marido. Nesses dias eu estava lendo uma entrevista que a Simone de Beauvoir fez com seu companheiro Sartre. Ele disse, na cara dela, que transava com as outras mulheres por "qualquer motivo", beleza ou uma mera simpatia. Já que ela se dizia tão maravilhosa e independente e ele já a possuía, podia escolher outras mulheres sem nenhum critério. Além de simpatizar com a pedofilia, ela mesma arrumava garotinhas para fazerem sexo com Sartre. Margaret Sanger queria forçar a esterilização de mulheres negras, passou uns tempos presa, era eugenista declarada e ainda conseguiu convencer um dos seus maridos ricos a morarem em casas separadas. Teve uns amantes mais bandidos que ela mesma.

Por isso, a experiência da mulher comum não serve para o feminismo. E o motivo é claro: o feminismo não tem nada a ver com a mulher comum, tem a ver com a mulher frustrada e mimada. Certamente, não sou a primeira mulher a perceber esse caráter sectário:

> O dito movimento das mulheres (termo enganoso, já que sugere que todas as mulheres estão no mesmo time) é falso. O movimento feminista nunca foi a favor de todas as mulheres, apenas das esquerdistas. Não foi idealizado para criar condições de igualdade, e sim para reorganizar a sociedade a fim de tornar a vida mais conveniente para as feministas. O movimento foi idealizado para mudar o discurso, o tempo e a natureza do mundo.[1]

Muitas mulheres acusam quem renega o discurso feminista de exagerar e polemizar, criando um clima de excessiva apreensão acerca do discurso feminista. A feminista Berenice Bento, no entanto, enquanto discursava no I Seminário *Queer*: Cultura e Subversões de Identidades, foi clara sobre como o movimento feminista *usa* "as mulheres" apenas como propaganda. Se as vastas informações apresentadas neste livro não convencem, por partirem de uma mulher contrária ao

1 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, p. 25.

movimento, certamente as palavras de uma feminista declarada hão de convencer:

> Você sabe que não existe mulher, que [a mulher] é um símbolo e, como todo símbolo, é unitário, é autoritário, é impositivo... mas a gente usa esse símbolo "mulher" para construir uma agenda unificada de luta e, a partir daí, avançar numa determinada agenda [...]. Essa é a discussão do essencialismo estratégico: nós sabemos que não existe mulher enquanto essência mas a gente usa isso discursivamente e reforça isso para que a gente possa construir e avançar em alguns momentos.[2]

Berenice não é a única nem a primeira a falar abertamente sobre o falseamento da representatividade do movimento feminista. Essa estratégia já estava descrita em livros da década de 1990.

> Segundo Butler, não haveria mais nem mulher nem mulheres. A mulher seria contraponto do homem numa lógica heteronormativa em que o macho domina e a fêmea sucumbe. Para a definitiva libertação da heteronormatividade, toda identidade deveria ser diluída. Biologia e sexo seriam construções discursivas de um sistema médico jurídico que legitimaria os gêneros binários, ao mesmo tempo em que silenciaria outros gêneros, estigmatizados como patológicos, subversivos ou antinaturais.[3]

Se o feminismo não é o que parece ser, tampouco defende as mulheres, como saberemos do que se trata? Aparentemente, "feminismo" é uma palavra de origem francesa inventada por Charles Fourier,[4] um socialista utópico, e usada pela primeira vez em 1894. A principal dificuldade de se definir o conceito de feminismo é que ele se difundiu tanto que quase não há antifeminismo ou não-feminismo para que se faça o contraste, ao menos não nos países ocidentais. Geralmente, a identidade

2 Essencialismo estratégico por Berenice Bento no I Seminário *Queer*: Cultura e Subversões de Identidades. SESC São Paulo, outubro de 2015. Disponível em: https://youtu.be/Y3U2QwkWwBg.

3 Martins Neto, *Gênero*, p. 80.

4 Charles Fourrier, *The Origins of Modern Feminism: Women in Britain, France and the United States, 1780-1860*. Londres: Macmillan, 1985.

de um grupo se reforça diante de não-membros ou inimigos declarados. Com o feminismo, a comparação é difícil. É raro encontrar quem não se diga defensor ou simpático à libertação da mulher — partindo do pressuposto de que ela é oprimida, assumindo a premissa sem contestá-la. Inclusive, diante de uma mulher conservadora, ouvimo-la dizer que "defende o fim da opressão contra as mulheres, mas não é feminista" e "acredita na igualdade entre os gêneros, mas não é feminista". Mas isso é precisamente usar os argumentos feministas como que pressupondo que homens e mulheres podem ser iguais ou que as mulheres estão sendo oprimidas.

"Um problema central no discurso feminista tem sido a nossa incapacidade, quer para chegar a um consenso sobre o que é feminismo, quer para aceitar definições que possam servir a objetivos de unificação", escreveu a teórica feminista Gloria Jean Watkins em seu livro publicado em 1984. E, de fato, tem sido assim.

> Seja você solteira, casada, divorciada ou viúva, seu relacionamento foi profundamente afetado pelo feminismo. Não se trata apenas de algumas leis terem sido revisadas com respeito ao casamento. Os efeitos adversos do feminismo podem ser vistos na vacina contra o HPV, que o conselho da escola insiste que sua filha tome imediatamente, até a lista de presentes que sua colega anunciou, porque ela e o namorado estão morando juntos [e não casados] agora. Não há nada errado com vacinas ou presentes, mas a inferência implícita é que o casamento e a fidelidade sexual não importam mais.[5]

O feminismo tornou-se fluido, muda de cara como de roupagem sem fazer cerimônia, é impreciso demais para quem deseja combatê-lo e abrangente o suficiente para qualquer um que deseje aliar-se a ele. Quase qualquer discurso, se devidamente lapidado, pode ser encaixado ao feminista. É comum ouvirmos suas ativistas corrigindo outras mulheres: "então você também é feminista, ser feminista é lutar pelas mulheres e você também faz isso".

5 Carolyn McCulley, *Feminilidade radical*, p. 89.

Eu, finalmente, consegui que as feministas me excomungassem definitivamente após anos em defesa de pautas conservadoras. Há tempo que não ouço mais ninguém dizer que sou "um tipo de feminista também", mas isso custou um incansável esforço em renegar e combater a multifacetada agenda do movimento. Qualquer outra mulher comum que deseje simplesmente viver sua vida, normalmente, não tem diligência para, a toda a hora, se afirmar contra o feminismo. Mulheres assim são acomodadas pelas militantes e confundidas com "feministas moderadas". Diluir um movimento dessa forma é impedir que ele seja claramente identificado e objetivamente combatido.

Cada geração do feminismo apresenta múltiplas pautas; quando conquista alguma vitória, retira-se, dá vez a militantes mais novas e aguerridas, multiplica e intensifica seus pedidos, alimenta um ciclo de denuncismo.

> Ao longo da maior parte do século dezenove, as feministas estavam concentradas na obtenção do direito de voto e direito de propriedade. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os objetivos foram primeiro o emprego e o aborto, e depois os crimes em que a mulher era a queixosa e o homem os alegados culpados, por exemplo, violação, violência doméstica e abuso sexual infantil. Estas diferentes gerações tendem a definir-se em termos dos seus próprios objetivos. Isso confunde qualquer tentativa de obter uma visão geral deste movimento político.[6]

Essa confusão é proposital. Fluidificar o feminismo impede que ele seja esmagado; ele escapa por entre os dedos. Esta experiência deve ser comum entre os leitores: quando começamos a conversar com uma feminista e apontamos as incoerências ou faltas do movimento, geralmente nos respondem que "isso não é o feminismo", "nem todo o feminismo é assim", "isso é uma deturpação do movimento", etc. Dessa forma, resta sempre a virtude dos "melhores" feitos do movimento e tudo aquilo que lhe macula a imagem é lançado fora como se não pertencesse à sua origem. Além disso, esses "melhores" feitos não costumam

6 Peter Zohrab, *Sexo, mentiras e feminismo*.

ser realmente tão bons ou não são, de fato, conquistas feministas — como já demostramos ao longo de cinco capítulos.

Contudo, é possível encontrar algumas tentativas de definir o feminismo entre as escritoras feministas. Uma definição coletiva foi apresentada pelo Bristol Women's Studies Group[7] em 1976: "entendemos por feminismo uma consciência da posição de desvantagem das mulheres na sociedade ou de desigualdade em relação à do homem, também um propósito de acabar com esta desvantagem". O conceito é deveras atrativo. Quem não gostaria de ver o fim das desigualdades?

Mas não passa de propaganda. Não é um movimento por igualdade entre os sexos, mas pela supremacia das mulheres e da conduta lésbica e homonormativa. Seu foco principal não é a igualdade civil e jurídica entre homens e mulheres, mas a implantação de uma revolução sexual definitiva. Não defende as mulheres, tão somente defende os ideais revolucionários esquerdistas e aquelas que eventualmente concordarem com esse ideal; jamais se refere a todas as mulheres, tampouco à humanidade em geral. Não se interessa pela feminilidade e pelo feminino, mas intenta destruir a feminilidade e a masculinidade, bem como a simbologia e a identidade inerente aos dois sexos.

Historicamente, é claro que o que hoje chamamos de feminismo não passa da instrumentalização de reivindicações femininas, algumas muito justas, em prol de um projeto de poder. Ciente disso, o professor Olavo de Carvalho costuma dizer que feminismo é coisa de mulher ignorante, convencida a trocar a proteção natural dos homens de sua família pela dos homens do Estado, apoiando uma desproporção de poder que, se hoje se volta contra aqueles em favor dela, amanhã se voltará contra ela e não haverá quem a possa livrar. Apresentei com detalhes como isso aconteceu na Rússia e na vida de Alexandra Kollontai no segundo capítulo.

Em termos psicológicos também é muito fácil perceber que o movimento não representa as mulheres, mas empenha-se, ao contrário, em ocultar, falsificar e negar toda possível característica distintiva do feminino. O feminismo é extremamente fetichista em ocultar a feminilidade e a graciosidade naturais da mulher

7 *Half the Sky: An Introduction to Women's Studies*, 1979, p. 3.

numa busca grotesca por corpos antiestéticos, pêlos desnecessários, tinturas escandalosas e adornos anticonvencionais, sob o argumento de que uma mulher feminina e graciosa, que, em tese, seja capaz de atrair um homem, é, na verdade, brinquedo dele. Demonstrei como Monique Wittig e Judith Butler alimentam essa idéia. Esse raciocínio é tão inteligente quanto o de um pescador que creia que só se deva usar iscas que repilam os peixes em vez de uma que os atraia, já que esta pertencerá a eles e não os peixes à isca. As mulheres, que sempre pescaram os homens, preferem, na medida em que aderem ao movimento, jogar fora seus próprios atributos sedutores.

O feminismo falsifica o feminino sempre que constrange as mulheres a aceitar que um homem com trajes do sexo oposto seja mulher como elas, obrigando-as a aceitá-los em seus lugares íntimos e a competir com eles em desvantagem, como nos esportes, relegando-as, de verdade, a coadjuvantes em seus próprios jogos. Foi o que se provou no quarto capítulo.

Como vimos no terceiro capítulo, o feminismo nega o feminino ao voltar seu maior ódio àquilo que é a essência da mulher, a sua própria razão biológica de ser: a maternidade. O júbilo visto nas comemorações feministas de qualquer liberação ao aborto e o fanatismo simiesco com que o defendem provam, para além de qualquer boa vontade que se queira ter, que a preocupação do feminismo não é com as dificuldades que uma mulher sozinha e sem recursos possa ter com um bebê, que pode ser dado à adoção, nem com seu eventual direito de escolher engravidar ou quantos filhos ter, pois já existem inúmeros métodos anticoncepcionais capazes de lhe dar isso. Também pouco tem a ver com o domínio do próprio corpo, uma vez que, se o feto fosse parte do corpo feminino, removê-lo seria uma mutilação, como o é a remoção do útero, e não há notícia de feministas lutando pelo direito à histerectomia.

O júbilo sádico manifestado diante da conquista do direito ao aborto é a mesma alegria mostrada pelo psicopata ante o poder de matar, que, nas feministas, liga-se à ambição de poder destruir, junto com o bebê, a maternidade em si, o pendor natural de gerar, gestar, acolher e nutrir que distingue a mulher, e que, por ser distinta e exclusivamente feminino, torna-se, assim,

odioso. O ódio à semente masculina, à "injustiça" de que um filho seja um peso biológico muito maior para a mulher, revelado neste culto a Medéia, que mata friamente os próprios filhos para vingar-se de Jasão, é secundário: a feminista odeia, antes e mais do que qualquer coisa, o fato de ser mulher.

Como já dito, estou convicta, e de uma verdade somente quero convencer o meu leitor: o feminismo é um movimento político que contribui para o desentendimento e a crescente amargura entre os sexos, acelera a desagregação familiar, induz à eterna insatisfação e libertinagem sexuais, valendo-se, para isso, de discursos sofistas, pesquisas fajutas e manchetes tendenciosas, geralmente, às custas do dinheiro de contribuintes alheios ou contrários a tais objetivos.

* * *

Existem duas formas de atacar e destruir a família. A primeira é dizer que os homens não prestam e a segunda é dizer que quem não presta são as mulheres. O feminismo cumpre a primeira tarefa, e certas ondas masculinistas, a segunda. O cristianismo, por outro lado, é a solução que desvenda o problema: todos são maus, pecaram e destituídos estão da glória de Deus. Para compensar, devem amar um ao outro e perdoar infinitamente. A guerra dos sexos acaba na cruz que pode salvar, indistintamente, a alma do homem e da mulher.

> Uma das melhores maneiras de reagir ao feminismo não é sucumbindo ao mundo que as feministas criaram, mas sim negando-o especificamente. A única maneira de vencer o feminismo é a rejeição total das mulheres ao movimento, e os homens se casando com as mulheres que rejeitam o movimento.[8]

Mas repito: o feminismo não é a medida de todas as coisas. Nenhuma mulher precisa militar, tampouco estudar o feminismo como uma condenada apenas para poder lançar-se contra ele. Basta ser mulher. *Ninguém nasce feminista, torna-se.* Feminismo é uma ideologia nociva como todas as outras e, da

8 Phyllis Schlafly, *O outro lado do feminismo*, p. 103.

mesma forma, dispensável. As mulheres não precisam optar entre feminismo ou antifeminismo. Os homens tampouco precisam escolher entre feminismo ou machismo. Ninguém precisa abraçar uma ideologia para viver. Por isso, não escrevi este livro para trazer militantes para a ideologia antifeminista. Do contrário, pretendo demonstrar que há cor, amor e esperança em um modo de vida verdadeiramente livre. Não se trata de abraçar uma ideologia para se livrar de outra, trata-se de descobrir como se vive sem amarras ideológicas. Compartilho da opinião do talentosíssimo Chesterton, que nos lembra de como a vida é bem mais tratável com uma dose de realidade e nenhuma dose de ideologia:

> Sabíamos perfeitamente que nada é necessário ao país, senão que os homens sejam homens e as mulheres, mulheres. Nós o sabíamos e pensávamos que as mulheres sabiam melhor que nós. E julgávamos que elas o afirmariam. Mas súbita e inadvertidamente as mulheres começaram a afirmar toda sorte de bobagens em que nós mesmos dificilmente acreditávamos quando as proclamávamos.[9]

E sou ainda mais radical. Nenhuma mulher precisa aprender sobre feminilidade, ler tratados psicológicos ou filosóficos para se tornar uma mulher de verdade. A única forma de ser uma "mulher de mentira" é se esforçando muito para isso, especificamente abraçando uma montanha de mentiras ideológicas[10] sobre si mesmas. Não creio, como Simone de Beauvoir, que a mulher "torna-se". Nós, mulheres, apenas precisamos conhecer a nós mesmas, exatamente da mesma forma que os filósofos gregos indicam aos homens: "conhece-te a ti mesmo".

9 G.K. Chesterton, *O que há de errado com o mundo*, p. 128.

10 Os movimentos esquerdistas em toda a América Latina têm conseguido convencer o povo de que "tudo é político", o que não passa de mais um jargão feminista. Afirmam convictos que todo pobre precisa ser de esquerda, enquanto vemos o contrário acontecendo: uma esquerda composta pela elite e pelo *establishment*. Dizem que é dever de toda mulher ser feminista, enquanto o feminismo pisa em tudo que é feminino e compõe um exército de travestis, machorras, andróginos e inimigos da maternidade e da beleza. Aliás, ser mulher é um ato político antifeminista, segundo a definição delas mesmas.

De igual modo, como o Apóstolo São Paulo recomendou: *examinai-vos a vós mesmos.*[11]

Usar de sinceridade ao olharmos para dentro ou ao redor e confessar nossas fraquezas, perceber nossas tendências, lutar contra elas quando forem más e abraçar quando trouxerem paz. Não é preciso revoltar-se contra a natureza nem encarar o próprio corpo como uma prisão biológica, como Betty Friedan propunha. Não há paz ou verdadeira liberdade em renegar os próprios filhos ou buscar meios de assassiná-los antes mesmo que chorem pela primeira vez, como recomendava Margaret Sanger. Não há sexualidade sadia em buscar um padrão lésbico forçado, como propõe Wittig, apenas para ser atuante numa batalha contra os homens. A nós, mulheres, basta que sejamos mulheres e continuemos a fazer o que sempre fizemos: amar os homens e as crianças e aceitar a reciprocidade.

11 2Cor 13, 5.

Apêndice

David Amato[1]

Somente os pequenos segredos precisam de proteção. Grandes descobertas são protegidas pela incredulidade pública.

— Herbert Marshall McLuhan, filósofo e teórico da comunicação canadense.

Foi na década de 1920 que George Washington Hill, presidente da American Tobacco Company, se viu diante de um imenso desafio: induzir o público feminino a fumar, tarefa que parecia impossível dado o estigma social associado ao ato, que era visto como intrinsecamente ligado às mulheres de má fama. A espinhosa tarefa de revolucionar o mercado foi dada a Edward Bernays, que, sob a égide feminista, arquitetou a campanha "Tochas da Liberdade".[2] Para tal, contratou modelos atraentes, ensinou-as a fumar e as pôs em meio à multidão na Easter Parade,[3] em 31 de março de 1929, em Nova York, não sem antes informar à imprensa sobre o caráter revolucionário do ato, secretamente liderado pela jovem

1 David Amato é empresário e articulista, possuindo diversas publicações em portais como *Mídia Sem Máscara*.

2 Um artigo sobre a campanha pode ser acessado no seguinte *link*: https://yourstory.com/2014/08/torches-of-freedom. Acesso em: 14 de julho de 2018.

3 O Desfile de Páscoa é um evento cultural americano que consiste em uma procissão festiva realizada no domingo de Páscoa. Trata-se de evento informal no qual os participantes vestem-se tradicionalmente com roupas novas e elegantes, com destaque para os chapéus femininos. Desfiles de Páscoa são realizados em outras cidades, mas o desfile mais conhecido é o ocorrido na Quinta Avenida, em Nova York.

Bertha Hunt, sua secretária. No dia 1º de abril, o *New York Times* publicou uma reportagem intitulada "Grupo de meninas tragam cigarros como gesto de 'liberdade'".[4] Era o início do estrondoso sucesso almejado por Hill e conquistado por Bernays, justificando seu polpudo contracheque ao fazer com que as vendas da American Tobacco dobrassem no período entre 1923 e 1929. Hill não era exatamente um feminista, mas sim um oportunista; Bernays não ficou famoso por ser sobrinho de Sigmund Freud, e sim por ter sido considerado o pai das relações públicas. O que ambos fizeram em comum neste episódio foi instrumentalizar um movimento em prol de interesses escusos, o que suscita dúvidas sobre a possibilidade de outros interesses estarem entranhados nas agendas revolucionárias. Estariam elas cooptadas? Ou simplesmente foram criadas para fins práticos diametralmente opostos aos teóricos? Onde tudo isso se encaixa no fenômeno globalista? São essas e outras perguntas que este brevíssimo apêndice pretende elucidar.

Nosso ponto de partida começa com a noção de que não é possível esmiuçar o globalismo sem evocar parte da dialética envolvendo a espúria e aparentemente improvável aliança entre metacapitalistas e a esquerda mundial, fato comumente taxado como teoria da conspiração. Visando entendê-la, transcrevo abaixo a brilhante síntese proferida pelo professor Olavo de Carvalho durante participação no XVIII Fórum da Liberdade, em 2005:

> O metacapitalista é um sujeito que ganhou tanto dinheiro com a economia de mercado que ele não quer mais estar submetido às oscilações do mercado. Ele começa a pensar nos seus netos e bisnetos, como é que ele vai garantir o bisneto contra a roda da fortuna que é o mercado. Só tem um jeito: dominando o mercado através do Estado. Isso quer dizer que, a partir de certo nível de crescimento, essas grandes fortunas deixam de ser forças propriamente econômicas e se tornam forças políticas de natureza dinástica, com interesse evidente no monopolismo estatal do qual são intimamente associadas. Esse é um fenômeno bem característico do século XX e é somente isso que explica a proximidade entre essas grandes fortunas e movimentos socialistas, comunistas, fascistas etc.[5]

4 A reportagem pode ser acessada no seguinte *link*: https://www.nytimes.com/1929/04/01/archives/easter-sun-finds-the-past-in-shadow-at-modern-parade-lone-prancing.html. Acesso em: 14 de julho de 2018.

Em *O fim da utopia*,[6] após o mediador discorrer sobre o proletariado do Terceiro Mundo como força crucial para criar uma crise no "sistema", Herbert Marcuse parte da premissa de que nem mesmo as sociedades socialistas e comunistas daquele período estavam desatreladas do capitalismo sob um sistema mundial. Embora a premissa de Marcuse não seja a mesma aqui abordada, ela continua sendo não só válida como oportuna para darmos seqüência à tônica desse sistema, sendo obrigatória a menção da obra de H. G. Wells, *A conspiração aberta — diagramas para uma revolução mundial*.[7] Nela, Wells lança uma espécie de manifesto que não só promove como também esquematiza uma conspiração para atingir o controle global. Resumirei a parábola utilizada pelo autor antes de adentrar nos financiamentos promovidos por notórias fundações e suas pautas globalistas.

A parábola da ilha Provinder[8] nos brinda com uma cômica história na qual um porco, sabe Deus como, foi parar em uma ilha, sendo o único mamífero a habitá-la. Posteriormente, três marinheiros e um pequenino e observador garoto acabaram nadando até a ilha depois de naufragarem. Os náufragos sobreviveram comendo peixes e raízes por certo período, mas assim que ficaram cientes da presença do porco, um desejo quase intolerável por bacon passou a consumi-los. Enquanto os marinheiros cobiçavam de maneira difusa um pedaço diferente do porco para cada, o garoto defendia a idéia de caçá-lo e matá-lo, para então dividir as partes, idéia desencorajada pelos demais por ser considerada uma empreitada muito complexa. Aos marinheiros bastaria um pernil, lombo ou punhado de miúdos, pois estavam tão obcecados com seus caprichos que sequer pensavam no porco em si.

5 O vídeo do painel pode ser acessado no seguinte *link*: https://www.youtube.com/watch?v=npI5lxpU6Fk. Acesso em: 14 de julho de 2018.

6 Herbert Marcuse, *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979, pp. 67–68.

7 H. G. Wells, *A conspiração aberta — Diagramas para uma revolução mundial*. Campinas: VIDE Editorial, 2016.

8 *Ibid*., pp. 177–188.

Ao final da temporada em que passaram na ilha, os três marinheiros fracassaram miseravelmente em mutilar o porco, enquanto o garoto falhou por não ter tido a ajuda necessária do agrupamento para montar uma armadilha eficaz a ponto de capturá-lo. Quando finalmente foram resgatados por um navio que ali atracara, o porco seguia intacto, enquanto os quatro náufragos restavam debilitados e desmoralizados.

> Desta parábola pode-se entender que um empreendimento parcial não é sempre mais inteligente ou útil que um abrangente. E, da mesma forma, comigo no papel daquele garoto pequeno, mas observador, eu manteria a proposição de que nenhum desses movimentos de reconstrução parcial possui a qualidade de senso comum sadia que seus apoiadores imaginam. Todos esses movimentos têm validade apenas se puderem ser levados para dentro de um movimento mundial; em isolamento são todos fúteis. Eles serão sobrepostos e perdidos na corrente geral. A política do porco inteiro é a melhor, a mais sã, e mais fácil e a mais esperançosa.[9]

O funcionamento da "política do porco inteiro" pode ser demonstrado através da Teoria dos Sistemas,[10] ferramenta intelectual largamente utilizada pelos globalistas. Nela, um sistema complexo se decompõe hierarquicamente em subsistemas que reagem uns sobre os outros. Dessa forma, diferentes subsistemas regidos por um poder central podem atuar como se fossem movimentos descentralizados e espontâneos (sociedade civil organizada) aos olhos dos mais leigos. Essa engenharia pode ser facilmente verificada ao analisarmos algumas das centenas de milhares de ONGs operantes no Brasil (uma pesquisa da Abong — Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais — mostra que, em 2010, havia 290,7 mil operando no país).[11]

A seguir, o leitor poderá verificar uma pequena lista de doações feitas a *organizações* cujas fontes foram extraídas das próprias fundações que as contemplaram. A somatória dessas doações, se compreendida de cima para baixo, sugere o uso da hierarquia globalista na criação e/ou instrumentalização de

9 *Ibid.*, pp. 187–188.

10 Ludwig von Bertalanffy, *Théorie générale des système*. Paris: Dunod, 1993.

11 Pesquisa disponível em: http://www.abong.org.br/ongs.php?id=18.

movimentos. A escolha das três fundações listadas se deve à facilidade com a qual o leitor poderá obter, mediante pesquisa, os mesmos dados aqui apresentados, embora haja uma miríade de outras delas.

Em concordância com o livro, darei ênfase às organizações ligadas ao *feminismo* e/ou *direitos reprodutivos* (comumente ligado à agenda abortista), *questões de gênero* e afins. É importante ressaltar que o objetivo aqui não é o de condenar a atuação de ONGs, e sim lançar luz sobre como podem ser usadas para promover agendas interligadas e bastante específicas.

Uma das maiores fundações independentes dos EUA, a Fundação MacArthur, já concedeu mais de US$ 6,8 bilhões para quase 10 mil organizações e indivíduos em 116 países nos últimos 40 anos.[12] Em 2004, a fundação lançou um relatório[13] que a apontava como uma das agentes pela legalização do aborto no Brasil através do financiamento de ONGs.[14] Entre as doações feitas a organizações pela MacArthur no Brasil,[15] podemos encontrar os seguintes valores:

- US$ 2.307.200 destinada à ECOS — Comunicação em sexualidade e Direitos Reprodutivos (1989–2002);
- US$ 1.516.000 destinados à SOS Corpo — Instituto feminista para a Democracia (1990–2002);
- US$ 1.265.000 destinados à Coletivo Feminista Sexualidade Saúde (1990–2002);
- US$ 1.305.00 destinados à Centro Feminista de Estudos e Assessoria — CFEMEA (1992–2002);
- US$ 700.000 à Centro das Mulheres do Cabo (1991–2000);
- US$ 588.000 destinados à Rede Nacional Feminista de

12 Os dados podem ser acessados no seguinte *link*: https://www.macfound.org/about/financials.

13 Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1016/S0968-8080%2805%2925165-0.

14 Artigo disponível em https://culturadavida.blogspot.com/2013/08/lei-cavalo-de-troia-suas-origens-e-o.html.

15 Pesquisa realizada no seguinte *link*: https://www.macfound.org/grants/. Acesso em: 14 de julho de 2018.

Saúde e Direitos Reprodutivos (1996 a 2002);

- US$ 518.100 à Grupo Transas do Corpo — Ações Educativas em Gênero, Saúde e Sexualidade (1993–2002);
- US$ 510.500 à Comissão de Cidadania e Reprodução (1992–1999);
- US$ 385.000 destinados à Sempre Viva Organização Feminista (1992–1998);
- US$ 340.000 destinados à Católicas pelo Direito de Decidir (1997–2001);
- US$ 305.000 destinados ao Cunhã Coletivo Feminista (1997–2002).

Amplamente conhecida, a Fundação Ford foi fundada em 1936 e hoje é liderada por um conselho de administração composto por 16 membros oriundos de quatro continentes. A Ford administra uma dotação de US$ 12bi e atualmente mantém uma média anual de US$ 500 milhões em doações em todo o mundo.[16] Algumas doações feitas pela fundação:

- US$ 3.000.000 às filiais da Católicas pelo Direito de Decidir (2006–2018);
- US$ 1.000.000 à Centro Feminista de Estudos e Assessoria — CFEMEA (2007–2017);
- US$ 869.957 à SOS Corpo — Instituto feminista para a Democracia (2008–2015);
- US$ 367.500 à THEMIS — Gênero, Justiça e Direitos Humanos (2006–2014);
- US$ 198.632 à Centro das Mulheres do Cabo (2008).

Outra soma significativa reside nas doações feitas a universidades.

Entre o período de 2006 a 2018, mais de US$ 13 milhões foram recebidos entre:

- Universidade Federal do Amazonas (UFAM),

16 Dados disponíveis em: https://www.fordfoundation.org/about-us/our-origins.

- Universidade Federal da Bahia (UFBA),
- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),
- Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
- Universidade Federal do Pará (UFPA),
- Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),
- Universidade Federal do Ceará (UFCE),
- Universidade Federal de Brasília (UNB),
- Universidade Federal do Paraná (UFPR) e
- Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais (FLACSO) — Brasil.

Se por um lado é salutar que doações sejam feitas a universidades, por outro fica difícil acreditar que elas não possuam implicações mais complexas e influência direta no fato de que boa parte dos universitários delas saiam reproduzindo de maneira mimética e em escala mundial todas as pautas defendidas pelos doadores.

Criada pelo especulador metacapitalista George Soros, que já investiu mais de US$ 32 bilhões de sua fortuna pessoal em causas que possam afetar positivamente seus negócios, a Open Society gastou mais de US$ 14 bilhões desde 1984 e conta com mais de 1500 funcionários.[17] As seguintes somas estão entre algumas doações feitas pela fundação:[18]

- US$ 300.000 ao Centro de Direitos Reprodutivos Inc. (2016);
- US$ 250.000 à GELEDÉS — Instituto da Mulher Negra (2016) e
- US$ 250.000 à International Planned Parenthood (2016).

17 Dados disponíveis em: https://www.opensocietyfoundations.org/explainers/open-society-foundations-and-george-soros/pt.

18 Pesquisa realizada no seguinte *link*: https://www.opensocietyfoundations.org/grants-database/?filter_location=latin-america-the-caribbean. Acesso em: 14 de julho de 2018.

Conforme relatório anual de 2016–2017, a Planned Parenthood realizou nada menos que 321.384 abortos no mesmo período.

Também é oportuno citar as doações feitas às seguintes páginas:

- Quebrando o Tabu (US$ 53.633 — 2016),
- Fundação Instituto Fernando Henrique Cardoso (US$ 15.700 — 2016),
- Intervozes (US$ 150.000 — 2016)
- Instituto Sou da Paz (US$ 820.000 — 2016 e 2017)
- Viva Rio (US$ 50.000 — 2016); tendo as duas últimas um papel fundamental na campanha de desarmamento civil no Brasil.

A listagem de ONGs além da seara feminista se faz necessária uma vez que, juntas, formam as falanges das mãos que controlam as cordas do grande jogo, que contém um aparato regido por observatórios de imprensa, páginas e *sites* de engajamento político, ativismo jurídico etc.

Uma breve recapitulação dos interesses metacapitalistas e da política do porco inteiro faz entender que a fluidez de interesses autônomos em escala global esbarra em características individuais, nacionais e, acima de tudo, civilizacionais. Todas elas são mapeadas por intelectuais e *think tanks* para então sofrerem infiltração e ataques sistêmicos através de um empreendimento abrangente, neutralizando toda e qualquer resistência face à automação, que requer a atomização das massas de modo a operar sem maiores percalços e além de todas as fronteiras. É precisamente por isso que a somatória de organizações e indivíduos que reproduzem as agendas de fundações metacapitalistas orbita de maneira quase que uníssona em torno das mesmas pautas, tais como o multiculturalismo, a imigração em massa, as fronteiras abertas, o desarmamento civil, a promoção da criminalidade, o desencarceramento em massa, o aborto, a legalização das drogas, o controle da mídia, a politização dos direitos humanos, a simpatia ou a complacência para com ditaduras vermelhas, o feminismo, a ideologia de gênero e outras

tantas que só serão válidas se conduzidas juntas, jamais isoladas, para dentro de um movimento mundial que há muito está em curso.

Agradeço o honroso convite para escrever esse apêndice, e espero ter contribuído com informações úteis à obra, principalmente depois de o leitor ter tido contato com o pensamento subversivo de diversos ícones feministas e as ondas dele derivadas. Tendo a autora detalhado tão ricamente os impactos desse movimento revolucionário em diversas sociedades, optei por ligar alguns pontos cruciais na tentativa de expor como o mesmo vem sendo utilizado como tentáculo pelo globalismo em sua incessante busca pela centralização do poder político. No afã de gerar alguma esperança e motivação combativa diante de um problema de tamanha magnitude, finalizo-o transcrevendo um trecho de entrevista concedida pelo ativista conservador David Horowitz, acerca de seu livro *The New Leviathan*:[19]

> As coisas estão realmente mudando. Eu sou muito otimista porque eu vejo as pessoas finalmente acordando. A razão pela qual eles precisam de tanto dinheiro é porque eles têm uma grande desvantagem: eles estão lutando contra a realidade. Lutam contra a natureza humana. Então, estão sempre perdendo. Mas, enquanto perdem, eles podem destruir tudo.[20]

19 David Horowitz e Jacob Larskin, *The New Leviathan: How the Left-Wing Money-Machine Shapes American Politics and Threatens America's Future*. Crown Forum, 2012.

20 Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vri-_f6KBzE.

Agradecimentos

Ao filósofo sobrevivente e melhor professor que conheci: Olavo de Carvalho. Reverencio cada linha escrita por tão excelente mestre; por sua influência direta e indireta na vida intelectual e política do cenário brasileiro desde muito antes do meu nascimento. Por ampliação, ao meu ex-marido, Tiago Donassolo Bellei, que me apresentou e matriculou no curso de filosofia responsável por ressuscitar meu amor à Verdade. Especialmente, por ter sido um marido de estirpe tão elevada que me colocou prostrada ao valor do matrimônio e à possibilidade de amor sincero, por ter aberto os meus olhos ao perigo dos movimentos revolucionários que maculam a relação entre o homem e a mulher, pelo exemplo de honra que registra sem precisar de palavras, por tratar bem do meu coração, impedindo que eu ingressasse nas fileiras de mágoa e rancor contra os homens.

Ao Burke Instituto Conservador, com sede em São José dos Campos, São Paulo, sobretudo nas pessoas de seus fundadores: Marcos Ramon Dias Struz, Wagner dos Santos Lima e Wesley Felipe dos Santos. Por terem sido, desde o primeiro dia, irmãos, mais do que parceiros de um empreendimento vocacionado, verdadeiramente sinceros amigos. Por terem cravado portas onde havia muros. Por terem confiado em meu trabalho antes de qualquer prova. Ao professor Aramis de Barros, autor da obra *Doze homens, uma missão*, por acompanhar, aconselhar e sugerir fontes e bibliografias desde o primeiro dia de produção desta obra; pela sua amizade e conduta sempre humilde e

solícita, tratando os outros como superiores a si, sendo ele mesmo um gigante.

A minha tia, Irma de Fátima B. Campagnolo, que me recebeu calorosamente em sua casa enquanto eu freqüentava o curso de mestrado na capital catarinense. Pelo seu peculiar e divertido jeito de amar e cuidar, por ter me incentivado todos os dias, por ser uma presença sempre alegre e uma companhia sempre agradável. A uma "professora" universitária que suportei em 2013 e que, graças a sua cega militância e retumbante intolerância, fez brotar em mim a chama do agir a fim de impedir que moças cristãs fossem cooptadas por movimentos anticristãos, anticatólicos e abortistas; ou, ao menos, garantir que essas moças não se sintam sozinhas e isoladas na luta contra as novas pseudo-bruxas. Por ter torrado minha paciência com os clichês mais mal articulados já esboçados em uma sala de aula, por me ajudar a mostrar ao Brasil como o corporativismo universitário feminista é pernicioso e, ao mesmo tempo, risível.

Ao amigo Silvio Grimaldo, um católico divertido que a todos faz esquecer dos nebulosos e trovejantes, por pensar neste livro com esperança, por confiar no escuro, por propor a parceria que materializou este sonho. Ao editor Thomaz Perroni, pela paciência infinita, trabalho repetitivo e compreensão diante deste meu primeiro e demorado livro. Por extensão, a toda a equipe da VIDE pelo trabalho sério e eficiente realizado aqui e em todas as outras publicações que catalisaram minha vida de estudos. Ao professor Felipe Nery Martins Filho, pelas valiosas conversas sobre educação e ideologia de gênero e pela generosidade dos livros enviados durante a elaboração do capítulo quatro. Aos queridíssimos amigos Bernardo Pires Küster e David Amato, pela excelente contribuição ao conteúdo desta obra. Por terem me honrado ao atender solicitamente ao convite de comporem apêndice e prefácio de um tema tão espinhoso.

Aos meus pais, Job e Maria Raquel, e ao meu irmão, João Marcos Campagnolo, dedico cada página deste esforço. Por terem dispensado investimento e atenção máximos à minha formação, por terem dado o melhor exemplo e todo amor do mundo, por amarem a Cristo, por serem firmes e porto seguro. Ao meu eternamente querido companheiro de estudos, Artur Buch

Lopes Figueiredo, por cada livro dividido, cada tradução, cada correção, cada minuto de tempo dedicado à parceira sempre distraída, sem tempo, pouco paciente e muito exigente. Por ser, enfim, a melhor companhia intelectual que eu poderia desejar. A todos os amigos que se deixaram perturbar por minhas solicitações de pesquisa, revisão, opinião e correção, aqui representados pelos nomes de Isaque de Miranda e Daniel Henrique Sagave.

A você, leitor, que completa o meu objetivo ao trazer este livro para sua casa e ao deitar os olhos sobre estas linhas. Por confiar nesta editora e nesta autora, por abrir sua mente e coração ao que podemos e queremos transmitir.

Ao Deus Trino e Uno, único e eterno, revelado na tradição cristã, no Verbo Encarnado e nas Sagradas Escrituras. Ao Todo-Poderoso que olhou para minhas muitas misérias, mas me quis poupar da mais ridícula de todas: ser feminista. Por ter-me criado, concebido em idéia e eternidade, por ter-me salvado da morte inúmeras vezes, e também do diabo, até aqui. Por me amar ao ponto de Jesus ser o Cristo.

Obras feministas

Organizadas cronologicamente. Em negrito, as obras fundamentais:

1406: *Cidade das mulheres* — Christine de Pisan
1600: *Valor da mulher* — Moderata Fonte
1601: *A nobreza e a excelência da mulher* — Lucrécia Marinella
1640: *Antissátira* — Arcângela Tarabotti
1673: *De l'Égalité des deux sexes* — François Poullain de la Barre
1790: *Sobre a admissão das mulheres ao direito à cidadania* — Marquês de Condorcet
1791: Folhetos de Olympe de Gouges
1792: *Reivindicação dos direitos da mulher* — Wollstonecraft
1832: *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* — Nísia Floresta
1843: *União operária* — Flora Tristan
1869: *A sujeição das mulheres* — John Stuart Mill
1884: *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* — Engels
1908: *Base social da questão feminina* — Alexandra Kollontai
1918: *A nova mulher* — Alexandra Kollontai
1921: *A moral sexual* — Alexandra Kollontai
1922: *O eixo da civilização* — Margaret Sanger
1924: *A mulher é uma degenerada* — Maria Lacerda de Moura
1931: *Amai-vos e não vos multipliqueis* — Maria Lacerda de Moura
1933: *Han Ryner e o amor plural* — Maria Lacerda de Moura

1935: *Sexo e temperamento* — Margaret Mead
1936: *A Revolução Sexual* — Wilhelm Reich
1949: *O segundo sexo* **— Simone de Beauvoir**
1954: *A conduta sexual da mulher* — Alfred Kinsey
1955: *Eros e a civilização* — Herbert Marcuse
1963: *A mística feminina* — Betty Friedan
1967: *SCUM manifesto* — Valerie Solanas
1969: *Um ensaio sobre a Revolução Sexual* — Daniel Guérin
1970: *Política sexual* — Kate Millett
1970: *A dialética do sexo* — Shulamit Firestone
1972: *Sex, Gender and Society* — Ann Oakley
1972: *Men & Women, Boy & Girl* — John Money
1974: *Woman Hating* — Andrea Dworkin
1981: *Papéis sexuais* — Patricia Tucker e John Money
1983: *Memórias da transgressão* — Gloria Steinem
1985: *Um amor conquistado: o mito do amor materno* — Badinter
1985: *O conto da aia* — Margaret Atwood
1990: *Problemas de gênero* — Judith Butler
1990: *Personas sexuais* — Camille Paglia
1991: *O mito da beleza* — Naomi Wolf
2001: *Backlash* — Susan Faludi
2015: *Minha vida na estrada* — Gloria Steinem
2018: *Objeto sexual* — Jessica Valenti .

Obras de abordagem antifeminista

Organizadas em ordem alfabética (marque os que você já leu):

□ *A cosmovisão sexual cristã* — P. Andrew Sandlin
□ *A metafísica do sexo* — Julius Evola
□ *A mulher e sua sombra* — Julian Marías
□ *A mulher eterna* — Gertrud von Le Fort
□ *A mulher no século XX* — Julian Marías
□ *A profundidade dos sexos* — Fabrice Hadjadj
□ *A superstição do divórcio* — G.K. Chesterton
□ *Confrontando o feminismo evangélico* — Grudem
□ *Contracultura* — David Platt
□ *Contra o cristianismo* — Eugenia Roccella e Lucetta Scaraffia
□ *Desejo e engano* — R. Albert Mohler Jr.
□ *Desejo sexual: uma investigação filosófica* — Roger Scruton
□ *De Tarzan a Homer Simpson* — Sócrates Nolasco
□ *Deus, casamento e família* — David Jones
□ *De volta ao lar* — Mary Pride
□ *Domados: como a cultura traiu o homem americano* — Susan Faludi
□ *Feito homem* — Norah Vincent
□ *Feminilidade radical* — Carolyn McCulley
□ *Fidelidade* — Douglas Wilson
□ *Gender, quem és tu?* — Olivier Bonnewijn
□ *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade* — Felipe Nery
□ *Guia politicamente incorreto da literatura* — Elizabeth Kantor
□ *Ideologia de gênero* — Jorge Scala

- *Ideologia de gênero* — Marisa Lobo
- *IPPF: a multinacional da morte* — Jorge Scala
- *Libido Dominandi* — E. Michael Jones
- *O código dos homens* — Jack Donovan
- *O homem domado* — Esther Vilar
- *O outro lado do feminismo* — Suzanne Venker e Phyllis Schlafly
- *O primeiro sexo e outras mentiras sobre o segundo* — Nolasco
- *O privilégio de ser mulher* — Alice von Hildebrand
- *O que há de errado com o mundo* — G.K. Chesterton
- *Pensamentos secretos de uma convertida improvável* — Butterfield
- *Revolução moral* — Kris Vallotton
- *Revolução Sexual americana* — Sorokin
- *Sexo e caráter* — Otto Weininger
- *Sexo privilegiado* — Martin Van Creveld
- *The Myth of Male Power* — Warren Farrel
- *Uma relação perigosa* — Carole Seymour Jones
- *Una Revolución Silenciosa* — Jesús Trillo-Figueroa

Bibliografia

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

______. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERLIN, Isaiah. *Estudos sobre a humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BERNARDIN, Pascal. *Maquiavel pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica*. 1ª edição. Campinas: Ecclesiae e VIDE Editorial, 2012.

BLAY, Eva Alterman e AVELAR, Lúcia (orgs.). *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos*. 1ª edição, 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

BONNEWIJN, Olivier. *Gender, quem és tu? — Sobre a ideologia de* gênero. 1ª edição. Campinas: Ecclesiae, 2015.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. Tradução: Luiza Monteiro de Castro Silva Dutra. Campinas, SP: Ecclesiae, 2013.

______. *A superstição do divórcio & outros ensaios sobre a família, a mulher e a sociedade*. Campinas, SP: Ecclesiae, 2018.

DALRYMPLE, Theodore. *Nossa cultura... ou o que restou dela: 26 ensaios sobre a degradação dos valores*. 1ª edição. São Paulo: É Realizações, 2015.

DOLTO, François. *Sexualidade feminina*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

DUBY, Georges. *As damas do século XII*. Trad. Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo*. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1971.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2015.

GOLDMAN, Wendy Z. *Mulher, Estado e revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, Iskra Edições, 2014.

HADJADJ, Frabrice. *A profundidade dos sexos: por uma mística da carne*. Trad. de Pedro Sette-Câmara. São Paulo (SP): É Realizações, 2017.

HILDEBRAND, Alice von. *O privilégio de ser mulher*. 1ª ed. Campinas: Ecclesiae, 2014.

HIRATA, Helena [et.al.] (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HUIZINGA, Johan. *Nas sombras do amanhã*. Coimbra: Arménio Amado, 1944.

JONES, E. Michael. *Libido Dominandi: Sexual Liberation and Political Control*. Indiana, 2000.

______. *Monsters from the Id*. Dallas: Spence, 2000.

______. *Degenerate Modens: Modernity as Rationalized Sexual Misbehavior*. San Francisco: Ignatius Press, 1993.

KOLLONTAI, Alexandra. *A família e o comunismo*. São Paulo: Edições Iskra, 2013.

______. *Autobiografia de uma mulher emancipada*. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

MARTINS NETO, Felipe Nery [et.al.]. *Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade*. São Paulo, SP: Katechesis, 2017.

MCCULLEY, Carolyn. *Feminilidade radical: fé feminina em um mundo feminista*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, n. 39) São Paulo: Editora Escala.

MILLET, Kate. *Política sexual*. Editora: Publicações Dom Quixote, 1974.

MONEY, John e TUCKER, Patrícia. *Papéis sexuais*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MONEY, John e EHRHARDT, A. *Man & Woman, Boy & Girl: the differentiation and dimorphism of gender identity from conception to maturity*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1972.

ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Editora Relógio D'Água. Portugal, 1998.

ORENSTEIN, Peggy. *Garotas & sexo*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 7ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 10ª edição, 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. São Paulo: Círculo do Livro, 1966.

REISMAN, Judith e EICHEL, Edward. *Kinsey, sex and fraud: The Indoctrination of a People*. Lafayette, LA: Huntington House, 1990.

ROCELLA, Eugenia e SCARAFFIA, Lucetta. *Contra o cristianismo: a ONU e a União Européia como nova ideologia*. Tradução de Rudy Albino Assunção. Campinas, SP: Ecclesiae, 2014.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. 1ª edição, 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANDLIN, P. Andrew. *A cosmovisão sexual cristã: a ordem de Deus na era do caos sexual*. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2017.

SCALA, Jorge. *Ideologia de gênero: o neototalitarismo e a morte da família*. São Paulo: Katechesis, 2015.

______. *IPPF: a multinacional da morte*. Anápolis, Goiás: Múltipla Gráfica e Editora, 2004.

SCHNEIDER, Graziela (org.). *A revolução das mulheres: emancipação na Rússia soviética*. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017.

SCHLAFLY, Phyllis e VENKER, Suzanne. *O outro lado do feminismo*. Santos, SP: Editora Simonsen, 2015.

SCRUTON, Roger. *Desejo sexual: uma investigação filosófica*. Tradução: Marcelo Gonzaga de Oliveira. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2016.

SEYMOUR-JONES, Carole. *Uma relação perigosa: uma biografia reveladora de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

STEINEM, Gloria. *Memórias da transgressão: momentos da história da mulher do século XX*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

______. *Minha vida na estrada*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

TELLES, Sérgio. *Psicanálise em debate: o caso de David Reimer e a questão da identidade de gênero*. Psychiatry online Brasil, Part of The International Journal of Psychiatry. Junho de 2004,

vol. 9, nº 6. Consultado em 24/12/2017: www.polbr.med.br/ano04/psi0604.php.

TRILLO-FIGUEROA, Jesús. *Una revolución silenciosa: la política sexual del feminismo socialista*. Madrid: Libros Libres, 2007.

VAN CREVELD, Martin. *Sexo privilegiado: o fim do mito da fragilidade feminina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. Trad: Ivania Pocinho Motta. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZAMBONI, Fausto. *Contra a escola: ensaio sobre literatura, ensino e educação liberal*. Campinas, SP: Vide Editoral, 2016.

ZEMMOUR, Éric. *Le premier sexe*. Paris, França: J'AI LU, 2009.

ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi: minhas memórias*. Trad. Odilon Gallotti. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1942.

Este livro foi impresso pela Gráfica Santuário.
Os papéis usados para compor este livro
foram *chambril avena* 80g para o miolo,
e para a capa, cartão triplex 250g.

"É importante ressaltar que, em todo o Ocidente, o direito à cidadania plena através do voto sempre esteve interligado ao dever de servir ao Estado colocando-se à disposição do exército. Ao receberem o direito ao voto sem a obrigação de alistamento, as mulheres não conquistaram direitos iguais, mas sim 'direitos desiguais', o que também podemos chamar de 'privilégio'. Elas passaram a ter a oportunidade de escolher um governante sem ter a obrigação de apoiar seu governo dando a vida pela pátria".

"Alexandra Kollontai (1872–1952) participou diretamente da Revolução Russa em 1917 e era próxima do líder da revolução, Lênin. Em seu livro *A família e o comunismo*, ela demonstrou estar convencida de que as mulheres só estariam realmente livres dos maridos quando passassem a depender inteiramente do Estado. Na verdade, ela propunha que as russas trocassem uma dependência por outra, pois o Estado era muito mais justo e interessado na felicidade das mulheres do que seus maridos e companheiros. Literalmente, ela afirmava que as mulheres 'devem acostumar-se a buscar e encontrar sustento em outro lugar, não na pessoa do homem, mas sim na pessoa do Estado'. Tornava-se pública a união ideológica mais nociva do séc. XX: feminismo e marxismo".

Para conhecer outros títulos publicados,
visite: www.videeditorial.com.br